



Aluiza Alves de Araújo
Rakel Beserra de Macêdo Viana
Maria Lidiane de Sousa Pereira
Organizadoras

Fotografias sociolinguísticas do falar de Fortaleza-CE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

REITORA PRO TEMPORE

Joseete de Oliveira Castelo Branco Sales

EDITORA DA UECE

Erasmio Miessa Ruiz

CONSELHO EDITORIAL

Antônio Luciano Pontes	Lucili Grangeiro Cortez
Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes	Luiz Cruz Lima
Emanuel Ângelo da Rocha Fragoso	Manfredo Ramos
Francisco Horácio da Silva Frota	Marcelo Gurgel Carlos da Silva
Francisco Josênio Camelo Parente	Marcony Silva Cunha
Gisafran Nazareno Mota Jucá	Maria do Socorro Ferreira Osterne
José Ferreira Nunes	Maria Salete Bessa Jorge
Liduína Farias Almeida da Costa	Silvia Maria Nóbrega-Therrien

CONSELHO CONSULTIVO

Antônio Torres Montenegro UFPE	Maria do Socorro Silva Aragão UFC
Eliane P. Zamith Brito FGV	Maria Lírida Callou de Araújo e Mendonça UNIFOR
Homero Santiago USP	Pierre Salama Universidade de Paris VIII
Ieda Maria Alves USP	Romeu Gomes FIOCRUZ
Manuel Domingos Neto UFF	Túlio Batista Franco UFF



Aluiza Alves de Araújo
Rakel Beserra de Macêdo Viana
Maria Lidiane de Sousa Pereira
Organizadoras

Fotografias sociolinguísticas do falar de Fortaleza-CE

2ª Edição
Fortaleza - CE
2020

FOTOGRAFIAS SOCIOLINGÜÍSTICAS DO FALAR DE FORTALEZA-CE

© 2020 Copyright by Aluiza Alves de Araújo, Raket Beserra de Macêdo Viana e Maria Lidiane de Sousa Pereira

O conteúdo deste livro, bem como os dados usados e sua fidedignidade, são de responsabilidade exclusiva do autor. O download e o compartilhamento da obra são autorizados desde que sejam atribuídos créditos ao autor. Além disso, é vedada a alteração de qualquer forma e/ou utilizá-la para fins comerciais.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Editora da Universidade Estadual do Ceará – EdUECE
Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – Campus do Itaperi – Reitoria – Fortaleza – Ceará
CEP: 60714-903 – Tel: (085) 3101-9893
www.uece.br/eduece – E-mail: eduece@uece.br

Editora filiada à



Coordenação Editorial

Erasmio Miessa Ruiz

Diagramação e Capa

Narcelio Lopes

Revisão de Texto

Ana Germana Pontes Rodrigues

Ficha Catalográfica

Lúcia Oliveira CRB - 3/304

F761 Fotografias sociolinguísticas do falar de Fortaleza - CE [recurso eletrônico] / Aluiza Alves de Araújo, Raket Beserra de Macêdo Viana, Maria Lidiane de Sousa Pereira (Organizadoras). 2. Ed. - Fortaleza: EdUECE, 2020.
211p. : il.
ISBN: 978-65-86445-28-2

1. Linguística. 2. Sociolinguística - Fortaleza. 3. Sociolinguística variacionista.

CDD: 410.8131

O linguista que entra no mundo só pode concluir que o ser humano é o herdeiro legítimo da estrutura incrivelmente complexa que nós agora estamos tentando analisar e compreender.

William Labov

PREFÁCIO

A publicação de *Fotografias sociolinguísticas do falar de Fortaleza - CE*, organizado por Aluiza Alves de Araújo, Rakel Beserra de Macêdo Viana e Maria Lidianie de Sousa Pereira, consiste numa valiosa iniciativa não apenas de apresentação e divulgação, para a comunidade acadêmica, dos frutos de trabalhos desenvolvidos na área da Sociolinguística no estado do Ceará, como também se destaca por sua importância para o conhecimento da complexa realidade sociolinguística do português brasileiro.

Os estudos aqui dedicados representam um retrato - no sentido de lançar luz - de fenômenos da fala cotidiana de Fortaleza, cidade solar situada no Nordeste brasileiro. Nesse sentido, o leitor encontrará, em cada capítulo, estudos sociolinguísticos de fenômenos variáveis de natureza fonológica e morfossintática, que descrevem aspectos dessa fala, ao passo que, situam em que estágio da variação ou mudança linguística esses fenômenos se apresentam nessa comunidade de fala.

Gostaria de chamar a atenção para uma característica deste volume: o rigor teórico-metodológico com que os fenômenos em estudo, amparados na Sociolinguística Variacionista, são documentados, constituindo como uma importante fonte bibliográfica para estudantes, pesquisadores e interessados em estudos da língua falada.

Destaco ainda que o livro reúne detalhes da história, da constituição e da configuração do projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza - Norpopor, banco de dados que tem sido fonte de muitas pesquisas sociolinguísticas sobre o falar popular de Fortaleza. Esse conteúdo pode ser lido no primeiro capítulo de uma série de sete que constituem este volume. O leitor pode ter uma visão de conjunto desses capítulos na apresentação seguinte.

Finalmente, reconheço que essas fotografias sociolinguísticas captam não somente perspectivas do português brasileiro e reflexões criteriosas, como também delinea o retrato de uma jovem geração de pesquisa-



dores bem preparados, tendo em vista que a maioria dos capítulos conta com a autoria de mestrandos e doutorandos oriundos de programas de pós-graduação sérios e incansáveis.

Hebe Macedo de Carvalho

Universidade Federal do Ceará
Fortaleza-CE, 29 de julho de 2020.

SUMÁRIO

PREFÁCIO6

Hebe Macedo de Carvalho

APRESENTAÇÃO9

Organizadoras

O BANCO DE DADOS NORPOFOR14

Aluiza Alves de Araújo (UECE)

Rakel Beserra de Macêdo Viana (SEDUC-CE/PosLA-UECE)

Maria Lidiane de Sousa Pereira (PosLA-UECE)

VARIAÇÃO DE NÚMERO EM PREDICATIVOS DO SUJEITO EM FALANTES FORTALEZENSES.....56

Bárbara Amaral de Andrade Furtado (UFC)

Hebe Macedo de Carvalho (UFC)

TEM MAIS EXISTIR QUE HAVER NO FALAR DOS FORTALEZENSES - O PAPEL DOS FATORES SOCIAIS NA VARIAÇÃO DOS VERBOS EXISTENCIAIS76

Rakel Beserra de Macêdo Viana (SEDUC-CE/PosLA-UECE)

SEM FREQUENTAR A ESCOLA, ELES CONCORDA MENOS, EM FORTALEZA-CE.....100

Maria Lidiane de Sousa Pereira (PosLA-UECE)

OS PRONOMES SENHORE VOCÊ NO FALAR FORTALEZENSE..120

Tatiane de Araújo Almeida Studart Guimarães (PosLA-UECE)

Aluiza Alves de Araújo (UECE)

NÓS E A GENTE NO FALAR DOS FORTALEZENSES143

Marden Alyson Matos de Araújo (SEDUC/CE)

RAI RÊ SE EU TÔ NA ESQUINA: A ASPIRAÇÃO DE /v/ NO INÍCIO DE VERBOS NO FALAR DE FORTALEZA-CE.....173

Ana Germana Pontes Rodrigues (SEDUC-CE)

SOBRE AS ORGANIZADORAS209

SOBRE OS AUTORES210

APRESENTAÇÃO

Considerando o fato de já termos muitos estudos desenvolvidos com base no banco de dados do *Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza-CE – NORPOFOR*, surgiu a ideia de convidarmos o leitor a conhecer e a refletir sobre cada um dos sete capítulos inéditos que compõem esta obra.

Excetuando-se o capítulo inicial, a partir do segundo capítulo, todos os trabalhos foram realizados sob a perspectiva variacionista (LABOV, 1978, 1990, 1994, 2001, 2003, 2006, 2007, 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), utilizando o *corpus* do Projeto NORPOFOR e submetendo seus dados a tratamento estatístico, com o auxílio do Programa Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

A maioria dos capítulos foi elaborada por orientandos (Ana Germana Pontes Rodrigues, Tatiane de Araújo Almeida Studart Guimarães, Maria Lidiane de Sousa Pereira e Rakel Beserra de Macêdo Viana) e um ex-orientando (Marden Alyson Matos de Araújo) da professora Aluiza Alves de Araújo, pertencentes ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada – PosLA, da Universidade Estadual do Ceará - UECE, onde coordena o Projeto intitulado *Retratos sociolinguísticos de aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos do falar de Fortaleza-CE*. Além disso, contamos também com um capítulo elaborado por Bárbara Amaral de Andrade Furtado e Hebe Macedo de Carvalho, respectivamente, ex-orientanda e orientadora, ambas da Universidade Federal do Ceará - UFC.

O primeiro capítulo descreve, em detalhes, a constituição do banco de dados NORPOFOR e a sua situação atual. Cada um dos demais capítulos elege, para análise, nos dados do NORPOFOR, um fenômeno variável, a saber: a variação em número em predicativos do sujeito; a alternância entre os verbos existenciais *ter*, *haver* e *existir*; a concordância verbal (CV) com a 3ª pessoa do plural; a variação entre os pronomes *o(a) senhor(a)* e *ocê*; a alternância entre *nós* e *a gente* e a realização variável de /v/ em início



de palavra. A seguir, teceremos breves considerações acerca de cada um dos sete capítulos que constituem este livro.

O capítulo inicial, cujo título é *O banco de dados NORPOFOR*, elaborado pelas organizadoras desta obra (Aluiza Alves de Araújo (UECE), Rakel Beserra de Macêdo Viana (SEDUC-CE/PosLA-UECE) e Maria Lidiane de Sousa Pereira (PosLA-UECE), descreve a construção de um banco de dados do falar popular fortalezense, ou seja, o NORPOFOR. Para tanto, delineamos os encaminhamentos para a estratificação da amostra, definimos a comunidade de fala e explicitamos os procedimentos de coleta e transcrição de dados, além de apresentarmos, ao leitor, a situação atual do *corpus*, assim como um apanhado das publicações decorrentes do uso de dados do NORPOFOR.

No segundo capítulo, cujo título é *A variação de número em predicativos do sujeito em falantes fortalezenses*, a mestra Bárbara Amaral de Andrade Furtado (PPGL-UFC) e a professora doutora Hebe Macedo de Carvalho (UFC) descrevem e analisam a variação da *concordância de número em predicativos*, com base em uma amostra constituída por 48 informantes, oriundos do NORPOFOR e estratificados por sexo, anos de escolaridade e tipo de registro (D2 e EF). Os resultados indicam que a presença de plural em predicativos do sujeito é regida, do ponto de vista morfossintático, pelo verbo de ligação e pelo sujeito da oração. A presença de marca de plural nesses constituintes da oração condiciona a presença de plural no predicativo do sujeito. Sujeitos explícitos no plural mais verbos de ligação no plural tendem a favorecer predicativos no plural. Os falantes do sexo feminino favorecem a presença de marca de plural em predicativos do sujeito e tendem a ser mais conservadoras em relação a esse uso.

A mestranda Rakel Beserra de Macêdo Viana (SEDUC-CE/PosLA-UECE) examina, no capítulo seguinte *Tem mais existir que haver no falar dos fortalezenses: o papel dos fatores sociais*, a atuação dos seguintes fatores sociais: sexo, faixa etária e escolaridade sobre a variação dos verbos existenciais *ter* e *existir*, a partir de uma amostra constituída por dados da fala de 36 entrevistados. As entrevistas foram extraídas das gravações do tipo Diálogo entre Informante e Documentador (DID) do projeto NORPOFOR. Os resultados revelaram que os homens com menor escolaridade e menor faixa



etária favorecem *ter*, enquanto as mulheres, as mais escolarizadas e as mais idosas, privilegiam *existir*.

O quarto capítulo, que traz o estudo intitulado *Sem frequentar a escola, eles concorda menos, em Fortaleza-CE*, de autoria da doutoranda Maria Lidianie de Sousa Pereira (PosLA-UECE), aborda o comportamento variável da concordância verbal (CV) com a 3ª pessoa do plural (3pp), com o objetivo de analisar como três diferentes níveis de escolaridade (i: 0-4; ii: 5-8 e iii: 9-11) atuam sobre o uso da variante sem marcas formais de CV em coocorrência com a variante que apresenta marcas explícitas de CV com a 3pp. A autora constata que, em sua amostra, a variante com marcas formais de CV é a mais empregada pelos informantes. Quanto à atuação da escolaridade sobre a variante sem marcas formais de CV, viu-se que os falantes com menor escolarização (0-4 e 5-8 anos) beneficiam a não marcação formal de CV com a 3pp, enquanto os falantes com mais escolaridade (9-11) inibem o uso da regra em foco.

O trabalho, cujo título é *Os pronomes senhor e você no falar fortalezense*, de autoria da doutoranda Tatiane de Araújo Almeida Studart Guimarães (PosLA-UECE) e de Aluiza Alves de Araújo (UECE), constitui o quinto capítulo e trata da variação das formas de tratamento *o(a) senhor(a)* vs. *você*, no falar popular de Fortaleza-CE. O objetivo do referido capítulo é analisar os fatores que influenciam a realização da variante *o(a) senhor(a)*. Para tanto, as autoras selecionaram 53 informantes do NORPOFOR, estratificados, socialmente, segundo o sexo, a faixa etária e a escolaridade. A análise dos dados mostrou o predomínio da variante *você* sobre a forma *o(a) senhor(a)*. O fator de maior relevância para a realização de *o(a) senhor(a)* foi o tipo de relato (*relato reportado*) e, dentre os fatores extralinguísticos, o sexo (*mulheres*) aparece em segundo lugar. As relações assimétricas foram aquelas que mais favoreceram o uso da forma *o(a) senhor(a)*. Os mais novos usam a forma *o(a) senhor(a)* para se referir a alguém mais velho, mas o pronome não é favorecido pelos jovens, sendo beneficiado pelos adultos e mais velhos. Também foi averiguado que os adultos, seguidos dos mais velhos, favorecem mais a forma *o(a) senhor(a)*, podendo indicar cordialidade. Além disso, a relação de poder fica explícita quando os menos escolarizados são os maiores aliados da variante *senhor(a)*.



O capítulo seis, cujo título é *Nós e a gente no falar de Fortaleza-CE*, elaborado pelo mestre Marden Alyson Matos de Araújo (SEDUC-CE), trata da variação pronominal de primeira pessoa do plural, *nós e a gente*, nas suas possíveis funções sintáticas, a saber: sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo do sujeito e adjunto, em dados do NORPOFOR. A sua amostra é constituída por 53 informantes selecionados somente dos inquiridos do tipo Diálogo entre Dois Informantes (D2). A estratificação social dos informantes foi feita de acordo com o sexo, a faixa etária e a escolaridade. O autor observa que o pronome *a gente* é mais usado que o *nós* e constata, ademais, que as variáveis relevantes para a aplicação do pronome *a gente* são: preenchimento do sujeito (pronome preenchido), escolaridade (9 a 11 anos), tipo de verbo (*dicendi*, epistêmico e ação), função sintática (adjunto, sujeito e objeto indireto), referência do pronome (genérica), simetria entre os interlocutores (muito simétricos e parcialmente assimétricos), posição do pronome em relação ao verbo (após o verbo), faixa etária (15 a 25 anos) e tempo verbal (pretérito imperfeito do indicativo).

A doutoranda Ana Germana Pontes Rodrigues (SEDUC-CE) analisa, no capítulo intitulado *Rai rê se eu tô na esquina: a aspiração de /v/ no início de verbos no falar de Fortaleza-CE*, o comportamento variável da fricativa /v/ em início de verbos, como em [v] (manutenção) - [h] (aspiração), com o propósito de avaliar o efeito de variáveis intra e extralinguísticas sobre o fenômeno em pauta. A amostra utilizada pela autora é composta por 48 informantes do NORPOFOR, estratificados segundo o sexo, a faixa etária, a escolaridade e o tipo de registro. Os resultados evidenciam que a manutenção de /v/ predomina sobre a variante aspirada. As variáveis apontadas como relevantes para a aspiração foram: contexto fonológico subsequente ([a], [ẽ] e [ɔ]), escolaridade (0-4 anos de escolarização), faixa etária (falantes com 50 anos ou mais), dimensão do vocábulo (monossílabos), frequência de uso (termo extremamente usual e termo usual), tipo de inquirido (Diálogo entre Informante e Documentador) e tonicidade (sílabas tônicas). Tais resultados indicam indícios de uma mudança em progresso, pois os maiores índices com a variante aspirada ocorrem, preferencialmente, na faixa etária de 50 anos ou mais (dentre outros fatores relevantes). Enfim, a autora acredita que a aspiração de /v/ seja uma das peculiaridades do falar fortalezense, que enriquece os elementos socioculturais, caracterizando essa comunidade.



Todos os capítulos apresentados, nesta obra, constituem uma prova inequívoca de que a Sociolinguística Variacionista vem despertando interesse entre os jovens pesquisadores cearenses atualmente e ratifica a certeza de que o banco de dados NORPOFOR serviu e continua servindo ao seu propósito de fornecer material de estudo para os interessados em pesquisar aspectos sociolinguísticos do falar da capital cearense do início dos anos 2000.

Acreditamos que esta publicação pode auxiliar pesquisadores que já iniciaram suas pesquisas (ou que pretendem fazê-lo) sobre algum dos fenômenos abordados neste livro e que também possa servir de inspiração para outras pesquisas em outras variedades linguísticas do português do Brasil.

As organizadoras



O BANCO DE DADOS NORPOFOR

Aluiza Alves de Araújo (UECE)

Rakel Beserra de Macêdo Viana (SEDUC-CE/PosLA-UECE)

Maria Lidiane de Sousa Pereira (PosLA-UECE)

Introdução

Mesmo sendo uma tarefa complexa, a constituição de bancos de dados de linguagem falada no Brasil vem contribuindo, em muito, para a descrição do português brasileiro (doravante PB) a partir do mapeamento das variedades linguísticas que o compõem. A esse respeito, destacamos as palavras de Freitag, Martins e Tavares (2012, p. 918):

A cada projeto que constitui seu banco de dados em uma comunidade de fala, o mapeamento das variedades do português no Brasil vai se efetivando, mas só a padronização dos procedimentos metodológicos permitirá a realização de estudos contrastivos entre as variedades, para, então, possibilitar uma descrição mais acurada do português brasileiro.

A Sociolinguística e seus estudos baseados em *corpus* possuem, portanto, grande importância no panorama de estudos descritivos do PB, na medida em que permite compreender novas tendências linguísticas em uma comunidade de fala. Esses *corpora* necessitam, contudo, de homogeneização em seus procedimentos metodológicos, assim como de grande quantidade de dados, de forma que o linguista possa ter dados suficientes para as análises de seus estudos descritivos, conforme apontam Freitag, Martins e Tavares (2012) e como asseveram Reppen, Fitzmaurice e Biber (2002, p. viii, tradução nossa):



Devido a essas dificuldades, muitas investigações em larga escala sobre a variação linguística são inviáveis usando abordagens analíticas tradicionais. A análise baseada em *corpus*, no entanto, fornece um meio de lidar com grandes quantidades de linguagem e acompanhar muitos fatores contextuais ao mesmo tempo. Por isso, abriu o caminho para uma multidão de novas investigações de variação e uso da linguagem.¹

Ainda que apresentem seus pontos problemáticos – tal como acontece em toda e qualquer tarefa científica – a construção de bancos de dados que de fato representam a linguagem usada pelos brasileiros era almejada por diversos pesquisadores, mesmo antes do advento da Sociolinguística Variacionista em meados da década de 1960. Amaral (1976), por exemplo, afirmava que a realização de trabalhos descritivos seria uma ferramenta de extrema importância para o conhecimento da diversidade linguística do Brasil, pois, com estes estudos:

Teríamos, [...] um grande número de pequenas contribuições, restritas em volumes e em pretensão, mas que na sua simplicidade modesta, es-correita e séria prestariam muito maior serviço do que certos trabalhos mais ou menos vastos, que de quando em quando se nos deparam, repositórios incongruentes de fatos recolhidos a todo preço e de generalizações e filiações quase sempre apressadas (AMARAL, 1976, p. 12).

Neste texto, abordamos um dos bancos de dados sociolinguísticos de linguagem falada do Brasil, ou seja, o Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (doravante NORPOFOR). Temos como intuito maior oferecer um minucioso panorama acerca da construção, composição e atual configuração desse projeto.

Assim, na primeira seção, abordamos alguns aspectos sócio-históricos e econômicos que caracterizam a comunidade de fala de Fortaleza – CE. Na segunda seção, comentamos a configuração do NORPOFOR, passando por aspectos que remetem desde seus primeiros momentos, isto é, quando ele ainda não passava de uma idealização, até sua atual configuração (perfil social dos informantes, número de informantes, pontos

1 No original: "Because of these difficulties, many large-scale investigations of linguistic variation are unfeasible using traditional analytical approaches. *Corpus*-based analysis, however, provides a means of handling large amounts of language and keeping track of many contextual factors at the same time. It therefore has opened the way to a multitude of new investigations of language variation and use."



geográficos de Fortaleza contemplados no NORPOFOR, realização das entrevistas, etc.). Na terceira seção, apresentamos alguns dos muitos trabalhos científicos (artigos, dissertações e teses) já realizados com base em dados extraídos do NORPOFOR.

Comunidade pesquisada

Fundada em 13 de abril de 1726, quando foi elevada à categoria de Vila, Fortaleza se tornou, ao longo de seus 292 anos de existência, uma das maiores metrópoles brasileiras. De acordo com os dados do IBGE², o município de Fortaleza – CE contava, nos anos 2000, com 2.141.402 habitantes (FEIJÓ; MEDEIROS, 2012). Considerada, hoje, a quinta capital mais populosa do Brasil e a mais populosa do Ceará, Fortaleza é, também, a metrópole mais dinâmica em termos de população no país, apresentando, já no censo 2000, a segunda maior densidade demográfica do país, com 6.838,39 hab./km² (FEIJÓ; MEDEIROS, 2012).

A expansão da exportação de algodão (a partir da década de 1840), assim como os sucessivos processos de modernização pelos quais passou Fortaleza, culminou no grande crescimento da capital cearense. A maior parte desse crescimento é compreendido, além disso, como resultado de inúmeros e intensos processos de migração, já que Fortaleza sempre foi um dos principais rumos de populações rurais e/ou pertencentes a regiões do interior nordestino. Sobre esse ponto, Sousa (2009, p. 16) nos mostra que, até os dias de hoje, “a ausência de dinamismo dos núcleos urbanos do interior do Estado, incapazes de atrair a população migrante do campo, tem contribuído para intensificar a migração para Fortaleza”.

Na década de 2000, período em que o NORPOFOR foi constituído, Fortaleza já apresentava uma das maiores densidades demográficas do Brasil e possuía mais de dois milhões de habitantes. Esses números, se comparados com os atuais, indicam claramente um notável crescimento populacional nas últimas décadas e, principalmente, em relação às décadas mais distantes, como, por exemplo, a década de 1970, para a qual as estimativas populacionais eram de 1.100,00 de habitantes (SOUZA, 2009).

2 As referidas estimativas podem ser consultadas no endereço: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/>>.



O acelerado crescimento pelo qual passou e passa a capital cearense, desde sua fundação, desencadeia profundas implicações tanto sociais como econômicas. Nessa perspectiva, Fortaleza vem “exigindo mais investimentos em infraestrutura social e mais oportunidades de emprego” (SOUZA, 2009, p. 16). Não obstante, “[...] as novas oportunidades de trabalho estão longe de atender à grande faixa de população em idade produtiva”, segundo afirma Souza (2009, p. 18).

O projeto NORPOFOR: primeiros momentos e configuração atual

Características iniciais e atuais

A ideia de constituir o banco de dados do NORPOFOR nasceu de uma conversa informal, ocorrida em um almoço, no ano de 2003, no *shopping* Benfica, entre a professora Aluiza Alves de Araújo e o professor Kilpatrick Müller Campelo. Ambos eram colegas de trabalho na Universidade Estadual do Ceará, naquela época, e a conversa girava em torno do fato de que Fortaleza-CE já dispunha, nos moldes labovianos, de um *corpus* representativo da variedade culta falada na capital cearense, no entanto, não tinha um banco de dados do falar das pessoas que não tinham formação universitária, o que, no entender dos dois professores, precisava ser corrigido.

Diante desse reconhecimento, os dois pesquisadores firmaram, ainda nesse almoço, o compromisso de tomarem, para si, a responsabilidade de criar as condições para construir o NORPOFOR. De acordo com Araújo (2007a, p. 52), o referido projeto seria, portanto, organizado com a finalidade de “armazenar e disponibilizar material linguístico representativo do falar popular dos fortalezenses” à comunidade acadêmica cearense.

De modo mais preciso, o projeto foi iniciado em agosto de 2003 e estendeu-se até julho de 2006, sendo a professora Dra. Aluiza Alves de Araújo sua organizadora, com a colaboração de bolsistas, alunos universi-



tários voluntários e professores, todos vinculados à Universidade Estadual do Ceará-UECE³, totalizando 286 pessoas envolvidas no projeto. Desse número, 03 eram professores universitários, 69 eram alunos universitários e 210 alunas universitárias.

Conforme sinalizamos anteriormente, Araújo (2011) explica que a motivação original da grande empreitada que culminou na constituição do NORPOFOR foi o fato de não haver, até aquele momento, um *corpus* representativo da variedade popular da capital cearense, muito menos “que controlasse as variáveis gênero, faixa etária, escolaridade e tipo de registro” (ARAÚJO, 2011, p. 836).

O NORPOFOR seguiu os procedimentos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista e possui, hoje, um total de 196⁴ informantes, estratificados de acordo com as seguintes variáveis sociais controladas no projeto: *sexo* (masculino e feminino), *faixa etária* (15 a 25 anos, 26 a 49 anos e 50 em diante), *tipo de registro* (Diálogo entre Informante e Documentador – DID, Diálogo entre Dois Informantes – D2 e Elocução Formal - EF) e *nível de escolaridade* (nenhum a 4 anos, 5 a 8 anos e 9 a 11 anos). Essencial frisar que, embora Araújo (2007a, 2011) tenha trabalhado apenas com o termo *gênero*, preferimos adotar, aqui, o termo *sexo*. Essa opção justifica-se pelo fato de as distinções feitas entre os falantes, em relação a essa variável social, terem sido formuladas com base apenas em distinções biológicas.

Vejam, no Quadro 1, a seguir, a distribuição dos informantes do NORPOFOR, segundo a estratificação social supracitada:

3 Os professores eram Aluiza Alves de Araújo, Socorro Abreu e Kilpatrick Müller Campelo. Estes dois últimos, na época, eram professores substitutos da UECE e, ao término de seus respectivos contratos de trabalho, desvincularam-se do projeto.

4 O Projeto continha 198 inquéritos (ARAÚJO, 2011), mas, na finalização da coleta do NORPOFOR, o inquérito nº 142 foi excluído por falhas técnicas na gravação. Esse inquérito consistia em um indivíduo de sexo masculino, Escolaridade B, Faixa Etária II e tratava-se de um registro do tipo Elocução Formal. Numa segunda revisão do NORPOFOR, verificou-se que o inquérito nº 03 referia-se a um indivíduo que, à época da gravação, não tinha certeza se seu endereço pertencia ao município de Fortaleza ou a outro município da região metropolitana. Verificado que esse endereço não estava dentro dos limites municipais fortalezenses, foi feita a sua exclusão do banco de dados. O inquérito tratava-se de um indivíduo de sexo feminino, Escolaridade C, Faixa Etária II e referia-se a um registro do tipo Elocução Formal.



Quadro 1 - Distribuição dos informantes do NORPOFOR por sexo, faixa etária, escolaridade e tipo de registro

		Sexo																	
		Homem									Mulher								
Registro		DID			D2			EF			DID			D2			EF		
Escolaridade		0-4	5-8	9-11	0-4	5-8	9-11	0-4	5-8	9-11	0-4	5-8	9-11	0-4	5-8	9-11	0-4	5-8	9-11
Faixa Etária																			
15 a 25 anos		5	4	5	4	4	5	2	2	4	4	5	4	2	5	5	0	0	2
26 a 49 anos		4	5	5	4	4	4	4	2	4	5	5	5	4	5	5	0	5	3
50 em diante		5	6	5	3	3	4	3	2	1	4	5	4	4	5	4	1	1	1
Total		14	15	15	11	11	13	09	06	09	13	15	13	10	15	14	01	06	06
		44			35			24			41			39			13		
		103									93								
		196																	

Fonte: adaptado de Araújo (2011)



Como indica o Quadro 1, as células⁵ do DID são as que apresentam um maior equilíbrio na distribuição dos informantes, pois temos uma média de 5 informantes por célula. Já o D2 mostra células menos balanceadas do que as células do DID. No entanto, ainda assim, é possível encontrarmos, no geral, uma média de 4 informantes por célula, enquanto que o EF se revela o menos balanceado dos três tipos de registro, apresentando uma média de 2 informantes por célula.

Além disso, o EF é o único tipo de registro que apresenta células vazias. Ao todo, são 3 células, cujos informantes possuiriam os seguintes perfis: (i) informante mulher, com 0-4 anos de escolaridade e 15-25 anos de idade; (ii) informante mulher, com 0-4 anos e com 26-49 anos de idade e (iii) informante mulher, com 5-8 anos de escolarização e com 15-25 anos de idade. De igual modo, o EF apresenta células com apenas 1 informante, um total de 4, para sermos mais exatas. Isto ocorreu porque os documentadores, embora tenham feito inúmeras buscas, logo perceberam que era muito raro, naquela época, um informante do sexo feminino e com pouca escolaridade (0-4 anos) proferir uma palestra, ministrar aula ou se apresentar publicamente, em uma situação de alta formalidade⁶.

Com o objetivo de neutralizar a interferência dos falares de outras regiões (ARAÚJO, 2007a), os 196 informantes do NORPOFOR foram selecionados em obediência aos seguintes critérios: (i): o informante teria que ter nascido em Fortaleza ou no interior do Estado do Ceará, vindo morar na capital com, no máximo, cinco anos de idade; (ii) os falantes não poderiam ter se ausentado da capital cearense por mais de dois anos consecutivos; e (iii) os informantes deveriam possuir pais cearenses. Era necessário também que eles mantivessem residência fixa na cidade de Fortaleza, na época da coleta dos dados, segundo relata Araújo (2011).

Com o intuito de conhecermos mais acerca do perfil socioeconômico dos informantes do NORPOFOR, elaboramos o Quadro 2 que mostra a distribuição desses sujeitos por inquérito gravado, detalhando sua atividade/profissão, sexo, escolaridade, idade e bairro com a indicação de suas regionais.

5 A esse respeito, Guy e Zilles (2007) indicam que uma amostra satisfatória de dados pode comportar, no mínimo, 4 ou 5 informantes por célula.

6 Tais critérios foram adotados para a composição dos inquéritos do EF. Mais adiante, tornaremos a tratar dos demais critérios adotados para composição dos diferentes tipos de inquéritos do NORPOFOR.



Quadro 2 - Distribuição dos informantes por nº de inquérito/atividade ou profissão/sexo/escolaridade/faixa etária/bairro e regionais

Inquérito	Atividade/Profissão	Sexo	Escolaridade	Idade	Bairro/ Regional
1	Técnico em suprimentos	Homem	9-11 anos	31 anos	Carlito Pamplona/I
2	Eletrotécnico	Homem	9-11 anos	33 anos	Joaquim Távora/II
3	Excluído				
4	Bancário (Inf. I)	Homem	9-11 anos	44 anos	Messejana/VI
	Prendas do lar (Inf. II)	Mulher	9-11 anos	42 anos	Messejana/VI
5	Fotógrafo	Homem	0-4 anos	26 anos	Barra do Ceará/I
6	Prendas do lar	Mulher	0-4 anos	60 anos	Cristo Redentor/I
7	Estudante	Homem	9-11 anos	18 anos	Jardim Guanabara/I
8	Agente de Endemias	Homem	9-11 anos	21 anos	Conjunto Cidade Oeste/V
9	Prendas do lar	Mulher	0-4 anos	21 anos	Santo Amaro/V
10	Doméstica	Mulher	0-4 anos	34 anos	Bom Jardim/V
11	Mecânico	Homem	9-11 anos	29 anos	Vila Pery/IV
12	Autônoma	Mulher	5-8 anos	23 anos	Barroso/VI
13	Pastor	Homem	0-4 anos	32 anos	Barra do Ceará/I
14	Militar (Inf. I)	Homem	9-11 anos	38 anos	Mondubim/V
	Oficial de Justiça (Inf. II)	Homem	9-11 anos	35 anos	Maraponga/V
15	Comerciante (Inf. I)	Homem	9-11 anos	25 anos	Vila União/IV
	Analista de suporte (Inf. II)	Homem	9-11 anos	24 anos	Fátima/IV
16	Doméstica	Mulher	5-8 anos	37 anos	Mondubim/V
17	Doméstica	Mulher	0-4 anos	27 anos	Santo Amaro/V
18	Estudante	Mulher	0-4 anos	21 anos	Messejana/VI
19	Vigilante	Homem	0-4 anos	59 anos	Messejana/VI
20	Estudante	Homem	9-11 anos	18 anos	Caça e Pesca/II
21	Desempregado (vigilante)	Homem	5-8 anos	31 anos	Jardim Iracema/I



Inquérito	Atividade/Profissão	Sexo	Escolaridade	Idade	Bairro/ Regional
22	Vigilante	Homem	0-4 anos	25 anos	Monte Castelo/I
23	Serviços Gerais de laboratório	Homem	0-4 anos	21 anos	Vila Bethânia/IV
24	Auxiliar administrativo	Mulher	9-11 anos	24 anos	Jacarecanga/I
25	Vidraceiro	Homem	5-8 anos	41 anos	Papicu/II
26	Aposentado	Homem	0-4 anos	73 anos	Pirambu/I
27	Servente	Homem	5-8 anos	24 anos	Alagadiço Novo/VI
28	Comerciante	Homem	0-4 anos	36 anos	Passaré/VI
29	Técnico em eletrônica	Homem	5-8 anos	34 anos	Vila Pery/IV
30	Porteiro	Homem	0-4 anos	30 anos	Henrique Jorge/III
31	Prendas do lar	Mulher	0-4 anos	38 anos	Castelão/VI
32	Estudante	Homem	9-11 anos	16 anos	Aldeota/II
33	Doméstica	Mulher	5-8 anos	23 anos	Cidade dos Funcionários/VI
34	Doméstica	Mulher	9-11 anos	26 anos	Bom Jardim/V
35	Mecânico (Inf. I)	Homem	5-8 anos	21 anos	Messejana/VI
	Estofador (Inf. II)	Homem	5-8 anos	21 anos	Messejana/VI
36	Estudante	Homem	0-4 anos	15 anos	Farias Brito/I
37	Pelador (Inf. I)	Homem	0-4 anos	33 anos	Messejana/VI
	Funcionário Terceirizado da Prefeitura (Inf. II)	Homem	0-4 anos	24 anos	Parque São Miguel/VI
38	Auxiliar de soldador	Homem	5-8 anos	16 anos	Granja Portugal/V
39	Prendas do lar	Mulher	5-8 anos	52 anos	Antônio Bezerra/III
40	Prendas do lar	Mulher	0-4 anos	55 anos	Antônio Bezerra/III
41	Pastor	Homem	0-4 anos	53 anos	Granja Portugal/V
42	Contabilista	Homem	9-11 anos	23 anos	Fátima/IV
43	Portuário	Homem	0-4 anos	51 anos	Jardim Guanabara/I
44	Estudante	Mulher	5-8 anos	15 anos	Aerolândia/VI



Inquérito	Atividade/Profissão	Sexo	Escolaridade	Idade	Bairro/ Regional
45	Porteiro	Homem	0-4 anos	63 anos	Jardim Guanabara/I
46	Eletricista	Homem	9-11 anos	58 anos	Conjunto Ceará/V
47	Pedreiro	Homem	5-8 anos	23 anos	Pirambu/I
48	Operador de máquina	Mulher	5-8 anos	60 anos	Messejana/VI
49	Costureira (Inf. I)	Mulher	9-11 anos	41 anos	Henrique Jorge/III
	Desempregada (Inf. II)	Mulher	9-11 anos	40 anos	Henrique Jorge/III
50	Estudante (Inf. II)	Mulher	9-11 anos	17 anos	Parangaba/IV
	Estudante (Inf. I)	Mulher	9-11 anos	17 anos	Parangaba/IV
51	Estudante (Inf. I)	Mulher	9-11 anos	15 anos	Parangaba/IV
	Estudante (Inf. II)	Homem	9-11 anos	15 anos	Parangaba/IV
52	Vigilante (Inf. I)	Homem	5-8 anos	34 anos	Parque São José/V
	Vigilante (Inf. II)	Homem	0-4 anos	35 anos	Planalto do Pici/III
53	Doméstica	Mulher	5-8 anos	57 anos	Parque Santa Rosa/V
54	Mergulhador	Homem	5-8 anos	33 anos	Beira-mar/II
55	Desempregada	Mulher	9-11 anos	27 anos	Cristo Redentor/I
56	Estudante	Homem	9-11 anos	15 anos	Aldeota/II
57	Prendas do lar	Mulher	0-4 anos	67 anos	Jockey Clube/III
58	Biscateiro	Homem	9-11 anos	52 anos	Barra do Ceará/I
59	Professor de Reforço	Homem	9-11 anos	24 anos	São Gerardo/I
60	Vendedora Ambulante (Inf. II)	Mulher	5-8 anos	51 anos	Demócrito Rocha/IV
	Prendas do lar (Inf. I)	Mulher	5-8 anos	56 anos	Demócrito Rocha/IV
61	Funcionário Público	Homem	5-8 anos	63 anos	Cidade 2000/II
62	Pequena Empresária	Mulher	9-11 anos	50 anos	Cidade 2000/II
63	Digitadora	Mulher	9-11 anos	37 anos	Barra do Ceará/I
64	Prendas do lar	Mulher	9-11 anos	51 anos	Cidade 2000/II



Inquérito	Atividade/Profissão	Sexo	Escolaridade	Idade	Bairro/ Regional
65	Motorista	Homem	5-8 anos	53 anos	Henrique Jorge/III
66	Artesã	Mulher	9-11 anos	53 anos	Demócrito Rocha/IV
67	Desempregada	Mulher	9-11 anos	19 anos	Jockey Clube/III
68	Estudante	Mulher	9-11 anos	17 anos	Henrique Jorge/III
69	Desempregada	Mulher	5-8 anos	34 anos	Carlito Pamplona/I
70	Desempregada	Mulher	0-4 anos	15 anos	São Cristóvão/VI
71	Funcionário Público (Inf. I)	Homem	9-11 anos	51 anos	Antônio Bezerra/III
	Funcionário Público (Inf. II)	Homem	9-11 anos	53 anos	Antônio Bezerra/III
72	Serviços Gerais (Inf. I)	Homem	9-11 anos	22 anos	Jockey Clube/III
	Tatuador (Inf. II)	Homem	9-11 anos	23 anos	Jockey Clube/III
73	Atendente	Mulher	9-11 anos	22 anos	Jockey Clube/III
74	Monitora de creche (voluntária) (Inf. I)	Mulher	5-8 anos	23 anos	Jockey Clube/III
	Estudante (Inf. II)	Mulher	5-8 anos	18 anos	João XXIII/III
75	Vigilante	Homem	5-8 anos	52 anos	Conjunto Ceará/V
76	Técnico em Informática	Homem	9-11 anos	33 anos	Pres. Kennedy/III
77	Professora de reforço (Inf. I)	Mulher	9-11 anos	37 anos	Cidade 2000/II
	Vendedora autônoma (Inf. II)	Mulher	9-11 anos	36 anos	Cidade 2000/II
78	Segurança	Homem	9-11 anos	34 anos	Cristo Redentor/I
79	Prendas do lar	Mulher	5-8 anos	25 anos	Cristo Redentor/I
80	Prendas do lar	Mulher	5-8 anos	24 anos	Antônio Bezerra/III
81	Vigilante	Homem	9-11 anos	32 anos	Antônio Bezerra/III
82	Estudante	Mulher	9-11 anos	18 anos	Farias Brito/I
83	Costureira	Mulher	9-11 anos	46 anos	Farias Brito/I
84	Estofador	Homem	0-4 anos	34 anos	Conjunto Ceará/V



Inquérito	Atividade/Profissão	Sexo	Escolaridade	Idade	Bairro/ Regional
85	Entregador de remédios	Homem	5-8 anos	38 anos	Conjunto Ceará/V
86	Prendas do lar	Mulher	0-4 anos	47 anos	Conjunto Ceará/V
87	Serviços Gerais	Homem	5-8 anos	17 anos	Conjunto Ceará/V
88	Cabeleireira	Mulher	5-8 anos	27 anos	Conjunto Ceará/V
89	Instalador (eletricidade)	Homem	9-11 anos	33 anos	Conjunto Ceará/V
90	Doméstica	Mulher	5-8 anos	31 anos	Mondubim/V
91	Eletricista	Homem	5-8 anos	62 anos	Conjunto Ceará/V
92	Autônomo	Homem	5-8 anos	32 anos	Farias Brito/I
93	Aposentada (Inf. I)	Mulher	0-4 anos	59 anos	Álvaro Weyne/I
	Lavadeira (Inf. II)	Mulher	0-4 anos	63 anos	Álvaro Weyne/I
94	Pedreiro (Inf. I)	Homem	0-4 anos	34 anos	Barra do Ceará/I
	Auxiliar de pedreiro (Inf. II)	Homem	0-4 anos	31 anos	Barra do Ceará/I
95	Aposentado (vigilante)	Homem	0-4 anos	75 anos	Aerolândia/VI
96	Auxiliar de Enfermagem	Mulher	5-8 anos	31 anos	Ellery/I
97	Aposentada	Mulher	5-8 anos	49 anos	Ellery/I
98	Comerciária	Mulher	5-8 anos	34 anos	Mondubim/V
99	Prendas do lar (Inf. I)	Mulher	5-8 anos	42 anos	Tancredo Neves/VI
	Doméstica (Inf. II)	Mulher	5-8 anos	28 anos	Varjota/II
100	Pastor	Homem	5-8 anos	55 anos	Parque Araxá/III
101	Prendas do lar (Inf. I)	Mulher	5-8 anos	29 anos	Bonsucesso/III
	Prendas do lar (Inf. II)	Mulher	5-8 anos	26 anos	Bonsucesso/III
102	Diarista	Mulher	0-4 anos	25 anos	Barra do Ceará/I
103	Serviços Gerais	Homem	0-4 anos	34 anos	Messejana/VI
104	Pedreiro	Homem	0-4 anos	26 anos	Rodolfo Teófilo/III
105	Secretária Escolar	Mulher	9-11 anos	38 anos	Jardim América/IV



Inquérito	Atividade/Profissão	Sexo	Escolaridade	Idade	Bairro/ Regional
106	Aposentado (Inf. II)	Homem	0-4 anos	76 anos	Messejana/VI
	Aposentada (Inf. I)	Mulher	0-4 anos	76 anos	Messejana/VI
107	Prendas do lar (Inf. I)	Mulher	5-8 anos	78 anos	Henrique Jorge/III
	Prendas do lar (Inf. II)	Mulher	5-8 anos	50 anos	Henrique Jorge/III
108	Serviços Gerais (Inf. I)	Homem	5-8 anos	46 anos	Quintino Cunha/III
	Estudante (Inf. II)	Homem	0-4 anos	21 anos	Barra do Ceará/I
109	Aposentada	Mulher	9-11 anos	65 anos	Vila União/IV
110	Vendedor	Homem	9-11 anos	25 anos	Quintino Cunha/III
111	Comerciante (Inf. II)	Homem	9-11 anos	58 anos	Carlito Pamplona/I
	Aposentado (Inf. I)	Homem	9-11 anos	70 anos	Álvaro Weyne/I
112	Estudante	Homem	5-8 anos	15 anos	Maraponga/V
113	Vendedor	Homem	0-4 anos	50 anos	Dionísio Torres/II
114	Estudante (Inf. I)	Mulher	0-4 anos	38 anos	Serrinha/IV
	Prendas do lar (Inf. II)	Mulher	5-8 anos	20 anos	Serrinha/IV
115	Prendas do lar	Mulher	0-4 anos	31 anos	Vila Manoel Sátiro/V
116	Comerciante	Mulher	5-8 anos	45 anos	Aerolândia/VI
117	Professora	Mulher	9-11 anos	40 anos	Conjunto Ceará/V
118	Estudante (Inf. I)	Mulher	0-4 anos	17 anos	Monte Castelo/I
	Estudante (Inf. II)	Mulher	5-8 anos	26 anos	Bela Vista/II
119	Aposentado	Homem	0-4 anos	58 anos	Vila Velha IV/I
120	Secretária	Mulher	9-11 anos	26 anos	Barra do Ceará/I
121	Prendas do lar	Mulher	0-4 anos	54 anos	Quintino Cunha/III
122	Estudante (Inf. I)	Mulher	9-11 anos	16 anos	Henrique Jorge/III
	Estudante (Inf. II)	Mulher	9-11 anos	16 anos	Fátima/IV
123	Artesã	Mulher	5-8 anos	33 anos	Jacarecanga/I
124	Soldador	Homem	5-8 anos	45 anos	Cristo Redentor/I



Inquérito	Atividade/Profissão	Sexo	Escolaridade	Idade	Bairro/ Regional
125	Aposentada (Inf. I)	Mulher	9-11 anos	57 anos	Parquelândia/III
	Doméstica (Inf. II)	Mulher	0-4 anos	42 anos	Bela Vista/III
126	Costureira	Mulher	0-4 anos	50 anos	Maraponga/V
127	Desempregado	Homem	9-11 anos	27 anos	Barra do Ceará/I
128	Prendas do lar	Mulher	5-8 anos	69 anos	Barra do Ceará/I
129	Professora aposentada (Inf. I)	Mulher	9-11 anos	60 anos	Parquelândia/III
	Merendeira escolar (Inf. II)	Mulher	0-4 anos	49 anos	Parquelândia/III
130	Comerciante	Mulher	5-8 anos	39 anos	Rodolfo Teófilo/III
131	Prendas do lar	Mulher	5-8 anos	64 anos	Joaquim Távora/II
132	Operário (Inf. I)	Homem	0-4 anos	52 anos	Otávio Bonfim/I
	Pintor aposentado (Inf. II)	Homem	5-8 anos	60 anos	Farias Brito/I
133	Entregador	Homem	0-4 anos	23 anos	São João do Tauape/II
134	Estoquista	Homem	9-11 anos	24 anos	Jockey Clube/III
135	Prendas do lar	Mulher	5-8 anos	56 anos	Conjunto Ceará/V
136	Servidor Público	Homem	9-11 anos	36 anos	Antônio Bezerra/III
137	Costureira	Mulher	9-11 anos	37 anos	Antônio Bezerra/III
138	Comerciante	Homem	5-8 anos	68 anos	Pan-Americano/IV
139	Doméstica (Inf. I)	Mulher	0-4 anos	28 anos	Alto-Alegre/III
	Doméstica (Inf. II)	Mulher	0-4 anos	19 anos	Alto-Alegre/III
140	Motorista	Homem	5-8 anos	52 anos	Carlito Pamplona/I
141	Estudante (Inf. I)	Homem	5-8 anos	15 anos	Parque Santa Rosa/V
	Estudante (Inf. II)	Homem	5-8 anos	16 anos	Conjunto Esperança/V
142	Excluído				
143	Decoradora	Mulher	9-11 anos	53 anos	Parangaba/IV
144	Vigilante	Homem	0-4 anos	38 anos	Monte Castelo/I
145	Pastor	Homem	0-4 anos	19 anos	Monte Castelo/I



Inquérito	Atividade/Profissão	Sexo	Escolaridade	Idade	Bairro/ Regional
146	Desempregado	Homem	5-8 anos	23 anos	Couto Fernandes/IV
147	Estudante	Mulher	9-11 anos	23 anos	Fátima/IV
148	Corretor de modas	Homem	5-8 anos	57 anos	Conjunto Ceará/V
149	Motorista	Homem	9-11 anos	76 anos	Aerolândia/VI
150	Garçom	Homem	0-4 anos	23 anos	José Walter/V
151	Aposentado	Homem	9-11 anos	82 anos	Fátima/IV
152	Comerciante (Inf. II)	Homem	0-4 anos	51 anos	Antônio Bezerra/III
	Prendas do lar (Inf. I)	Mulher	5-8 anos	55 anos	Antônio Bezerra/III
153	Balconista (Inf. I)	Homem	0-4 anos	18 anos	Parque São José/V
	Balconista (Inf. II)	Homem	0-4 anos	24 anos	Bom Jardim/V
154	Aposentado (Inf. II)	Homem	5-8 anos	53 anos	José Walter/V
	Estudante (Inf. I)	Mulher	5-8 anos	18 anos	José Walter/V
155	Estudante (Inf. II)	Homem	5-8 anos	55 anos	Pan-Americano/IV
	Motorista (Inf. I)	Mulher	5-8 anos	15 anos	Álvaro Weyne/I
156	Bordadeira (Inf. II)	Mulher	0-4 anos	62 anos	Praia do Futuro/II
	Conferente de estoque (Inf. I)	Homem	9-11 anos	43 anos	Praia do Futuro/II
157	Gerente administrativa (Inf. II)	Mulher	9-11 anos	52 anos	Praia de Iracema/II
	Cozinheira (Inf. I)	Mulher	9-11 anos	51 anos	Álvaro Weyne/I
158	Aposentado (motorista)	Homem	9-11 anos	58 anos	Parangaba/IV
159	Supervisor de operações	Homem	9-11 anos	59 anos	São Gerardo/I
160	Auxiliar de Serviços Gerais (Inf. II)	Homem	5-8 anos	48 anos	Conjunto Ceará 4ª Etapa/V
	Auxiliar de Serviços Gerais (Inf. I)	Homem	5-8 anos	46 anos	Quintino Cunha/III
161	Auxiliar de pedreiro	Homem	0-4 anos	25 anos	Castelão/VI

Fonte: elaborado pelas autoras.



Salientamos que as informações organizadas no Quadro 2 foram obtidas através da observação das fichas dos informantes, que se encontram, hoje, sob os cuidados de sua organizadora, a Profa. Dra. Aluiza Alves de Araújo.

Tomando por base o que consta no Quadro 2, analisamos, mais detidamente, o perfil profissional ou as ocupações dos informantes do NORPOFOR, na época das entrevistas. Neste sentido, verificamos que o quadro de informantes do sexo feminino foi formado por: 10 empregadas domésticas, 05 costureiras, 03 comerciantes, 02 professoras, 02 artesãs, 02 autônomas, 02 diaristas, 02 secretárias, 01 cozinheira, 01 gerente administrativa, 01 bordadeira, 01 motorista, 01 decoradora, 01 merendeira escolar, 01 secretária escolar, 01 auxiliar de enfermagem, 01 lavadeira, 01 cabeleireira, 01 monitora de creche (voluntária), 01 atendente, 01 digitadora, 01 pequena empresária, 01 vendedora ambulante, 01 operadora de máquina e 01 auxiliar administrativa.

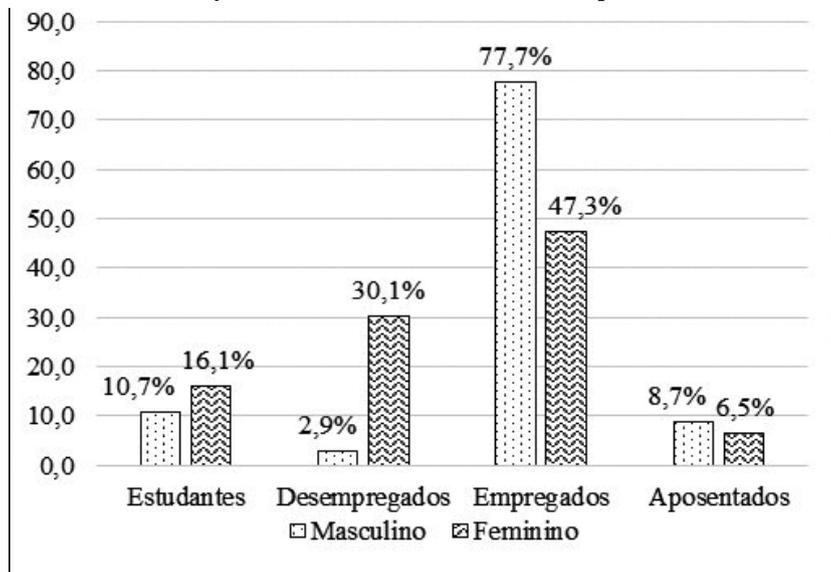
Dentre as mulheres sem emprego, observamos que 22 se ocupavam com prendas do lar, ou seja, eram donas de casa, 15 eram estudantes, 06 estavam desempregadas e 06 tinham se aposentado.

Já entre os informantes do sexo masculino que se encontravam atuantes no mercado de trabalho, temos: 07 vigilantes, 06 auxiliares de serviços gerais, 05 comerciantes, 04 pastores, 04 funcionários públicos, 03 motoristas, 03 eletricitas, 02 balconistas, 02 entregadores, 02 vendedores, 02 pedreiros, 02 porteiros, 02 mecânicos. Também havia 01 auxiliar de pedreiro, 01 auxiliar de serviços gerais de laboratório, 01 supervisor de operações, 01 conferente de estoque, 01 garçom, 01 corretor de modas, 01 estoquista, 01 operário, 01 soldador, 01 auxiliar de pedreiro, 01 pedreiro, 01 autônomo, 01 estofador, 01 segurança, 01 técnico em informática, 01 tatuador, 01 professor, 01 biscateiro, 01 mergulhador, 01 portuário, 01 contabilista, 01 auxiliar de soldador, 01 funcionário terceirizado da prefeitura, 01 pelador de galinha, 01 estofador, 01 técnico em eletrônica, 01 servente, 01 vidraceiro, 01 analista de suporte, 01 oficial de justiça, 01 militar, 01 agente de endemias, 01 fotógrafo, 01 bancário, 01 eletrotécnico e 01 técnico em suprimentos.



Com relação aos homens que não tinham emprego, vimos que: 11 eram estudantes, 06 desempregados e 06 aposentados. Muito importante lembrar que cada uma dessas atividades ou profissões foram relatadas pelos próprios indivíduos no momento do preenchimento da ficha do informante. No Gráfico 1, apresentamos a contabilização do número total de indivíduos que se apresentavam como estudantes, desempregados e aposentados, para que possamos ter uma visão das pessoas economicamente ativas no NORPOFOR.

Gráfico 1 – Distribuição dos informantes de ambos os sexos por atividade econômica



Fonte: elaborado pelas autoras.

De acordo com o Gráfico 1, constatamos que, dentre os informantes do NORPOFOR, a grande maioria é constituída por indivíduos empregados (77,7% de homens e 47,3% de mulheres), mas poucos são aposentados (8,7% de homens e 6,5% de mulheres) e estudantes (10,7% homens e 16,1% das mulheres).

Diferentemente dos homens, a quantidade total de mulheres empregadas e desempregadas é de 50,6% e 49,4% respectivamente, enquanto os



homens, 85,1% estão empregados e 14,9% desempregados⁷. Compreendemos que esses dados mostram uma grande diferença entre homens e mulheres inseridos no mercado de trabalho, na década de 2000, em Fortaleza. É importante salientar que, até o momento das entrevistas do NORPOFOR serem realizadas, os estudantes ainda não estavam inseridos no mercado de trabalho.

Além disso, notamos que, das 43 (45,7%) mulheres que não estão empregadas, 15 (34,9%) são estudantes, 6 (14%) estão desempregadas e 22 (51,1%) são donas de casa. Portanto, compreendemos, ainda, que, de todas as mulheres entrevistadas, 22 são donas de casa, o que representa 23,7% do *corpus*, fato que nos faz refletir sobre uma questão cultural de nossa comunidade de fala: a mulher ainda tinha/tem um papel forte no cuidado com o lar e com os filhos.

Quanto à escolaridade dos informantes, também já mencionamos que nenhum deles possui ensino superior, ou seja, o *corpus* contempla apenas falantes que possuem escolaridade correspondendo, hoje, ao Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Destacamos as características destes três níveis de escolaridade, segundo Araújo (2007a, p. 55):

A primeira [escolaridade] abrange tanto os informantes que nunca frequentaram a escola quanto os que possuem o antigo primário completo ou incompleto; a segunda contempla os indivíduos que apresentam o primeiro grau completo ou incompleto; e a terceira refere-se aos informantes que têm o segundo grau completo ou incompleto. Fez-se a opção pela nomenclatura do antigo currículo escolar por facilitar aos informantes saber em que nível de escolaridade se enquadravam, já que a maioria desconhecia a reformulação curricular.

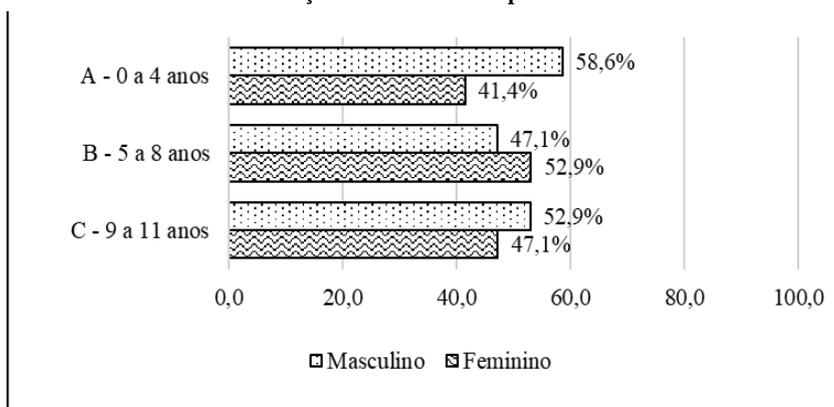
Quanto aos níveis de escolaridade dos homens e mulheres que compõem o NORPOFOR, o Gráfico 2 indica que também há uma homogeneidade. O menor número de falantes (24) aparece no menor nível de escolaridade e corresponde ao sexo feminino, enquanto que o maior número

7 Para esses percentuais, dividimos toda a população do *corpus* em empregada e desempregada, alocando, na segunda opção, os estudantes, os desempregados e aposentados.



de informantes (37) surge no maior nível de escolaridade e corresponde ao sexo masculino. Assim, a amostra do NORPOFOR nos evidencia, com exceção da escolaridade B, que localizar um informante do sexo masculino com escolaridade entre 9 e 11 anos era uma tarefa aparentemente mais fácil.

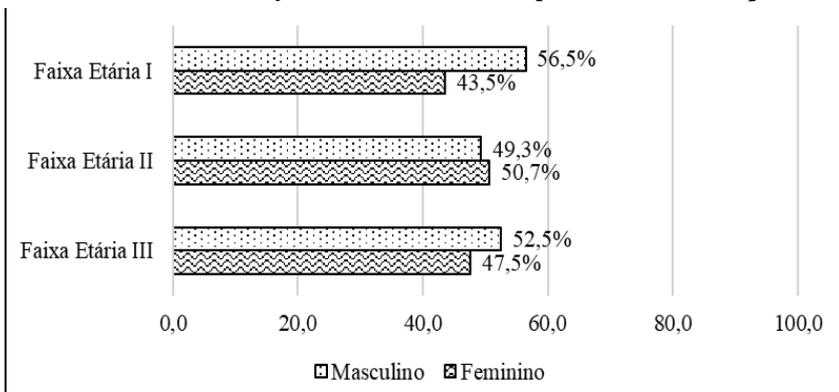
Gráfico 2 – Distribuição dos informantes por nível de escolaridade



Fonte: elaborado pelas autoras.

Quanto à faixa etária dos informantes do NORPOFOR, a sua estratificação se deu também com base em três grandes grupos, como já foi apresentado anteriormente. Assim, vemos que a idade dos informantes varia de 15 a 75 anos de idade (ARAÚJO, 2007a).

De modo mais preciso, primeiramente, temos os informantes com 15-25 anos, com 62 indivíduos, que eram, em geral, adolescentes, economicamente dependentes dos pais. Além destes, havia também jovens que estavam tentando ou tinham ingressado no mercado de trabalho há pouco tempo. A segunda faixa etária (26 a 44 anos), constituída por 73 informantes, é composta, principalmente, por adultos atuando ou tentando atuar no mercado de trabalho. Já, na terceira faixa etária, encontramos falantes com mais de 50 anos de idade, composta por 61 informantes, que eram, portanto, sujeitos ainda atuantes profissionalmente, ou já aposentados (ARAÚJO, 2007a).

Gráfico 3 – Distribuição de homens e mulheres por faixa etária no *corpus*

Fonte: elaborado pelas autoras.

Referente à faixa etária, verificamos, no Gráfico 3, que a distribuição dos homens e mulheres do NORPOFOR a partir de três faixas etárias, apresenta relativa homogeneidade na amostra, pois enquanto as faixas II e III permanecem equilibradas, já a faixa I, composta por 56,5% de homens e 43,5% de mulheres, apresenta o menor equilíbrio. A faixa com menor número de falantes contém 27 mulheres da faixa I e a que exibe o maior número revela 38 mulheres da faixa etária II.

Para além das características supracitadas, há aspectos do perfil socioeconômico dos informantes do NORPOFOR que caracterizam esse projeto como o maior banco de dados representativo do falar popular de Fortaleza-CE, conforme comenta Araújo (2011, p. 839, grifos nossos): “[...] os informantes apresentam **baixo nível socioeconômico**, tomando-se a sua **profissão**, a do cônjuge e a dos seus pais, o **local de moradia** e a quantidade de filhos, como indicadores da classe social”.

Veremos, a partir de agora, como estão organizados os informantes do NORPOFOR de acordo com os bairros e respectivas regionais de Fortaleza-CE. Os locutores da referida base de dados são provenientes de 70 bairros, dentre os 119 que compõem a cidade (SILVA; NASCIMENTO; FEIJÓ, 2012), distribuídos, conforme já pontuamos, entre as seis regionais da capital cearense. Tal distribuição cobre toda a área geográfica da cidade.

Na tentativa de estabelecer relações entre a localização geográfica dos fortalezenses e seus níveis econômicos, buscamos informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 2000⁸. A partir dos dados coletados do *site* do IBGE, encontramos diferenças significativas quanto ao perfil econômico das famílias fortalezenses de acordo com suas localizações geográficas. Dessa maneira, podemos identificar os bairros com maiores e menores rendas *per capita*.

Em Fortaleza, os bairros situados a leste e sudeste, incluindo o Centro da cidade, apresentam as maiores rendas. Em contrapartida, os bairros com as menores rendas estão situados a oeste de Fortaleza-CE. Sobre a situação socioeconômica dos bairros fortalezenses, Araújo e Carleial (2003, p. 8) atestam que:

São bairros antigos e novos que se misturam, nesse traçado, acompanhando o litoral (Arraial Moura Brasil, Pirambu, Cristo Redentor, Barra do Ceará e Floresta), além de prosseguir no sentido norte-sul (Autran Nunes, Genibaú, Granja Portugal, Granja Lisboa, Bom Jardim, Parque São José, Parque Santa Rosa (Apolo XI), Parque Presidente Vargas, Canindezinho e Siqueira); finalmente, mais para o sul, encontram-se: Barroso, Jangurussu e Curió.

Contudo, não podemos esquecer que é possível encontrar, ainda que de forma reduzida, bairros com rendas caracterizadas como altas, mesmo na região oeste da capital cearense, como os bairros: Fátima, Benfica e Parquelândia.

As divisões socioeconômicas da cidade de Fortaleza comportam em si questões histórico-sociais muito complexas. Uma destas questões compreende a construção de uma cidade polarizada, onde há bairros pobres e ricos. Esta dicotomia vem sendo questionada cada vez mais. Tendo isso em vista, há tempos não é possível apontar as fronteiras entre bairros tidos como ricos, ao Leste, e bairros pobres, ao Oeste. A partir dos anos 2000, o que podemos ver é a identificação de evidentes e inegáveis conflitos oriun-

8 Naturalmente, já é possível contar com dados mais recentes, como os do censo 2015. Contudo, recorremos aos dados do IBGE 2000, porque foi, justamente, nesse período em que o NORPOFOR foi construído. Frisamos também que os dados consultados para este estudo podem ser acessados através do seguinte endereço eletrônico: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/>>.



dos dos contrastes entre pobres e ricos, que dividem praticamente o mesmo espaço na cidade. Nas palavras de Araújo e Carleial (2003, p. 7):

[...] a cidade com o tempo foi mudando seus contornos, através da mobilidade espacial de famílias abastadas, antigas moradoras do centro ou de bairros a oeste do perímetro central, que, devido à instalação de comércio e a localização de postos de trabalhos de pobres, transferiram suas residências para o leste, área de expansão urbana. Porém, a novidade recente é que fica cada vez mais difícil, o isolamento dessas famílias em bairros específicos, pois, os pobres têm aumentado sistematicamente.

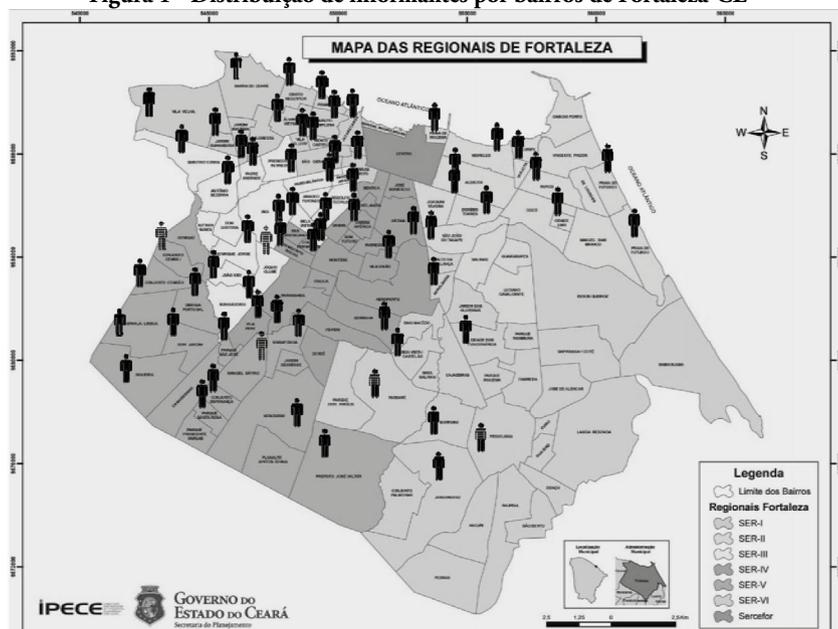
Araújo e Carleial (2003) discutem algumas das inúmeras transformações sofridas por Fortaleza, nos anos de 2000, em virtude das dinâmicas geográficas e socioeconômicas, que viabilizaram a construção de uma capital privilegiada em termos de investimento de capital nos setores públicos e privados. As autoras indicam ainda que tais investimentos facilitaram a concentração de riqueza, principalmente comercial, no município, que usufrui hoje, em relação aos demais municípios cearenses, os maiores índices de desenvolvimento.

De qualquer modo, quase que de forma contraditória, essas transformações também indicam que os investimentos comerciais não foram capazes de evitar o aumento da pobreza de parte da população fortalezense (ARAÚJO; CARLEIAL, 2003).

Vejamos, então, como os informantes do NORPOFOR estão distribuídos nas Regionais de Fortaleza, como mostra a Figura 1.



Figura 1 - Distribuição de informantes por bairros de Fortaleza-CE

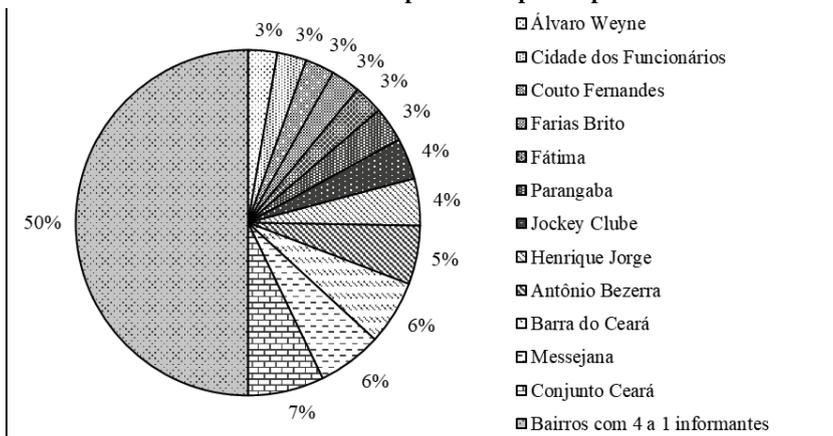


Fonte: <http://minutologado.com.br/wp-content/uploads/2012/11/Mapa-Fortaleza-CE.jpg>. Adaptado para ilustração deste texto.

A distribuição dos bonecos no mapa das regionais e bairros de Fortaleza-CE, na Figura 1, representa os 70 bairros que foram contemplados no projeto NORPOFOR. Essa figura nos mostra que a maioria dos bairros, de onde saíram os informantes desta base de dados, fica a oeste da cidade, o que corrobora com Araújo e Carleial (2003) e Araújo (2007a) sobre as questões socioeconômicas que envolvem os informantes do *corpus*.

A seguir, o Gráfico 4 expõe o percentual de informantes distribuídos nos bairros da cidade. Dessa forma, os bairros que têm 3% da população de nosso *corpus* são aqueles que apresentam 05 informantes, já os bairros que apresentam 4%, 5%, 6% e 7% são, respectivamente, aqueles que contêm 07, 10, 11 e 13 informantes.

Gráfico 4 – Percentual de informantes por bairros que compõem o NORPOFOR



Fonte: elaborado pelas autoras.

Em correção a Araújo (2011, p. 839-840)⁹, fizemos a distribuição dos informantes por bairros e por regionais. São, como já exposto, 70 bairros contemplados, como mostra a divisão do Quadro 3.

Quadro 3 - Distribuição dos informantes por bairro nas SER

SER I (49 informantes)	Álvaro Weyne (05), Barra do Ceará (11), Carlito Pamplona (04), Cristo Redentor (05), Ellery (02), Farias Brito (06), Jacarecanga (02), Jardim Guanabara (03), Jardim Iracema (01), Monte Castelo (04), Otávio Bonfim (01), Pirambu (02), São Gerardo (02) e Vila Velha IV (01);
SER II (18 informantes)	Aldeota (02), Beira-mar – Meireles (01), Caça e Pesca (01), Cidade 2000 (05), Dionísio Torres (01), Joaquim Távora (02), Papicu (01), Praia do Futuro (03), Praia de Iracema (01), São João do Tauape (01) e Varjota (01);

⁹ Em Araújo (2011, p. 839-840), há um equívoco, pois o bairro Jangurussu está na Regional I, sendo que ele pertence à Regional VI. Além disso, a Regional V não contém mais 37 informantes, mas 36 informantes, já que foi excluído um informante do bairro Siqueira, após a publicação do referido texto.

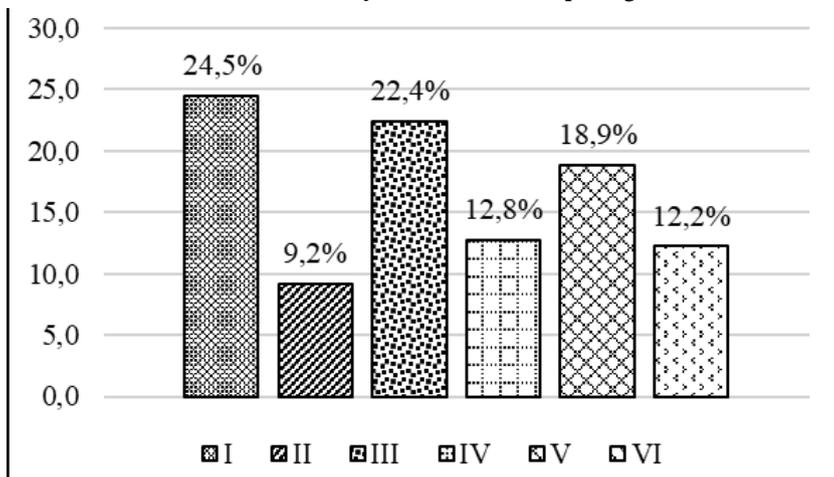
SER III (42 informantes)	Antônio Bezerra (11), Bela Vista (02), Bonsucesso (02), Henrique Jorge (08), João XXIII (01), Jóquei Clube (07), Parque Araxá (01), Parquelândia (03), Pici (01), Presidente Kennedy (01), Quintino Cunha (04) e Rodolfo Teófilo (01);
SER IV (30 informantes)	Alto Alegre (02), Couto Fernandes (01), Demócrito Rocha (03), Fátima (05), Jardim América (01), Pan-Americano (02), Parangaba (06), Santo Amaro (02), Parque São Miguel (01), Serrinha (02), Vila Betânia (01), Vila Pery (02) e Vila União (02);
SER V (35 informantes)	Bom Jardim (03), Conjunto Ceará (13), Conjunto Cidade Oeste (01), Conjunto Esperança (01), Granja Portugal (02), Conjunto José Walter (03), Maraponga (03), Mondubim (04), Parque Santa Rosa (02), Parque São José (03) e Vila Manoel Sátiro (01);
SER VI (22 informantes)	Aerolândia (04), Alagadiço Novo (01), Barroso (01), Castelão (02), Cidade dos Funcionários (01), Messejana (11), Passaré (01), São Cristóvão (01) e Tancredo Neves (01).

Fonte: elaborado pelas autoras.

Por último, o Gráfico 5 nos mostra a quantidade de informantes nas Regionais da cidade, no qual apresenta uma divisão sem homogeneidade, embora os organizadores do banco de dados tenham buscado pessoas que representassem toda a extensão territorial do município de Fortaleza-CE. Fica claro que essa falta de homogeneidade ocorre porque os informantes do NORPOFOR estão concentrados, em maior quantidade, nas regionais I, III e V. Essa estratificação dependeu de outras questões que serão apresentadas na subseção a seguir.



Gráfico 5 – Distribuição dos informantes por regionais



Fonte: elaborado pelas autoras.

Até aqui, apresentamos as características da estratificação do NORPOFOR de forma detalhada, com gráficos e tabelas que nos permitem observar essas características de diversas formas e por diferentes ângulos. Dedicamos, a subseção seguinte, às discussões em torno dos principais procedimentos realizados durante a realização das entrevistas do NORPOFOR.

Dos primeiros contatos com os informantes à gravação dos inquéritos

Com relação ao contato com os informantes do *corpus*, quando se encontrava e contactava o falante que atendia às estratificações sociais estabelecidas para a composição do NORPOFOR, bem como aos critérios de seleção dos informantes, conforme discutimos anteriormente, os pesquisadores estabeleciam, com eles, os primeiros contatos. Após isso, antes da entrevista e, na presença do informante, o documentador lhe fazia algumas perguntas no sentido de preencher uma ficha, obtendo informações sobre aspectos que apontavam para o perfil social dos entrevistados e assegurava ao pesquisador que, de fato, o informante atendia aos critérios de seleção, previamente estipulados.

Além do mais, esse primeiro contato, assim como as respostas obtidas durante o preenchimento da ficha, permitia que o documentador conhecesse um pouco melhor o seu informante, o que facilitava, durante as entrevistas, a abordagem de temas que favorecessem a coleta do vernáculo.

Depois de os pesquisadores se certificarem da adequação do falante aos critérios pré-determinados, o que nem sempre ocorria, as entrevistas eram realizadas. Sobre isso, Araújo (2007a) destaca que sempre era sugerido, ao entrevistado, um segundo encontro apesar disso e, também, atendendo ao desejo do informante, algumas entrevistas eram realizadas já no primeiro contato entre ele e o entrevistador/documentador.

Para não comprometer a coleta do vernáculo dos informantes e também para evitar respostas curtas ou monossilábicas, os reais objetivos e interesses da entrevista, ou seja, coletar amostras de sua fala, não eram, inicialmente, revelados ao falante. Sobre essa abordagem, Araújo (2007a, p. 57) nos diz que:

[...] esclarecia-se, apenas, que a pesquisa estava sendo realizada em toda a cidade de Fortaleza com finalidade histórica e cultural, daí o interesse em conhecer, de cada um, a experiência pessoal, as lembranças relacionadas a fatos pessoais e históricos, os anseios, as preocupações, costumes locais, entre outros.

De qualquer modo, os participantes eram, devidamente e previamente, esclarecidos sobre o fato de que a entrevista seria gravada. Além disso, ao término da gravação, os reais motivos da gravação eram esclarecidos aos informantes. Desta forma, Araújo (2011, p. 841) explica que as pessoas entrevistadas eram informadas de que se tratava de uma “uma pesquisa linguística sobre o falar local, o que não dificultava a liberação do uso das fitas, contanto que as identidades dos falantes fossem mantidas em sigilo”.

Afora não revelar, inicialmente, o real motivo da entrevista, outra questão a qual os entrevistadores recorreram na tentativa de amenizar possíveis influências de sua presença, assim como fazer com que o entrevistado esquecesse, na medida do possível, da presença do gravador – pontos que poderiam gerar alguma tensão no falante e fazer com que monitorassem sua fala – procurava-se conduzir a entrevista de forma descontraída e es-



pontânea. Dessa forma, as perguntas direcionadas ao entrevistado eram formuladas de modo claro, preciso e simples.

Os falantes eram instigados a falar sobre fatos de suas vidas que, de alguma forma, os tivesse marcado de modo positivo e/ou negativo. Assim, era esperado que o falante ficasse mais à vontade, a ponto de esquecer que estava sendo gravado. Esses cuidados foram tomados com o intuito de amenizar o chamado *paradoxo do observador* (LABOV, 2008 [1972]).

Sobre esse ponto, Freitag (2013, p. 01) atenta para o fato de que “a intranponível relação assimétrica estabelecida entre o pesquisador de campo (da universidade) e o falante” pode comprometer, de alguma maneira, a coleta do vernáculo. Mesmo assim, acreditamos que, com os cuidados já mencionados, tomados pelos documentadores do NORPOFOR, foi possível obter um modelo de fala muito próximo da forma espontânea do informante, o que pode ser percebido por quem já tenha ouvido seus inquéritos.

Ao longo das entrevistas, os documentadores tiveram o cuidado, também, de evitar sobrepor suas falas às do informante, deixando com que falasse o máximo e mais livremente possível. Lembramos que as perguntas feitas pelos documentadores durante as entrevistas não eram formuladas previamente, mas, sim, fruto do desenrolar natural da conversa com o informante.

Com o objetivo de conduzir a entrevista de modo natural, Araújo (2011) destaca, ainda, que os documentadores foram instruídos, igualmente, sobre os procedimentos durante as entrevistas. Tais instruções eram dadas com o intuito de buscar, além de garantir uma amostra satisfatória do vernáculo do informante, preservar a qualidade da gravação dos inquéritos. Dessa forma, os pesquisadores encarregados de realizar determinada entrevista deveriam não só estimular o informante a falar, mas também “controlar os fatores que pudessem prejudicar a qualidade da gravação (intervenção de terceiros, ruídos externos, manuseio do gravador e fitas cassette, entre outros)” (ARAÚJO, 2011, p. 841).

A exemplo do Projeto Norma Urbana Culta (doravante NURC), foram realizados, no NORPOFOR, conforme já explicamos, três diferentes tipos de entrevistas, a saber: DID – Diálogo entre Informante e Documen-



tador, D2 – Diálogo entre Dois Informantes e EF – Elocução Formal. No DID, a entrevista era conduzida por um documentador, orientado a fazer perguntas que levassem o informante a narrar experiências pessoais, fazendo com que o entrevistado se sentisse o mais confortável possível, a ponto mesmo de esquecer que estava numa situação de entrevista, deixando, sempre que possível, de prestar atenção à própria fala (LABOV, 2008 [1972]).

O documentador estava sempre à disposição do informante e conduzia a entrevista no sentido de motivar o entrevistado a falar cada vez mais, alcançando, quase sempre, os 60 minutos, embora o menor tempo encontrado para esse tipo de registro tenha sido o de 38 minutos e, apenas, 03 inquéritos do tipo DID apresentam duração inferior a 40 minutos. O DID apresenta a maior média de duração em todo o *corpus*: 57min 03seg (cinquenta e sete minutos e três segundos). No DID e no D2, o dia, a hora e o local da gravação eram escolhidos pelo informante, levando em consideração sua comodidade e tempo disponível para a gravação.

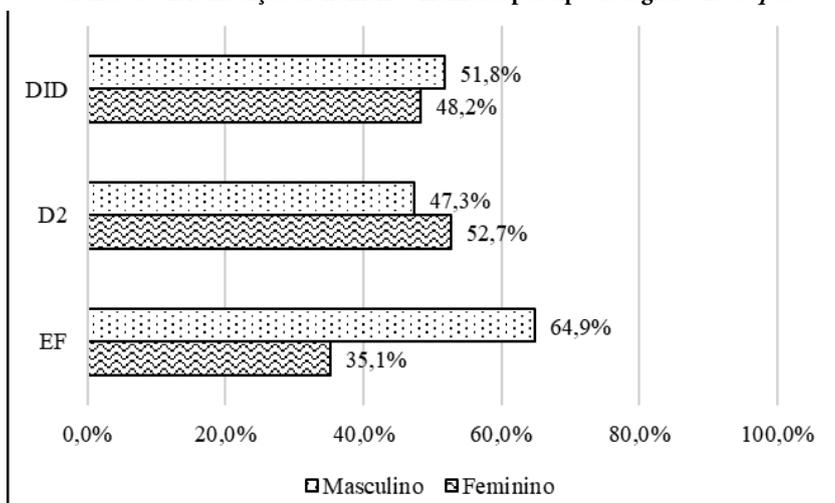
No D2, os locutores apresentam um certo grau de intimidade, já que as duplas de locutores gravadas eram, necessariamente, amigos de longa data ou familiares. O documentador quase nunca interferia na conversa dos entrevistados, o que fica patente nos inquéritos, pois, quando há registro da participação dos seus documentadores, isso é feito de forma muito abreviada, apenas para incentivar ou mesmo iniciar a conversa entre os informantes. Neste tipo de registro, os informantes, mesmo previamente combinando um período de tempo para a gravação, eram mais suscetíveis a imprevistos ou tinham dificuldade de se encontrarem no dia, hora e local combinado para realizarem a gravação. Em geral, a duração média destes inquéritos é de 44min31seg (quarenta e quatro minutos e trinta e um segundos), sendo que apenas 09 inquéritos têm duração inferior a 30 minutos.

O registro EF, o mais formal dos três, comparado aos outros dois mencionados, é composto, geralmente, por cultos, pregações, aulas e conferências nos quais os informantes mantêm um nível muito elevado de monitoramento da própria fala, já que os temas eram planejados previamente. Dessa forma, tal registro apresenta a menor média de duração da fala do informante, que é de 33min20seg (trinta e três minutos e vinte segundos). O inquérito com menor duração, neste tipo de registro, é de 20 minutos.



Para concluir essas considerações acerca dos três tipos de inquéritos, observamos que, conforme o Gráfico 6, independentemente do sexo, no NORPOFOR, o DID apresenta o maior número de informantes (44 homens e 41 mulheres); o D2 desponta com o segundo maior número (35 homens e 39 mulheres) e o EF (24 homens e 13 mulheres) aparece em último lugar. Isto comprova que as dificuldades de gravação foram bem maiores para os dois últimos registros.

Gráfico 6 – Distribuição de homens e mulheres por tipo de registro no *corpus*



Fonte: elaborado pelas autoras.

Concluindo as observações sobre os tipos de inquéritos do NORPOFOR, averiguamos que o maior desnível no percentual de gravações ocorre entre os homens e mulheres que proferiram EF, conforme indica o gráfico 5, onde podemos ver, ainda, que, quanto aos registros DID e D2, os índices percentuais são bastante aproximados.

Por último, pontuamos que, ao todo, 90 documentadores participaram da elaboração do NORPOFOR, sendo que, deste universo, três eram professores universitários (um homem e duas mulheres) e a grande maioria era constituída por universitários, que eram bolsistas (um homem e

três mulheres¹⁰) ou voluntários (69 homens e 18 mulheres) do Curso de Letras da UECE. É de um valor inestimável a grande contribuição destes voluntários para a organização do Projeto. Somando alunos e alunas, 97% dos inquiridos do NORPOFOR foram documentados por universitários voluntários e bolsistas. Essa constatação confirma que a constituição de um banco de dados contribui em muito com a formação acadêmica de pesquisadores na área de Linguística, e em especial, na área de Sociolinguística, haja vista esses alunos estarem, na época da coleta de dados, cursando disciplinas na graduação, como a disciplina de Sociolinguística.

Nas gravações do NORPOFOR, foram usados três gravadores analógicos CSR (*Slimline Cassete Recorder with ATRS WG223 - TR*), um gravador analógico Sony TCM - DV e fitas cassetes.

Feitas as entrevistas, todas as gravações eram digitalizadas pela coordenadora do projeto, a Profa. Dra. Aluiza Alves de Araújo, com o auxílio do programa computacional *Sound Forge 5.0*,

[...] que permitia eliminar ou reduzir eventuais ruídos físicos durante a gravação, e, em seguida, eram transportadas para um CD, com a ajuda de outro programa, o Nero, já que o CD, entre outras vantagens, é mais resistente à umidade e não apresenta o problema do acúmulo de bolor (ARAÚJO, 2007a, p. 58).

Os 161 inquiridos iniciais do NORPOFOR foram organizados e, depois, armazenados em um computador e também em CDs. Após a exclusão de dois inquiridos (ver nota 6), o total atualizado é de 159 inquiridos no banco de dados. Essas gravações somam, juntas, um total de 128h48min21seg (cento e vinte e oito horas, quarenta e oito minutos e vinte e um segundos).

No que concerne às transcrições do NORPOFOR, vale dizer que as normas de transcrição adotadas no Projeto foram, praticamente, as mesmas adotadas por Castilho e Pretti (1986) para as transcrições do Projeto NURC.

10 Os bolsistas foram: Girlene Moreira da Silva (voluntária), Neyla Denize de Souza (voluntária), Francisco Cláudio Rodrigues (IC-FUNCAP) e Maria de Fátima do Nascimento Silva (IC-UECE).



Ao todo, temos 163 alunos voluntários do curso de Letras e bolsistas da UECE que realizaram as transcrições dos inquéritos do NORPOFOR e, como revisores, 52 alunos também voluntários do referido curso e universidade. Esses alunos prestaram uma inestimável contribuição para a organização do *corpus*, pois trata-se de um trabalho gigantesco. Mesmo com todo esse esforço, há ainda, mais da metade do *corpus* sem revisão da transcrição, o que deverá acontecer em breve.

O NORPOFOR no cenário acadêmico

Em linhas gerais, vimos, até aqui, alguns dos principais pontos que assinalam, tanto a construção do NORPOFOR, como a sua atual configuração. Diante das considerações feitas anteriormente, nos parece clara a grande contribuição da construção do Projeto NORPOFOR ao cenário da pesquisa sociolinguística no Brasil, de modo mais amplo, e à descrição de fenômenos de variação e mudança na comunidade de fala da capital cearense, de modo mais específico.

Haja vista o significativo número de pesquisas desenvolvidas com base em dados de fala coletados no NORPOFOR, também nos parece evidente a relevância do projeto em foco para o cenário acadêmico. Afinal, já podemos localizar diversos trabalhos concluídos e/ou em andamento¹¹ que investigam diferentes fenômenos de variação e mudança linguística com base em dados do NORPOFOR. Além disso, temos notícias de importantes projetos de pesquisa desenvolvidos com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista e tendo como uma das principais fontes de dados justamente o NORPOFOR¹².

Estamos nos referindo aos projetos *Fotografias Sociolinguísticas de Fortaleza* (2010 - 2014) e *Retratos sociolinguísticos de aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos do falar de Fortaleza-CE* (2015 - em andamento), ambos coordenados pela profa. Dra. Aluiza Alves de Araújo e vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro

11 Com o intuito de proporcionar ao leitor (a) mais interessado (a) a oportunidade de realizar a leitura, na íntegra, dos trabalhos aqui citados, optamos por mencionar apenas aqueles que, até o fechamento deste capítulo, já se encontram publicados.

12 Além do NORPOFOR, os referidos projetos podem acolher, também, pesquisas realizadas com base em outros *corpora*, como o projeto Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT).



de Humanidades (CH) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). De igual modo, temos conhecimento de um terceiro projeto intitulado *Aspectos morfosintáticos do falar de Fortaleza: uma abordagem variacionista* – ASFOR¹³ que, por sua vez, esteve vigente de 2015 a 2017 e está vinculado não somente à UECE, mas também à Universidade Federal do Ceará (UFC). Frisamos que o ASFOR tem à sua frente as professoras Dra. Hebe Macedo de Carvalho (coordenadora) e Dra. Aluiza Alves de Araújo (colaboradora).

A respeito dos referidos projetos, convém destacar que eles acolhem trabalhos desenvolvidos tanto nos âmbitos da graduação e especialização na área da linguística, como no mestrado e doutorado vinculados à UECE e UFC¹⁴. Sobre o projeto ASFOR, mais especificamente, salientamos que ele não apenas proporcionou pesquisas desenvolvidas por pesquisadores iniciantes ou experientes na área da sociolinguística, mas também assinou uma importante parceria entre as duas principais universidades públicas do estado do Ceará.

Temos notícia ainda de um quarto projeto, a saber, *A monotongação no falar popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista*. Esse foi coordenado, especificamente, pela professora Dra. Aluiza Alves de Araújo, tendo sido iniciado no ano de 2009 e concluído em 2011.

Dentre os muitos resultados obtidos com a realização dos projetos supracitados, reservamos, para esta seção, a indicação das pesquisas realizadas a partir deles (ou não) e que têm em comum a extração de dados do falar fortalezense a partir do NORPOFOR. Assim, além dos artigos reunidos neste volume, temos notícias de trabalhos publicados em anais de evento, em periódicos especializados na área da linguagem e devidamente reconhecidos pelo *qualis* CAPES, bem como em forma de dissertações de mestrado e teses de doutorado. Com a indicação de tais estudos, em ordem cronológica, nesta seção, acreditamos que estamos não apenas divulgando estes trabalhos, mas também ressaltando a imensa contribuição dada pelo projeto NORPOFOR ao cenário acadêmico cearense e, por consequência, brasileiro também.

13 O referido Projeto foi contemplado pelo edital (MCTI/CNPQ/Universal 14/2014 - Processo N° 458309/2014-1).

14 Aqui, estamos nos referindo ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da UFC.



Dentre os trabalhos publicados em anais de eventos, temos conhecimento dos estudos de Araújo (2007b), sobre o fenômeno de monotongação no falar dos fortalezenses e Araújo (2010a), acerca do abaixamento da pretônica /o/. Já Rodrigues (2011) estuda a realização das fricativas /v, s, ch, z, j/, tanto no português popular, a partir do NORPOFOR como no português culto, com base no PORCUFORT; Rodrigues (2010b), por sua vez, aborda a realização variável das fricativas a partir de dados extraídos apenas do projeto NORPOFOR; Araújo A. (2012a), acerca do alteamento da postônica não final /e/ e Araújo A. (2012b), sobre o abaixamento da pretônica /e/.

Dentre os artigos publicados em períodos especializados, podemos destacar os trabalhos de Araújo (2010b), sobre o apagamento da pretônica /o/; Carvalho (2011), que investiga a alternância de modos verbais em orações subordinadas substantivas; Nascimento, Araújo e Carvalho (2013), a respeito do fenômeno de redução do gerúndio; Araújo e Almeida (2013), acerca do alteamento da postônica não final /o/; Carvalho (2014), com a alternância das formas subjuntivo e indicativo; Rodrigues e Araújo (2014), sobre a aspiração de /v/ e Rodrigues e Araújo (2015), acerca do apagamento da fricativa /v/ no morfema verbal 'ava'; Araújo, Guimarães e Carvalho (2016), sobre as formas de tratamento nominais macho e rapaz e Araújo, Guimarães e Pereira (2017), acerca das formas de tratamento nominais mulher e minha filha.

No âmbito das pesquisas realizadas em nível de mestrado, temos conhecimento das dissertações de mestrado de Araújo J., (2010), que se utilizou de 19 inquéritos para fazer uma análise funcionalista do verbo botar, juntamente a outros *corpora*; Maia (2011), sobre a concordância verbal com nomes coletivos; Brito (2013), acerca do clítico das estruturas de-transitivas; Rodrigues (2013), sobre o enfraquecimento de fricativas; Guimarães (2014), a respeito das formas de tratamento; Souza (2015), sobre a alternância entre os verbos ter, haver e existir em sentenças existenciais; Lacerda (2015), com a análise da variação do modo imperativo; Araújo M. (2016), acerca da variação entre os pronomes nós e a gente; Cysne (2016), sobre a monotongação do ditongo [ej]; Pereira (2016), acerca da variação na concordância verbal com a 3ª pessoa do plural; Santos (2016), sobre

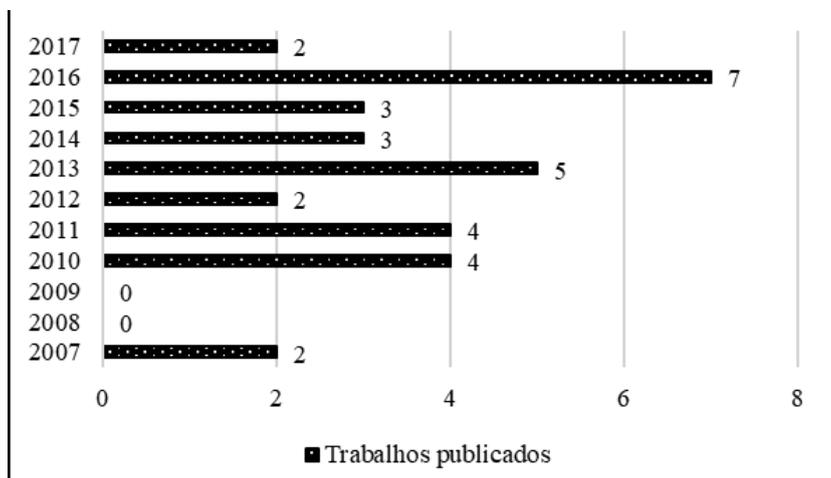


a variação das negativas sentenciais; Lima (2016), a respeito do emprego do objeto direto anafórico de terceira pessoa e Furtado (2017), acerca da variação na concordância de número em predicativos do sujeito.

No que se refere às teses de doutoramento, ressaltamos as pesquisas de Araújo (2007a), sobre as pretônicas médias; Nascimento (2010), acerca dos marcadores discursivos mais recorrentes no falar popular de Fortaleza-CE; Silva (2013), a respeito da colaboração intraturno do ouvinte e Araújo J. (2016), com uma análise das construções com verbo botar, enquanto verbo suporte, no que se refere as suas propriedades gramaticais e discursivas.

Apresentando todos os trabalhos já realizados com dados do NORPOFOR nos últimos 11 anos, temos os seguintes números revelados no Gráfico 7:

Gráfico 7 – Distribuição dos trabalhos realizados com dados do NORPOFOR nos últimos 10 anos



Fonte: elaborado pelas autoras.

A breve consideração sobre os 32 estudos mencionados, aqui, nos permite perceber, antes de qualquer coisa, a pluralidade de fenômenos de variação e mudança linguística já estudados na comunidade de fala de Fortaleza-CE a partir de dados fornecidos pelo projeto NORPOFOR. De



igual maneira, nos permite reafirmar a imensa contribuição da realização do projeto em foco ao cenário da pesquisa sociolinguística, bem como ao cenário acadêmico-científico local e brasileiro que, aliás, enfrenta um de seus mais delicados momentos. Afinal, as atuais políticas governamentais de desvalorização da pesquisa científica, assim como a falta de investimentos têm comprometido o desenvolvimento da ciência e ameaçado, conseqüentemente, o progresso social de nosso país.

Dessa maneira, a constante busca pela realização de estudos acerca desse sempre complexo fenômeno que é a linguagem, no espaço acadêmico, marca uma forma de resistência contra a diminuição do apoio à pesquisa e à crescente desvalorização do nosso trabalho. Em meio a esse cenário desfavorável, seguimos sem saber ao certo quando sairemos do ponto crítico e perigoso em que nos encontramos, mas confiantes das imensas contribuições que temos dado, por meio das pesquisas científicas, ao desenvolvimento do nosso país, de modo mais amplo, e ao conhecimento cada vez maior e consistente da nossa língua, de modo mais específico.

Considerações finais

Acreditamos que, até aqui, conseguimos apresentar, de forma minuciosa, as características do banco de dados do NORPOFOR, para que os pesquisadores em língua e cultura possam usar esses dados em pesquisas sobre a capital cearense e sobre os fortalezenses da década de 2000.

Trouxemos as características iniciais do *corpus* relacionadas à configuração do banco de dados sociolinguístico, sua comunidade de fala, seus informantes, atores que foram importantíssimos em cada contribuição dada à construção do banco de dados, assim como os equipamentos utilizados para a gravação, digitalização e arquivamento dos dados coletados.

Além das características físicas do NORPOFOR, fizemos questão de abordar, ainda, questões de cunho socioeconômicas e geográficas relativas à década de 2000, período onde aconteceram as coletas, com o objetivo de apresentar aos leitores e pesquisadores da fala fortalezense, uma contextualização da época e economia onde estavam inseridos todos os informantes do *corpus*.



Por fim, não menos importante, listamos todos os trabalhos acadêmicos realizados com dados extraídos do NORPOFOR em diversos aspectos da língua nos planos fonológico, morfológico, semântico e sintático. Esses trabalhos estão ligados aos projetos realizados pela Professora Dra. Aluiza Alves de Araújo, no âmbito da Universidade Estadual do Ceará, assim como em parcerias com a Universidade Federal do Ceará, como por exemplo, com a Professora Dra. Hebe Macedo de Carvalho.

Dessa forma, acreditamos que este texto venha a contribuir com pesquisadores de diversas áreas, que venham a se utilizar desse banco de dados de fala, não somente pelo viés linguístico, mas também sociocultural da cidade de Fortaleza-CE, apresentando as informações necessárias sobre este singular projeto que é o NORPOFOR e suas peculiaridades.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, A. **O dialeto caipira**. São Paulo: Editora Anhembi Ltda., 1976.
- ARAÚJO, A. A. de. **As vogais médias pretônicas no falar popular de Fortaleza**: uma abordagem variacionista. 2007, 152 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007a. Disponível em: <www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3597>. Acesso em: 12 mar. 2015.
- _____. A monotongação no falar dos fortalezenses. In: Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística, 5., 2007, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2007b. p. 794-795. Disponível em: <<http://abralin.org/site/data/uploads/anais/abralin-bh-2007/abralin2007.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2017.
- _____. O abaixamento da pretônica /o/ no falar popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista. In: Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 14., 2010, **Cadernos...** n. 2, t. 2. Rio de Janeiro: UERJ, 2010a. p. 1203-1214. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_2/1203-1214.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2017.
- _____. O alteamento da pretônica /o/ no falar popular de Fortaleza. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 30, n. 1, p. 99-104, 2010b. Disponível em: <<https://www.google.com.br/#q=O+alteamento+da+pret%C3%B4nica+%2Fo%2F+no+falar+popular+de+Fortaleza>>. Acesso em: 17 nov. 2015.



_____. O Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza – NORPOFOR. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOSOFIA, 15., 2011. Rio de Janeiro. **Cadernos...** Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. p. 835-845. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xv_cnlff/tomo_1/72.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2018.

_____. O alteamento da postônica não final /e/ no falar popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista. In: Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 16., 2012, **Cadernos...** Rio de Janeiro. 2012a. p. 911-920.

_____. O abaixamento da pretônica /e/ no falar popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista. In: Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística, 2., 2012, Belém. Diversidade linguística e políticas de ensino. **Anais...** v. 2. São Luís: EDUFMA, 2012b. p. 908-917.

_____; ALMEIDA, B. K. de. O alteamento da postônica não final /o/ no falar popular de Fortaleza: um olhar variacionista. **Web - Revista Sociodialeto**, [s.l.], v. 3, p. 298-308, 2013. Disponível em: <<http://sociodialeto.com.br/edicoes/14/01042013031636.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

_____; GUIMARÃES, T. de A. A. S. de; CARVALHO, H. M. de. As formas de tratamento nominais em questão: o uso de macho e rapaz no falar de Fortaleza. **Confluência**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 50, p. 128-147, 2016. Disponível em: <<http://llp.bibliopolis.info/confluencia/rc/index.php/rc/article/view/141>>. Acesso em: 14 dez. 2017.

_____; GUIMARÃES, T. de A. A. S. de; PEREIRA, M. L. de S. As formas de tratamento nominais mulher e minha filha no falar de Fortaleza. **Confluência**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 53, p. 192-211, 2017. Disponível em: <<http://llp.bibliopolis.info/confluencia/rc/index.php/rc/issue/view/11/showToc>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

ARAÚJO, A. M. M.; CARLEIAL, A. N. Opulência e miséria nos bairros de Fortaleza (Ceará/Brasil). **Scripta Nova (Revista Eletrônica de Geografia e Ciências Sociais)**. Universidad de Barcelona. v. VII, n. 146, p. 01-16, 2003. Disponível em: <[http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146\(030\).htm](http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146(030).htm)>. Acesso em: 16 nov. 2015.

ARAÚJO, J. G. G. de. **Análise das construções com verbo suporte botar**: propriedades gramaticais e discursivas. 2016. 122 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/22150>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

_____. **As construções com o verbo botar**: aspectos relativos à gramatização. 2010. 115 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8850/1/2010_dis_jggaraujo.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2017.



ARAÚJO, M. A. M. **Será que a gente usa mais o nós?** Uma fotografia sociolinguística do falar popular de Fortaleza. 2016. 148 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Marden%20Alyson%20de%20Ara%C3%BAjo.pdf.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2016.

BRITO, J. R. de S. **Análise variacionista do clítico das estruturas de-transitivas mediais no português oral popular de Fortaleza.** 2013, 153 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8200/1/2013_dis_jrsbrito.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2017.

CARVALHO, H. M. de. Alternância das formas subjuntivo e indicativo na fala do Ceará: uma análise variacionista. **Linha D'Água (Online)**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 169-190, jun. 2014. Disponível em: <www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/77946>. Acesso em: 02 jun. 2017.

_____. Alternância dos Modos Verbais em Entrevistas Sociolinguísticas: Tipo de Verbo, Tempo e Modalidade. **Interdisciplinar**, São Cristóvão, UFS, ano VI, v.14, p. 65-75, jul./dez. 2011. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1062>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

CASTILHO, A. T. de; PRETI, D. (Orgs.). **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo:** materiais para seu estudo. v. 1. São Paulo: T. A. Queiroz; Fapesp, 1986.

CYSNE, M. R. P. **A monotongação do ditongo /ej/ no falar popular de Fortaleza.** 2016. 103 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Marcus%20Portela.pdf.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2017.

FEIJÓ, J. R.; MEDEIROS, C. N. de. Aspectos Demográficos de Fortaleza. In: MENEZES, A. S. B. de; MEDEIROS, C. N. de. (Orgs.). **Perfil Socioeconômico de Fortaleza.** 2. ed. Fortaleza: IPECE, 2012. p. 9-23.

FREITAG, R. M. K; MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidade e limitações. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 56, n. 3, p. 917- 944, 2012. Disponível em: <<http://www.ceap.br/material/MAT21042014231932.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2017.

FURTADO, B. A. de A. **A concordância de número em predicativos do sujeito:** variação linguística em Fortaleza. 2017. 151 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal



do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/26900>>. Acesso em: 14 dez. 2017.

GUIMARÃES, T. de A. A. S. de. **Tu é doído, macho!** A variação das formas de tratamento no falar de Fortaleza. 2014. 237 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014. Disponível em: <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/DISSERTACAO_TATIANE.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2017.

GUY, G. R. ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa:** instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos.** Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LACERDA, J. C. S. **O uso variável do modo imperativo na fala de Fortaleza.** 2015. 95 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/16792>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

LIMA, T. M. de. **O emprego do objeto direto anafórico de terceira pessoa na língua falada de Fortaleza.** 2016. 157 f. Dissertação (Mestrado em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2016.

MAIA, J. P. F. **Variação na concordância verbal com nomes coletivos em Fortaleza-CE.** Fortaleza. 2011. 111 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8288>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

NASCIMENTO, J. C. D. do. **Marcadores discursivos na norma popular oral de Fortaleza.** Fortaleza. 2010. 193 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8893>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

NASCIMENTO, K. R. S. do; ARAÚJO, A. A. de.; CARVALHO, W. J. de A. A redução do gerúndio no falar popular de Fortaleza: um olhar variacionista. **Veredas On-Line - Aemáticas**, Juiz de Fora: UFJF, v, 17, n. 2, p. 393-413, 2013. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2014/04/21%C2%BA-ARTIGO.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

PEREIRA, M. L. de S. **Por que eles não concorda?** Mecanismos de variação na concordância verbal no falar popular de Fortaleza – CE. Fortaleza. 2016. 176 f.



Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: <<http://www.uece.br/posla/index.php/dissertacoes/288-2016>>. Acesso em: 14 dez. 2017.

REPPEN, R.; FITZMAURICE, S. M.; BIBER, D. **Using corpora to explore linguistic variation**. John Benjamins Publishing Company: Amsterdam/Philadelphia, 2002.

RODRIGUES, A. G. P. As fricativas /v s ch z j/ no Português Oral Popular e Culto de Fortaleza: uma abordagem variacionista. In: Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística, 1., 2010, São Luís. **Anais...** São Luís: UFMA, 2011a. 1 CDROM., v. 1. p. 9-18.

_____. A realização de fricativas no Português Oral Popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista. In: Encontro das Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino, 5., 2011, Natal. **Anais...** Natal: GELNE, 2011b. p. 1-10.

_____. **Ramô rê se rai dá certo**: o enfraquecimento da fricativa /v/ no falar de Fortaleza. 2013. 170 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013. Disponível em: <<http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Anagermanapontesrodrigues>>. Acesso em: 03 jun. 2015.

_____; ARAÚJO, A. A. de. Falarra tanto que cansarra: a aspiração de /v/ no morfema verbal -ava no falar de Fortaleza-CE. **Letras & Letras**, [S.l.], v. 31, n. 2, p. 157-187, dez. 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/31305>>. Acesso em: 14 dez. 2017.

_____. Tarra onde, menina réa? A aspiração de /v/ no falar de Fortaleza. **REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**, [S.l.], v. 22, n. 2, p. 11-58, dez. 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/6355>>. Acesso em: 14 dez. 2017.

SANTOS, J. C. F. dos. **Não quero não!** As negativas sentenciais no falar popular de Fortaleza/CE na perspectiva variacionista. 2016. 121 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: <<http://www.uece.br/posla/index.php/dissertacoes/288-2016>>. Acesso em: 14 dez. 2017.

SILVA, K. E. do N. e. **Colaboração intraturno na construção dos enunciados da norma oral do português popular da cidade de Fortaleza**. 2013. 240 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8245>>. Acesso em: 17 nov. 2017.



SILVA, V. H. de O.; NASCIMENTO, C.; FEIJÓ, J. **Perfil Municipal de Fortaleza:** Tema VII: Distribuição Espacial da Renda Pessoal. Informe nº 42 – Edição Especial. Fortaleza: IPECE, 2012.

SOUZA, F. F. de. **Tem chance de haver ainda existir no falar popular?** A variação dos verbos existenciais em amostra do NORPOFOR. 2015. 106 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em: <<http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20%20Francisco%20F.%20de%20Souza.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2017.

SOUZA, M. S. de. Análise da estrutura urbana. In: DANTAS, E. W. C.; SILVA, J. B. da; COSTA, M. C. L. (Orgs.). **De cidade a metrópole:** (trans)formações urbanas em Fortaleza. Fortaleza: Edições UFC, 2009. p. 13-87.



VARIAÇÃO DE NÚMERO EM PREDICATIVOS DO SUJEITO EM FALANTES FORTALEZENSES¹

Bárbara Amaral de Andrade Furtado (UFC)

Hebe Macedo de Carvalho (UFC)

Introdução

Partindo do pressuposto de que língua e sociedade se relacionam e se entrelaçam e de que, a partir dessa relação, impulsionam a variação e a mudança linguística, estudamos, neste trabalho, a variação de número em constituintes denominados predicativos do sujeito. Buscamos investigar, neste estudo, como esse fenômeno variável ocorre na cidade de Fortaleza, capital do estado do Ceará, e quais fatores linguísticos e extralinguísticos motivam essa variação.

Para efeito de análise de dados, a variação da concordância de número em predicativos do sujeito foi examinada de forma binária, cujas variantes são a presença explícita de marcas de plural em predicativos do sujeito *versus* a ausência de marcas explícitas de plural em predicativos do sujeito. As orações que foram controladas estão estruturadas com a seguinte configuração sintagmática: Sujeito [explícito ou ausente] + Verbo de Ligação [explícito ou ausente] + Predicativo do Sujeito. Predicativos com participios passivos foram desconsiderados neste estudo. Abaixo, é possível conferir exemplos da manifestação desse fenômeno.

- a) Sujeito explícito + verbo de ligação explícito + predicativo do sujeito no plural

¹ Este texto é parte da dissertação de Furtado (2017).



(1) Nós somos bem *aventurados* (Inq. 7, h, 9-11 anos, EF).²

b) Sujeito explícito + verbo de ligação + predicativo do sujeito **sem** plural

(2) Vocês São muito *verminosa*Ø (Inq. 50, m, 9-11 anos, D2).

c) Sujeito não explícito + verbo de ligação + predicativo do sujeito no plural

(3)[...] ou então estão tão *cansados* e *esgotados* (Inq. 24, m, 9-11 anos, EF).

d) Sujeito não explícito + verbo de ligação + predicativo do sujeito **sem** plural

(4)[...] mas são muito *ignorante*Ø (Inq. 49, m, 9-11 anos, D2).

São objetivos deste estudo: a) mensurar a frequência da presença de marcas de plural em predicativos do sujeito em dados de fala de Fortaleza; b) investigar a atuação dos fatores linguísticos *paralelismo formal*, *características formais do verbo da oração* e *características formais do sujeito da oração* e da variável social *sexo* do falante nesse uso linguístico. Ressaltamos que essas foram as variáveis selecionadas significativamente pelo Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).³

2 As informações entre parênteses são referentes à identificação e estratificação social do informante adotada pelo NORPOFOR: Inq. – inquérito; h – homem; m – mulher; 9 – 11 anos – tempo de escolaridade; D2 – tipo de inquérito Diálogo entre Dois Informantes; EF – tipo de inquérito Elocução Formal.

3 Para a realização da pesquisa, foram controladas também as variáveis linguísticas *estrutura do predicativo*, *tonicidade dos itens regulares*, *presença de material interviniente entre verbo e sujeito* e o *processo morfológico de formação do plural do item estudado* e as variáveis extralinguísticas *escolaridade* e *tipo de elocução*. Essas variáveis não foram selecionadas pelo programa estatístico. Em função do limite de páginas exigido, esses grupos de fatores não serão explorados, neste texto (Cf. FURTADO, 2017).



São duas as questões que norteiam este estudo: Qual a frequência de uso da presença de marca de plural em predicativos do sujeito, em falantes fortalezenses com até 11 anos de escolarização? Qual o efeito de fatores linguísticos e sociais sobre esse fenômeno de concordância nominal em predicativos do sujeito?

Partimos das seguintes hipóteses de estudo: (1) o sexo do falante condiciona usos linguísticos, em especial, o uso de marca de plural em predicativos que concordam com o sujeito da sentença também no plural. Nossa hipótese é a de que falantes do sexo feminino apresentem maior tendência nesse uso considerado padrão na língua portuguesa, seguindo a tendência de outros estudos acerca da concordância nominal de número em predicativos (SCHERRE, 1991; DIAS, 1996); (2) para as variáveis linguísticas, consideramos que o fenômeno é sensível ao efeito do paralelismo formal. Assim, o predicativo do sujeito precedido por predicativos do sujeito com marca de plural /s/ tende a ser marcado no plural, seguindo a tendência já atestada em outros estudos sobre a concordância nominal nesses constituintes (SCHERRE, 1991; DIAS, 1996);⁴ (3) verbos de ligação no plural condicionam a presença de marca explícita de plural /s/ no predicativo do sujeito; (4) a presença de plural no sujeito da sentença condiciona a presença de marca explícita de plural /s/ no predicativo do sujeito. Essas hipóteses partem do paralelismo linguístico (SCHERRE, 1991; DIAS, 1996), segundo o qual marcas levam a marcas e zeros levam a zeros.

Pressupostos

O fenômeno ora analisado constitui regra variável nos termos de Labov (1972, 2008), segundo o qual dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas com o mesmo valor de verdade constituem-se como variantes de uma mesma variável. A Teoria da Variação e Mudança Linguística objetiva analisar duas ou mais formas para indicar uma mesma função (em fonologia e em outros níveis), desde que alguns critérios delimitem a variável em questão, para que o mesmo significado representacional não seja contestado. O pressuposto é de que o sistema linguístico

4 Diferentemente desses estudos, não consideramos predicativos passivos na análise.



é heterogêneo, dinâmico, variável e condicionado por fatores linguísticos e extralinguísticos.

Segundo Labov (1978, p. 6), o estudo da variável linguística “requer uma série de passos preliminares direcionados à eliminação de todos os contextos em que duas formas que se alternam contrastam-se”.⁵ Deve-se controlar a ocorrência da variante *versus* sua não ocorrência, de modo que essa alternância não comprometa o significado referencial da sentença. A variável linguística é recortada por variantes que devem ser quantificadas em análise de probabilidades de ocorrência ou não ocorrência, sob a hipótese de condicionamentos de fatores linguísticos e extralinguísticos. Nesse sentido, para efeito de estudos, as variantes em competição podem ser: binárias, em que duas formas variantes coocorrem; ternárias, em que são controladas três variantes; ou eneárias, em que há mais de três variantes em competição no sistema linguístico. A variável linguística deste estudo apresenta como variantes a presença de marcação explícita de plural no predicativo do sujeito *versus* a ausência de marcação explícita de plural no predicativo do sujeito.

Alguns estudos sociolinguísticos acerca da variável concordância nominal em predicativos

Como já foi enunciado, estudamos, aqui, a concordância de número no português brasileiro em predicativos do sujeito. Investigamos a presença de plural *versus* sua ausência no constituinte da oração denominado predicativo do sujeito.

Scherre (1991) realizou estudos sobre esse fenômeno na fala de 64 indivíduos do Rio de Janeiro, com amostras do *Corpus* Censo do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL), estratificados por sexo masculino e feminino, tendo entre 1-4, 5-8 e 9-11 anos de escolaridade, e 7-14, 15-25, 26-49 e 50-71 anos de idade. A autora utilizou nove variáveis linguísticas como condicionadoras da variação de número nos predicativos do sujeito e participios passivos: o paralelismo formal das sequências

5 “The definition of the variable requires a series of preliminary steps directed at eliminating all the contexts in which the two alternant forms contrast” (LABOV, 1978, p. 6, tradução nossa).



do predicativo/particípio passivo, as características formais do sujeito, as características formais do verbo, a estrutura do predicativo, os processos morfofonológicos de formação de plural, a tonicidade dos itens singulares, a ordem dos elementos na estrutura e o material interveniente entre o verbo e o predicativo. A autora concluiu que foram variáveis estatisticamente significativas para a ocorrência de marcas explícitas de plural o paralelismo formal, as características formais do sujeito, as características formais do verbo, a estrutura do predicativo e os processos morfofonológicos de formação de plural. Comprovando a teoria do processamento paralelo apresentada por Poplack (1980) e os resultados obtidos por Scherre (1988), a autora confirma, nesses dados, em geral, que marcas explícitas de plural levam a marcas explícitas de plural, assim como a ausência de tais marcas levam à sua ausência. Com esses resultados, também pode comprovar a ação da saliência fônica sobre esse fenômeno. As variáveis não significativas para o fenômeno no estudo de Scherre (1991) foram a tonicidade dos itens singulares, a ordem dos elementos na estrutura, o material interveniente entre o sujeito e o verbo e o tipo de estrutura.

Tratando-se das variáveis sociais, Scherre (1991) concluiu que as mulheres favorecem as formas de prestígio (as formas predicativas marcadas de plural) mais do que os homens e que a escolarização é fator significante para a forma de prestígio, ou seja, quanto mais escolarizado o falante, maior a tendência a usar marcas de plural, nesse caso, aquela que apresenta a marca de plural /s/ no predicativo. Além disso, adultos de meia idade tendem a favorecer a forma mais prestigiada mais que jovens e velhos, confirmando o padrão da curva em S, estabelecido por Labov (1994), ao dizer que a mudança se inicia lentamente em sujeitos mais jovens, propaga-se mais rapidamente em sujeitos de idade intermediária e se estabelece em sujeitos mais velhos.

Outro estudo que encontramos, realizado no Brasil, sobre a concordância de número no predicativo do sujeito/particípio passivo foi a dissertação de mestrado de Dias (1996). A autora usou como *corpus*, para seu trabalho, o projeto Variação Linguística Urbana do Sul do País (VARSUL), que engloba amostra da fala de habitantes dos três estados (Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná) do sul do Brasil.



Como variáveis sociais, Dias (1996) considerou, em seu trabalho, a localização do falante (Florianópolis/SC, Chapecó/SC, Irati/PR); o sexo do falante (homens e mulheres); a escolaridade, que foi estratificada por primária, ginásial e colegial; e a faixa etária, estratificada por falantes de 25 a 50 anos e falantes de mais de 50 anos.

Para suas variáveis linguísticas, Dias (1996) replicou as mesmas utilizadas por Scherre (1991) e introduziu uma nova variável: a distância do sujeito correferente. Essa variável foi introduzida devido a resultados encontrados por Scherre (1991), tratando-se das características formais do sujeito.

Scherre (1991) observou em seus dados que, quebrando a tendência do paralelismo formal, o sujeito zero, ou seja, a ausência do sujeito explícito na sentença não favorecia a ausência de marcas de plural. Mesmo com um peso relativo (0.49) ainda abaixo daquele de todas as marcas explícitas de plural (0.59), o sujeito zero não mostrou os resultados esperados, pensando no Princípio do Processamento Paralelo. Levando isso em consideração, Dias (1996) introduziu essa nova variável para tentar descobrir a causa de tal fenômeno.

A autora busca em Givón (1983) o conceito de distância correferencial e hipotetiza que, quanto maior for a distância referencial (de um sujeito zero), maiores são as chances de os predicativos/participios passivos serem não marcados.

Os resultados dos trabalhos de Scherre (1991) e Dias (1996), embora bastante similares em suas escolhas de variáveis linguísticas e sociais, apresentaram algumas diferenças quanto aos resultados.

Para Dias (1996), a tonicidade dos itens singulares se mostrou uma variável estatisticamente significativa, o que não havia ocorrido no trabalho de Scherre; assim como a distância do sujeito correferente, que não estava no trabalho anterior. Por outro lado, os processos morfofonológicos de formação de plural, que haviam se mostrado significantes no trabalho de Scherre (1991), não aparecem como significativos no trabalho de Dias, cujos resultados finais são próximos dos de Scherre (1991), com aproximadamente 43% de aplicação de marca formal de plural /s/ nos predicativos do sujeito.



Se pensarmos nas semelhanças entre os dois trabalhos e nas diferenças entre os resultados, somos levadas a crer que a localidade do falante é, de fato, significativa para os resultados desta pesquisa. Se pensarmos em termos de saliência fônica e diferenças de pronúncia e sotaque, podemos ver como, em algumas regiões, esse fator pode se mostrar mais significativo que em outras. Dependendo de como os falantes pronunciam certos fonemas, como as sibilantes [s] e [z], pode-se aumentar ou diminuir a saliência fônica, que se mostrou uma variável estatisticamente relevante nos resultados das pesquisas. Este trabalho tomou como base esses estudos no que concerne às variáveis linguísticas e replicou-as nos dados de fala da cidade de Fortaleza, cujos resultados podem ser conferidos na seção denominada análise de dados.

Metodologia

Para a composição da amostra, foram considerados 48 informantes do *corpus* NORPOFOR, estratificados em sexo (24 homens e 24 mulheres) e escolaridade (24 informantes com 0 – 8 e 24 informantes com 9 – 11 anos de escolarização). A amostra também está estratificada por tipos de elocução da fala D2 – Diálogos entre Dois Informantes e de EF – Elocução Formal (24 inquiridos). Para o tipo de elocução, escolhemos os inquiridos D2 e EF, dada sua natureza informal e formal, respectivamente, segundo os critérios adotados para a constituição do *corpus* NORPOFOR (ARAÚJO, 2011). Os detalhes dessa estratificação podem ser conferidos no Quadro 1.

Quadro 1 – Caracterização da amostra da pesquisa

Sexo	Masculino		Feminino	
	D2	EF	D2	EF
Escolaridade/Tipo de elocução				
0-8 anos de escolarização	6	6	6	6
9-11 anos de escolarização	6	6	6	6
Número de Informantes	12	12	12	12

Fonte: elaborado pelas autoras.



Variáveis linguísticas

Nesta subseção, serão apresentadas as variáveis linguísticas sob controle.

Paralelismo formal

Essa variável foi a primeira das três variáveis linguísticas a ser selecionada como estatisticamente significativa. O paralelismo formal foi estudado inicialmente por Poplack (1980), em relação às marcas ou não marcas de plural do espanhol porto-riquenho. A autora conclui que estruturas similares, quando aparecem paralelamente, levam à repetição do fenômeno linguístico. Em suas palavras, “a presença de uma marcação de plural antes do símbolo favorece a retenção da marcação naquele símbolo, enquanto a ausência de uma marcação precedente, favorece a ausência”⁶ (POPLACK, 1980, p. 63).

No Brasil, Scherre (1988) adota essa variável em seu estudo da concordância nominal de número, principalmente em nível sintagmático, e observa a sistematicidade do paralelismo, de modo que “marcas levam a marcas” e “zeros levam a zeros”. Segundo Scherre e Naro (1998, p. 31), “tende-se a repetir variantes explícitas de plural – codificando mais o que é mais previsível – e tende-se a repetir variantes zero de plural – codificando menos o que é menos previsível”. Ressalta-se, assim, que esse processo se estende a outros fenômenos linguísticos variáveis, embora seja primariamente associado a fenômenos de concordância, e tende a apresentar uniformidade em seus resultados. A seguir, veremos exemplos dessa variável:

a) Predicativo do sujeito em construção isolada

(5) Elas eram mais *organizadas* (Inq. 77, m, 9-11 anos, D2).

b) Primeiro de uma série

(6) Os homens seria amantes de si mesmo [...] *pretenciosos* [...] *soberbos* [...] *blasfemadores* [...] *desobediente*Ø ao pai (Inq. 124, h, 5-8 anos, EF).

6 “Presence of a plural marker before favors marker retention on that token, whereas absence of a preceding marker favors deletion” (POPLACK, 1980, p. 63, tradução nossa).



- c) Predicativo precedido de predicativo com todas as marcas de plural
- (7) [...] são muito *egoístas* [...] mas são muito *religiosos* (Inq. 49, m, 9-11 anos, D2).
- d) Predicativo precedido de predicativo **sem** marca de plural
- (8) [...] no interior, as coisa são muito *difícil*Ø [...] no interior as coisa são muito mais *difícil*Ø (Inq. 4, m, 9-11 anos, D2).

Características formais do verbo da oração

A variável características formais do verbo da oração foi outro fator considerado estatisticamente significativo pelo programa Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

Com essa variável, partimos ainda da hipótese iniciada a partir do paralelismo formal, inspirada pelos trabalhos de Scherre (1991) e Dias (1996), de que marcas explícitas de plural conduzem a marcas explícitas de plural e de que o apagamento dessas marcas condiciona à sua ausência. Dessa vez, a análise foi feita em níveis sentenciais, de forma que marcas explícitas de plural no verbo levam a marcas explícitas de plural no predicativo do sujeito, assim como a ausência de marcas explícitas de plural no verbo leva à ausência de marcas explícitas de plural no predicativo do sujeito. Em síntese, a marca formal de plural *versus* sua ausência no verbo da oração influencia o uso do predicativo do sujeito.

- e) Zero verbal: quando o verbo não aparece explícito na sentença
- (9) [...] hoje as pessoas são o quê? [...] *Desempregadas* (Inq. 77, m, 9-11 anos, D2).
- f) Verbo com marca de plural
- (10) As coisas estão *caríssimas* (Inq. 77, m, 9-11 anos, D2).
- g) Verbo sem marcas de plural
- (11) As tomada tudo é *baixa* (Inq. 4, h, 9-11 anos, D2).



Características formais do sujeito da oração

A última variável a ser considerada estatisticamente significativa pelo programa foi o fator características formais do sujeito da oração. Quando analisado, este fator reforça a regularidade dos resultados referentes ao princípio do paralelismo formal, assim como as características formais do verbo da oração. No português brasileiro, tanto sujeitos quanto verbos podem vir explícitos na frase; eles também podem permanecer ocultos, sendo sua ideia apenas referencial. Quando o sujeito está oculto na sentença (o que, nesse grupo de fatores, chamamos de sujeito zero), de acordo com a gramática tradicional, o predicativo deve concordar com o sujeito referente implícito. Dessa forma, subdividimos nossa variável, como mostraremos a seguir:

h) Sujeito zero

(12) [...] mas Ø são muito *ignorantes* (Inq. 49, m, 9-11 anos, D2).

i) Sujeito explícito com todas as marcas de plural

(13) As peessoas eram mais *temíveis* (Inq. 77, m, 9-11 anos, D2).

j) Sujeito explícito com a última marca de plural /s/ neutralizada

(14) Os jovenS São realmente *largados* (Inq. 77, m, 9-11 anos, D2).

k) Sujeito explícito sem a última marca formal de plural

(15) As coisaØ são muito *difícil*Ø (Inq. 4, m, 9-11 anos, D2).

l) Sujeito explícito com a marca semântica de plural (nós e numerals isolados)

(16) Nós estamos *exaustas* (Inq. 50, m, 9-11 anos, D2).

A seguir, serão apresentados os resultados e a discussão referentes à análise de dados.



Análise de dados

Nesta seção, apresentamos os resultados e as discussões referentes ao efeito de fatores linguísticos e sociais selecionados significativamente como condicionadores das formas variantes da concordância de número no predicativo do sujeito da oração. Lembramos que as variantes sob análise são a presença *versus* a ausência de marca morfológica de plural no constituinte da sentença predicativo do sujeito. Os dados, após seleção, coleta e codificação, foram submetidos ao programa estatístico computacional Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Foram coletadas 207 ocorrências ao todo, sendo 66,2% de presença de marca de plural explícita /s/ no predicativo do sujeito e 33,8% de ausência da marca de plural no predicativo do sujeito na fala de Fortaleza, conforme a Tabela 1.

Tabela 1 – Distribuição geral da presença da marca formal de plural /s/ versus ausência de marca de plural em predicativos de sujeito: amostra de Fortaleza

Concordância nominal em predicativos do sujeito	Aplica/Total	%
Presença de marca formal de plural /s/	137/207	66,2
Ausência da marca formal de plural Ø	70/207	33,8

Fonte: elaborada pelas autoras.

Os resultados da Tabela 1 apontam a concordância de número no predicativo do sujeito, ou seja, aquela que apresenta marcas explícitas de plural, variante considerada de prestígio no português brasileiro, como a variante com maior frequência de uso na cidade de Fortaleza (66,2%). Esses resultados, tomados em relação aos dados do Rio de Janeiro – 50% de presença de marca de plural em predicativos (SCHERRE, 1991) – e aos dados de fala do Sul do país – 43% de presença de marca de plural (DIAS, 1996) – indicam que os falantes fortalezenses são mais conservadores no uso da concordância nominal em predicativos do sujeito.

Variáveis linguísticas

Apresentada a distribuição geral dos dados na fala de Fortaleza, será delineada, em seguida, a análise do efeito das variáveis linguísticas e da variável social sexo selecionadas como condicionadoras do fenômeno em estudo.



Características formais do verbo da oração

Para as características formais do sujeito, também nos baseamos nos trabalhos apresentados previamente por Scherre (1991) e Dias (1996) para formular nossa hipótese, que tem como base o paralelismo formal e sugere que verbos com marcas explícitas de plural levam a predicativos com marcas explícitas de plural, assim como verbos sem marcas explícitas de plural levam a predicativos sem marcas explícitas de plural. Este foi o primeiro grupo selecionado pelo programa estatístico.

Tabela 2 - Efeito das características formais do verbo em predicativos do sujeito com presença explícita de marca de plural

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Verbo com marca de plural	114/153 ⁷	74,5	0,606
Zero verbal	15/20	75	0,536
Verbo sem marca de plural	8/34	23,5	0,117
Total	137/207	66,2	-

Fonte: elaborada pelas autoras.

Input: 0,662

Os resultados, expostos na Tabela 2, mostram-se em conformidade com a hipótese de que o verbo de ligação com marca explícita de plural condiciona a presença de plural no predicativo do sujeito (0,606), enquanto que o verbo de ligação sem marca de plural condiciona predicativos sem marca de plural (0,117). A concordância nominal de número plural entre o verbo e o predicativo é mais recorrente em nossos dados do que a não concordância.

a) Verbo com marca de plural

(17) As cores das roupas eram diferentes (Inq. 3, m, 9-11 anos, EF).

b) Verbo sem marca de plural

(18) Tem pessoas que já foi *homossexual* (Inq. 121, m, 0-4 anos, EF).

c) Zero verbal

(19) [...] hoje as pessoas são o quê? [...] *Desempregadas* (Inq 77, m, 9-11 anos, D2).



Paralelismo formal das sequências de predicativo

Partindo da hipótese apresentada anteriormente, buscamos a confirmação do princípio de que a presença de marcas explícitas de plural leva a marcas explícitas de plural, enquanto a ausência de tais marcas leva a seu apagamento. O resultado desse segundo grupo de fatores selecionado confirma nossa hipótese para essa variável, tendo em vista que o processamento paralelo tende a apresentar resultados regulares em estudos de concordância (SCHERRE, 1991; DIAS, 1996).

Tabela 3 – Efeito do paralelismo formal das sequências: predicativo do sujeito sob análise com presença de marca de plural

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Predicativo precedido de predicativo com todas as marcas de plural	35/39	89,7	0,703
Predicativo do sujeito em construção isolada	70/101	69,3	0,544
Casos Mistos	4/6	66,7	0,520
Primeiro de uma série	22/39	56,4	0,409
Predicativo precedido de predicativo sem todas as marcas de plural	6/22	27,3	0,153
Total	137/207	66,2	-

Fonte: elaborada pelas autoras.

Input: 0,662

Em termos gerais, observa-se, na Tabela 3, o efeito do paralelismo em duas direções: 0,703 de peso relativo em sentenças cujo predicativo é precedido de outro predicativo com marca explícita de plural, favorecendo a presença de marca em predicativos. Em outra direção, as ocorrências precedidas de predicativo sem marca de plural tendem a ocorrer paralelamente sem marca, com 0,153 de peso relativo, desfavorecendo a concordância. Os exemplos seguintes ilustram essas ocorrências.

- a) Predicativo sob análise precedido de predicativo com marca de plural

(20) Nós somos *fiéis* a ele... somos *fiéis* (Inq. 145, m, 0-4 anos, EF).

- b) Predicativo sob análise precedido de predicativo sem marca de plural



- (21) no interior as coisa são muito *difícil*Ø [...] no interior as coisa são muito mais *difícil*Ø (Inq. 4, m, 9-11 anos, D2).

Predicativo do sujeito em construção isolada (0,540) e os casos mistos (0,521) apresentam resultados próximos ao ponto neutro, com tendência ao não favorecimento do fenômeno. Seguem exemplos dessas ocorrências.

- c) Predicativo do sujeito em construção isolada
 (22) Porque seus filhos eram tão *doentios* (Inq. 124, h, 5-8 anos, EF).
- d) Casos mistos: ocorrências em série cujo predicativo sob análise é precedido por formas marcadas e seguido por formas não marcadas
 (23) Os homens seria amantes de si mesmo [...] pre-
tenciosos [...] soberbos [...] blasfemadores [...] de-
sbedienteØ ao pai (Inq. 124, h, 5-8 anos, EF).

Foram poucas as ocorrências de predicativos em casos mistos, nos dados de fala de Fortaleza, totalizando, apenas 6 ocorrências. Portanto, não apresentamos evidências mais consistentes para interpretação do efeito do paralelismo em relação à variação de número nos predicativos do sujeito.

Características formais do sujeito da oração

O último a ser considerado estatisticamente significativo pelo programa foi o fator características formais do sujeito da oração que, quando analisado, reforça a regularidade dos resultados referentes ao princípio do paralelismo formal, assim como as características formais do verbo da oração. No português brasileiro, tanto sujeitos quanto verbos podem vir explícitos na frase, como também podem permanecer ocultos, sendo sua ideia apenas referencial. Quando o sujeito está oculto na sentença (o que, nesse grupo de fatores, chamamos de sujeito zero), de acordo com a gramática tradicional, o predicativo deve concordar com o sujeito referente implícito. Dessa forma, subdividimos nossa variável, como mostraremos na Tabela 4:



Tabela 4 – Atuação das características formais do sujeito em orações com predicativo do sujeito com presença de marca de plural

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Sujeito explícito com todas as marcas formais de plural	58/78	74,4	0,609
Sujeito zero	51/69	73,9	0,582
Sujeito explícito com marca semântica de plural	25/46	54,3	0,349
Sujeito explícito sem a última marca formal de plural	3/14	21,4	0,114
Total	137/207	66,2	-

Fonte: elaborada pelas autoras.

Input: 0,662

Podemos observar, na Tabela 4, que orações com sujeito explícito com todas as marcas formais de plural tendem a condicionar a presença de plural em predicativos do sujeito (0,609). Por outro lado, sujeito explícito sem a última marca formal de plural condiciona o apagamento de plural nesse item lexical que funciona como predicativo na oração (0,114). As ocorrências de sujeito zero aparecem com peso relativo (0,582) um pouco acima do ponto neutro de 0,50, indicando um leve favorecimento à presença de marca no predicativo. A ausência de plural no último item lexical do sujeito explícito (cf. exemplo b) e sujeitos preenchidos com marca semântica de plural tendem a desfavorecer predicativos no plural (0,114).

- a) Sujeito explícito com todas as marcas de plural ou com a última marca de plural /s/ neutralizada⁸

(24) As cores das roupas eram diferentes (Inq. 3, m, 9-11 anos, EF).

(25) Vocês São muito verminosaØ (Inq. 50, m, 9-11 anos, D2).

(26) Os conflitoS São constantes (Inq. 77, m, 9-11 anos, EF).

⁸ Durante a coleta de dados, incluímos ocorrências de sujeito explícito no plural em que há neutralização de {-s}, morfema de plural, no vocábulo que constitui o sujeito da sentença, com o fonema /s/ inicial do vocábulo seguinte (Cf. exemplos 27 e 28).



- b) Sujeito explícito sem a última marca formal de plural
(27) As pessoaØ às vezes estão aflitaØ (Inq. 97, h, 9-11 anos, EF).
- c) Sujeito explícito com a marca semântica de plural (nós e numerais isolados)
(28) Nós somos bem *aventurados* (Inq. 7, h, 9-11 anos, EF).

Em linhas gerais, é possível afirmar que a presença de plural em predicativos do sujeito é regida, do ponto de vista morfossintático, pelas características formais do verbo de ligação e pela presença de marca de plural no sujeito da oração, variáveis controladas com base na variável paralelismo formal. Há uma coerência interna surpreendente: sujeitos explícitos no plural (0,646) mais verbos de ligação no plural (0,609) tendem a favorecer predicativos no plural.

A variável sexo do falante

A variável sexo foi a única variável social selecionada pelo programa como estatisticamente significativa. Tratando-se da referida variável, é importante ressaltar que consideramos o binário masculino e feminino, que se refere ao sexo biológico dos falantes e não a sua identificação de gênero. O NORPOFOR, assim como os bancos de dados em geral, constituídos nos moldes labovianos, foi criado considerando apenas o sexo biológico dos informantes.

Labov (2001) fala da importância da variável sexo em pesquisas sociolinguísticas, teorizando que mulheres tendem mais ao conservadorismo linguístico que homens, quando se trata de uma variável estigmatizada. Traçando o conceito sobre paradoxo de gênero, Labov (2001) explica que homens e mulheres interagem socialmente nos diálogos do dia a dia e que, apesar das mudanças ocorridas nos últimos anos, ainda desempenham papéis diferentes na sociedade.

O referido autor destaca que esses papéis são altamente influentes na variação e mudança linguística. Também ressalta que, apesar de o gênero



ser um fator social, os bancos de dados tratam, em geral, essa questão como algo meramente biológico, a menos que seja explicitamente dito o contrário, embora todos concordem que a relevância do gênero na mudança e variação linguística seja um fator social, dependente do papel dos homens e mulheres na sociedade, e não biológico. Ao final, o autor resume o paradoxo de gênero como: “mulheres respeitam mais rigidamente que homens as normas sociolinguísticas que são claramente explicitadas, mas respeitam menos que os homens quando não são”⁹ (LABOV, 2001, p. 293).

Importante ressaltar que o sexo foi a única variável social selecionada em um fenômeno com regras claramente explicitadas no português brasileiro. A concordância nominal de número constitui conteúdo escolar ensinado ao longo da formação básica na escola brasileira, é, portanto, altamente regulada pela escola e, conseqüentemente, pelos falantes mais escolarizados. Conforme demonstra a tabela seguinte, são as mulheres (0,611) que lideram a concordância nominal, em conformidade com outros estudos sobre esse fenômeno no português brasileiro (LIMA, 1984; SCHERRE, 1988; SCHERRE, 1991; DIAS, 1996; CARVALHO, 1997; SCHERRE; NARO, 1998; TABOSA, 2016 – para citar apenas alguns), bem como a literatura sociolinguística (LABOV, 2001). Ao observarmos a Tabela 5, percebemos grande diferença de frequência de uso da concordância no predicativo do sujeito na fala de informantes do sexo feminino e do sexo masculino.

Tabela 5 – Atuação do sexo do falante no uso do predicativo do sujeito com presença de marca de plural

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Feminino	71/96	74	0,611
Masculino	66/111	59,5	0,403
Total	137/207	66,2	-

Fonte: elaborada pelas autoras.

Input: 0,662

9 The Gender Paradox: “Women conform more closely than men to sociolinguistic norms that are overtly prescribed, but conform less than men when they are not” (LABOV, 2001, p. 293, tradução nossa).



Essa variável mostra-se regularmente significativa para fenômenos variáveis sociolinguísticos, como explica Labov (2001), ao falar da tendência das mulheres a darem preferência à variante de prestígio. Scherre (1991) e Dias (1996) encontraram resultados semelhantes aos nossos no que se refere à variável sexo do falante.

Considerações finais

As variáveis linguísticas selecionadas pelo Goldvarb X foram: paralelismo formal das seqüências de predicativo, características formais do verbo, características formais do sujeito.

O fenômeno mostrou-se sensível ao efeito do paralelismo formal: predicativos precedentes no plural tendem a favorecer o uso do plural no predicativo subsequente. Nessa direção, verbo de ligação com todas as marcas de plural condicionam o uso de plural no predicativo. Quando o sujeito da oração apresenta marca formal de plural, a tendência é o predicativo figurar no plural, favorecendo a concordância nominal entre o sujeito e o predicativo correspondente. Essas variáveis linguísticas com seu conjunto de fatores constituem o ambiente morfossintático favorável ao uso de concordância nominal de número em orações com predicativo do sujeito na fala de Fortaleza, bem como reforça o efeito do paralelismo linguístico no plano discursivo, em fenômenos de concordância (SCHERRE, 1998).

A variável extralinguística sexo do falante mostra-se regularmente significativa para fenômenos sociolinguísticos variáveis, como explica Labov (2001), ao falar da tendência das mulheres a darem preferência à variante de prestígio; neste estudo, a variante presença da variante explícita de plural em predicativos. Essa variável foi selecionada em nosso estudo, apontando falantes do sexo feminino como favorecedores da presença de plural em predicativos do sujeito, ou seja, as mulheres da amostra tendem a fazer mais uso da forma de prestígio do que os homens. Esse resultado confirma nossa hipótese ancorada em Labov (2001), bem como alinha-se aos estudos de Scherre (1991) e Dias (1996). As autoras encontraram resultados semelhantes aos nossos no que se refere a essa variável.



REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. A. O Projeto Norma Oral Do Português Popular de Fortaleza – NORPOFOR. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOSOFIA, 15., 2011. Rio de Janeiro. **Cadernos...** Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. p. 835-845. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/72.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2018.

CARVALHO, H. M. **Concordância nominal**: um fenômeno variável. 1997. 223 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1997.

DIAS, J. F. V. **A concordância de número nos predicativos e participípios passivos na fala da região sul**: um estudo variacionista. 1996. 157 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras/Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

FURTADO, B. **A concordância de número em predicativos do sujeito**: variação linguística em Fortaleza. 153 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

GIVÓN, T. **Topic in continuity in discourse**: a quantitative cross-language study. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1983.

LABOV, W. Attitudes towards speech of New York City. In: LOURIE, M. A.; CONKLIN, N. F. (Eds.). **A Pluralistic Nation**. Rowley, Massachusetts: Newbury House Publishers, INC, 1978.

_____. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Principles of linguistic change**. Vol. 1: Internal Factors. Oxford: Blackwell, 1994.

_____. **Principles of linguistic change**. Vol. 2: Social Factors. Oxford: Blackwell, 2001.

_____. **Sociolinguistics patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. **The social stratification of (r) in New York City Department Stores**. Washington DC: Center for Applied Linguistics, 1966.

LIMA, M. A. F. **A concordância de número em sintagmas nominais na área escolar de Fortaleza**. 1984. 133 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1984.



POPLACK, S. The notion of the plural in Puerto Rico Spanish: competing constraints on /s/ deletion. In: LABOV, W. (Org.). **Locating language in time and space**. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1980. p. 55-67.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X**: a variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics. University of Toronto, 2005. Software. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

SCHERRE, M. M. P. A concordância de número nos predicativos e nos participios passivos. **Organon**, Rio de Janeiro, v. 18, p. 52-70, 1991.

_____. Paralelismo linguístico. **Revista de Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 29-59, jul./dez. 1998.

_____. **Reanálise da concordância nominal em Português**. 1988. 554 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In: RUFFINO, G. G. (Org.). **Dialetologia, geolinguística, sociolinguística**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1998. p. 509-523.

TABOSA, M. V. S. **A variação na concordância nominal de número no falar do Cariri cearense**. 2016. 97 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.



TEM MAIS EXISTIR QUE HAVER NO FALAR DOS FORTALEZENSES - O PAPEL DOS FATORES SOCIAIS NA VARIAÇÃO DOS VERBOS EXISTENCIAIS

Rakel Beserra de Macêdo Viana (SEDUC-CE/PosLA-UECE)

Introdução

Na atualidade, a descrição do Português Brasileiro (PB) vem sendo realizada a partir de variados estudos linguísticos em suas modalidades oral e escrita, “o que tem permitido conhecer a realidade linguística do Brasil, que contrasta em muitos pontos com a descrição das gramáticas que servem de base ao ensino de Português” (VIEIRA; FREIRE, 2014, p. 81).

Nesse cenário, uma das vertentes da Linguística moderna já consagrada no Brasil é a Sociolinguística Variacionista, também conhecida como a Teoria da Variação e Mudança Linguística, cujo maior expoente é o linguista norte americano William Labov (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]). Assim, a perspectiva variacionista de análise da língua vem amparando teórico-metodologicamente inúmeros estudos realizados por linguistas brasileiros, nos planos fonológicos, sintático e semântico-discursivo do PB, colaborando, ainda, com políticas linguísticas, descrição da língua e, conseqüentemente, com o ensino de língua materna.

Partindo dessas assertivas, nosso trabalho objetiva apresentar uma fotografia sociolinguística do PB, em especial, do falar popular de uma das mais populosas capitais brasileiras, Fortaleza-CE, a partir de uma amostra do Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza, o NORPOFOR, composta por 36 indivíduos estratificados em sexo, faixa etária e escolaridade - variáveis controladas, neste estudo.



Dos inúmeros fenômenos de variação linguística na comunidade de fala de Fortaleza-CE, encontramos a variação entre os verbos *ter*, *existir* e *haver* em contextos que tratam de existência, como um desses fenômenos variáveis que merece mais estudos descritivos, pois, como nos lembra Labov (2008 [1972]), quanto mais se conhece uma língua, mais se pode descobrir sobre ela, o que acaba se tornando um “paradoxo cumulativo” (2008 [1972], p. 236), que vem guiando os estudos variacionistas no Brasil e no mundo.

Vejamos, nos excertos de (1) a (3), como ocorre essa variação.

- (1) é caro porque *têm* academias que é cinquenta reais que é () reais – (NORPOFOR, DID, Inq. 12)
- (2) estudava nesse colégio Pedro Segundo que hoje já não *existe* mais não – (NORPOFOR, DID, Inq. 39)
- (3) mortes? não... mas *há* muitas lesões ((risos)) – (NORPOFOR, DID, Inq. 68)

Sendo sabedores de que o verbo *ter* vem tornando-se de uso preferencial por grande parte dos falantes do PB, na escrita culta, o verbo *haver* se sobrepõe ao uso de *ter* de forma quase categórica (VITÓRIO, 2010, 2013, 2015). Isso se dá pelo fato de o verbo *ter*, com sentido de existência, não ser tratado como uso adequado pela gramática normativa, pois “a gramática normativa diz que não se pode substituir o verbo *haver* pelo verbo *ter* em enunciados em que *haver* tenha sentido de existir ou de acontecer” (BORTONI-RICARDO *et al.*, 2014, p. 167, destaques dos autores). A partir disso, diversos trabalhos sobre a variação de verbos existenciais em bancos de dados de fala popular apresentam percentuais de uso de *ter* muito superiores a percentuais de uso dos verbos *existir* e *haver*.

Em virtude disto, realizamos esta pesquisa trazendo algumas hipóteses baseadas em estudos já realizados sobre o tema em tela, com o objetivo de serem testadas durante nossa análise. Dessa forma, acreditamos que todas as variáveis sociais influenciam de uma forma ou de outra o nosso fenômeno. Por exemplo, os falantes da menor faixa etária são os maiores favorecedores do verbo *ter*, enquanto que os falantes com maior idade favorecem *haver* e



existir. O sexo feminino deve ser mais aliado de *haver* e *existir* em oposição ao sexo masculino, que pode ser mais aliado de *ter*. Além disso, acreditamos que os falantes de menor escolaridade beneficiam o verbo *ter* em contraponto aos falantes de maior escolaridade, que devem beneficiar *haver* e *existir*.

Nosso estudo está dividido em seções que fornecem, ao leitor, os passos que seguimos para a realização desta pesquisa. Após esta introdução, trazemos o estado da arte que apresenta os principais resultados de estudos sobre os três verbos existenciais em dados de fala popular no Brasil. A metodologia, seção seguinte, apresenta nossa amostra, assim como as variáveis sociais que serão testadas. Na seção de análises dos resultados, poderemos ver como os dados coletados em nossa amostra interagiram com as variáveis a favor de uma ou outra variante. Por fim, apresentamos nossas considerações finais para este estudo.

Estudos variacionistas sobre os verbos existenciais no PB

Faremos, aqui, uma pequena descrição de duas pesquisas variacionistas que trazem grande contribuição para a descrição da variação entre os verbos *ter*, *existir* e *haver* em contextos existenciais no PB. As pesquisas trazidas, a seguir, apresentam estudos sobre nosso fenômeno, em bancos de dados com fala popular a partir da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), que analisaram os três verbos em questão: o Projeto Mineirês (RIBEIRO; SOARES; LACERDA, 2013) e do Projeto NORPOFOR (SOUZA, 2015).

É necessário salientar que, mesmo sendo estudos fundamentados nos procedimentos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, e com dados de fala popular, as duas pesquisas apresentadas não trazem homogeneidade no processo de análise dos dados, o que não invalida os resultados, mas que nem sempre colabora com comparações sobre os resultados adquiridos.

Um exemplo de falta de homogeneidade metodológica é que a pesquisa de Souza (2015) apresenta os pesos relativos (PR) das variáveis selecionadas, enquanto que a pesquisa de Ribeiro, Soares e Lacerda (2013) mostra apenas as frequências de seus dados, ou seja, não há, nesta, variáveis



selecionadas como favorecedoras da regra de aplicação, existindo, nesses casos, apenas a descrição da aplicação das variáveis testadas.

Também por motivos de espaço, decidimos selecionar, dentre várias pesquisas sobre os verbos existenciais, aquelas que tratassem juntamente dos três verbos existenciais do PB, com dados de fala popular, com o objetivo de tentar estabelecer uma comparação com nossos dados e resultados. Vejamos, dessa forma, uma breve descrição das pesquisas que selecionamos para apresentar em nosso estudo.

Ribeiro, Soares e Lacerda (2013) realizam sua pesquisa sobre os verbos *ter*, *haver* e *existir* no falar de Minas Gerais, utilizando o *corpus* do Projeto Mineirês, que abrange 6 cidades mineiras, a saber: Arceburgo, Belo Horizonte, Mariana, Ouro Preto, Piranga e São João da Ponte. As pesquisadoras encontraram 1427 ocorrências totais, sendo 37 de *haver* (2,6%), 59 de *existir* (4,1%) e 1331 do verbo *ter* (93,3%), detendo-se na exposição das porcentagens de cada um dos grupos de fatores. Foram testadas as seguintes variáveis linguísticas: a marcação ou não marcação de concordância, a presença ou ausência de advérbio de negação, a presença ou ausência de marcador temporal, a presença ou ausência de modalizador, a caracterização do tempo verbal, a animacidade do complemento verbal ([+ humano] ou [- humano]) e a especificidade do complemento verbal ([+genérico] ou [-genérico]). Quanto aos fatores sociais, as pesquisadoras analisaram sexo (masculino e feminino), faixa etária (faixa 1 de 0 a 15 anos, faixa 2 de 15 a 30 anos, faixa 3 de 30 a 45 anos e faixa 4 de 45 a 100 anos) e escolaridade (a – 0 anos, b – 1º grau incompleto, c – 1º grau, d – 2º grau incompleto, e – 2º grau, f – 3º grau incompleto, g – 3º grau)¹.

Na análise da variável sexo, as autoras nos falam que as mulheres utilizam mais *ter* (94,4%) que os homens (91,4%); enquanto que os homens produzem mais *existir* (6%) em relação às mulheres (3%); já, para *haver*, o percentual entre homens e mulheres é igual (2,6%). Em relação à faixa etária, a faixa 1 obteve mais ocorrências de *ter* (97,6%), enquanto, para *haver*, a faixa mais produtiva é a 4, com 4,5% de ocorrências. A faixa 3, por sua vez, não apresentou ocorrências de *haver*, já, para *existir*, a faixa mais prolífica é a 3 (8,5%).

¹ Lembramos que o 1º Grau corresponde ao Ensino Fundamental, o 2º Grau, ao atual Ensino Médio, e o 3º Grau, ao Ensino Superior.



No tocante à variável escolaridade, para o verbo *ter*, o fator 1º grau obteve 100% das ocorrências. Com *haver*, a escolaridade 1º grau incompleto obteve mais frequência (5,3%), seguido do 3º grau incompleto (5%). Para *existir*, o maior número de ocorrências é da escolaridade 3º grau incompleto (7,6%). No que diz respeito à localidade, os informantes de São João da Ponte usaram a forma não padrão *ter* de forma categórica, enquanto as formas padrões *existir* e *haver* foram mais produtivas: a primeira em Piranga, e, a segunda, em Arceburgo.

Interessante ressaltarmos que Ribeiro, Soares e Lacerda (2013) chegaram à conclusão de que “o verbo *ter* pode ser considerado pela realização vernacular de existência no dialeto mineiro [...] a ocorrência do verbo *haver* no dialeto mineiro parece estar ligada ao fator externo *grau de escolaridade*” (RIBEIRO; SOARES; LACERDA, 2013, p. 557, grifos das autoras).

Analisando, dessa vez, as variáveis linguísticas da pesquisa em questão, para a variável marcação ou não de concordância, *haver* e *existir* apresentaram maiores percentuais para o fator não concordância (13% e 12%, respectivamente) e o verbo *ter* que apresenta maior frequência do fator concordância (87,5%). Já, para a variável presença ou ausência de advérbio de negação, *haver* e *ter* apresentam maiores percentuais do fator ausência de negação (2,7% e 93,7%) que *existir* (6%) que obteve maior percentual de presença de negação.

Passamos, agora, à análise da variável marcador temporal. Com o verbo *haver*, a porcentagem foi a mesma para os fatores ausência e presença de marcador temporal (2,6%), mas o verbo *existir* apresentou mais presença de marcador temporal (7,2%), enquanto *ter* apresentou maior percentual do fator ausência de marcador (93,8%). Referindo-nos à variável tempo verbal, *haver* foi categórico no fator gerúndio, enquanto *existir* foi mais produtivo no presente do indicativo (5,5%) e *ter* foi categórico nos fatores futuro do indicativo e futuro do subjuntivo.

Continuando nossa descrição, a variante não padrão *ter* obteve a mesma frequência para os dois fatores do grupo presença *vs.* ausência de modalizador (93,3%), já *haver* obteve maiores percentuais para o fator ausência (2,6%), enquanto *existir*, mais percentuais para presença de modalizador (4,3%), embora os percentuais fossem bastante parecidos. No tocan-



te à variável animacidade, *haver* e *ter* obtiveram mais produtividade com o fator [- humano] (3,4% e 96,1%, respectivamente), enquanto que *existir* com o fator [+ humano] obteve (6%). Para o grupo de fatores especificidade semântica do complemento, *haver* e *existir* foram mais prolíferos com o fator [- genérico] (3,8% e 5,3%) e *ter* com o fator [+ genérico] (95,6%).

Para as autoras, “*existir* apresenta um uso mais restrito à realização de existência” (RIBEIRO; SOARES; LACERDA, 2013, p. 557, destaques das autoras). Quanto ao aspecto semântico dos verbos, as autoras apresentam, a partir de um “olhar cognitivista” (*Ibidem*), uma relação de projeção metafórica, no qual o sentido de *existir*, mais abstrato, é oriundo do sentido de *posse* do verbo *ter* que tem sentido mais concreto.

A segunda pesquisa abordada, nesta seção, é a de Souza (2015), onde o *corpus* analisado é o mesmo que o nosso, isto é, o Projeto NORPOFOR. Em sua amostra, Souza (2015) se utilizou de 29 entrevistas do tipo de registro D2, totalizando 53 informantes. Foram suas variantes: *haver*, *existir* e *ter*. Como variáveis sociais, o autor analisou: sexo (masculino e feminino); faixa etária (faixa I de 15 a 25 anos, faixa II de 26 a 49 anos e faixa III a partir de 50 anos) e escolaridade (A – de 0 a 4 anos, B – de 5 a 8 anos e C – de 9 a 11 anos).

Quanto às variáveis linguísticas testadas, estas foram a animacidade do sintagma nominal (SN) ([+ humano] e [- humano]); forma verbal (presente do indicativo, presente do subjuntivo, pretérito imperfeito do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo, pretérito perfeito do indicativo, futuro do pretérito do indicativo, futuro do subjuntivo, infinitivo, gerúndio); peso do SN (simples, complexo, nulo e núcleo nulo); posição do SN em relação ao verbo (à esquerda ou à direita); concordância entre verbo e SN (com ou sem concordância); presença *vs.* ausência de elementos à esquerda do verbo (presença ou ausência) e repetição do verbo no mesmo enunciado (com ou sem repetição).

Por se tratar de uma variável ternária, para obter os pesos relativos de seus dados, Souza (2015) faz análises binárias entre *haver*, *existir* e *ter*. Os resultados gerais foram: 931 ocorrências, divididas em 876, para o verbo *ter* (94,1%), 27 ocorrências, do verbo *haver* (2,9%) e 28 dados, com o verbo *existir* (3%).



A análise *haver/ter*, com a aplicação de *haver*, traz como dados gerais, *haver* 3% e *ter* 97%. Os fatores da variável forma verbal, selecionados para esta análise, foram os seguintes: infinitivo (0,95) e perfeito (0,92) aliados de *haver*. Quanto à faixa etária, a faixa III (0,73) também colabora com a variante padrão. Com o cruzamento entre faixa etária e sexo, o fator sexo feminino e faixa 3 (0,79) beneficiam *haver*.

Para a análise *existir/ter*, com aplicação de *existir*, os dados gerais foram: *existir* 3,1% e *ter* 96,9%. O único grupo de fatores selecionado como relevante, para essa análise, foi o da variável posição do SN, com o fator SN à esquerda do verbo (0,84) como favorecedor de *existir*.

A última análise de Souza (2015) foi para *haver/existir*, com dados gerais de *haver*, com 49,1% e *existir*, com 50,9%. Para a aplicação de *haver*, a primeira variável selecionada foi a forma verbal com os fatores infinitivo (0,94) e pretérito perfeito (0,93). Como segunda variável relevante, foi selecionado o sexo, com o fator sexo feminino (0,76). A análise para o grupo de fatores sexo mostra que, no geral, as mulheres beneficiam mais o uso de *haver* que os homens.

Em resumo, podemos visualizar algumas tendências nesses estudos: em *corpora* mais recentes, entre as décadas de 1990 e 2000, os percentuais da variante padrão *haver* são, no máximo, 2,9% (SOUZA, 2015) e da variante *existir*, no máximo, 4,1% (RIBEIRO; SOARES; LACERDA, 2013). Além destes percentuais, as variáveis e respectivos fatores que vêm sendo selecionadas como relevantes, ou mais produtivas, nessas pesquisas, para o verbo *haver* são as variáveis sociais: sexo feminino, faixa etária equivalente a indivíduos com idade superior a 45 anos, escolaridade mais alta e, as linguísticas: tempos no passado e traço semântico do argumento interno ou SN [- humano], [- material] e [+ abstrato].

No que tange o verbo *ter*, os dados dos estudos sobre os verbos existenciais trazidos, aqui, são categoricamente superiores a 90%. Os fatores que lhe são favoráveis são os sociais: o sexo masculino, indivíduos mais jovens e falantes de menor escolaridade; e as linguísticas: os tempos do presente, os traços semânticos [+ humano], [+ material] e [- abstrato].

7 O aplica se refere à quantidade de ocorrências da variante tomada como fator de aplicação, no caso a presença explícita de marca de plural. Já o total diz respeito ao total de vezes em que as duas variantes (presença x marca) ocorreram para este fator nesta rodada.



No que concerne ao verbo *existir*, nos dois estudos por nós apresentados, os percentuais são bastante próximos de *haver*, sendo que as variáveis mais condicionadoras do uso de *existir* são os fatores sociais: sexo feminino e, os linguísticos: tempos do presente, presença de elementos à esquerda do verbo, posição do SN em relação ao verbo e traço semântico [+ humano], ou seja, vemos que, para o verbo *existir*, os fatores linguísticos são muito influenciadores.

Metodologia

A amostra de fala usada, neste estudo, é composta por 36 informantes provenientes dos inquiridos do tipo DID - Diálogo entre Informante e Documentador, do *corpus* do NORPOFOR (ARAÚJO, 2007), estratificados socialmente, segundo o sexo (masculino e feminino), a faixa etária (I: 15 a 25 anos; II: 26 a 49 anos; III: a partir de 50 anos) e a escolaridade (A: 0 a 4 anos; B: 5 a 8 anos; C: 9 a 11 anos).

Selecionamos os inquiridos do tipo DID por sabermos que há, nesse tipo de registro, um grande volume de dados, em virtude de conter pouquíssimos trechos de sobreposição de vozes, sem disputa de turno entre seus participantes. Dessa forma, ampliando a descrição desse fenômeno no falar de Fortaleza, que tem até, então, análise somente dos inquiridos D2, em Souza (2015).

Para tanto, nossa amostra foi estratificada conforme o Quadro 1:

Quadro 1 - Distribuição dos informantes na nossa amostra de acordo com os fatores sociais controlados

NORPOFOR	SEXO					
	MASCULINO			FEMININO		
ESCOLARIDADE → FAIXA ETÁRIA ↓	A	B	C	A	B	C
I	2	2	2	2	2	2
II	2	2	2	2	2	2
III	2	2	2	2	2	2
Total	36					

Fonte: adaptado de Araújo (2007).



Nossa análise estatística foi realizada através do programa Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), um programa computacional de análise multivariada, específico para analisar dados de variação sociolinguística, pois, “permite investigar situações em que a variável linguística em estudo é influenciada por vários elementos do contexto, ou seja, múltiplas variáveis independentes” (GUY; ZILLES, 2007, p. 105).

Coletamos nossos dados, para esta análise, não só por meio da sua identificação durante a leitura das entrevistas transcritas, com a utilização da ferramenta *localizar* do programa *Microsoft Word*, mas também, através da audição, na íntegra, dos inquéritos, o que garantiu maior confiabilidade à coleta de dados. Coletados os contextos que continham os verbos em questão, codificamos os dados através de uma chave de codificação e os submetemos à análise estatística do programa computacional Goldvarb X.

Na seção seguinte, apresentamos os resultados obtidos para *ter*, *existir* e *haver* em sentido existencial, assim como os detalhes de cada rodada realizada no programa estatístico.

Análise dos dados

Nossa análise foi composta, inicialmente, por uma rodada ternária no Goldvarb X, que apresentou as frequências gerais com dados em uma quantidade bastante significativa, mas com pouquíssimas ocorrências para o verbo *haver* (29 delas), embora tenhamos nos deparado com um nocaute para a variável *concordância do verbo com o SN*, os dados de *haver* aparecem bem distribuídos nas variáveis analisadas.

Em virtude disso, decidimos desconsiderar os dados para o verbo *haver* e realizarmos nossa análise apenas sobre *ter* e *existir*, devido tanto a baixíssima quantidade de dados de *haver*, quanto a inexistência de trabalhos que analisam a variação apenas entre *ter* e *existir*.

As dez variáveis independentes que controlamos, em nossa análise, foram de cunho linguístico e social, levando em consideração alguns dos trabalhos sobre a variação dos verbos existenciais, e, em especial, os de Ribeiro, Soares e Lacerda (2013) e Souza (2015). Os fatores sociais testados, neste

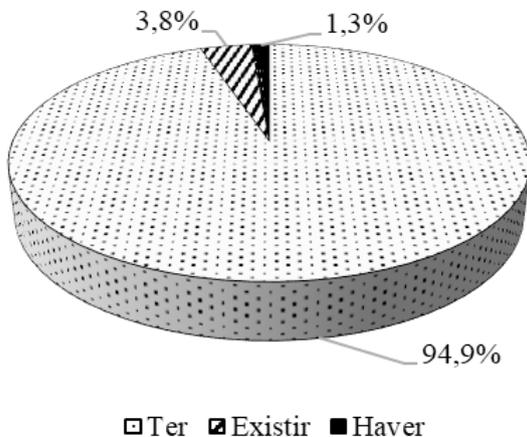


estudo, foram: *faixa etária, sexo e escolaridade*. Já os fatores linguísticos foram: *traço semântico SN, presença vs. ausência da variante na fala do documentador, presença vs. ausência de elementos à esquerda do verbo, peso do SN, tempo verbal, forma verbal e concordância entre verbo e SN*.

Para este presente estudo, analisaremos apenas as variáveis sociais e deixaremos, para um próximo momento, os resultados relacionados às variáveis linguísticas, apenas por questões de espaço.

Dessa forma, o Goldvarb X analisou 2.258 ocorrências, sendo que os verbos *ter* apresentaram 2.143 ocorrências (94,9%), *existir* 86 ocorrências (3,8%) e *haver* 29 ocorrências (1,3%). Esse resultado de 94,5% de uso de *ter existencial* confirma a tendência à mudança em progresso do uso de *ter* e nos apresenta que, em último lugar, está *haver* com 1,4% de todas as ocorrências de nossa amostra. Vejamos as frequências gerais no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Frequência geral de uso de *ter*, *existir* e *haver* em nossa amostra



Fonte: elaborado pela autora.

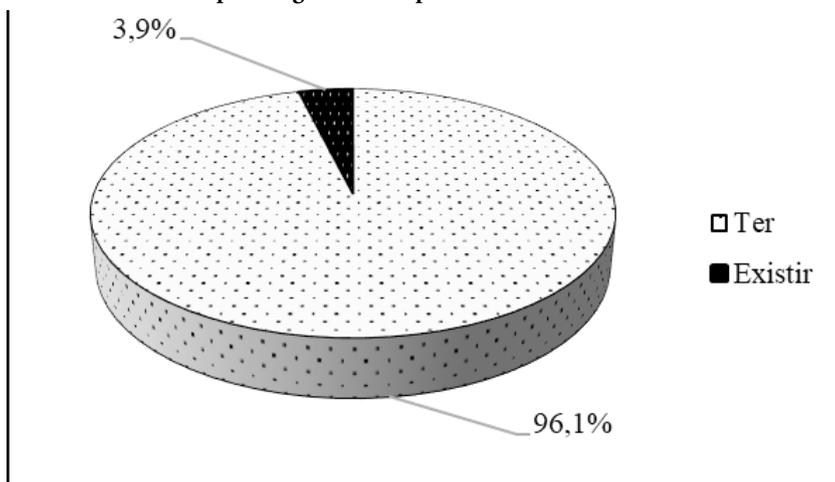
Como apresentamos anteriormente, devido ao baixo número de ocorrências de *haver*, em nossa amostra, decidimos por analisar apenas as variantes *ter* e *existir*, confirmando a hipótese e assertiva que trazemos já no título deste estudo: *tem mais existir que haver* no falar popular de Fortaleza-CE.

Corroborando essa tendência para com os verbos existenciais, tentamos traçar um paralelo com os estudos de Ribeiro, Soares e Lacerda (2013) e Souza (2015). Embora nossos dados tenham apresentado um número bastante superior em ocorrências do que as duas citadas pesquisas, estas apresentam-se muito semelhantes à nossa, em termos de frequências. Além disso, tratam-se de pesquisas que analisam a fala popular, e ainda, analisam os três verbos em questão, objetivo nem sempre encontrado em pesquisas com verbos existenciais.

O Projeto Mineirês e NORPOFOR apresentam a mesma tendência para o uso dos três verbos existenciais: o verbo *ter* ultrapassa categoricamente a casa dos 90% de uso, e os verbos *existir* e *haver* não chegam, sequer, a casa dos 5% em ocorrências. Esses resultados vêm corroborando o que diversos autores mostram: *ter* está suplantando seu uso sobre *haver* e *existir* (VITÓRIO, 2015). Há muitos fatores, tanto linguísticos como sociais, que vêm confirmando que estamos diante de uma mudança em progresso (CALLOU; AVELAR, 2000; MARTINS; CALLOU, 2003; RIBEIRO; SOARES; LACERDA, 2013; SOUZA, 2015; VITÓRIO, 2010, 2013, 2015), afinal, como nos afirma Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 87), “a maioria dos linguistas reconhece a evidência que demonstra que a mudança linguística é um processo contínuo e o subproduto inevitável da interação linguística”.

À vista disso, prosseguimos com a análise de nossos dados, realizando uma segunda rodada, dessa vez, apenas com os verbos *ter vs. existir*, como apresentamos anteriormente, e obtivemos os seguintes dados: para o verbo *ter*, aplicação desta análise, 2143 ocorrências correspondendo a 96,1% dos dados, e, para o verbo *existir*, as mesmas 86 ocorrências, que correspondem a 3,9% do total de dados para a rodada. Vejamos essas frequências no Gráfico 2.



Gráfico 2 – Frequência geral de uso para *ter* e *existir* na amostra analisada

Fonte: elaborada pela autora.

Para essa rodada, o Goldvarb X selecionou o *step up* # 36 como melhor análise: *input* 0,975; *log likelihood* = -326,733 e *significance* = 0,046. Os fatores sociais selecionados foram, por ordem de relevância, *sexo* e *faixa etária*.

A variável *sexo* apresentou o fator *masculino* como favorecedor de *ter*, a variante não padrão (0,571), já o *sexo feminino* foi considerado desfavorecedor de *ter* e, conseqüentemente, aliado da variante padrão, *existir* (0,624), como podemos visualizar, na Tabela 1, o comportamento do grupo de fatores *sexo* para a variante *ter*.

Tabela 1 – Atuação da variável *sexo* para a aplicação de *ter*

FATORES	Aplica/Total	%	Peso Relativo
masculino	1390/1425	97,5	0,571
feminino	753/804	93,7	0,376

Fonte: elaborada pela autora.

A variável *sexo* vem se apresentando como um dos principais fatores sociais relevantes para a variação e mudança linguística. Em nossa pesquisa, não foi diferente, pois vemos que os dados para o *sexo feminino* (0,376)



nos dizem que as mulheres são conservadoras, em contraposição ao sexo masculino, nesta variação linguística. Esses resultados corroboram com a literatura variacionista, que apresentam os homens como favorecedores de *ter* (SOUZA, 2015; VITÓRIO, 2010, 2013), variante não padrão, e as mulheres como aliadas, em geral, das variantes padrão, *haver* e *existir*.

Outra questão relacionada ao *sexo feminino* e seu *conservadorismo*, se podemos assim chamar, está no grau de monitoramento da fala no momento da coleta de dados linguísticos. Labov (2006 [1966]) nos confirma essa questão relacionada ao sexo feminino e grau de monitoramento, quando nos diz que “na fala monitorada, as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens” e “são mais sensíveis do que os homens ao padrão de prestígio” (LABOV, 2008 [1972], p. 281). O tipo de registo de onde retiramos nossos dados, o DID, pode ser considerado um tipo de registo de situação de monitoramento da fala, por tratar-se de uma entrevista, dessa forma, podemos inferir que, nas entrevistas do NORPOFOR, as mulheres sejam favorecedoras da variante padrão, *existir*, embora o uso de *ter* seja muito superior em termos de frequência.

Fazendo uma comparação com os estudos de Ribeiro, Soares e Lacerda (2013) e Souza (2015), entendemos que, no primeiro, a variante *existir* obteve maior frequência entre os falantes do sexo masculino (6%) do que entre as mulheres (3%), mesmo os autores lembrando que ambos os sexos preferem a variante *ter*, baseados em suas frequências. No segundo, vemos que o fator linguístico posição do SN se apresenta como mais influenciador da variante *existir* (SOUZA, 2015). O autor insiste na análise dessa variante e realiza cruzamentos entre as variáveis sociais e a linguística selecionada como relevante e constata que “tanto os **homens** quanto as **mulheres** são favorecedores de *existir* quando usam estruturas com **SN à esquerda do verbo**, com as mulheres avançando um pouco mais nesse favorecimento” (SOUZA, 2015, p. 80, destaques do autor).

A variável *faixa etária*, segundo grupo de fatores selecionado como relevante, nesta rodada, nos mostra que as *faixas etárias I e II* são beneficiadoras de *ter*, com pesos pouco acima da neutralidade, e a *faixa etária III* apresentou-se como desfavorecedora de *ter* e beneficiadora de *existir* (0,587). Vejamos, então, na Tabela 2, os dados que o Goldvarb X



nos apresentou como relevantes para a variação em estudo em relação à variável *faixa etária*.

Tabela 2 – Atuação da variável *faixa etária* para a aplicação de *ter*

FATORES	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Faixa etária II	548/563	97,3	0,564
Faixa etária I	776/799	97,1	0,550
Faixa etária III	819/867	94,5	0,413

Fonte: elaborada pela autora.

Nossos resultados para a variável *faixa etária* confirmam a fala de Labov (2008 [1972], p. 165), quando afirma que “até mesmo na meia-idade eles [falantes] tendem a adotar os marcadores de prestígio [...]. Com isso, eles ultrapassariam os membros mais jovens do seu próprio grupo social”, ou seja, a *faixa III* apresentou-se, nos dados de nosso estudo, como mais conservadora entre as três faixas etárias.

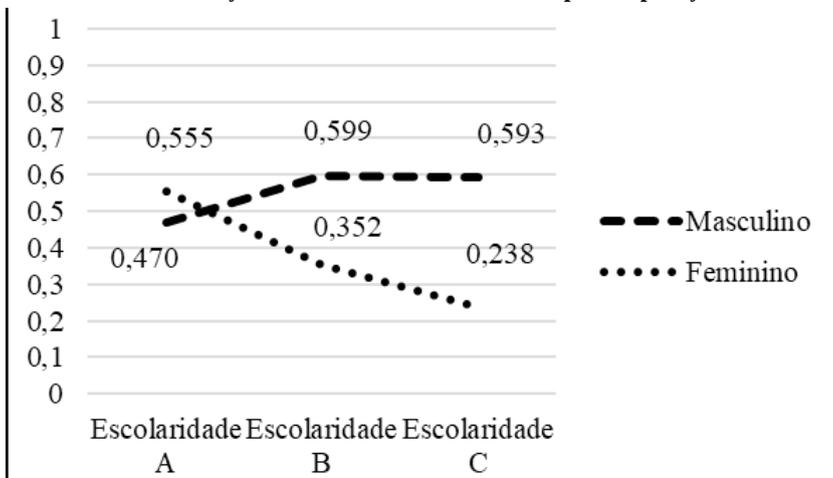
Na amostra do Projeto Mineirês, trazida por Ribeiro, Soares e Lacerda (2013), a faixa 3, falantes com 30 a 45 anos, apresenta a maior frequência de *existir*: 8,5% e a faixa 2, informantes com 15 a 30 anos, apresentam frequência de 6,2%, percentuais que chegam a ser superiores à variante *haver*, em seu estudo, embora muito inferiores a *ter* – 91,5%, para a faixa 3 e 90,2%, para a faixa 2.

Para testarmos a variável *escolaridade*, que não foi selecionada nesta segunda rodada, resolvemos fazer uma terceira rodada, criando a seguinte variável: *sexo e escolaridade*. Muito interessante ver que o programa estatístico selecionou, no *step up* #32, a melhor análise, com *input* de 0,976, *Log likelihood* -322,750, *significance* 0,020, a variável criada *sexo e escolaridade* como primeira das variáveis sociais em relevância, ou seja, nesta rodada, mesmo os fatores linguísticos ainda estando em jogo, a criação desta variável apresenta-se como um fator relevante na análise. Assim, a nova variável criada é mais beneficiadora de *ter* e em segundo lugar está, novamente, o grupo de fatores *faixa etária*.



Vejam, no Gráfico 3, a atuação da nova variável criada para esta rodada:

Gráfico 3 – Atuação da variável *sexo e escolaridade* para a aplicação de *ter*



Fonte: elaborado pela autora.

Muitos estudos variacionistas apresentam a variável *escolaridade* como forte influenciadora de fenômenos linguísticos (VOTRE, 2004), haja vista a maior escolarização do indivíduo se apresentar, de modo quase categórico, aliada das formas mais padronizadas e elitizadas, o que não difere do fenômeno variável dos verbos existenciais.

Posto isso, o Gráfico 3 ilustra que, para os homens, as escolaridades B e C são favorecedoras do uso de *ter* (0,599 e 0,593, respectivamente), enquanto que os homens de escolaridade A beneficiam *existir* (0,530). Com relação às mulheres, a pouca escolaridade está aliada à variante não padrão *ter* (0,555), embora os pesos para as escolaridades B e C decresçam em desfavorecimento de *ter* (pesos de 0,352, para escolaridade B e 0,238, para escolaridade C) à medida em que aumenta a escolaridade e beneficiamento de *existir* (consequentemente, escolaridade B com PR 0,648 e a escolaridade C com PR 0,762).

Sobre o verbo *existir*, Ribeiro, Soares e Lacerda (2013, p. 543) falam que “talvez pela sua dificuldade no que se refere às regras que normatizam seu uso [haver] (como a concordância), há uma preferência pela simplicidade de existir, que segue as regularidades dos verbos em geral”, ou seja, vemos, de uma forma ou de outra, uma influência da escolaridade sobre a variante padrão no fenômeno variável estudado aqui.

Já Souza (2015), que fez o cruzamento com as mesmas variáveis que nós, averiguou em seus dados – com aplicação de *existir* – que quanto maior o grau de escolaridade, maior o favorecimento de *existir*, sendo que o sexo masculino de escolaridade A não favorece a regra (0,193), enquanto que os homens de escolaridade C já a favorecem bastante (0,750). Para as mulheres, da escolaridade A para a B, há um leve crescimento (0,538 e 0,559, respectivamente), ao passo que a escolaridade C apresenta uma queda, com PR 0,462, tornando-as, nessa escolaridade, desfavorecedoras de *existir*.

Continuando nossa análise, em segundo lugar, nesta rodada, a variável *faixa etária* foi selecionada como relevante com PRs bastante semelhantes à rodada anterior, como podemos ver na Tabela 3. Embora semelhantes, podemos ver uma sutil mudança entre as faixas *etárias I e II*, onde estas mudaram de lugar na ordem de relevância para a variável.

Tabela 3 – Atuação da variável *faixa etária* para a aplicação de *ter*

FATORES	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Faixa etária I	776/799	97,1	0,564
Faixa etária II	548/563	97,3	0,561
Faixa etária III	819/867	94,5	0,413

Fonte: elaborada pela autora.

Como podemos ver, na tabela 3, a *faixa etária I* (0,564) seguida da *faixa etária II* (0,561) são as beneficiadoras do verbo *ter*, enquanto que, novamente, a *faixa III* se apresenta aliada de *existir* (0,413) e não favorece *ter*.

Ainda não satisfeitos, criamos, para uma quarta rodada de dados, a variável *faixa etária e escolaridade*, para que pudéssemos fazer todas as testagens



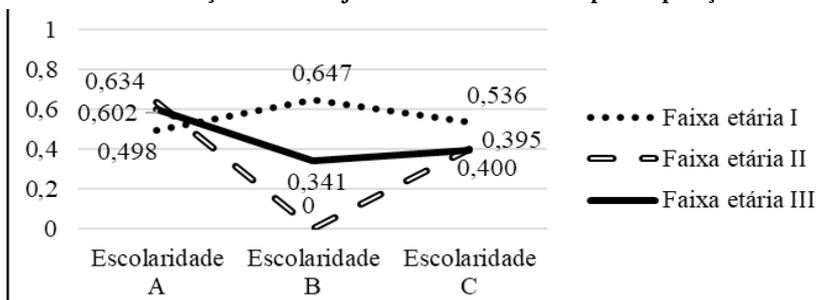
possíveis com os fatores da escolaridade. Esse fato nos revelou algo que estávamos prevendo: a nova variável também foi selecionada como relevante.

Nesta quarta rodada, um nocaute nos chamou a atenção: o fator *faixa etária II e escolaridade B*, que apresentou dados categóricos para o verbo *ter*, o que nos exigiu, destarte, a retirada desses dados da análise e uma quinta rodada dos dados com a retirada do nocaute.

A quinta rodada de nossa análise para verbos *ter* e *existir* apresentou, no *step up* #40, a melhor análise dos dados, com *input* de 0,975, *Log likelihood* -318,440 e *significance* de 0,019. Os grupos de fatores relevantes, nesse nível foram, também como esperado por nós, o novo grupo de fatores, a *faixa etária e a escolaridade*, e o *sexo*.

A primeira variável social relevante para essa rodada, *faixa etária e escolaridade*, apresentou os seguintes resultados, os quais podemos analisar a partir do ilustrado no Gráfico 4.

Gráfico 4 – Atuação da variável *faixa etária e escolaridade* para a aplicação de *ter*



Fonte: elaborado pela autora.

Nossos dados nos apresentam a seguinte constatação: os indivíduos da *faixa etária I* com *escolaridades B e C* são os mais aliados da variante *ter*. Em contrapartida, os indivíduos da *faixa etária III*, com escolaridade B e C, são desfavorecedores de *ter* (0,341 e 0,395) e beneficiadores de *existir* (PR 0,659 e 0,605, respectivamente), enquanto a escolaridade A privilegia *ter*. Importante frisar que, para a *faixa etária II e escolaridade B*, não houve nenhuma ocorrência, o que justifica o valor 0 no Gráfico 4.

A variável *faixa etária e escolaridade* também foi analisada por Ribeiro, Soares e Lacerda (2013), sendo que os autores realizaram um cruzamento ente *escolaridade e idade*. Nos dados dos mineiros, com falantes até onze anos de escolarização, o verbo *ter* apresenta a menor frequência de uso com o 2º grau (77,8%) (equivalente à nossa escolaridade C), enquanto *existir* apresenta 22,2%, a maior frequência encontrada na análise das autoras. Para os indivíduos do 1º grau completo (nossa escolaridade B), *ter* é categórico em todas as faixas etárias. Souza (2015) não fez análise semelhante.

De acordo com Votre (2004, p. 51), a escolarização é a responsável pela familiarização e difusão da língua e literatura nacional, assim como “a escola incute gostos, normas, padrões estéticos e morais em face da conformidade de dizer e de escrever”. Ainda segundo Votre (2004), a escolaridade é um dos fatores que influencia a promoção ou resistência à mudança linguística, fato que nos faz concordar com o autor, haja vista o que nos dizem os dados dessa amostra de fala de Fortaleza-CE.

Fazendo uma análise da relevância da variável *escolaridade* nas pesquisas de Ribeiro, Soares e Lacerda (2013) e Souza (2015), vemos que esta influencia o uso dos verbos existenciais estudados da seguinte forma: quanto maior a *escolaridade*, maior o uso do verbo *existir e haver*. De qualquer maneira, o uso do verbo *ter* como existencial é majoritário nas duas pesquisas. As variações nas quais se avalia o efeito da variável *escolaridade* atingem diversos segmentos da norma gramatical e em diferentes níveis de codificação.

Para o *sexo*, a Tabela 4 nos apresenta os pesos relativos também semelhantes a segunda rodada, mas com uma diferença de aumento do PR do *sexo masculino* e uma leve diminuição do PR do *sexo feminino*, ou seja, para essa rodada, o *sexo masculino* se apresenta ainda mais favorável ao verbo *ter* (0,588), ao passo que as mulheres se mostram mais favoráveis ainda para *existir* (0,652).

Tabela 4 – Atuação da variável *sexo* para a aplicação de *ter*

FATORES	Aplica/Total	%	Peso Relativo
masculino	1390/1425	97,5	0,588
feminino	753/804	93,7	0,348

Fonte: elaborada pela autora.



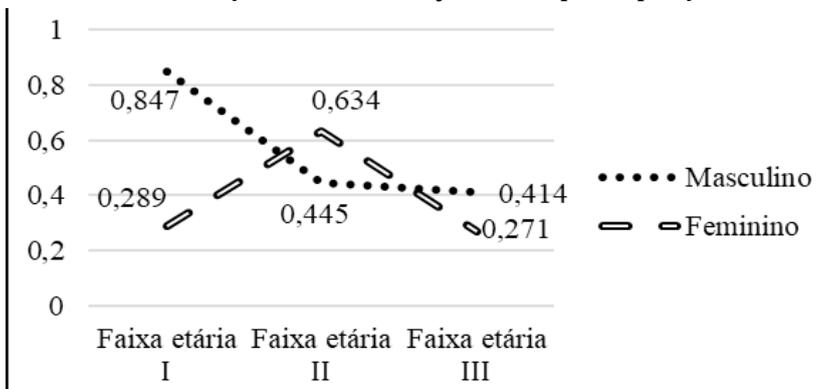
Pensando nos fatores sociais, realizamos uma tentativa de rodar nossos dados no Goldvarb X apenas com as variáveis sociais, mas como bem seria possível, o programa não realizou seleção de nenhum fator social, o que nos faz lembrar Guy e Zilles (2007, p. 172), quando nos aconselham a levar em consideração “a possibilidade de que haja falta de ortogonalidade ou de que haja interações, mesmo que mínimas, entre os grupos de fatores, com o resultado de que a presença de uma, na análise, afeta os valores de um outro, ou até a significância de um outro grupo”.

Desta forma, seguimos os conselhos dos autores de que “para certas combinações de grupos de fatores, o mais aconselhável é rodá-los juntos” (*Ibidem*). Com base nesses pressupostos, todas as rodadas em diante foram realizadas com todos os grupos de fatores juntos, os linguísticos e os sociais, mas aqui, como já explicitado, discutiremos apenas as variáveis sociais.

Partindo disso, percebemos que o grupo de fatores *sexo* e o grupo *faixa etária* têm se tornado relevantes em todas as rodadas realizadas. Por isso, resolvemos criar mais uma variável, dessa vez juntando essas variáveis sociais numa só: *sexo e faixa etária*.

Nessa sexta rodada, pela primeira vez, uma variável social foi selecionada como primeira, em ordem de relevância, dentre as variáveis sociais e linguísticas: *sexo e faixa etária*, o que mostra que essas variáveis sociais separadas, ou juntas, são muito influenciadoras do fenômeno variável em estudo. O programa estatístico selecionou, como melhor rodada, o *step up* #29, com *input* 0,979, *log likelihood* -323,746 e *significance* 0,906. Vejamos, no Gráfico 5, sua atuação para o verbo *ter*.



Gráfico 5 – Atuação da variável *sexo e faixa etária* para a aplicação de *ter*

Fonte: elaborado pela autora.

O Gráfico 5 nos apresenta, então, uma das tendências já vistas em estudos de verbos existenciais: os *homens* com menor escolaridade são favorecedores do verbo *ter* (0,874), porquanto que as *faixas II* (0,445) e *III* (0,414) são desfavorecedores de *ter*. Já as *mulheres* são inibidoras da variante não padrão *ter* nas *faixas etárias I* (0,289) e *III* (0,271), sendo assim, aliadas de *existir* (0,711 e 0,729, respectivamente), mas apresentam favorecimento de *ter* na *faixa etária II* com PR 0,634.

Esmiuçando mais um pouco o Gráfico 5, podemos concluir que, de um modo geral, para nossos dados, a *faixa etária I* é o fator mais favorecedor do verbo *ter* em relação às faixas etárias mais altas para ambos os sexos, pois temos uma única exceção com as *mulheres* da *faixa II* favorecendo *ter*.

Até aqui, nossos dados têm apresentado algumas tendências que são asseveradas pela Teoria da Variação e Mudança Linguística. Antes de mais nada, é importante lembrar que os verbos em estudo não se tratam de variantes estigmatizadas, pois encontramos o verbo *ter* tanto no falar culto, como no falar popular e em altas frequências (CALLOU; AVELAR, 2000; MARTINS; CALLOU, 2003). Sendo assim, nossa variação se trata de um marcador linguístico, como explicita Labov (2008 [1972]), pois o verbo *ter*, nossa variante inovadora, apresenta uma distribuição regular em diversos grupos escolarizados e etários, assim como por homens e mulheres de forma semelhante em diversos contextos, como revela a literatura do fenômeno em pauta.

Por fim, pensando nos *homens* como favorecedores de *ter*, realizamos nossa sétima rodada, levando em consideração, no programa computacional, apenas os dados dos homens. Nesta rodada, dois nocautes surgiram: nenhum dado para *existir* do fator *presença do verbo na fala do documentador*, assim como nenhum dado, ainda para o verbo *existir*, do fator *futuro* do grupo de fatores *tempo verbal*. Após a retirada dos nocautes, surgiu um *singleton group* que nos fez retirar da rodada o grupo de fatores *ausência vs. presença do verbo na fala do documentador*, pois a variável havia ficado apenas com um de seus fatores, o que nos impedia de prosseguir na análise dos dados.

Resolvidos os problemas supracitados, fomos para a oitava rodada com apenas os dados dos homens e, assim, resolvemos todos os problemas e partimos para a análise binomial, que nos forneceu, assim, a seleção dos grupos de fatores, bem como os seus respectivos pesos relativos de que precisávamos para encerrar nossa análise.

A análise binomial da nona e última rodada nos apresentou, na melhor análise com o *step up* #10, *input* 0,987, *log likelihood* -146,937 e *significance* 0,002, a variável *faixa etária* apenas com dados masculinos como a mais relevante, como podemos ver seus valores apresentados na Tabela 5.

Tabela 5 – Atuação da variável *faixa etária* nos dados masculinos para a aplicação de *ter*

FATORES	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Faixa etária I	462/464	99,6	0,792
Faixa etária II	384/396	97	0,361
Faixa etária III	544/565	96,3	0,332

Fonte: elaborada pela autora.

Essa análise final serviu-nos para confirmar o que nossos dados vêm nos apresentando desde o início: o *sexo masculino* é o maior aliado da variante não padrão, o verbo *ter existencial*, reafirmando a teoria laboviana (LABOV, 2008 [1972]) de que os homens são ligados, na maioria das vezes, às variantes inovadoras da língua, enquanto que as mulheres, ligadas



às variantes padronizadas da língua, por serem mais conservadoras que os homens. De um modo geral, acreditamos que as mulheres, diferentemente dos homens, buscam notoriedade social, e a língua se torna um meio de ascensão ou de manutenção de *status*, de valoração.

Considerações finais

Até o momento, os estudos realizados sobre os verbos existenciais *ter*, *existir* e *haver* nos mostram que o verbo *ter* é o existencial preferido dos falantes do PB.

Os dados de fala de indivíduos com pouca escolaridade apresentam tendências similares aos demais estudos já mencionados sobre a variação dos verbos existenciais, o que confirma todas as nossas hipóteses para os verbos *ter* e *existir*. A atuação das variáveis sociais para essa variação, como por exemplo, a relevância dos fatores *sexo masculino*, para o uso de *ter existencial*, e do *sexo feminino*, para o verbo *existir*, assim como da variável *faixa etária*, nos permite dizer que os indivíduos mais novos são condicionadores de *ter existencial*, enquanto que os mais velhos são mais aliados do verbo *existir*. Esses resultados nos mostram estarmos diante de indícios de uma mudança em progresso. Os dados de nossa amostra nos dizem, ainda, que o verbo *existir* é mais produtivo junto ao fator *escolaridade C* aliado às *faixas etárias I e II*, enquanto que a baixa escolaridade e os mais jovens privilegiam o verbo *ter*.

Quanto à variante *haver*, não foi possível, nesta análise, identificar quais fatores a favorecem ou não, pois, como já foi mencionado anteriormente, decidimos por não estudar a referida variante em nossas análises, devido ao baixo número de dados que poderiam gerar diversos nocautes.

Corroborando nossas análises para o grupo de fatores *escolaridade*, Votre (2004, p. 51) nos fala que “a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam e das comunidades discursivas”. O fator social *escolaridade* apresenta, então, uma tendência de que, quanto maior os anos de estudo de um falante, mais próximo dos padrões linguísticos mais corretos da gramática normativa o falante estará, ou seja, a escolaridade oportuniza as variantes padronizadas da língua.



As questões levantadas em nosso estudo vêm somarem-se às pesquisas da Sociolinguística Quantitativa, em especial, no que concerne à atuação dos fatores sociais, para a descrição linguística do português falado no Brasil, trazendo mais uma das inúmeras análises já realizadas no PB, mas que não se esgota aqui, pois outras variáveis ainda podem ser testadas na variação dos verbos existenciais.

Pretendemos, assim, que este estudo sociolinguístico seja somado aos demais trabalhos já realizados sobre o falar popular do fortalezense, na perspectiva de contribuir para a descrição da língua falada de Fortaleza-CE.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. A. de. **As vogais médias pretônicas no falar popular de Fortaleza**: uma abordagem variacionista. 2007. 152 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007. Disponível em: <www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3597>. Acesso em: 12 mar. 2017.

BORTONI-RICARDO, S. M.; SOUSA, R. M. de; FREITAS, V. A. de L.; MACHADO, V. R. (Orgs.). **Por que a escola não ensina gramática assim?** São Paulo: Contexto, 2014.

CALLOU, D.; AVELAR, J. O. de. Sobre ter e haver em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. **Revista Gragoatá**, [s.l.], n. 9, p. 85-100, 2000. Disponível em: <http://www.academia.edu/15828109/Sobre_TER_e_HAVER_em_constru%C3%A7%C3%B5es_existenciais_varia%C3%A7%C3%A3o_e_mudan%C3%A7a_no_Portugu%C3%AAs_do_Brasil>. Acesso em: 14 maio 2018.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

_____. **The social stratification of English in New York City**. 2. ed. United Kingdom: Cambridge University Press, 2006.

MARTINS, L.; CALLOU, D. Mudança em tempo aparente e em tempo real: construções ter/haver existenciais. In: ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL, 5., 2003, Curitiba-PR. **Anais Eletrônicos...**



Curitiba: Mídia Curitibana, 2003. p. 820-825. Disponível em: <<http://celsul.org.br/Encontros/05/pdf/114.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2016.

RIBEIRO, P. R. O.; SOARES, M. S.; LACERDA, P. F. A. da C. A realização da noção de existência no “mineirês”: um estudo da variação dos verbos *ter*, *haver* e *existir*. **Revista Signótica**, Goiânia, v. 25, n. 2, p. 535-561, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/view/19192/15795>>. Acesso em: 26 jun. 2016.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X**: a variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics. University of Toronto, 2005. Software. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

SOUZA, F. F. de. **Tem chance de haver ainda existir no falar popular?**: a variação dos verbos existenciais em amostra do NORPOFOR. 2015. 105 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em: <<http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Francisco%20F.%20de%20Souza.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

VIEIRA, S. R.; FREIRE, G. C. Variação morfossintática e ensino de português. In: MARTINS, M. A.; VIEIRA, S. R.; TAVARES, M. A. (Orgs.). **Ensino de português e sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 81-114.

VITÓRIO, E. G. de S. L. A. (Des) Uso do verbo haver existencial. **Web-Revista Sociodialetto**, [s.l.], v. 6, n. 17, nov. 2015. Disponível em: <<http://www.sociodialetto.com.br/edicoes/22/03062016072234.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2016.

_____. **Construções existenciais com os verbos ter e haver na fala e na escrita**: uma análise comparativa. 2013. 29 f. Relatório de Pós-Doutorado (Pós-doutorado Júnior em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

_____. Um estudo sobre a variação ter e haver existenciais na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió. **Revista Eletrônica Via Litterae**, Anápolis, v. 2, n. 1, p. 75-87, jan./jun. 2010. Disponível em: <http://www2.unucseh.ueg.br/vialitterae/assets/files/volume_revista/vl_v2_v1/31-Variacao_ter_e_haver_existenciais-ELYNE_VITORIO.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2016.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.) **Introdução à sociolinguística** - o tratamento da variação. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 51-58.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].



SEM FREQUENTAR A ESCOLA, *ELES CONCORDA MENOS*, EM FORTALEZA-CE¹

Maria Lidiane de Sousa Pereira (PosLA-UECE)

Introdução

É fato conhecido que, há mais de três décadas, o fenômeno de variação na concordância verbal (doravante CV) com a 3ª pessoa do plural (doravante 3pp) vem sendo amplamente documentado por pesquisas variacionistas realizadas em diferentes localidades do Brasil (VIEIRA, 2015; PEREIRA; ARAÚJO, 2016a, 2016b). Apesar de mover o interesse de diversos estudiosos, sabe-se que há ainda muitas comunidades de fala que não dispõem de um trabalho variacionista sobre a CV na 3pp. Esse era o caso da cidade de Fortaleza, já que, até o término desta pesquisa, não foi tomado conhecimento de nenhum outro trabalho sobre o referido fenômeno com base em dados da variedade fortalezense. Esse fato certamente confere maior relevância a este texto.

Dentre os muitos achados dos estudos realizados até aqui sobre a variação na CV com a 3pp, destaca-se o fato de que a variável social/extralingüística escolaridade frequentemente é apontada como relevante para a compreensão desse fenômeno. Em linhas gerais, tem-se visto que quanto maior a escolarização dos falantes, maior a tendência de eles preservarem as marcas formais de CV com a 3pp (ANJOS, 1999; SGARBI, 2006; MONTE, 2007; MONGUILHOTT, 2009). Por outro lado, quanto menor a escolarização dos informantes, maior a probabilidade de eles não preservarem as marcas formais de CV com a 3pp (OLIVEIRA, 2005).

¹ Este trabalho é parte da dissertação de Pereira (2016).



Diante disso, este trabalho coloca em discussão a atuação da escolaridade sobre a variação na CV com a 3pp, na capital cearense. O intuito é observar como maiores e/ou menores níveis de escolarização atuam, principalmente, sobre o uso da variante sem marcas formais de CV, em coocorrência com a marcação formal de CV na 3pp.

A partir de resultados obtidos por outros estudiosos do fenômeno – conforme será discutido na seção seguinte – bem como no perfil social dos informantes selecionados para esta investigação, foram formuladas duas grandes hipóteses:

- (i) Acredita-se que, no falar popular de Fortaleza, o uso da variante sem marcas formais de CV tende a ser maior do que o uso da variante com marcação formal de CV;
- (ii) Espera-se que os falantes com menos escolaridade beneficiem a não marcação formal de CV com a 3pp.

Para facilitar a abordagem, bem como a distribuição dos conteúdos tratados, neste texto, as seções que sucedem esta introdução correspondem a: (i) uma discussão acerca da atuação da variável escolaridade sobre a variação na CV com a 3pp a partir de outros estudos variacionistas; (ii) delineamento dos procedimentos metodológicos da pesquisa; (iii) apresentação e discussão dos resultados e (iv) considerações finais.

Concordância verbal e a variável escolaridade na perspectiva variacionista²

Partindo do reconhecimento de que a heterogeneidade é uma propriedade das línguas naturais (LABOV, 2008 [1972]), diversos estudos

2 Para a seleção dos trabalhos comentados, ainda que muito brevemente, nesta seção, foram adotados, basicamente, os seguintes critérios: (i) optou-se por selecionar pesquisas representativas de diferentes variedades do português do Brasil; (ii) selecionou-se apenas trabalhos desenvolvidos nos moldes da Sociolinguística Variacionista; (iii) preferiu-se estudos para os quais a escolaridade foi selecionada como estatisticamente relevante. Importante destacar ainda que, diante das inegáveis diferenças entre as amostras usadas nos trabalhos comentados aqui e a amostra deste estudo, evitou-se estabelecer comparações entre os resultados desta pesquisa com os dos trabalhos discutidos nesta seção. Isso, evidentemente, não impediu de retomá-los, na medida do possível, sempre que se julgou necessário.



acerca da CV com a 3pp, no falar brasileiro, têm indicado que, ao contrário do que prega a tradição normativa, esse fenômeno figura, essencialmente, como uma regra variável e não ‘quase variável’. Desse modo, são reconhecidas, hoje, duas formas possíveis para o uso da CV com a 3pp, conforme nos mostram os excertos de 1 a 4:

- (1) eles queriam pelar a minha cabeça³
- (2) e eles não estão nem aí... quando a pessoa pega uma coisinha como essa minha neta pra criar...
- (3) eles vive direitinho aí...
- (4) elas tratava a gente como gente...

Nas ocorrências 1 e 2, vê-se que as marcas formais de CV na 3pp, impostas pela tradição normativa, são preservadas. Por outro lado, nas ocorrências 3 e 4, verifica-se que as marcas formais de CV não são mantidas. A existência dessas duas variantes linguísticas tem fomentado a busca de muitos variacionistas por explicações para o fenômeno.

Uma das explicações mais coerentes é a de que o uso das variantes com e sem marcas formais de CV com a 3pp é condicionado por uma série de variáveis linguísticas e sociais/extralinguísticas. Dentre estas últimas, a variável escolaridade tem se mostrado de grande relevância, conforme indicam, dentre outros, os estudos de Anjos (1999), sobre o falar de João Pessoa, com base em dados extraídos do projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB); Sgarbi (2006), acerca da linguagem falada em 30 municípios do estado do Mato Grosso do Sul, a partir de dados coletados no Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul (ALMS) e Rúbio (2008), sobre o falar de São José do Rio Preto, com base em dados extraídos do projeto Amostra Linguística do Interior Paulista (ALIP).

Sobre o estudo de Anjos (1999), destaca-se que a escolaridade foi a variável social de maior relevância para amostra de fala estudada pela autora. Ao todo, foram controlados quatro níveis de escolarização (I: nenhuma escolaridade; II: 1 – 4 anos; III: 5-8 anos; 9-11 anos e IV: mais de 11 de escolaridade). De acordo com os resultados obtidos por Anjos (1999), os

3 Ocorrências extraídas do NORPOFOR, DID 06.



falantes com 9-11 anos (0.63)⁴ e os informantes com mais de 11 anos de escolaridade (0.69) beneficiam o uso da variante com marcas formais de CV na 3pp. Por outro lado, falantes com nenhuma escolaridade (0.26) e com 1- 4 anos de escolarização (0.34) inibem o uso da CV com a 3pp. Já os falantes com 5-8 anos de escolarização (0.50) se mostram neutros para o falar de João Pessoa. Os resultados alcançados por Anjos (1999) indicam uma clara escala crescente de preservação das marcas formais de CV com a 3pp, no sentido de que, quanto maior a escolaridade do falante, maior o uso da CV com a 3pp. Na verdade, são justamente os falantes com mais escolaridade que favorecem o uso da referida regra.

Assim como em Anjos (1999), a escolaridade foi apontada como uma variável de grande valia para a pesquisa de Sgarbi (2006). Nessa última, os informantes foram estratificados, de acordo com seu grau de escolarização em: (i) analfabetos⁵; (ii) ensino fundamental incompleto e (iii) ensino fundamental completo. Os resultados obtidos por Sgarbi (2006) indicam que os informantes com ensino fundamental completo (0.70) favorecem o uso das marcas de CV com a 3pp, ao contrário dos falantes tidos como analfabetos (0.24) e que possuem ensino fundamental incompleto (0.40).

Outro estudo variacionista que aponta a escolaridade como importante variável para a variação na CV com a 3pp é o de Rúbio (2008). Aqui, a variável escolaridade foi estudada com base em quatro níveis diferentes: (i) 1º ciclo do ensino fundamental; (ii) 2º ciclo do ensino fundamental; (iii) ensino médio e (iv) ensino superior. Os resultados obtidos por Rúbio (2008) apontam que os falantes com ensino superior (0.73) e com ensino médio (0.52) favorecem o uso das marcas formais de CV com a 3pp. Em contrapartida, falantes com o 1º (0.28) e 2º (0.40) ciclos do ensino fundamental inibem o uso das marcas formais de CV com a 3pp, no falar de São José do Rio Preto.

Ainda que tenham trabalhado com diferentes amostras de fala que, por sua vez, refletem diferentes realidades linguísticas no Brasil, é possível perceber que os resultados obtidos por Anjos (1999), Sgarbi (2006) e Rú-

4 Os valores entre parênteses correspondem ao chamado 'peso relativo'.

5 O termo 'analfabeto' é usado por Sgarbi (2006) para se referir aos informantes participantes da pesquisa que nunca frequentaram os grandes bancos escolares.



bio (2008) apontam uma tendência de uso para a variação de CV com a 3pp. Em termos mais diretos, constata-se que quanto maiores os níveis de escolaridade possuídos pelos falantes, maior a probabilidade de eles empregarem as marcas formais de CV com a 3pp. Por outro lado, vê-se que são os informantes com pouco ou nenhuma escolaridade que tendem a inibir o uso de tais marcas. Esses resultados permitem supor que os falantes com pouca ou nenhuma escolaridade tendem a favorecer a não marcação formal de CV com a 3pp.

A fim de testar essa hipótese, Oliveira (2005) observou o fenômeno em discussão no falar de Vitória da Conquista – BA, com base em dados coletados a partir de 30 entrevistas sociolinguísticas realizadas pela estudiosa. Os níveis de escolaridade controlados por Oliveira (2005) foram: (i) ensino fundamental; (ii) ensino médio e (iii) ensino superior. Os resultados obtidos pela estudiosa indicam que, de fato, os falantes com ensino fundamental (0.67) favorecem a não marcação formal de CV com a 3pp. Em sentido oposto, os informantes com ensino médio (0.49) se mostraram praticamente neutros e, para os falantes com ensino superior (0.28), foram registrados os menores índices de não marcação de CV com a 3pp, indicando que eles inibem o uso dessa variante.

Os achados das pesquisas variacionistas sobre a CV com a 3pp comentados, ainda que muito brevemente, nesta seção, evidenciam não só tendências de uso para as variantes com e sem marcas formais de CV na 3pp, conforme a diferenciação do grau de escolaridade entre os informantes, mas também apontam para a influência da escola no comportamento linguístico dos brasileiros.

Ao lado dessa assertiva, sabe-se que a CV “é um dos tópicos gramaticais que os professores de Língua Portuguesa, de um modo geral, mais se empenham em corrigir nos seus alunos” (MONTE, 2007, p. 13). Isso certamente ajuda a compreender o porquê que os falantes com maior tempo de permanência nos grandes bancos escolares tendem a beneficiar o uso das marcas formais de CV com a 3pp, variante preservada pela escola, conforme mostram os resultados obtidos pelos estudos de Anjos (1999), Sgarbi (2006) e Rúbio (2008). Em sentido oposto, um maior distanciamento por parte dos falantes do padrão de língua imposto pela tradição



escolar, tende a proporcionar um maior uso da variante sem marcas formais de CV com a 3pp (OLIVEIRA, 2005), variante que, a propósito, é fortemente estigmatizada socialmente.

Metodologia

A amostra de fala

A partir de um recorte no quadro geral do *corpus* Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (doravante NORPOFOR), foram selecionados 72 informantes alocados, exclusivamente, nos inquéritos do tipo Diálogo Entre Informante e Documentador - doravante DID -. Além dos DIDs, sabe-se que o projeto NORPOFOR comporta mais dois tipos de inquéritos (Diálogo entre Dois Informantes - doravante D2 - e Elocução Formal - doravante EF -)⁶. De acordo com Araújo (2011), a diferenciação entre os tipos de inquéritos resume-se, basicamente, ao grau de formalidade e informalidade que apresentam. De modo mais específico:

O primeiro [DID] apresenta um nível intermediário de formalidade, já que, em geral, não havia intimidade entre informante e documentador; o segundo, o D2, é o menos formal de todos, já que, neste tipo de inquérito, os informantes, necessariamente, são familiares ou amigos; e, finalmente, o terceiro, o EF, apresenta o maior nível de formalidade, em razão deste tipo de inquérito ocorrer em ambientes formais e o tema apresentar certo grau de planejamento (ARAÚJO, 2011, p. 842).

Neste estudo, portanto, adotou-se o tipo de registro que apresenta um grau intermediário de formalidade (ARAÚJO, 2011). Além do tipo de inquérito, os informantes do NORPOFOR e, conseqüentemente, da amostra deste estudo, foram estratificados socialmente de acordo com três faixas etárias (I – 15 a 25 anos; II – 26 a 49 anos; III – a partir de 50 anos), dois sexos (homens e mulheres) e três níveis de escolaridade (I – 0-4 anos; II – 5-8 anos; III – 9-11 anos). Com base em tais distinções, foram alocados, aqui, 4 informantes por célula, conforme o Quadro 1:

⁶ A esse respeito, ver Araújo (2011).



Quadro 1 - Distribuição e estratificação social dos informantes neste estudo

		Sexo					
		Masculino			Feminino		
		(0-4)	(5-8)	(9-11)	(0-4)	(5-8)	(9-11)
Faixa Etária	Escolaridade						
	15 a 25 anos	4	4	4	4	4	4
	26 a 49 anos	4	4	4	4	4	4
	a partir de 50 anos	4	4	4	4	4	4

Fonte: elaborado pela autora com base em Araújo (2007).

Variável dependente e independente controladas

A variável dependente controlada, neste trabalho, comporta duas variantes linguísticas, a saber: emprego de marcas formais de CV com a 3pp *vs.* não marcação formal de CV com a 3pp, conforme os excertos 5 e 6, respectivamente:

- (5) eles nascem já com o seu instinto (NORPOFOR, DID 12).
 (6) eles não gosta muito (NORPOFOR, DID 09).

Destaca-se que, para a realização deste estudo, optou-se por trabalhar apenas com casos para os quais o emprego das marcas formais de CV é considerado um ponto obrigatório pelas gramáticas tradicionais. Assim, foram computados os casos que correspondem à:

- *Nome substantivo no singular com um ou mais termos determinantes no plural:*

- (7) as droga tão solta aí no meio do mundo só a misericórdia de Deus só a misericórdia de Deus... (NORPOFOR, DID 06).

- *Nome substantivo no plural:*

- (8) ah as professoras era ótimas legais... (NORPOFOR, DID 09).



- *Pronomes pessoais eles/elas com referência determinada:*

(9) os samurais eles eram só da guarda do rei por exemplo (NORPOFOR, DID 12).

- *Pronome pessoal eles com referência indeterminada:*

(10) eles não gosta muito (NORPOFOR, DID 09).

- *Numeral no plural:*

(11) dois casarU entre si (NORPOFOR, DID 11).

- *Dois ou mais nomes substantivos ou nome substantivo e pronome ele/ela (sujeito composto):*

(12) meu pai e minha mãe ensinou a honestidade pra mim (NORPOFOR, DID 34).

- *Outros pronomes (indefinidos/demonstrativos):*

(13) mas uns diz assim raPAZ fique aqui até:: você se aposentar (NORPORFOR, DID 45).

Após essas considerações sobre a variável dependente testada, neste estudo, ressalta-se que a escolaridade figura como a variável independente controlada nesta pesquisa. Para a observação da referida variável, foram elencados três diferentes níveis de escolarização, conforme a estratificação dos informantes no NORPOFOR:

I – 0 - 4 anos

II – 5 - 8 anos

III – 9 - 11 anos

Análise dos dados

Nesta seção, são apresentados e discutidos os principais resultados obtidos com este estudo. Para melhor distribuição e discussão dos conteúdos, optou-se por dividir esta parte do artigo em duas subseções. Na primeira, **visão geral do fenômeno na amostra**, são apresentados os resultados obtidos para o comportamento das variantes estudadas (marcação *vs.*

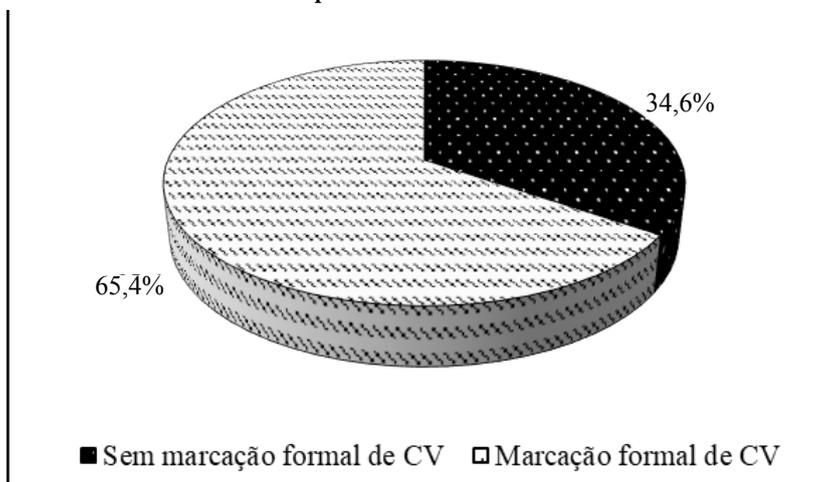


não marcação formal de CV com a 3pp). Na segunda subseção, **comportamento da variável escolaridade**, discutem-se os resultados referentes à atuação da variável escolaridade sobre a variação na CV com a 3pp, no falar de Fortaleza – CE. Ressalta-se que, em ambas as subseções, as hipóteses iniciais do estudo são retomadas com o propósito de observar se elas foram confirmadas ou refutadas com a análise dos dados.

Visão geral do fenômeno na amostra

Com base nos 72 inquéritos selecionados para esta pesquisa, foram obtidas 3.489 ocorrências de variação na CV com a 3pp. Desse total, 2.283 (65,4%) apresentam a marcação formal de CV, enquanto que 1.206 (34,6%) das ocorrências não apresentavam marcas formais de CV com a 3pp. A esse respeito, observe-se o Gráfico 1:

Gráfico 1 – Frequência de uso das variantes estudadas



Fonte: elaborada pela autora.

Os resultados do Gráfico 1 indicam que a frequência de uso da não marcação formal de CV com a 3pp é notavelmente menor do que a marcação formal de CV com a 3pp. Essa última variante apareceu quase que no dobro das ocorrências do fenômeno estudado. A partir disso, pode-

-se afirmar que, no processo de variação entre marcação *vs.* não marcação formal de CV com a 3pp, na amostra de fala usada neste trabalho, há a predominância da marcação formal de CV. Vê-se também que, entre os informantes deste estudo, a ausência e presença de marcação formal de CV com a 3pp são variantes coexistentes e usadas, em maior e menor grau, em situações reais de interação verbal.

Importante destacar que esses resultados refutam a primeira hipótese deste trabalho referente ao comportamento das variantes observadas. Afinal, esperava-se, inicialmente, que a variante sem marcas formais de CV com a 3pp prevalecesse sobre a variante com marcas formais de CV, o que não se confirmou.

Como possível explicação para esse fato, ressalta-se que, embora se tenha trabalhado com uma amostra de fala tida como popular – ponto que poderia elevar a frequência de uso da variante sem marcas formais de CV com a 3pp (MONTE, 2007) – não podemos esquecer que a amostra deste trabalho é representativa de falantes oriundos de uma das maiores metrópoles brasileiras. Compreende-se que esse fato tende a preservar formas tidas como prestigiadas socialmente, caso da marcação formal de CV com a 3pp que, por sinal, é avaliada, “ao menos em meios urbanos e letrados, de forma absolutamente positiva” (VIEIRA; BRANDÃO; GOMES, 2015, p. 104). Essa avaliação positiva que recebe a variante com marcação formal de CV na 3pp nos chamados meios urbanos, certamente, tende a induzir o seu uso com maior frequência, conforme apontam os achados deste trabalho.

Além disso, outro ponto que pode ser evocado na busca por explicações para os resultados obtidos com o comportamento das variantes analisadas diz respeito à noção do tipo de inquérito adotado, isto é, o DID. No que tange à elaboração dos DIDs, sabe-se que as entrevistas foram realizadas através do contato direto entre informante e documentador e que apresentam um nível intermediário de formalidade (ARAÚJO, 2011). Importante frisar que a ideia de um maior ou menor grau de atenção prestado pelo falante a sua fala remete à noção de variação estilística, postulada por Labov (2006, 2008 [1972]).



A esse respeito, é válido mencionar que, no quadro dos estudos sociolinguísticos desenvolvidos nas últimas duas décadas, a noção de variação estilística tem herdado mais atenção do que, a princípio, recebeu por parte dos variacionistas (HORA, 2014; GÖRSKI; VALLE, 2014). Qualquer consideração da noção de estilo que procede a partir dos postulados labovianos, reconhece que:

[...] a variação verificada nas entrevistas é intrafalante e que os contextos são observados na própria fala dos informantes e distribuídos num *continuum* estilístico correlacionado a graus de atenção à fala – embora [Labov] admita que a adaptação ao ouvinte também esteja envolvida nas trocas de estilo e que os entrevistados falem diferentemente em situações comunicativas distintas (GÖRSKI; VALLE, 2014, p. 68).

Nesse sentido, Araújo (2011) postula diferentes graus de atenção prestados pelo informante à sua fala, conforme mudam os tipos de inquéritos no NORPOFOR. Afinal, tanto no DID como no D2 e EF, os informantes estão inseridos em situações distintas de interação verbal. No caso dos DIDs, os falantes se viram diante de equipamentos (caso do gravador) próprios para armazenar sua fala, bem como de um pesquisador, geralmente um sujeito estranho ao seu círculo de contatos. Além disso, nas entrevistas do tipo DID, os informantes eram instigados a responder perguntas, formuladas pelo pesquisador. Somados, tais pontos podem gerar uma tensão durante a entrevista, fazendo com que os informantes prestem, de fato, maior atenção ao seu comportamento e optem por usar variantes de maior prestígio social.

Contudo, não parece válido acreditar que, nos inquéritos do tipo DID, predominam apenas aspectos que culminam naquilo que Labov (2008 [1972], p. 102) chama de “fala monitorada”, pois, durante a realização desse tipo de inquérito, os documentadores do projeto NORPOFOR adotaram certas medidas com o intuito de amenizar, ao máximo, um possível desconforto ou monitoramento excessivo por parte do falante a sua fala. Para tanto, os documentadores buscaram não sobrepor suas falas à do informante, deixando com que esse último falasse o máximo e mais livremente possível (ARAÚJO, 2007).



Desse modo, sempre que possível, os documentadores valorizavam e investiam, quando identificavam temas que tocavam os entrevistados. Tais temas estavam, na grande maioria das vezes, relacionados a fatos da vida do informante, como acontecimentos passados que despertavam sentimentos alegres ou tristes. No caso desse último, foram localizados inquéritos em que o informante se mostrava muito emocionado, chegando mesmo a chorar durante a entrevista. Isso aconteceu quando o entrevistado resgatava memórias de episódios que envolviam, sobretudo, alguma morte de pessoas próximas, principalmente familiares.

Ao apelar para as chamadas narrativas pessoais, o entrevistador tentava fazer com que o informante se sentisse mais à vontade, relaxado e, conseqüentemente, mais emotivo. A esse respeito, Labov (2008 [1972], p. 245) defende que narrativas produzidas em torno de questões que envolvem risco de vida, por exemplo, “exibem uma mudança de estilo que se distancia da fala monitorada e se aproxima do vernáculo”.

Diante desses pontos, é válido acreditar que o predomínio da variante com marcas formais de CV na 3pp pode estar relacionado ao tipo de inquérito adotado nesta pesquisa, já que, nos DIDs, em comparação com os D2 e EF, admite-se um grau de monitoramento intermediário por parte do falante ao seu comportamento linguístico. A noção de informalidade intermediária proposta por Araújo (2011) parece, portanto, bastante adequada, já que foram verificados nos DIDs aspectos que remetem tanto a aspectos da ‘fala monitorada’ como à “fala fora da entrevista formal” (LABOV, 2008, p. 111).

Tendo discutido o comportamento das variantes observadas, neste trabalho, apresenta-se e discute-se, de agora em diante, o comportamento da variável escolaridade sobre o uso da variante sem marcas formais de CV com a 3pp. A esse respeito, convém pontuar que, mesmo diante do predomínio da variante com marcas formais de CV, optou-se por observar o comportamento dessa variável sobre a variante sem marcação formal de CV com a 3pp, conforme foi sinalizado, desde o início deste texto.

Como justificativa para essa opção metodológica, vale lembrar ao leitor que a variante sem marcas formais de CV com a 3pp é avaliada socialmente de modo negativo, o que leva à necessidade de buscar obser-



var, sempre com base em dados empíricos, quais fatores linguísticos e/ou sociais – ainda que este estudo foque apenas nesses últimos e, mais especificamente, em diferentes níveis de escolaridade – condicionam o uso de tal variante, pois conhecer os fatores que asseguram o uso de uma ou de outra variante, no uso real da língua, é de suma importância para a quebra de preconceitos.

Comportamento da variável escolaridade

De acordo com a seleção do programa computacional Goldvarb X, a variável escolaridade é de grande importância para a variação na CV com a 3pp na amostra deste estudo, tendo sido a primeira a ser selecionada⁷ como estatisticamente relevante. Frisamos que o melhor nível de análise foi o *step up* 45, com *input* de 0,275 e *nível de significância* igual a 0,010. Os dados obtidos para os fatores que compõem a variável escolaridade estão, portanto, devidamente explicitados na Tabela 1:

Tabela 1 – Atuação da variável *escolaridade* sobre a variação na CV com a 3pp

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
0-4 anos	523/1.096	47,7	0,694
5-8 anos	381/1.020	34,7	0,525
9-11 anos	302/1.373	22,0	0,326

Fonte: elaborado pela autora.

De acordo com esses resultados, os falantes com 0-4 anos de escolaridade são, na amostra desta pesquisa, os grandes favorecedores da não marcação formal de CV com a 3pp. Para os informantes com 0-4 anos de escolarização, foi registrada uma frequência de uso, para a variante sem marcas formais de CV, igual a 47,7% e peso relativo de 0,694. De igual modo, os falantes com 5-8 anos favoreceram, ainda que discretamente, a não marcação formal de CV. Para eles, foi registrada uma frequência de uso da variante sem marcas de CV igual a 37,4% e peso relativo de 0,525. Em sentido oposto, os falantes com 9-11 não se mostraram favoráveis ao uso

⁷ Também foram selecionadas como relevantes as variáveis sociais *faixa etária* e *sexo* (Cf. PEREIRA, 2016). Contudo, as discussões sobre os comportamentos das referidas variáveis serão feitas em outro momento.



da variante sem marcas de CV com a 3pp, atingindo uma frequência de 22,0% e peso relativo igual a 0,326.

Esses resultados não apenas indicam os falantes com 0-4 anos e 5-8 anos de escolarização como os mais sensíveis ao uso da variante sem marcas formais de CV, mas, também, confirmam a hipótese que, inicialmente, foi levantada para o comportamento da variável escolaridade diante do fenômeno investigado. Em outras palavras, desde o início, era mesmo esperado que os falantes com menores graus de escolaridade favorecessem o uso da variante sem marcas formais de CV com a 3pp, ao contrário dos informantes com mais anos de escolarização.

Na busca por explicações para o comportamento da variável escolaridade, neste trabalho, é válido observar, antes de tudo, outros aspectos da identidade social dos informantes que possuem maiores e/ou menores níveis de escolaridade na época das gravações das entrevistas do NORPOFOR. Conforme Araújo (2007), os falantes com 0-4 anos nunca frequentaram a escola e, quando muito, possuíam o primário incompleto. Além disso, trata-se de sujeitos que não exerciam atividades profissionais, quando foram entrevistados para a constituição do NORPOFOR (ARAÚJO, 2007).

Por outro lado, falantes com até 11 anos de escolarização são sujeitos com até o ensino médio e que, durante a realização das entrevistas, estavam inseridos, ou buscando inserirem-se, no mercado de trabalho. Para esses últimos, eram esperados índices menores de uso da variante sem marcas formais de CV e, conseqüentemente, o seu não favorecimento, proposição que também foi confirmada pelos dados deste estudo.

No que se refere às possíveis influências do contato dos falantes com o mercado de trabalho, Labov (2003), Coan e Freitag (2010) entendem que isso pode fazer com que haja a ampliação do repertório linguístico dos falantes. Nesse sentido, supõe-se que, ao inserir-se no mercado de trabalho, o falante tende a prestar mais atenção a sua fala, o que pode fazer com que busque preservar as variantes prestigiadas socialmente.

No que tange às possíveis influências da escolaridade sobre o comportamento linguístico de determinados sujeitos, destacou-se, na introdução, bem como na segunda seção deste artigo, que a variável escolaridade é



de grande valia para a observação das tendências de distribuição, atribuição de valores e, conseqüentemente, encaixamento das variantes linguísticas em determinadas comunidades de fala. Nesse sentido, ao estudar o inglês falado em Nova Iorque, Labov (2008) constatou que os informantes com nível de escolaridade mais baixo tendem a usar, com maior frequência, as variantes não preservadas pelos grandes bancos escolares e, em alguns casos, estigmatizadas. Por outro lado, as formas preservadas pela escola e, geralmente, bem avaliadas socialmente, tendem a ser mais utilizadas pelos falantes com maior escolarização.

A partir da descoberta de Labov (2008 [1972]), muitos estudiosos têm observado a variável escolaridade em seus estudos e constatado que, de fato, falantes mais escolarizados tendem a usar variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente (SCHWINDT *et al.*, 2007). Essa realidade aponta a forte influência que a escola exerce sobre o comportamento linguístico dos falantes.

Além disso, a hipótese preliminar de que os falantes com menos escolaridade beneficiariam o uso da variante sem marcas formais de CV estava amparada no fato de que, durante a observação dos estudos relevantes para a variação na CV com a 3pp, já realizados em outras variedades do português do Brasil (ANJOS, 1999; SGARBI, 2006; RUBIO, 2008), percebeu-se o constante favorecimento do uso da variante com marcas formais de CV no comportamento de sujeitos com mais anos de escolarização. Isso, naturalmente, permitiu supor que falantes com menos escolarização favoreceriam a não marcação formal de CV, na amostra de fala usada neste trabalho.

De igual modo, é fato conhecido que a escola tende a atuar sobre a fala e/ou escrita dos indivíduos que a frequentam no sentido de preservar as formas adotadas pela tradição gramatical e, geralmente, tidas como prestigiadas (VOTRE, 2012). Assim, acredita-se que o uso da variante sem marcas formais de CV tende a ser maior no comportamento de falantes que possuem pouca ou nenhuma escolaridade e menor no comportamento de falantes com mais escolaridade, uma vez que a não marcação formal de CV não é preservada pela tradição normativa, mas sim alvo constante de correção (MONTE, 2007; CARDOSO; COBUCCI, 2014). Neste sentido, Ribeiro e Lacerda (2013, p. 96) indicam:



[...] a atuação da escola [...] é um fator que busca homogeneizar a língua em todo o território brasileiro, independentemente das divisões sócio-geográficas. Essa pretensa homogeneização se dá rumo à fala urbana, que, por sua vez, caminha em direção à língua padrão, à língua dos nossos colonizadores europeus, já que, até hoje, é a língua portuguesa (e não o português brasileiro) que ocupa o lugar central (e/ou único) nas escolas brasileiras, bem como nos meios de comunicação em massa.

Com isso, é notável o modo como a escola exerce papel de grande importância diante de fenômenos de variação e mudança, podendo refreá-los, quando condena o uso de determinadas variantes, caso da variante sem marcação formal de CV com a 3pp, ou ajudando a disseminá-las. Neste último caso, a escola toma as variantes como objeto de ensino e, quando não as insere no quadro de estudos programados, pelo menos não as condena, o que certamente contribui para que as formas que não aparecem nas gramáticas tradicionais sejam menos marcadas socialmente.

Seguindo essa linha de raciocínio, pode-se dizer que, a julgar pelo comportamento da variável escolaridade, a não marcação formal de CV na amostra usada neste trabalho é uma forma que acarreta estigma social, sendo coibida por falantes com mais anos de escolarização e preservada na fala de informantes com menos escolaridade.

Considerações finais

Os dados provenientes do projeto NORPOFOR analisados, neste trabalho, indicam que a variante sem marcas formais de CV (34,6%) tende a ser menos usada do que a variante com marcas formais de CV na 3pp (65,4%), a qual, na verdade, se mostrou bastante produtiva. Esse resultado não confirma, portanto, a hipótese inicialmente levantada, ou seja, esperava-se que os falantes selecionados para este estudo beneficiassem mais a variante sem marcas formais de CV frente à variante com marcas formais de CV na 3pp.

No que tange ao papel da variável escolaridade sobre a variação na CV com a 3pp, verificou-se que os falantes com 9-11 anos de escolarização (0,326) inibem o uso da variante sem marcas formais de CV, enquanto



que os falantes com 5-8 anos (0,525) e com 0-4 (0,699), principalmente estes últimos, beneficiam a regra em questão. Tais resultados confirmam, portanto, a hipótese inicialmente levantada para a influência de diferentes níveis de escolarização sobre o comportamento variável da CV com a 3pp a partir de dados do projeto NORPOFOR. Afinal, desde o início deste estudo, acreditava-se que, quanto menores fossem os níveis de escolaridade possuídos pelos falantes, maiores as probabilidades de eles favorecerem o uso da variante sem marcas de CV na 3pp.

REFERÊNCIAS

ANJOS, S. E. dos. **Um estudo variacionista da concordância verbo-sujeito na fala dos pessoenses**. 1999. 140 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1999.

ARAÚJO, A. A de. **As vogais médias pretônicas no falar popular de Fortaleza**: uma abordagem variacionista. 2007. 152 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007. Disponível em: <www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3597>. Acesso em: 12 mar. 2017.

_____. O Projeto Norma Oral Do Português Popular de Fortaleza – NORPOFOR. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOSOFIA, 15., 2011. Rio de Janeiro. **Cadernos...** Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. p. 835-845. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/72.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2018.

CARDOSO, C. R.; COBUCCI, P. Concordância de número no português brasileiro. In: BORTONI-RICARDO, S. M.; SOUSA, R. M. de; FREITAS, V. A. de L.; MACHADO, V. R. (Orgs.). **Por que a escola não ensina gramática assim?** São Paulo: Parábola Editora, 2014. p. 71-107.

COAN, M.; FREITAG, R. M. K. Sociolinguística Variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. **Domínios da linguagem**, Uberlândia, v. 4, n. 2, p. 173- 194, 2010. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/issue/view/620>>. Acesso em: 03 nov. 2017.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; SOUZA, C. M. N. de; MAY, G. H. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

GÖRSKI, E. M.; VALLE, C. R. M. A variação estilística em entrevista sociolinguística: uma (re)leitura do modelo laboviano. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.;



SOUZA, C. M. N. de. **Variação Estilística**: reflexões teóricas e propostas de análise. Florianópolis: Editora Insular, 2014. p. 67-92.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HORA, D. da. Estilo: uma perspectiva variacionista. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; SOUZA, C. M. N. de. **Variação Estilística**: reflexões teóricas e propostas de análise. Florianópolis: Editora Insular, 2014. p. 19-30.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Editora Parábola, 2008.

_____. **Principios del cambio lingüístico**: factores sociales. Tradução de Pedro Martín Butragueño. Madrid: Editorial Gredos, 2006.

_____. **Principles of linguistic change**: internal factors. Oxford: Blackwell, 1994. p. 156-159. Disponível em: <<http://eng.sagepub.com/content/25/2/156.extract>>. Acesso em: 28 nov. 2016.

_____. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C. B; TUCKER, G. R. (Orgs.). **Sociolinguistics**: the essential readings. Oxford: Blackwell, 2003. p. 235-250.

MONGUILHOTT, I. de O. e S. **Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PE e no PB**. 2009. 229 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/92838/268683.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

MONTE, A. **Concordância verbal e variação**: uma fotografia sociolinguística da cidade de São Carlos. 2007. 120 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/178001?locale=es_ES>. Acesso em: 02 fev. 2017.

OLIVEIRA, M. dos S. **Concordância verbal de terceira pessoa do plural em Vitória da Conquista**: variação estável ou mudança em progresso? 2005. 190 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10981>>. Acesso em: 04 maio 2017.

PEREIRA, M. L. de S. ARAÚJO, A. A. de. Variação na concordância verbal no português brasileiro: olhares variacionistas. **Revista de Letras**, Curitiba, v. 18, p. 75-91, 2016a. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/view/4799>>. Acesso em: 31 out. 2017.



_____. Mapeamento de fatores linguísticos e sociais relevantes para a variação na concordância entre verbo-sujeito na 3ª pessoa do plural no falar brasileiro. **LITTERA ONLINE**, Maranhão, v. 7, p. 125-147, 2016b. Disponível em: <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/view/5711>>. Acesso em: 31 out. 2017.

PEREIRA, M. L. de S. **Por que eles não concorda?** Mecanismos de variação na concordância verbal no português oral popular de Fortaleza-CE. 2016. 170 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) — Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: <<http://www.uece.br/posla/index.php/dissertacoes/288-2016>>. Acesso em: 03 nov. 2017.

PINTZUK, S. **Programa VARBRUL**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1988.

RIBEIRO, P. R. O.; LACERDA, P. F. A. da C. Variação, mudança e não mudança linguística: ressignificando o conservadorismo linguístico no português do Brasil. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 09, n. 2, p. 91-105, 2013. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:1bWqtllL1kJ:www.revistalinguistica.letas.ufrj.br/index.php/revistalinguistica/article/download/77/205+&cd=2&hl=ptBR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 22 mar. 2017.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X**: a variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics. University of Toronto, 2005. Software. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

SCHERRE, M. M. P. Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista. **Tabuleiro de Letras** (Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens), Salvador, v. 04, p. 01-32, 2012. Disponível em: <http://www.tabuleirodeletras.uneb.br/secun/numero_04/pdf/no04_artigo09.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2017.

SCHWINDT, L. C. S.; QUADROS, E. S.; TOLEDO, E. E.; GONZALEZ, C. A. A influência da variável escolaridade em fenômenos fonológicos variáveis: efeitos retroalimentadores da escrita. **ReVEL** (Revista Virtual de Estudos da Linguagem), [s.l.], v. 5, n. 9, 2007. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_9_a_influencia_da_variavel_escolaridade.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2017.

SGARBI, N. M. F. de Q. **A variação na concordância verbal entre os falantes do Mato Grosso do Sul**. 2006. 196 f. Tese (Doutorado em Letras, Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/103490>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

VIEIRA, S. R. Apresentação. In: VIEIRA, S. R. (Org.). **A concordância verbal em variedades do português**. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, 2015. p. 13-15.



BRANDÃO, S. F.; GOMES, D. K. A expressão fonética de terceira pessoa do plural no português do Brasil: uma agenda de pesquisa para o tratamento da variável saliência fônica. In: VIEIRA, S. R. (Org.). **A concordância verbal em variedades do português**. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, 2015. p. 104-147.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p. 51-57.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

OS PRONOMES *SENHOR* E *VOCÊ* NO FALAR FORTALEZENSE¹

Tatiane de Araújo Almeida Studart Guimarães (PosLA-UECE)

Aluiza Alves de Araújo (UECE)

Introdução

O uso das formas de tratamento (doravante FTs) está ligado a fatores decorrentes de nossa situação de interação. De acordo com Preti (2004), intimidade, solidariedade, polidez, afetividade, reverência, hierarquia e poder são fatores que fazem com que usemos uma forma em detrimento de outra.

Não à toa, tendemos a usar FTs mais respeitosas com as pessoas mais velhas, bem como com pessoas com quem temos pouca ou nenhuma intimidade. Mesmo nas relações de solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960), há necessidade de determinadas adequações. Em uma situação de informalidade, por exemplo, é possível chamar um amigo íntimo e de idade próxima de *senhor*. Contudo, o uso dessa forma durante uma conversa com pouca formalidade poderia gerar desconforto, devido ao uso impróprio da FT, salvo os casos em que a variante esteja sendo usada em tom de “brincadeira”.

Quanto ao uso das FTs, na cidade de Fortaleza, encontramos duas FTs recorrentes entre os fortalezenses, isto é, os pronomes *ocê* e *o(a) senhor(a)*². O uso do *ocê* é muito frequente, entretanto, a forma *o(a) senhor(a)*, diferente de outras localidades, também nos parece ser usada de maneira significativa.

1 Este trabalho é parte da dissertação de Guimarães (2014).

2 Para esta pesquisa, amalgamamos as formas *senhor* e *senhora*.



Assim, este estudo analisa a variação entre as formas *você* e *o(a) senhor(a)*, com o intuito de verificar quais fatores condicionam o uso da variante *o(a) senhor(a)*. Nossa hipótese é a de que *o(a) senhor(a)* seria classificado com distanciamento, hierarquia, formalidade, respeito, poder, bem como de cortesia ou de deferência; enquanto o *você* participaria de todas as classificações do nível semântico-pragmático³.

Para a realização deste trabalho, construímos uma amostra de linguagem falada composta por 53 informantes, pertencentes ao banco de dados do Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza - NORPOFOR, sobre o qual tornaremos a falar na seção dedicada a nossa metodologia. De igual modo, alicerçamos esta pesquisa na Teoria da Variação e da Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 1990, 2008 [1972]), na Teoria do Poder e da Solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960) e na Teoria da Polidez (BROWN; LEVINSON, 1987).

Além desta introdução e das considerações finais, este trabalho é composto por três seções: na primeira, destacamos algumas das características das formas nominais e comentamos alguns estudos já realizados no Brasil; na segunda seção, descrevemos a metodologia utilizada na pesquisa; na terceira, apresentamos e discutimos os resultados obtidos com este estudo. Por último, tecemos algumas considerações.

Formas de tratamento no português do Brasil

Alguns estudos apresentam o uso das FTs, como o de Biderman (1972), que mostra, no português medieval, o uso dos pronomes no português brasileiro e europeu. De acordo com a autora, o *vós* era a forma polida de se dirigir ao interlocutor, enquanto o *tu* era usado para relações solidárias (entre dois de igual poder) ou de superior para inferior. Já o pronome *você*, oriundo de uma forma honorífica, teve mudanças de valor, além das mudanças fonéticas. O *você* sempre foi uma forma de se referir ao interlocutor: “primeiro numa relação de inferior para superior; em seguida numa relação de igual para igual e de superior para inferior, ou, em outras palavras, de um tratamento não-íntimo para um tratamento íntimo” (MENON, 1995, p. 95).

3 Essas classificações estão explicitadas na metodologia.



Quando a interação fosse entre pessoas da mesma classe social e da mesma faixa etária, a forma de tratamento poderia alternar entre *o(a) senhor(a)* e *você*. O uso de uma das variantes dependeria, portanto, de muitos fatores como o *status* social e o tipo de interação social. O uso *do(a) senhor(a)*, por exemplo, era preferido por pessoas de educação mais conservadora em ambientes mais refinados que necessitavam de um tratamento mais formal e menos familiar. Biderman (1972) informa que, apesar do predomínio de *você* entre os inferiores, o uso de *o(a) senhor(a)* também ocorria, ainda que de modo mais discreto.

Hoje, o pronome *você* pode substituir tanto o *tu*, como também *o(a) senhor(a)*. Quanto a este último, estudos indicam uma pequena ocorrência dessa forma em diferentes estados brasileiros. Esse pronome é mais utilizado no sentido de respeito, levando em consideração a formalidade da situação comunicativa. A respeito de sua pouca ocorrência, Monteiro (1994, p. 153) diz:

A nosso ver, os jovens quebraram preconceitos e tentaram modificar seu espaço na sociedade brasileira, definindo um padrão de comportamento pautado pela ideia de liberdade ou autonomia face aos que se consideravam superiores em relação a eles. Em decorrência dessa nova postura, o tratamento respeitoso que se esperava do filho para o pai, do aluno para o professor e até mesmo do empregado para o patrão deixou de ter a rigidez que caracterizava as relações assimétricas. Já hoje é comum o emprego de *você* nas mais diversas díades.

Em estudos atuais, Machado (2010) analisou as formas de tratamento de 2ª pessoa no falar de Aracaju - SE. A autora informa que

foram relacionados às intenções dos falantes e ao tipo de impacto causado no interlocutor. Dividem-se de acordo com o grau de subserviência; formalidade/respeito; ou, ainda, de acordo com a intenção de criar uma situação de intimidade com o interlocutor (MACHADO, 2010, p. 9).

Foi observado que os pronomes *o(a) senhor(a)*, *dona* e *seu* indicam formalidade e respeito e são de uso comum em diferentes esferas da sociedade, além de serem usados tanto de maneira recíproca quanto em relações assimétricas de poder.



Sobre o falar da cidade de Tefé-AM, Martins (2010) estudou a alternância *tu/você/senhor* em um *corpus* de linguagem falada constituído entre 2008 e 2009. Seu trabalho revelou a presença do pronome *senhor*, em relações assimétricas e de maior formalidade. O pronome *senhor(a)* “é um pronome mais formal e que revela respeito, mas não é necessariamente um pronome não íntimo, pois é usado também dos filhos para os pais sem que isso elimine a intimidade de tal relacionamento” (MARTINS, 2010, p. 89). Os resultados indicam que pode estar em curso uma mudança no sentido de o *senhor* ser substituído pelo *tu*, nas relações assimétricas⁴ íntimas.

Divino (2008), ao tratar da variação de uso das formas *tu/você* e *senhor(a)*, em Santo Antônio de Jesus, no Recôncavo Baiano, ressalta que o grau de formalidade e o de intimidade são fatores importantes para a escolha dos pronomes, sendo o uso de *o senhor* utilizado nas relações de intimidade com mais respeito e nas relações de não intimidade.

Sette (1980) estudou as formas de tratamento na fala coloquial do recifense sob a perspectiva interacionista. No ambiente familiar, no tratamento usado com os pais, encontrou-se tanto o pronome *o(a) senhor(a)*, como *você*. No ambiente de trabalho, os informantes afirmaram usar apenas *você* e *senhor*. Neste ambiente, o fator idade só é significativo na escolha de tratamento de superior para inferior. Quando é de inferior para superior, a preferência é quase sempre *senhor*.

Soares (1980), em uma pesquisa de natureza interacionista, examinou as formas de tratamento no falar de Fortaleza-CE. A autora constatou que existe na capital cearense um sistema ternário das formas pronominais de tratamento com um uso muito variado, com *tu*, *você* e *o senhor*, tanto nas relações simétricas como nas assimétricas, ocorrendo variação entre *tu* e *você* e entre *você* e *o senhor* (ou *senhora*), de acordo com o grau de intimidade. A alternância das formas é determinada por fatores como situação discursiva, papel social dos interlocutores, faixa etária e grau de intimidade entre os interlocutores.

Tendo em vista que são poucos os trabalhos que abordam o pronome *o(a) senhor(a)*, podemos concluir que ele é usado em situação de

4 As relações assimétricas são aquelas relações humanas em que é considerada a diferença social nos cargos ocupados pelos falantes no discurso e que, de certa forma, um falante ficará subordinado a outro. Exemplo disso são as relações entre pais e filhos e entre chefe e funcionário.



formalidade, com pessoas que não se conhecem e ainda indica respeito. Os últimos estudos que abordam o uso dos pronomes de segunda pessoa, como os de Franceschini (2011), Alves (2010), Gonçalves (2008), Dias (2007), Peres (2006), Herênio (2006), Andrade (2004) e Coelho (1999), não contemplando esse pronome, revelam ainda que essa não é uma forma de tratamento usada, como aponta Martins (2010), entre os jovens, que estão preferindo o uso de *tu* ao de *o(a) senhor(a)*.

Metodologia

O *corpus* e a amostra

Em nossa pesquisa, utilizamos 53 informantes do NORPOFOR, distribuídos de acordo com sexo, escolaridade e faixa etária (ARAÚJO, 2011). Foram alojados 3 informantes por célula, somente uma célula foi preenchida com 2 informantes, devido à ausência de indivíduos para compô-la, como podemos visualizar no Quadro 1:

Quadro 1 - Distribuição dos informantes por variáveis sociais controladas na nossa amostra

	Sexo					
	Masculino (M)			Feminino (F)		
Escolaridade Faixa Etária	0 a 4 anos (A)	5 a 8 anos (B)	9 a 11 anos (C)	0 a 4 anos (A)	5 a 8 anos (B)	9 a 11 anos (C)
15 a 25 anos (I)	3	3	3	2	3	3
26 a 49 anos (II)	3	3	3	3	3	3
a partir dos 50 anos (III)	3	3	3	3	3	3
Total	27			26		

Fonte: Adaptado de Araújo (2011, p. 839).

Dentre os três diferentes tipos de registros que compõem o NORPOFOR (DID – Diálogo entre Informante e Documentador; D2 – Diálogo



go entre Dois Informantes e EF – Elocução Formal), escolhemos somente um tipo de registro, o D2, por ser esse o tipo de inquérito com o menor monitoramento e que favorece o diálogo direto entre os informantes sem a constante intervenção do documentador. De acordo com Araújo (2011), os interlocutores escolhiam o assunto que, em geral, tratava de fatos do cotidiano. Assim, utilizando a estratégia de narrativa de experiência pessoal, o documentador reduzia a tensão da situação e facilitava o surgimento do vernáculo, isto é, “o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala” (LABOV, 2008 [1972], p. 244).

Variáveis controladas

Variável dependente

A variável dependente é o fenômeno que desejamos estudar, em nosso caso, a variação dos pronomes de tratamento *você* e *o(a) senhor(a)*.

Variáveis independentes

Ao todo, foram elencadas 12 variáveis linguísticas: *tipo de referente* (genérico e específico); *estrutura do verbo* (verbo simples, verbo composto e locuções verbais); *posição em relação ao verbo* (antes do sujeito, depois do verbo ou sem verbo); *paralelismo formal* (com paralelismo - primeiro da série; com paralelismo - não primeiro da série; forma de tratamento isolada); *efeito gatilho* (com efeito gatilho e sem efeito gatilho); *tipo de verbo* (*dicendi*, epistêmico, estado, ação e verbo “ter”); *tópico discursivo* (conversas casuais, conversas relacionadas ao trabalho, conversas sobre relacionamento amoroso, observações irônicas/brincadeiras, conversa sobre terceiros, recordações; religião e repreensão); *tempo verbal* (presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, presente do subjuntivo, pretérito imperfeito do subjuntivo, futuro do subjuntivo e infinitivo pessoal); *função sintática do pronome* (função sujeito; função objeto indireto; função objeto direto; vocativo; predicativo do sujeito; complemento nominal; frase sem verbo ou impossível identificar), *tipo de entonação* (interrogativa e não interrogativa); *tipo de relato* (original e reportado); e *polaridade da sentença* (negativa e afirmativa).



Quanto às variáveis extralingüísticas, foram selecionadas cinco: *faixa etária* (I - 15 a 25 anos; II - 26 a 49 anos; III - a partir de 50); *escolaridade* (nenhum a 4 anos; 5 a 8 anos; 9 a 11 anos); *sexo* (masculino e feminino); *grau de intimidade entre os informantes* (alto e baixo); e *grau de simetria entre os interlocutores* (simetria e assimetria).

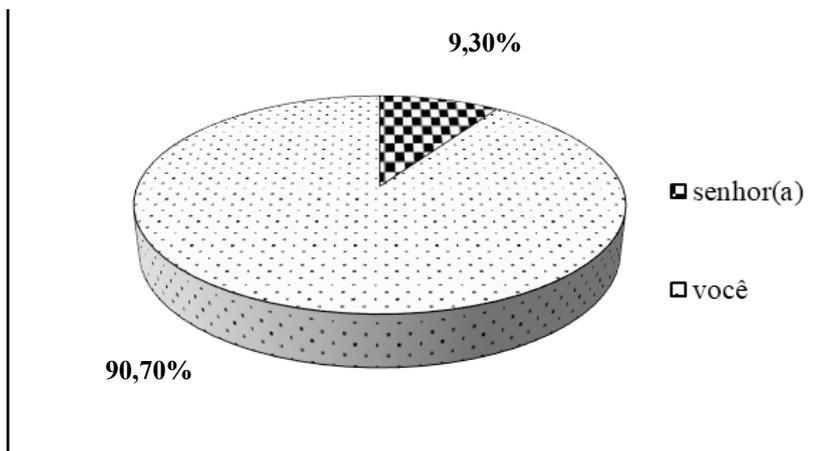
Inicialmente, ouvimos os áudios selecionados e, paralelamente a isso, lemos as transcrições para sabermos quais inquiridos apresentavam mais registros do fenômeno em estudo. Feito o levantamento dos dados, a etapa seguinte foi codificar todos os fatores controlados em nossa análise. Nessa fase do trabalho, atribuímos códigos tanto para as variantes que compõem a variável dependente como para os fatores das variáveis independentes. Após o arquivo salvo em formato .tkn, submetemos os dados à análise estatística do programa Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

Análise dos dados

Em nossa análise, observamos o comportamento variável das FTs pronominais *o(a) senhor(a) vs. você*. Diferente de outras pesquisas realizadas em outras localidades, conforme discutimos, ainda que brevemente, na primeira seção deste artigo, o pronome *o(a) senhor(a)* se revelou uma variante razoavelmente frequente em nossa amostra. Devemos esclarecer, mais uma vez, que juntamos as formas *o senhor* e *a senhora*, pois o nosso intuito era observar quais fatores influenciam o uso desses pronomes, independentemente do sexo.

Na rodada inicial, obtivemos 853 ocorrências, mas, como apareceram grupos constituídos por um só fator, tivemos que efetuar uma nova rodada sem esses grupos de fatores. Assim, na nova rodada, restaram 787 ocorrências, distribuídas da seguinte forma: 73 dados para *o(a) senhor(a)* (9,3%) e 714 dados para *você* (90,7%), como mostra o Gráfico 1.



Gráfico 1: Frequência de uso das variantes *o(a) senhor(a)* e *ocê* após a retirada dos nocautes

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Submetidos os 787 dados ao Goldvarb X, vimos que o *step up* 91 (*Input* 0,018, *Log likelihood* = -148,121, *Significance* = 0,045) foi a melhor da rodada. Dos 17 grupos de fatores submetidos à análise, foram selecionadas, nessa ordem de relevância, nove variáveis para a análise cujo fator de aplicação foi *o(a) senhor(a): tipo de relato, sexo, escolaridade, função sintática, tempo verbal, tipo de fala, grau de simetria, faixa etária e tipo de verbo*. As variáveis *entonação, paralelismo formal, posição em relação ao verbo, estrutura do verbo e polaridade* não foram selecionadas pelo programa. Já as variáveis *efeito gatilho, grau de intimidade entre os informantes e o tipo de referente* foram eliminados na rodada anterior, por isso não participaram desta análise. Em seguida, apresentamos os resultados obtidos para cada variável selecionada, obedecendo à ordem de seleção.

a) Tipo de relato

Tabela 01: Atuação do tipo de relato sobre o pronome *o(a)senhor*

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Reportada	32/117	27,4	0,903
Original	41/666	6,2	0,406

Fonte: Elaborada pelas autoras.

O *tipo de relato* foi a primeira variável selecionada, e seus resultados indicam que só a fala reportada favorece expressivamente o uso da variante *o(a) senhor(a)* (27,4% e PR⁵ 0,903), enquanto que a fala original desfavorece (6,2% e 0,406) essa forma, conforme indica a Tabela 01.

Esse resultado mostrou que, quando os nossos informantes relatam algo, ou sugerem que alguém diga algo, tendem a optar pelo pronome de tratamento mais formal, *o(a) senhor(a)*. Esperávamos que a fala reportada favorecesse *o(a) senhor(a)*, porque o falante tende a tomar mais cuidado ao reproduzir algo que foi dito pelo próprio falante, como também por outro falante.

O tipo de registro que escolhemos, o D2, desfavorece o aparecimento da forma de tratamento *o(a) senhor(a)*, visto que os nossos informantes eram pessoas que se conheciam e possuíam um grau de intimidade mais propício ao uso de pronomes mais informais. Dessa forma, observamos que, ao se referir a outra pessoa, principalmente, quando essa exerce algum tipo de poder, seja por profissão, seja por ser um parente mais velho, o uso de *o(a) senhor(a)* torna-se mais frequente.

No excerto 1, a seguir, um senhor de 52 anos comenta com outro de 60 anos um episódio de sua vida, envolvendo seu ex-chefe. No seu relato, observamos que o uso do pronome *o(a) senhor(a)*, para se referir ao seu chefe, é muito recorrente, embora o informante demonstre insatisfação com o patrão. A face do chefe é ameaçada, mas o poder relativo do patrão (BROWN; LEVINSON, 1987) faz com que o funcionário utilize recursos linguísticos mais polidos, como o pronome *o(a) senhor(a)*, para se referir ao chefe. Por isso, entendemos que o uso de *o(a) senhor(a)* é uma estratégia de polidez, usada pelo informante para atenuar o efeito de suas palavras dirigidas ao patrão, já que ele tem pouca intimidade com o chefe e respeita a hierarquia no seu trabalho.

- (1) Inf. 1 [...] ai ele disse W... me chamava de W... W... tu mora lá perto da Bela Vista? eu dou uma carona a você até lá em casa... fica mais perto né? eu disse é:: se o **senhor** quiser dar... a::i... [...] ai quando foi no outro dia... ele me chamou... W.

5 PR = Peso relativo.



que é seu C.? É:: eu sei que você num foi mais eu ontem... NÃO seu C. num foi ná::o... seu CARRINHO tá NOVINOHO... comprou agora... tou sujando seu carro de are::ia... eu num nasci dentro de carro... tenho perna pra ANDar... vou... vou mas não com o **senhor**... o **senhor** me desculpe mas eu num vou mais não... o seu carrinho é NOvo... ele RAPAZ o que é ISSO RAPAZ?... num sei o QUÊ... (NORPOFOR, D2, Inq. 132, destaques nossos).

Tanto no excerto 2 quanto no excerto 3, os informantes referem-se a pessoas mais velhas que são da família ou consideram da família. O uso de *o(a) senhor(a)* para se referir a essas pessoas é muito recorrente em nosso *corpus*.

- (2) Inf. 2 todo carinho pra **senhora** é desse jeito... tudo que ele arranja é pra mim... mas dê pra sua mÃe essa aí é sua mãe eu sou só sua avó... não mas foi a **senhora** que me criou ele diz desse jeito () a **senhora** me criou eu dou pra **senhora** eu sei que ela é minha mãe mas a **senhora** foi que toda vida deu/ deu cari::nho e/ e de deu atenção a mim:: (NORPOFOR, D2, Inq. 60, destaques nossos).
- (3) Inf. 1 fechou o olho eu fui e disse madrinha a **senhora** olha aí a I... que eu vou voltar lá ne (NORPOFOR, D2, Inq. 99, destaques nossos).

b) Sexo

Tabela 02: Atuação do sexo sobre o pronome *o(a)senhor(a)*

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Feminino	54/359	15	0,628
Masculino	19/424	4,5	0,391

Fonte: Elaborada pelas autoras.

A segunda variável selecionada foi o *sexo* que, conforme a Tabela 02, apresenta as mulheres (15%, 0,628) como aliadas do uso da variante *o(a) senhor(a)*, ao passo que os homens (4,5%, 0,391) se revelam desfavorecidos desta forma.

Assim, vemos que, em nossa amostra, *o(a) senhor(a)* é favorecido por indivíduos do sexo feminino e não do sexo masculino. Observamos também que os homens, em uma situação de maior formalidade ou de



não intimidade com seu interlocutor, preferem o uso do *você*, enquanto as mulheres usam, com mais frequência, o pronome *o(a) senhor(a)*.

Segundo Paiva (2010, p. 35), as diferenças linguísticas entre homens e mulheres “refletem mais que diferenças biológicas, diferenças no processo de socialização e nos papéis que cada comunidade atribui a homens e mulheres”. De igual modo, Labov (1990) mostra que as pesquisas sociolinguísticas constataram diferenças entre homens e mulheres. Em casos de variação estável, os homens utilizam mais frequentemente as formas não padrão do que as mulheres. No entanto, nos casos em que há indícios de mudança linguística, as mulheres usam as formas inovadoras com mais frequência do que os homens.

Esse paradoxo é ratificado por Labov (2008 [1972]) que, mais uma vez, afirma que as mulheres frequentemente optam pela variante de prestígio. O autor indica ainda que, em fala monitorada, as mulheres tendem a usar as formas consideradas estigmatizadas em menor proporção do que os homens, que também optam pelo padrão de prestígio.

Não apenas na fala monitorada, mas, também, no estilo menos monitorado, a mulher tende a se preocupar mais com o uso da variante de maior prestígio, tanto que, nos trabalhos sociolinguísticos, o fator sexo quase sempre é apontado como relevante para a ocorrência da variação.

Labov (2008 [1972], p. 348) afirma que

a generalização correta não é a de que as mulheres lideram a mudança linguística, mas sim que a diferenciação sexual da fala frequentemente desempenha um papel importante no mecanismo da evolução linguística.

Esse papel de cada gênero faria parte dos padrões de interação social, que operam sobre um conjunto sutil de valores sociais convencionais. Não seria

somente um produto de fatores físicos, ou de diferentes quantidades de informação referencial fornecida por eles, mas, sim, uma postura expressiva que é socialmente mais apropriada para um sexo do que para outro. (LABOV, 2008 [1972], p. 348-349).



Essa afirmação corrobora com nossos resultados. A forma *o(a) senhor(a)* indica mais formalidade, sendo considerada uma forma de prestígio. É bom lembrar o fato de que o tipo de inquirido examinado, nesta amostra, o D2, não favorece o uso desse pronome, visto que os informantes escolhem com quem conversam, onde as gravações ocorrem e sobre o quê conversam. Assim, o baixo monitoramento e o alto grau de intimidade não privilegiam o uso de *o(a) senhor(a)*. Contudo, ainda assim, ele foi produtivo em nossos dados. Isso nos faz pensar que, em registros mais formais, seu uso deve ser muito mais exacerbado, bem como ilustra a produtividade dessa forma no falar fortalezense. A possibilidade de testar tal suposição, certamente abre espaço para um trabalho futuro sobre o uso de *o(a) senhor(a)*, no falar de Fortaleza-CE.

c) Escolaridade

Tabela 03: Atuação da escolaridade sobre o pronome *o(a)senhor(a)*

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
0-4 anos	27/198	13,6	0,650
5-8 anos	35/288	12,2	0,636
9-11 anos	11/297	3,7	0,277

Fonte: Elaborada pelas autoras.

A *escolaridade* foi a terceira variável selecionada. Segundo os pesos da Tabela 03, os menos escolarizados (de 0 a 4 anos com PR 0,650; de 5 a 8 anos, com PR 0,636) são favorecedores do pronome *o(a) senhor(a)*, ao contrário dos mais escolarizados (de 9 a 11 anos, com PR 0,277).

Esses dados mostram que, como esperávamos, quanto menor a escolaridade maior o uso da forma *o(a) senhor(a)*, revelando, assim, uma espécie de polidez na fala dos nossos informantes. Desse modo, ao conversarem com outra pessoa, que tenha um cargo superior ao seu, ou que seja mais velha, os informantes com baixa escolaridade optam por um tratamento mais formal e mais respeitoso para com o seu interlocutor.



Uma possível explicação para esse comportamento está na questão da relação de poder (BROWN; LEVINSON, 1987). Em relações assimétricas, o falante de menor escolaridade sente-se inferior ao outro com maior escolaridade e tende a optar por uma forma que revela assimetria entre os interlocutores, como uma maneira de mostrar respeito. Essa preocupação já não ocorre tanto com os mais escolarizados, como vimos nos resultados. Isso acontece porque esses indivíduos, sendo os mais escolarizados da amostra, não se preocupam em tratar o outro de forma diferenciada, usando um pronome que demonstre simetria entre os interlocutores, mas que é considerado mais neutro, o *ocê*.

d) Função sintática do pronome

Tabela 04: Atuação da função sintática no pronome *o(a)senhor(a)*

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Vocativo	6/9	66,7	0,992
Predicativo do sujeito	1/2	50	0,979
Adjunto adnominal	2/6	33,3	0,973
Impossível identificar	1/8	12,5	0,884
Objeto Direto	2/10	20	0,815
Objeto Indireto	6/55	10,9	0,485
Sujeito	55/693	7,9	0,464

Fonte: Elaborada pelas autoras.

A *função sintática* foi a quarta variável selecionada. Os pesos relativos desse grupo de fatores, apresentados na Tabela 04, mostram que o uso do pronome *o(a) senhor(a)* é favorecido, por ordem de importância, pelas seguintes funções sintáticas: o vocativo (0,992), o predicativo do sujeito (0,979), o adjunto adnominal (0,973), o objeto direto (0,815) e quando é impossível identificar o pronome (0,884). Quando *o(a) senhor(a)* é sujeito (0,464), ou objeto indireto (0,485), há o desfavorecimento do uso dessa variante.

Esperávamos que *o(a)senhor(a)* fosse favorecido tanto pelo vocativo como pelo sujeito. Vemos, entretanto, que o sujeito não favorece *o(a) senhor(a)*. Vale ressaltar aqui que, na maioria das funções sintáticas, tivemos



poucas ocorrências, o que nos faz pensar sobre os resultados dos fatores *vocativo, predicativo do sujeito, adjunto adnominal, objeto direto e impossível de determinar a função* com bastante cautela.

Infelizmente, não temos dados de outros trabalhos sobre essa variável para compará-los com os nossos, visto que, em outras localidades estudadas, as pesquisas se limitam em estudá-lo apenas na função subjetiva.

e) Tempo verbal

Tabela 05: Atuação do tempo verbal sobre o pronome *o(a)senhor(a)*

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Pretérito imperfeito do ind.	5/28	17,9	0,857
Pretérito perfeito do ind.	17/88	19,3	0,837
Pretérito imperfeito do subj.	4/24	16,7	0,782
Futuro do ind.	4/40	10	0,499
Presente do indicativo	32/467	6,9	0,443
Presente do subjuntivo	2/12	16,7	0,454
Infinitivo pessoal	4/107	3,7	0,259
Imperativo	1/9	11,1	0,242
Sem verbo	4/8	50	0,177

Fonte: Elaborada pelas autoras.

O *tempo verbal*, quinta variável selecionada, revelou que, de acordo com os pesos relativos da Tabela 05, os tempos verbais que mais favorecem o uso de *o(a) senhor(a)* são: o pretérito imperfeito do indicativo (0,857), o pretérito perfeito do indicativo (0,837) e o pretérito imperfeito do subjuntivo (0,782). Já os tempos verbais: futuro do indicativo (0,499), presente do indicativo (0,443), presente do subjuntivo (0,454), infinitivo pessoal (0,259), imperativo (0,242) e o fator sem verbo (0,177) desfavorecem *o(a) senhor(a)*.

Esperávamos que os tempos no modo indicativo, assim como ocorreu com o *tu* (GUIMARÃES, 2014), fossem seus aliados, no entanto, constatamos que o tempo passado foi o maior favorecedor do pronome *o(a) senhor(a)*. Tal resultado mostra que os falantes, narrando fatos do passado, usam com mais frequência *o(a) senhor(a)*. Remeter-se ao passado pode ter beneficiado a realização desse pronome.



Tal resultado se relaciona com o tipo de relato reportado, por ser um tipo de relato que tem como forma verbal mais frequente o passado. Contudo, não podemos deixar de notar, mais uma vez, a baixa quantidade de dados no *presente do subjuntivo*, no *imperativo* e no fator *sem verbo*, o que pode ter influenciado o desempenho destes fatores sobre a variante analisada.

f) Tópico discursivo

Tabela 06: Atuação do tópico discursivo sobre o pronome *o(a)senhor(a)*

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Religião	5/39	12,8	0,842
Repreensão	2/5	40	0,834
Recordações	8/60	13,3	0,746
Conversa Casual	55/543	10,1	0,599
Conversa sobre terceiros	1/16	6,2	0,207
Conversa sobre relacionamento amoroso	1/34	2,9	0,084
Conversa sobre trabalho	1/90	1,1	0,056

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Os resultados para o *tópico discursivo*, sexta variável selecionada, estão disponíveis na Tabela 06 e, com base nos seus pesos relativos, notamos que os fatores religião (0,842), repreensão (0,834) e recordações (0,746) favorecem *o(a) senhor(a)* de forma bastante expressiva. Também contribuem com o uso dessa forma as conversas casuais (0,599), enquanto que a conversa sobre terceiros (0,207), a conversa sobre relacionamento amoroso (2,9% e 0,084) e a conversa sobre o trabalho (1,1% e 0,056) inibem o seu uso.

Acreditávamos que os fatores *religião*, *repreensão* e *conversa sobre o trabalho* favorecessem o pronome *o(a) senhor(a)*. Assim, nossa hipótese só não se confirmou para *conversa sobre o trabalho*, mas devemos observar que, nesse fator, só foi encontrada uma ocorrência para *o(a) senhor(a)*.

O fator *recordações* também nos surpreendeu, pois não esperávamos que apresentasse um comportamento favorecedor do pronome *o(a)*



senhor(a). As *lembranças*, por sua vez, distanciam o falante do seu presente, favorecendo o pronome analisado. É importante notar que, nas *repreensões*, em que estão presentes as relações de poder, também favorecem a forma de maior respeito, pois, segundo Brown e Levinson (1987), quando o falante ameaça a face negativa do ouvinte, utilizam-se alguns recursos de polidez, para atenuar a ameaça. Tais recursos seriam aqueles que servem para afastar os interlocutores, como o uso de pronomes, no nosso caso, *o(a) senhor(a)*.

Quanto à *religião*, o próprio tema já mostra um distanciamento entre os interlocutores, o que pode favorecer o uso do pronome *o(a) senhor(a)*. As *conversas casuais*, apesar de favorecerem esse pronome, não o fazem de forma expressiva, como outros fatores desse grupo.

Devemos ressaltar a baixa frequência de dados no fator *repreensão*, com apenas cinco ocorrências ao todo e somente duas favorecendo *o(a) senhor(a)*. Os fatores, como *conversa sobre terceiros*, *conversa sobre relacionamento amoroso* e *conversa sobre o trabalho*, apresentam, cada um, apenas uma ocorrência para *o(a)senhor(a)*. A forma de tratamento *o(a) senhor(a)* é pouco presente nessas conversas em razão de o grau de intimidade ser muito alto, ou seja, as pessoas já se conheciam e tinham intimidade para conversar sobre diversos assuntos, além de poderem escolher com quem e onde iriam conversar. O uso de *o(a) senhor(a)* não seria adequado nesses tipos de interação. Enquanto *o(a) senhor(a)* é mais presente nas conversas mais formais, menos íntimas, a conversa sobre terceiros e a conversa sobre relacionamento amoroso são justamente mais informais e mais íntimas, favorecendo o *você*.

g) Tipo de relação entre os interlocutores

Tabela 07: Atuação do tipo de relação entre os interlocutores sobre o pronome *o(a) senhor(a)*

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Parcialmente assimétrico	28/209	13,4	0,762
Muito simétrico	28/209	13,4	0,491
Parcialmente simétrico	3/72	4,2	0,152
Totalmente assimétrico	1/43	2,3	0,077

Fonte: Elaborada pelas autoras.



A sétima variável selecionada, cujos pesos relativos aparecem na Tabela 07, revela que somente na relação entre os interlocutores parcialmente assimétrica⁶ (0,762) — ou seja, os informantes com o mesmo sexo e com faixas etárias diferentes — privilegia-se o uso de *o(a) senhor(a)*, enquanto os demais tipos de relação: *muito simétrico*⁷ (0,491), *parcialmente simétrico*⁸ (0,152) e *totalmente assimétrico*⁹ (0,077) inibem o seu emprego, favorecendo o uso de *ocê*.

No fator *totalmente assimétrico* (sexo e idade diferentes), para *o(a) senhor(a)*, só encontramos um dado, entre 43 ocorrências. Também o fator parcialmente simétrico (sexo diferente e idade igual) apresentou poucos dados para este pronome, apenas 03 de 72 ocorrências. A distribuição dos dados nestes dois fatores nos leva a constatar o seguinte: os informantes com a mesma idade são os maiores desfavorecedores da variante. Já, quando a faixa etária é diferente, o uso de *o(a) senhor(a)* parece ser mais produtivo.

Desde o início, esperávamos que a diferença de idade favorecesse o uso de *o(a) senhor(a)*, posto que requer formalidade ou pouca intimidade entre os falantes para se usar esse pronome. No entanto, a nossa hipótese foi parcialmente confirmada, já que acreditávamos que tanto o fator *parcialmente assimétrico* como o fator *totalmente assimétrico* se aliassem ao uso da regra em estudo. De maneira mais exata, nossa expectativa era a de que somente a diferença de idade fosse importante para o uso de *o(a) senhor(a)*. Ao que parece, embora haja diferença de idade, é necessário que os interlocutores sejam do mesmo sexo.

A diferença entre as idades torna-se um dos fatores que contribuem para que haja uma relação de poder (BROWN; GILMAN, 1960). Ela ocorre em relações assimétricas em que um falante exerce poder sobre o outro, como o caso de uma pessoa conversando com outra mais velha e de um subordinado conversando com o chefe.

6 Os interlocutores apresentam idades diferentes e mesmo sexo, sendo que um deles tem maior poder sobre a situação e pode haver a interferência do documentador.

7 Os informantes apresentam a mesma idade e o mesmo sexo; não é possível perceber quem domina a situação, porque ambos interagem muito e há muita disputa pelo turno de fala, e o documentador não participa nenhuma vez do diálogo.

8 Os participantes possuem mesma idade e sexos diferentes; não é possível perceber quem domina a situação, porque ambos interagem muito e há muita disputa pelo turno de fala, e o documentador não participa nenhuma vez do diálogo.

9 Os interlocutores têm idades diferentes e sexos distintos; um dos falantes tem maior poder sobre a situação e pode haver a interferência do documentador.



h) Faixa etária

Tabela 08: Atuação da faixa etária sobre o pronome *o(a)senhor(a)*

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Faixa etária II (26 a 49 anos)	31/265	11,7	0,616
Faixa etária III (a partir de 50 anos)	28/277	10,1	0,560
Faixa etária I (15 a 25 anos)	14/241	5,8	0,309

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Os resultados para a oitava variável selecionada, a *faixa etária*, aparecem na Tabela 08 e informam o seguinte: *os adultos* (faixa II, com 11,7% e 0,616) e *os mais velhos* (faixa III, com 10,1% e 0,560) favorecem o uso de *o(a) senhor(a)*, diferentemente dos *jovens* (faixa I, com 5,8% e 0,309). Assim, as duas faixas com maior idade preferem o tratamento mais formal, com destaque para a faixa intermediária, a dos adultos.

Constatamos que os mais jovens pouco usaram o pronome *o(a) senhor(a)*. Em sua maioria, preferem o uso do *você*, mesmo para se referirem a pessoas mais velhas. Esperávamos que os mais jovens inibissem o uso de *o(a) senhor(a)*, porque esse pronome não é tão frequente na amostra examinada, uma vez que a polidez seria mais frequente entre pessoas mais velhas.

Abaixo, no excerto (4), segue o relato de uma conversa entre um jovem de 21 anos e seu patrão, realizado pelo próprio informante quando se dirigia a outro. Apesar de não informar a idade do ex-chefe, observa-se o respeito do rapaz em relação ao patrão devido à hierarquia no trabalho.

- (4) Inf. 1: e vê que ele não é e sabe que tem alguém que tem capacidade de fazer... algo que:: ultrapasse ele né? ele quer derrubar... assim ele fez comigo quis me derrubar... mas não me derrubou eu saí porque:: eu queria provar pra eles que... não... não precisava dele para aquilo... aí foi na hora que eu peguei meu som... amarrei na minha bicicleta e... fui até a recepção e disse oh R... é... eu estou me demitindo... foi um prazer né? dançar com você... você entendeu aquele percurso todo lá que eu fiquei falando e tal e... detonei né o que eu queria falar falei o que era de errado lá o que era certo que eles não fazem coisas tão certas né? (D2, Inq. 35, destaques nossos).



Os dados mostram que a faixa etária que mais favorece o uso de *o(a) senhor(a)* é a intermediária, aquela mais ativa profissionalmente. Acredita-se que, por usarem mais essa forma no trabalho, é também a mais usada em outras situações.

i) Tipo de verbo

Tabela 09: Atuação do tipo de verbo sobre o pronome *o(a) senhor(a)*

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Epistêmico	12/101	11,9	0,719
Estado	16/96	16,7	0,677
Ação	32/420	7,6	0,483
<i>Dicendi</i>	5/40	12,5	0,462
Sem verbo	4/8	50	0,460
Verbo Ter	4/122	3,3	0,257

Fonte: Elaborada pelas autoras.

A última variável selecionada é o *tipo de verbo*, cujos pesos relativos indicam, conforme a Tabela 09, que os verbos *epistêmicos* (0,719) e os que indicam *estado* (0,677) beneficiam o uso de *o(a) senhor(a)*. Já os demais verbos, os que indicam *ação* (0,483), os *dicendi* (0,462), *quando não há verbo* (0,460) e o verbo *Ter* (0,257) inibem o seu emprego.

Nossa hipótese era a de que os *verbos de ação* e os *dicendi* favorecessem o uso da variante *o(a) senhor(a)*, já que esperávamos que haveria, em falas reportadas, a maior produção dessa forma, mas isso não foi confirmado nos nossos dados.

Os únicos verbos que favorecem o uso de *o(a) senhor(a)* são o *epistêmico* e o que indica *estado*. Esperávamos que o verbo de *ação* também privilegiasse tal pronome devido a sua recorrência no *corpus*. Entretanto, observamos que, mesmo com a alta frequência, esse fator inibe a presença de *o(a) senhor(a)*.

No grupo *sem verbo*, encontramos, ao todo, 08 ocorrências, sendo que deste universo apenas 04 pertencem ao *senhor(a)*, o que não nos permite fazer afirmações categóricas sobre este fator.



Acreditamos que os tópicos discursivos selecionados como relevantes, *recordações*, *repreensão* e *religião*, tenham favorecido o aparecimento desses verbos e, conseqüentemente, o uso de *o(a) senhor(a)*.

Considerações finais

Tendo em vista a amostra de fala usada em nosso estudo, em que há uma alta informalidade e alto grau de intimidade, *o(a) senhor(a)* foi o pronome que menos esperávamos encontrar devido ao baixo monitoramento e à informalidade da situação de fala. De certa forma, essa variante foi bem frequente, o que prova que esse pronome é muito usado pelos fortalezenses, diferentemente do que encontramos em outras localidades, como em Brasília (ANDRADE, 2004; DIAS, 2007). O seu uso se deu em *falas relatadas*, principalmente na *função de vocativo*. Quanto ao *tipo de assunto*, o pronome *o(a) senhor(a)* foi favorecido apenas em assuntos que não requerem intimidade ou mais formais, como em *recordações* (principalmente quando eles relatavam o passado em conversas com pouco diálogo) e *repreensões*. Como era de se esperar, as *relações assimétricas* foram aquelas que mais favoreceram o uso dessa forma. No tocante à diferença de idade, os mais *novos* usam a forma *o(a) senhor(a)*, para se referir a alguém mais velho. No entanto, o pronome não é favorecido pelos jovens, sendo beneficiado pelos *adultos* e pelos mais *velhos*. Constatamos também que os mais velhos usam mais esse tipo de pronome do que os mais jovens, podendo indicar cordialidade, já que são da mesma idade. Além disso, a relação de poder fica explícita quando os *menos escolarizados* são os maiores favorecedores da variante *o(a) senhor(a)*.

Sobre a questão de uma possível mudança linguística, o que podemos afirmar é que os jovens da amostra inibem o uso da forma *o(a) senhor(a)*, o que nos leva a acreditar que se trata de uma *variação estável*. No entanto, ainda não temos subsídios suficientes para afirmarmos algo sobre mudança no que se refere a esta variação.

Sabemos que essa investigação possui limitações, já que não observamos as formas de tratamento estudadas aqui em outros registros, nem



analisamos o comportamento destas formas em falantes cultos de Fortaleza, o que pode ser explorado em futuros trabalhos. Contudo, esperamos que esta pesquisa possa colaborar futuramente com a realização de estudos diacrônicos sobre o português popular falado em Fortaleza, possibilitando ao pesquisador realizar estudos em tempo real.

REFERÊNCIAS

- ALVES, C. C. B. **O uso do tu e do você no português falado no Maranhão**. 2010. 143 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.
- ANDRADE, A. L. V. S. **A variação você, cê e ocê no português falado brasileiro**. 2004. 145 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2004.
- ARAÚJO, A. A. de. O Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza – NORPOFOR. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOSOFIA, 15., 2011. Rio de Janeiro. **Cadernos...** Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. p. 835-845. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xv_cnlff/tomo_1/72.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2018.
- BIDERMAN, M. T. C. Formas de tratamento e estruturas sociais. **ALFA** (Revista de Linguística), v. 18, p. 339-382, 1972.
- BROWN, R.; GILMAN, A. The Pronouns of Power and Solidarity. In: SEBEOK, T. A. (Ed.). **Style in Language**. Cambridge: Massachusetts, MIT Press, 1960. p. 253-281.
- BROWN, P.; S. LEVINSON. **Politeness**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- CAMACHO, R. G. **Da linguística formal à linguística social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- COELHO, M. do S. V. **Uma abordagem variacionista do uso da forma você no norte de Minas**. 1999. 85 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.
- DIAS, E. P. **O uso do tu no português falado brasileiro**. 2007. 103 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.



DIVINO, L. S. A. **Como trato o meu receptor?** (A propósito do uso de tu/você em Santo Antônio de Jesus-BA). 2008. 171 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

FRANCESCHINI, L. T. **Variação pronominal Nós/Agente e Tu/Você em Concórdia-SC**. 2011. 152 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/32629?show=full>>. Acesso em: 16 jun. 2018.

GONÇALVES, C. R. **Uma abordagem sociolinguística das formas você, ocê e cê no português**. 2008. 348 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-21012009-152856/pt-br.php>>. Acesso em: 16 jun. 2018.

GUIMARÃES, T. A. A. S. **TU É DOIDO, MACHO!** A variação das formas de tratamento no falar de Fortaleza. 2014. 235 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014. Disponível em: <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/DISSSERTACAO_TATIANE.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2018.

HERÊNIO, K. K. P. **“Tu” e “você” em uma perspectiva intra-linguística**. 2006. 120 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/15513>>. Acesso em: 16 jun. 2018.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

_____. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. In: SANKOFF, D. et al. (Eds.). **Language Variation and Change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2 (2), 1990. p. 135-56.

MACHADO, A. L. G. Relações sociais como fatores decisivos no uso de pronomes de tratamento de 2ª pessoa. In: Simpósio Nacional Estado e Poder: Cultura, 6., 2010, São Cristóvão. **Anais...** Aracaju: UFS, 2010. p. 45-58. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/estadoepoder/6snepc/GT8/GT8-ANA.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2018.

MARTINS, G. F. **A alternância Tu/Você/Senhor no município de Tefé-Estado do Amazonas**. 2010. 100 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/6996>>. Acesso em: 16 jun. 2018.

MENON, O. O sistema pronominal do português do Brasil. **Revista Letras**, Curitiba, n. 44, p. 91-106, 1995. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/letras/article/download/19069/12374>>. Acesso em: 16 jun. 2018.



_____. MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p. 9-14.

MONTEIRO, J. L. **Pronomes pessoais**: Subsídios para uma gramática do português do Brasil. Fortaleza: Edições UFC, 1994.

PAIVA, M. C. A. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 33-42.

PERES, E. P. **O uso de você, ocê e cê em Belo Horizonte**: um estudo em tempo aparente e tempo real. 2006. 234 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

PRETI, D. **Estudos de língua oral e escrita**. (Série Dispersos). Rio de Janeiro: Ed. Lucena, 2004.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X**: a variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics. University of Toronto, 2005. Software. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

SETTE, N. D. **Formas de tratamento no português coloquial**. 1980. 168 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1980.

SOARES, M. E. **As formas de tratamento nas interações comunicativas**: uma pesquisa sobre o português falado em Fortaleza. 1980. 157 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – PUC/Rio, Rio de Janeiro, 1980.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].



NÓS E A GENTE NO FALAR DOS FORTALEZENSES¹

Marden Alyson Matos de Araújo (SEDUC/CE)

Introdução

Para designar a primeira pessoa do plural, o uso dos pronomes *nós* e *a gente* é bastante frequente entre os falantes brasileiros, como comprovam vários estudos desenvolvidos sobre o fenômeno em tela. Entre eles, podemos citar: Omena (1996, 1998), Albán e Freitas (1991a, 1991b), Duarte (1995), Menon (1996), Naro (1999), Tamanine (2002, 2010), Seara (2000), Zilles (2005), Vianna (2006), entre outros. Estas pesquisas apontam para a comprovação de uma mudança linguística que marca um crescente uso da expressão *a gente*, como representação do sujeito. Em contrapartida, estes estudos também revelam uma redução no uso do pronome *nós*.

Decidimos investigar, na variedade de fala popular de Fortaleza, a variação entre os pronomes *nós* e *a gente* com o propósito de analisar os condicionamentos linguísticos e sociais que atuam sobre o uso da variante *a gente*, à luz da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]), que sistematiza os dados linguísticos e estabelece relações entre fatores de natureza social e linguística, além de descrever a estrutura e a mudança da língua dentro de um contexto social.

Assim, partimos da hipótese inicial de que o uso do pronome *a gente* tende a ser mais frequente do que o uso de *nós*, principalmente por trabalharmos com contexto de fala popular e com conversas o mais próximo possível da espontaneidade. O objetivo deste estudo é, portanto, verificar

1 Este trabalho é parte da dissertação de Araújo (2016).



a veracidade da hipótese levantada aqui. Para isso, utilizamos uma amostra de linguagem falada extraída do *corpus* do Projeto Norma Popular de Fortaleza - NORPOFOR, a fim de montar uma fotografia sociolinguística do fenômeno aqui analisado no falar popular dos fortalezenses.

Embora haja diversos trabalhos sobre o fenômeno aqui analisado em muitas regiões do País, não tínhamos, até então, uma análise voltada, exclusivamente, para o comportamento das variantes *nós* e *a gente* no falar popular da capital cearense, daí vimos a necessidade de realizarmos a presente pesquisa. Ademais, este estudo contribuirá para a descrição do português falado em Fortaleza e, conseqüentemente, da língua falada no Brasil, além de permitir um acréscimo no mapa de trabalhos acerca da variação *nós* e *a gente* no País, já presente em todas as cinco regiões brasileiras.

Este trabalho está dividido em cinco seções: a primeira trata-se desta introdução, em que apresentamos o objeto de pesquisa, os objetivos de nosso estudo e a sua relevância; a segunda seção é composta por uma revisão da literatura em que fornecemos uma visão geral sobre o fenômeno variável aqui estudado, em diversas partes do País, descrevendo seus resultados mais relevantes sobre os fatores condicionadores de tal variação; na seção seguinte, mostraremos a metodologia empregada para realização da pesquisa, detalhando a amostra utilizada por nós; na quarta seção, apresentaremos os resultados obtidos e faremos a sua análise dos dados, comparando, sempre que possível, os nossos resultados com os resultados de pesquisas feitas em outras partes do Brasil; e, por último, apresentaremos as considerações finais sobre o nosso trabalho.

***Nós e a gente* em outras regiões do Brasil sob a ótica variacionista**

Nesta seção, apresentamos alguns trabalhos desenvolvidos no Brasil sobre os pronomes *nós* e *a gente*, destacando, em cada um, os seus principais resultados, mas sem a intenção de esgotarmos o tema. Além disso, comparamos, sempre que possível, os resultados de nossa pesquisa com os obtidos nos estudos que relataremos a seguir.



Sobre a variação *nós* e *a gente*, é precursor o estudo de Omena (1996), que usou, como *corpus* para análise, uma amostra do Projeto Censo Linguístico do Rio de Janeiro, em 1978, contemplando a fala de 48 informantes, estratificados por sexo, faixa etária e nível de instrução. A autora analisou variantes que desempenharam a função de sujeito, pois é nessa função sintática que formas pronominais são mais comuns, com o objetivo de esclarecer por que o falante usa uma das formas e não a outra em contextos iguais. De um total de 976 dados, 78% das ocorrências foram para *a gente* e 22% para o pronome *nós*. Foram controladas as variáveis, faixa etária, posição do sujeito em relação ao verbo, tempo verbal e tipo de verbo. Como a pesquisa não apresentou pesos relativos, as frequências de uso demonstram que os mais jovens (87%) preferem usar a forma *a gente*, enquanto os mais velhos (13%) utilizam mais o *nós*. Além disso, os falantes menos escolarizados preferem usar o pronome *nós* (64%), sendo que o mesmo ocorre com os homens (56%). A autora conclui que a variação *nós* e *a gente*, na fala do Rio de Janeiro, se encontra em um processo de mudança em progresso.

Omena (1998) realizou uma pesquisa sobre a variação pronominal *nós* e *a gente*, com amostra de fala de 48 informantes cariocas, integrantes do Projeto Censo Linguístico do Rio de Janeiro, estratificados por faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 49 anos e 50 anos ou mais), grau de escolaridade (1ª a 4ª série do ensino fundamental, 5ª a 8ª série do ensino fundamental e ensino médio) e sexo (masculino e feminino). Os dados apontam que os falantes, de maneira geral, usaram mais o pronome *a gente* do que o pronome *nós*. E, se analisarmos em termos percentuais, a utilização de *a gente* por falantes da faixa etária intermediária sem contato com a escola é maior que a utilização desse grupo de falantes que está no primário (74%), caindo mais bruscamente na segunda etapa do ensino fundamental (59%) e voltando a se identificar no ensino médio (62%). Entre os resultados mais significativos, a autora verificou a atuação do paralelismo formal e semântico: o uso de *a gente* tem maior ocorrência quando o falante utiliza o pronome na sequência discursiva e essa sequência não é alterada (adultos, com peso 0,81, e crianças, com 0,78); já, se a forma *nós* é usada como primeira referência e não há mudança dessa referência, a probabilidade maior



é que continue sendo usado o *nós* (adultos, 0,86 e crianças, 0,75). Outra variável que favoreceu o *a gente* foi o tempo verbal, como o presente (0,55) e os tempos não-marcados (0,83). Já o passado (0,36) e o tempo futuro (0,25) desfavorecem o uso de *a gente*. Em relação aos fatores sociais, a autora constatou que a forma *a gente* é expressivamente mais utilizada entre os mais jovens (0,68).

Lopes (1993), baseando-se no trabalho pioneiro de Omena (1986), em que a autora analisa a variação pronominal *nós* e *a gente* no português falado do Brasil, analisou fatores sociais e linguísticos que condicionam o emprego desses pronomes na função de sujeito, em uma amostra da década de 1970 do Projeto Norma Urbana Culta do Brasil (NURC). A autora distribui os dados por três capitais brasileiras de regiões distintas: Rio de Janeiro, Porto Alegre e Salvador. A amostra do trabalho é formada por dados coletados em entrevista com homens e mulheres do nível universitário, distribuídos em três faixas etárias (25 a 35 anos, 36 a 55 anos e mais de 56 anos). Na amostra do NURC, o uso de *nós* se mostrou mais presente que o de *a gente*, com 562 dados de sujeito para *nós*, contra 410 de sujeito para *a gente*, somando-se um total de 972 dados. Já no que diz respeito à faixa etária, a distribuição se dá de maneira equilibrada: 253 dados da faixa etária I, 333 da faixa etária II e 386 da faixa etária III. E os fatores selecionados foram: paralelismo formal, sexo, faixa etária e tempo verbal. No que diz respeito ao sexo, há predominância do uso de *nós* pelos homens, com 69% e peso relativo de 0,61, já, para as mulheres, a ocorrência de *nós* foi de 49%, com peso relativo de 0,41.

Naro (1999) discutiu a mudança dos pronomes de primeira pessoa e os padrões associados a essa utilização. Usou, para a análise, a fala do Rio de Janeiro, na variante popular. Utilizou um *corpus* constituído por 64 entrevistas individuais, gravadas e transcritas, cada uma com aproximadamente 45 minutos de duração, realizadas no início dos anos 1980. Os resultados mostram uma maior tendência à utilização de *a gente* (61%) em oposição a *nós* (39%) em todas as faixas etárias consideradas (16 participantes em cada faixa etária de: 6 a 12 anos, 13 a 20 anos, 21 a 40 anos e acima de 40 anos). Das variáveis linguísticas analisadas (tipo de sujeito, determinação do sujeito, tema abordado, narração objetiva ou subjetiva, tempo verbal,



saliência fônica e saliência posicional), os fatores mais relevantes foram: a saliência fônica (o pronome *nós* acrescido da desinência *-mos* apareceu mais nos níveis mais altos de saliência, 71%), o tempo verbal (pretérito imperfeito favorece o uso de *a gente*, 67%) e a saliência posicional (o sujeito anteposto ao verbo beneficia a regra, 61%). Segundo o autor, o fenômeno encontra-se em processo de mudança.

Maya e Silva (2000) pesquisaram a concordância verbal com a primeira pessoa do plural, das formas *nós* e *a gente*, em Panambi e Porto Alegre, somente com falantes da zona urbana. A amostra utilizada contou com dados de 32 entrevistas do Projeto Variação Linguística na Região Sul do Brasil (VARISUL). A análise resultou em 1035 ocorrências, distribuídas dessa forma: 53% de casos da forma padrão *-mos*; e 34% da forma não padrão *-mo*, e 13% de desinência zero. Para a regra de aplicação da concordância verbal entre *nós* e o verbo na primeira pessoa do plural, os fatores selecionados foram: posição do acento na forma verbal alvo e escolaridade. A variável que favoreceu a omissão da desinência foi a sílaba tônica, pois, quando a forma foi paroxítona, a ausência ocorreu em 43% (0,28). A variável social de maior relevância é a escolaridade, já que os falantes mais novos têm uma tendência maior à forma zero, com 16% (0,74), enquanto os mais velhos utilizam essa forma de maneira mais reduzida, com 5% (0,25).

Vianna (2006) pesquisou o fenômeno *nós* e *a gente*, na fala e na escrita cariocas, em estruturas predicativas. A amostra utilizada foi constituída por entrevistas do Projeto Censo da Variação Linguística no estado do Rio de Janeiro do Programa de Estudos do Uso da Língua (Censo/Peul), coletadas na década de 1980 e 2000, respectivamente. A primeira amostra é constituída por 21 informantes (14 do sexo feminino e 7 do sexo masculino) distribuídos em faixas etárias distintas (15 a 25 anos, 26 a 49 anos e 50 anos ou mais). A outra amostra é composta por 36 informantes, sendo 19 do sexo feminino e 17 do sexo masculino. Foram controladas as seguintes variáveis: concordância verbal, concordância de gênero e número, tempo verbal, sexo (homens e mulheres), faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 49 anos e mais de 50 anos) e escolaridade (1º e 2º graus²). Entre os fatores anali-

2 Vianna (2006) considerou que a escolaridade 1º grau é composta do 1º ao 8º ano do ensino fundamental, enquanto o 2º grau corresponde as três séries do ensino médio.



sados, os mais relevantes para a aplicação de *a gente* foram: concordância verbal (forma verbal na terceira pessoa do singular, 0,92); concordância de gênero (concordância masculino-plural com a forma *nós*, 0,62); tempo verbal (presente do indicativo, 0,54); e escolaridade (os informantes do 1º grau, 0,60).

Albán e Freitas (1991b) estudaram a variação pronominal *nós* e *a gente* na função de sujeito. Os informantes eram estratificados por faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 49 anos e 50 anos ou mais), grau de escolaridade (ensino fundamental e ensino médio) e sexo. A pesquisa levou em consideração os seguintes fatores: faixa etária, atitude assumida no diálogo (tensa ou distensa) e momento da elocução (primeiro, segundo ou terceiro segmento da gravação). A amostra utilizada foi composta por três diálogos de locutores com nível universitário e do sexo masculino, distribuídos em duas faixas etárias: de 35 a 55 anos (F-2) e acima de 56 anos (F-3), que compõem o Projeto – NURC/Salvador. Entre as variáveis analisadas, as que se mostraram mais significativas foram: a faixa etária e o momento da elocução. A primeira, com um total de 836 ocorrências, mostra um uso mais recorrente da variante *nós* pelos mais velhos (65%), e de *a gente*, pelos mais novos (79%). A segunda variável revela uma crescente utilização do pronome *a gente* (1 terço com 39%, 2 terços com 52% e 3 terços com 68%) e decrescente em relação ao uso de *nós* (1 terço com 31%, 2 terços com 42% e 3 terços com 32%). Dessa forma, as autoras concluem que o uso significativo de *a gente* respalda a existência e a vitalidade dessa forma pronominal no português brasileiro, ao menos na língua coloquial.

Fernandes (2004) investigou o mesmo fenômeno em João Pessoa, com base em uma amostra constituída por 60 informantes, a partir do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB). Os informantes foram estratificados de acordo com a faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 49 anos e mais de 49 anos), grau de escolaridade (nenhum ano, 5 a 8 anos e mais de 11 anos) e sexo. No estudo, a autora afirma que há um revezamento entre *nós* e *a gente*, embora a *última* seja bem mais utilizada que a primeira. As variáveis testadas foram: faixa etária, escolarização, sexo, função sintática, referência do pronome, tipo de discurso, estrutura verbal, posição do pronome e tempo verbal. Foram encontradas, ao todo, 2.739



ocorrências das formas pronominais em questão, que revelaram uma frequência de uso bem maior para a forma *a gente*, com 2.153 ocorrências (79%); e uma taxa de uso bem mais baixa da forma *nós*, com 586 dados (21%). Favoreceram a aplicação do *a gente*, os grupos de fatores: faixa etária (mais jovens, 0,69), escolaridade (mais escolarizados, 0,51), referência do sujeito (referência específica, 0,70) e tempo verbal (pretérito imperfeito, 0,68). A pesquisa aponta para uma mudança no quadro pronominal do português popular dos pessoenses.

Seara (2000) usou uma amostra constituída por 12 informantes florianopolitanos, provenientes do projeto VARSUL, para estudar os pronomes *nós* e *a gente*. As características sociais dos informantes eram as seguintes: sexo (masculino e feminino), escolaridade (nível fundamental I - de 1 a 4 anos de escolaridade, nível fundamental II - de 5 a 8 anos de escolaridade e nível médio - de 9 a 11 anos de escolaridade) e faixa etária (de 25 até 50 anos e acima de 50). O resultado da pesquisa informou uma maior frequência de uso para a forma pronominal *a gente* (72%) e uma diminuição na forma pronominal *nós* (28%). As variáveis testadas foram: sexo, idade, escolaridade, tempo verbal, grau de conexão do sujeito, traço semântico do sujeito, preenchimento e paralelismo. Já os grupos de fatores selecionados como relevantes para a aplicação do *a gente* foram: traço semântico do sujeito (sentido genérico, 0,58); tempo verbal (pretérito imperfeito, 0,68); grau de conexão do sujeito (totalmente conexo, 0,70); sexo (as mulheres, 80% e 0,66); e faixa etária (jovens, com 82% (0,68)).

Zilles (2005) pesquisou a concordância verbal com os pronomes pessoais de primeira pessoa do plural, *nós* e *a gente*. Os dados foram extraídos dos projetos NURC/Porto Alegre e VARSUL, sendo sua amostra composta por 42 entrevistas. Os informantes foram estratificados de acordo com o sexo (masculino e feminino), faixa etária (entre 25 e 35 anos, entre 36 e 55 anos e acima de 56 anos) e escolaridade (nenhum ano, 5 a 8 anos e mais de 11 anos). Com um total de 1.196 ocorrências, o pronome *a gente* (71%) se mostrou mais frequente que o pronome *nós* (29%). As variáveis controladas na pesquisa foram: sexo, faixa etária, escolaridade, tempo verbal, concordância verbal, tipo de verbo, referência do sujeito, posição em relação ao verbo e paralelismo. Os fatores relevantes para o *a gente* foram: a faixa etária



(mais jovens, 74%) e a concordância verbal (concordância com o *-mos*, 67%). O estudo mostrou uma tendência das novas gerações à utilização de *a gente*, o que, segundo a autora, é indício de um processo de mudança.

O estudo de Tamanine (2002), sobre a alternância *nós* e *a gente* como formas pronominais de sujeito de primeira pessoa no interior de Santa Catarina, foi realizado com dados do projeto VARSUL. Com o total de 5.235 dados da amostra, a pesquisa constata uma maior frequência de uso para o *a gente* (55%), enquanto o *nós* (45%) é menos usado. As variáveis testadas no estudo foram tipo de verbo, concordância verbal, determinação do referente, paralelismo formal, faixa etária, sexo, escolaridade e localidade. O quadro geral da amostra apontou para um número de dados muito superior de ocorrências isoladas, em relação às ocorrências em sequência. No entanto, os resultados probabilísticos obtidos demonstraram resultados interessantes, quando contrastados aos das ocorrências isoladas, como o uso de *a gente* ser mais frequente entre homens, enquanto, nas isoladas, a maior frequência ocorreu entre as mulheres. Ainda assim, as diferenças apresentadas entre ocorrências isoladas e ocorrências em sequências não alteraram a constatação da progressão do uso de *a gente* como pronomes de primeira pessoa.

Tamanine (2010), além de pesquisar o fenômeno *nós* e *a gente* no interior de Santa Catarina, realiza estudo sobre a gramaticalização de *a gente* na cidade de Curitiba, utilizando dados do projeto VARSUL. A amostra utilizada em seu trabalho foi composta por 32 entrevistas de falantes naturais de Curitiba, distribuídos por faixa etária (25 a 49 anos e acima de 50 anos), sexo (masculino e feminino) e escolaridade (primário, ginásio, secundário e ensino superior). Os fatores analisados pela autora foram: preenchimento do sujeito e não-preenchimento, tempo e concordância verbal, tipos de textos, determinação ou indeterminação do referente, tipos de perífrase, tipo de discurso e tipo de verbo, faixa etária, escolaridade e sexo. Após o levantamento, foram encontradas 2.084 ocorrências na função de sujeito, sendo 46% de *nós* e 54% de *a gente*. Os resultados gerais apontam que os fatores mais relevantes para a ocorrência de *a gente* são: tonicidade (oxítonas, 0,99); tempo verbal (gerúndio, 0,94); tipo de verbo *saber*, 0,96); e perífrases (fator ir +NDO, 0,90).



Metodologia

Corpus e amostra

Nesta pesquisa, utilizamos uma amostra constituída por 53 informantes, extraídos do *corpus* do NORPOFOR (ARAÚJO, 2011), distribuídos pelas três variáveis sociais controladas em nosso estudo, a saber: 26 pessoas do sexo feminino e 27 do sexo masculino; 17 indivíduos da faixa etária I, 18 da faixa etária II e 18 da faixa etária III; 17 informantes com nível de escolaridade A, 18 com nível B e 18 com nível C. Dessa forma, conseguimos que cada célula acomodasse 3 informantes – com exceção dos informantes do sexo feminino, da faixa etária I, pois o *corpus* só possui dois informantes com essas características – garantindo uma distribuição balanceada dos participantes desta pesquisa, como podemos ver no Quadro 1.

Quadro 1: Quadro de distribuição dos informantes em nossa amostra

	Gênero/Sexo					
	Masculino			Feminino		
Escolaridade	0 a 4 anos (A)	5 a 8 anos (B)	9 a 11 anos (C)	0 a 4 anos (A)	5 a 8 anos (B)	9 a 11 anos (C)
Faixa etária						
15 a 25 anos (I)	3	3	3	2	3	3
26 a 49 anos (II)	3	3	3	3	3	3
A partir de 50 anos (III)	3	3	3	3	3	3

Fonte: Adaptado de Araújo (2011, p. 839).

Para a nossa pesquisa, utilizamos os inquéritos do tipo D2 (Diálogo entre Dois Informantes), por se tratar de falas espontâneas, o que favorece a realização da variação aqui estudada, com poucas interrupções dos documentadores.

Variável Dependente

Como variável dependente, temos a variação pronominal de 1ª pessoa do plural. Assim, contamos com duas variantes - *nós* e *a gente* - em todas as funções sintáticas, para verificar quais condicionamentos linguísticos e/ou sociais atuam sobre a forma *a gente*, como fizeram outros autores (MENON, 1995; OMENA, 1996; SEARA, 2000; FERNANDES, 2004; BRUSTOLIN, 2009), ao abordarem esse tema.



Variáveis Independentes

Ao todo, controlamos 13 variáveis independentes, sendo nove linguísticas e quatro sociais. Entre as primeiras, testamos: *função sintática* (sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo, adjunto e impossível de identificar a função), *referência do pronome* (genérica e específica), *marca morfêmica* (*a gente* + primeira pessoa do plural, *a gente* + terceira pessoa do singular, *nós* + terceira pessoa do singular, *nós* + primeira pessoa do plural e outros), *tempo verbal* (presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, futuro do indicativo, presente do subjuntivo, pretérito imperfeito do subjuntivo, futuro do subjuntivo, infinitivo impessoal, imperativo, gerúndio e sem verbo), *tipo de verbo* (verbo ter, verbo que indica estado, verbo epistêmico, verbo *dicendi*, verbo que indica ação e sem verbo), *estrutura do verbo* (verbo simples, verbo composto, locução verbal e sem verbo), *paralelismo* (manutenção de *nós*, manutenção de *a gente* e quebra de paralelismo), *preenchimento do sujeito* (sujeito preenchido e sujeito nulo) e *posição do pronome em relação ao verbo* (antes do verbo, depois do verbo e sem verbo); já, entre as últimas, analisaremos: *sexo biológico* (masculino e menino), *faixa etária* (15 a 25 anos, 26 a 49 anos e a partir dos 50 anos), *escolaridade* (0 a 4 anos de estudo, 5 a 8 anos de estudo e 9 a 11 anos de estudo) e *simetria entre os interlocutores* (mesma idade e sexo, idade e sexo diferentes, mesma idade e sexo diferentes, idade e sexo diferentes).

Análise dos dados

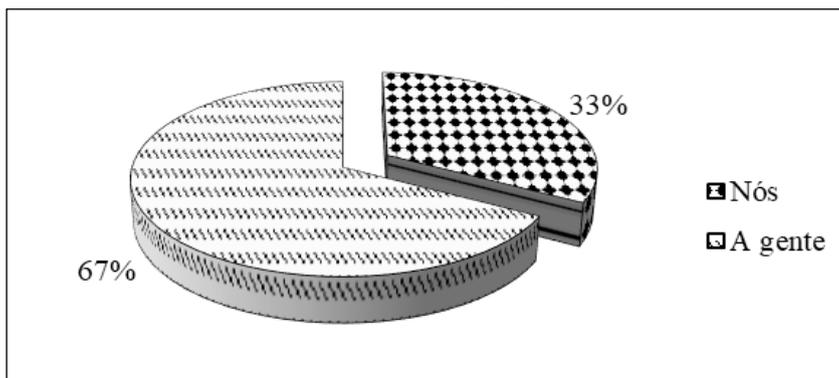
Nesta seção, faremos a apresentação dos resultados, e suas respectivas discussões, obtidos a partir das rodadas realizadas pelo Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Sempre que possível, faremos uma comparação dos nossos resultados com os que encontramos em outras pesquisas que também abordaram o fenômeno linguístico aqui estudado.

A seguir, apresentamos uma rodada que nos forneceu uma visão global do fenômeno, bem como as variáveis consideradas, estatisticamente, as mais importantes para o condicionamento da forma *a gente*.



A gente x *nós* em todas as funções sintáticas

Nossa amostra apresentou, na rodada realizada com todas as funções sintáticas, um total de 1.262 ocorrências da variação pronominal *nós* e *a gente* no falar popular de Fortaleza, de maneira que houve uma presença mais expressiva da forma não-padrão – *a gente* – com 846 dados do total, correspondendo a 67% das ocorrências, como ocorre em outras pesquisas - Tamanine (2002, 2010), Seara (2000), Maya e Silva (2000), Fernandes (2004), Zilles (2005) e Brustolin (2009) - enquanto a forma conservadora – *nós* – foi apresentada de maneira menos frequente, com 416 ocorrências, totalizando 33% dos casos, conforme mostra o Gráfico 1:

Gráfico 1: Frequência de uso de *nós* e *a gente* em nossa amostra

Fonte: elaborado pelo autor.

Após a primeira rodada, constatamos a presença de nocautes em três grupos. O primeiro foi a *marca morfêmica*, onde houve nocaute para os fatores: *a gente* + *verbo na primeira pessoa do plural* (100% das ocorrências para *a gente*), *nós* + *primeira pessoa do plural* (100% das ocorrências para *nós*), *a gente* + *primeira pessoa do singular* (100% das ocorrências para *a gente*) e *nós* + *primeira pessoa do singular* (com 100% das ocorrências para *a gente*). O segundo foi o *tempo verbal*, em que todas as ocorrências de *presente do subjuntivo* se aplicaram para *a gente*. O último foi o *paralelismo*, pois os fatores *manutenção de nós* e *manutenção de a gente* tiveram 100% das ocorrências para os seus respectivos pronomes.



Diante do ocorrido, retiramos todos os fatores que sofreram nocaute e vimos que os grupos *marca morfêmica* e *paralelismo* apresentaram *singleton group*³. Por isso, decidimos eliminá-los da rodada, pois não iriam contribuir para a análise já que, conforme Guy e Zilles (2007), para se fazer uma análise eficiente, é necessário eliminar os fatores sem relevância. Com essa rodada, objetivamos analisar os fatores controlados e a sua relevância para a composição de uma análise sólida.

Quanto aos *tempos verbais*, vemos, na Tabela 1, que os mais utilizados em nossa amostra foram o *presente do indicativo*, o *pretérito imperfeito* e o *pretérito perfeito*, com um total de 87,4% das ocorrências. Os demais tempos verbais – *futuro do indicativo*, *pretérito imperfeito do subjuntivo*, *futuro do subjuntivo*, *infinitivo*, *imperativo*, *gerúndio* e *sem verbo* – apresentam apenas 12,6% do total de dados. Por entendermos que tais fatores mencionados anteriormente apresentam um número baixo de ocorrências, resolvemos excluir esses 7 fatores, pois consideramos que sejam irrelevantes para a análise pretendida, e segundo Guy e Zilles (2007, p. 166), devemos eliminar ou amalgamar os fatores com poucas ocorrências.

Tabela 1: Distribuição das ocorrências na variável *tempo verbal* para *nós* e *a gente*

Fatores	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	Total	%
Presente do indicativo	429	225	654	52
Pretérito imperfeito	209	98	307	24,4
Pretérito perfeito	80	59	139	11
Futuro do indicativo	1	5	6	0,5
Pretérito imperfeito do subjuntivo	7	3	10	0,8
Futuro do subjuntivo	18	3	21	1,7
Infinitivo	54	7	61	4,8
Imperativo	1	3	4	0,3
Gerúndio	12	3	15	1,2
Sem verbo	31	10	41	3,3

Fonte: elaborada pelo autor.

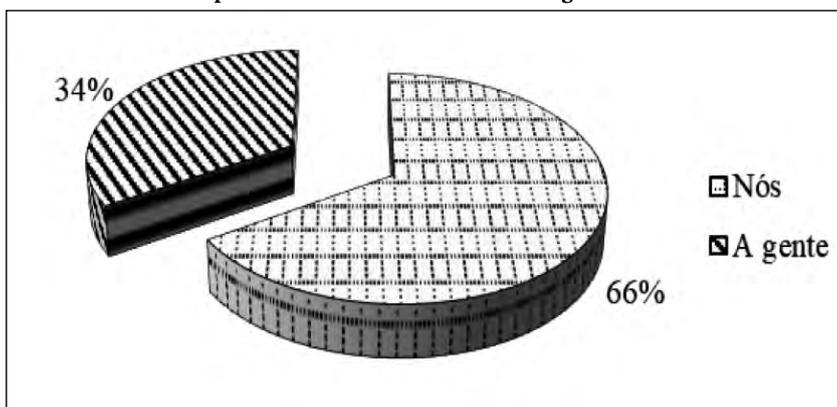
3 Quando uma variável passa a ser constituída por um só fator.



Após a retirada dos fatores supracitados, houve ocorrência de nocaute no grupo da *função sintática*, no fator *impossível saber a função*, e outro nocaute no grupo *estrutura verbal*, especificamente no fator denominado *sem verbo*. Mais uma vez, excluímos os nocautes.

Com a retirada dos fatores nocauteados, restaram-nos 1.092 dados na variável dependente. Destes, 716 são da forma pronominal *a gente* (65,6%) e 376 são de *nós* (34,4%), conforme vemos no Gráfico 2.

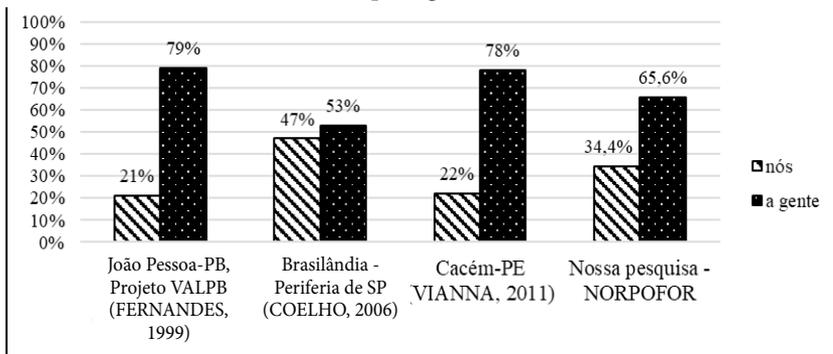
Gráfico 2: Frequência de uso das variantes *nós* e *a gente* sem os nocautes



Fonte: elaborado pelo autor.

Com esse resultado, percebemos que a variação pronominal no falar popular de Fortaleza apresenta resultados semelhantes aos de outras pesquisas realizadas com outros *corpora*, ou seja, há um favorecimento da forma inovadora para a realização da primeira pessoa do plural, *a gente*, em detrimento da forma conservadora, *nós*, como mostra o Gráfico 3.

Gráfico 3: Comparação das frequências de uso para *nós* e *a gente* em estudos variacionistas do português brasileiro



Fonte: elaborado pelo autor.

Como vemos, os trabalhos realizados por Fernandes (1999), em João Pessoa, e por Vianna (2011), em Cacém, apresentam basicamente os mesmos resultados, ou seja, o uso bem mais expressivo de *a gente*, enquanto o *nós* é utilizado com baixa frequência. Já o trabalho de Coelho (2006), na periferia de São Paulo, apresentou uma disputa entre as duas formas pronominais, embora, em termos de frequência de uso, o pronome inovador ainda supere o pronome padrão.

Os resultados apontam para o predomínio da forma inovadora, *a gente*, com um alto percentual em quase todas as pesquisas, em oposição a *nós*, que apresenta um baixo nível de ocorrência, se comparada à forma inovadora. É possível verificar um predomínio bem sutil da forma *a gente*, como mostra o Gráfico 3, na comunidade de Brasilândia, na periferia de São Paulo, com apenas 53% das ocorrências, distante das demais pesquisas em que essa frequência de uso é muito expressiva. Nosso trabalho aponta para resultados que estão de acordo com outros estudos (FERNANDES, 1999; VIANNA, 2011), em que a forma *a gente*, com 66% de realização, é bem mais usada que a variante conservadora *nós*.

Após excluirmos os contextos de efeito categórico e os fatores que apresentavam poucos dados, ou seja, aquelas ocorrências que não ultrapassam o percentual de 10%, restaram 1.092 dados. Prosseguindo com a análise estatística, verificamos que o Goldvarb X, na melhor rodada, cujo *input*

era 0,675, selecionou os seguintes grupos de fatores, nesta ordem de importância: *preenchimento do sujeito*, *escolaridade*, *tipo de verbo*, *função sintática*, *referência do pronome*, *simetria entre os interlocutores*, *posição do pronome em relação ao verbo*, *faixa etária* e *tempo verbal*. Assim, tivemos dois grupos de fatores considerados irrelevantes nessa rodada: *sexo* e *estrutura do verbo*. A seguir, veremos, uma a uma, cada variável selecionada pelo programa.

Preenchimento do sujeito

Assim como nas pesquisas de Lopes (2003), Omena (2003), Fernandes (2004), entre outros, controlamos essa variável por observarmos que o *preenchimento do sujeito* está cada vez mais presente no falar popular de Fortaleza. Vimos, como mostra a Tabela 2, que, levando em conta a aplicação de *a gente*, há uma predominância da forma inovadora no que se refere ao *sujeito preenchido*. Além disso, os nossos resultados confirmam os obtidos por Tamanine (2010), em que o *sujeito preenchido* é mais recorrente para *a gente* (96%).

Tabela 2: Atuação da variável *preenchimento do sujeito* sobre o pronome *a gente*

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Sujeito preenchido	711/ 1014	70,1%	0,575
Sujeito nulo	5/ 78	6,4%	0,020

Fonte: elaborada pelo autor.

Estudos realizados no Brasil que levam em consideração essa variável, como o trabalho de Costa (2003), apontam que o *sujeito preenchido* é cada vez mais uma característica da nossa língua. O *sujeito preenchido* é franco aliado da forma *a gente* (70,1% e 0,575), o que pode colaborar para a validação da hipótese da mudança no parâmetro do sujeito. Já o *sujeito nulo* inibe a aplicação da regra (6,4% e 0,020). Isso ocorre, também, pelas poucas ocorrências da forma *a gente* em sujeito nulo, apenas 5, como:

- (1) eu acho que [*a gente*] chega rapidinho (NORPOFOR, D2, Inq. 99⁴)

4 Inquérito n° 99 do tipo de registro Diálogo entre Dois Informantes do NORPOFOR.



- (2) [*a gente*] faz assim como diz Deus (NORPOFOR, D2, Inq. 101)
- (3) [*a gente*] resolveu ir:: lá conhecer::... o H. (NORPOFOR, D2, Inq. 157)
- (4) três horas... [*a gente*] tem que sair mais cedo... (NORPOFOR, D2, Inq. 125)

Resultados semelhantes ocorreram na pesquisa de Brustolin (2009), em que o *sujeito preenchido* favorece o uso do pronome inovador, enquanto o *sujeito nulo* favorece o uso da forma pronominal padrão. A autora confirmou sua hipótese de que o sujeito pode ser *nulo*, caso seja colocada a marca de morfema do verbo na primeira pessoa do plural.

Lembramos que, para nossa pesquisa, sempre que teve ocorrência de *sujeito nulo*, consideramos que não houve a quebra do *paralelismo*. Isso justifica o fato de a maior concentração de *sujeito nulo* estar em ocorrências cuja variável dependente expressa é *nós*, pois consideramos que o verbo que apresenta flexão de primeira pessoa do plural sem o *sujeito preenchido* tem como sujeito elíptico o *nós*. Assim, conforme observamos nos excertos (5) e (6), pelo fato de o verbo *ser* ter a flexão verbal *-mos*, consideramos que tem como sujeito o *nós*:

- (5) somos lá de Mossoró dá pra gente brincar (NORPOFOR, D2, Inq. 35)
- (6) podíamos tomar banho hoje não (NORPOFOR, D2, Inq. 77)

Porém, se somarmos o total das ocorrências para *sujeito nulo*, temos um montante de 7,1%, enquanto o *sujeito preenchido* totaliza 92,9% das ocorrências, resultados semelhantes aos da pesquisa de Duarte (1995), segundo a qual postula que os *sujeitos nulos* estão sendo cada vez menos utilizados. Para o autor, os jovens são os que menos utilizam os *sujeitos nulos*, pois a maioria deles utiliza mais frequentemente o pronome *a gente*, que não possui flexão verbal de primeira pessoa, mas sim de terceira. Em outras palavras, nesse contexto não há marca no morfema do verbo que condicione com o uso do *sujeito nulo*, e o pronome *a gente* é mais empregado quando o sujeito é *preenchido*.



Escolaridade

Várias pesquisas (OMENA, 1996; LOPES, 1999; LUCCHESI, 2009) mostram a variável *escolaridade* como relevante. Para o nosso estudo, a *escolaridade* foi selecionada como o segundo fator mais importante. Os resultados obtidos revelam que os *mais escolarizados* tendem a favorecer o uso da forma inovadora *a gente*, mesmo que de maneira não tanto expressiva - com peso relativo de 0,564. Por outro lado, com os informantes de *escolaridade baixa* e de *média escolaridade*, notamos um favorecimento para a forma gramaticalmente aceita, *nós*, com peso relativo para a aplicação da forma *a gente* de 0,497 e 0,411, respectivamente, como revela a Tabela 3:

Tabela 3: Atuação da *escolaridade* sobre o pronome *a gente*

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
0 a 4 anos	278 / 396	70,2%	0,497
5 a 8 anos	159 / 283	56,2%	0,411
9 a 11 anos	279 / 413	67,6%	0,564

Fonte: elaborada pelo autor.

Obtivemos resultados semelhantes aos de Omena (1996), quando controlou os fatores denominados *primário*, *colegial* e *ginásio*. A autora indica que as possíveis causas para esses resultados são por:

a) ser, no primário, justamente no 4º ano, que se inicia “o estudo sistemático da conjugação verbal”, daí o favorecimento então da variante *nós*; b) ser, no colegial, a forma *a gente* sentida quase como gíria. Assim sabendo-se que não é raro adolescentes e universitários usarem mais gírias do que os demais falantes para terem uma maior identificação com o grupo, não se estranha ter-se uma maior tendência ao uso de *a gente* nesta faixa de escolaridade. (OMENA, 1996, p. 319)

Além disso, podemos atribuir, aos informantes de escolaridade B (5 a 8 anos), o expressivo uso das duas variantes, quase configurando um empate, por ser nessa época escolar que os alunos estudam as conjugações verbais na língua portuguesa e, por isso, passam a ter um contato mais frequente com o pronome *nós*, já que a variante *a gente* não é tratada formalmente nas escolas e, inclusive, é estigmatizada quando acompanhada do verbo



na primeira pessoa do plural. Também, Silva e Paiva (1996) afirmam que os *mais escolarizados*, devido ao ambiente mais juvenil, tendem a utilizar a forma inovadora, pois privilegiam as mudanças com o objetivo de serem socialmente aceitos.

Tipo de Verbo

Tabela 4: Atuação do tipo de verbo sobre o pronome *a gente*

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
<i>Dicendi</i>	17/ 19	89,5%	0,939
Epistêmico	40/ 53	75,5%	0,600
Ação	485/ 732	66,3%	0,531
Verbo ter	96/ 134	71,6%	0,464
Estado	78/ 154	50,6%	0,280

Fonte: elaborada pelo autor.

Conforme Tamanine (2002), o *tipo de verbo* foi a terceira variável selecionada para a forma *a gente*. Como mostra a Tabela 4, há alguns verbos que favorecem a regra, como o verbo *dicendi* (0,939), *epistêmico* (0,600) e de *ação* (0,531), apesar de o último ser muito próximo do ponto neutro. Já os verbos *ter* (0,464) e os verbos de *estado* (0,280) atuam de forma a desfavorecer a aplicação desse pronome.

Assim como Tamanine (2002), não tínhamos uma hipótese norteadora sobre a influência dessa variável na utilização das formas pronominais de primeira pessoa do plural. Semelhante ao que ocorreu em nossos dados, a autora obteve resultados que indicaram os verbos de *estado* como os de menor aplicação para o emprego de *a gente* (0,39). Em nossa análise, há desfavorecimento da forma pronominal *a gente* (0,280) quando o verbo é de *estado*.

Constatamos a presença frequente, em nossa amostra, de expressões do tipo “*nós somos*”, ou apenas “*somos...*”. E levando em consideração que as construções do tipo *sujeito nulo + verbo na primeira pessoa do plural* possuem o sujeito *nós*, podemos dizer que essas construções contribuem para o resultado obtido, uma vez que aumentam a frequência da forma conservadora associada a verbos de estado, assim como ilustram as ocorrências:



- (7) somos lá de Mossoró dá pra gente brincar... (NORPOFOR, D2, Inq. 35)
- (8) nós somos afetados e as pessoas que são de mais idade (NORPOFOR, D2, Inq. 77)

Além do mais, segundo Tamanine (2002), os verbos de *estado* podem inibir o uso da forma *a gente* por estarem associados à variante conservadora e não à forma inovadora, contribuindo assim para esse favorecimento pelo uso de *nós*. Porém, essa variável mereceria um estudo mais apurado e detalhado em um trabalho exclusivo para o *tipo de verbo*, e, por não dispormos de tempo suficiente para tal, fica o convite a outros pesquisadores para realizar esse trabalho.

Função Sintática

Os dados revelam que a maioria absoluta das ocorrências se dá na função de sujeito, embora o seu peso relativo (0,535) se aproxime do ponto neutro na aplicação do pronome *a gente*.

Tabela 5: Atuação da função sintática sobre o pronome *a gente*

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Adjunto	17/ 18	94,4	0,722
Sujeito	657/ 999	65,8	0,535
Objeto direto	23/ 31	74,2	0,225
Predicativo do sujeito	3/ 9	33,3	0,105
Objeto indireto	16/ 35	45,7	0,058

Fonte: elaborada pelo autor.

As funções sintáticas diferentes do *sujeito* apresentaram um baixo número de ocorrências. No entanto, a função de *adjunto*, embora revele um reduzido número de dados, favorece, expressivamente, a forma *a gente* (0,722). Já as outras funções sintáticas, a saber, *objeto direto* (0,223), *predicativo do sujeito* (0,105) e *objeto indireto* (0,058), conforme observamos na Tabela 5, desfavorecem significativamente a forma inovadora, *a gente*, conforme indica a Tabela 5.



Nossa hipótese inicial era a de que a forma inovadora, *a gente*, seria mais recorrente na *função de sujeito*, tendo em vista que essa função é a mais produtiva na realização de *a gente* e que outros estudos demonstram uma mudança em progresso no português brasileiro. Como afirma Omena (1996, p. 191), as “divergências na frequência do uso de *a gente* (em oposição a *nós*), com relação à função sintática, refletem os diferentes estágios dessa mudança”. A Tabela 5 demonstra que, estatisticamente, a nossa hipótese é confirmada.

A maioria das pesquisas (ALBÁN; FREITAS, 1991a, 1991b; LOPES, 1993, 1999; NARO, 1999) analisa a variação pronominal *nós* e *a gente* somente na *função de sujeito*, o que nos impossibilita de comparar nossos resultados aos de outras pesquisas com aqueles obtidos nessa rodada. Porém, há algumas pesquisas que controlaram essa variável, como a de Omena (1998), que analisou as seguintes funções sintáticas: *objeto direto*, *adjunto adverbial*, *adjunto adnominal*, *objeto indireto*, *complemento nominal* e *predicativo do sujeito*. Segundo a autora, as formas *nós* e *a gente* aparecem em maior quantidade na *função de sujeito*, pois é uma característica dos pronomes pessoais, já que, segundo a autora, os pronomes veiculam informações mais antigas que apresentam comumente a *função de sujeito*, enquanto as informações novas condicionam a utilização maior de sintagmas nominais plenos.

Ao realizarmos essa rodada, eliminamos o fator *impossível de saber a função sintática*, que foi categórico na aplicação da regra. Vimos, ainda, que algumas funções sintáticas, *objeto indireto* e *predicativo do sujeito*, favorecem a utilização da forma *nós*, apesar do baixo número de ocorrências. Um aspecto curioso entre essas duas funções sintáticas é que, tanto *objeto indireto*, quanto *predicativo do sujeito*, empregam, em nossa amostra, o pronome posterior ao verbo. Com isso, podemos concluir que, em funções sintáticas de contextos posteriores ao verbo, há um favorecimento da forma *nós*. Porém, isso não explicaria o fato da *função objeto direto* desfavorecer o pronome *nós*, já que essa função emprega o pronome posterior ao verbo e somente um estudo mais detalhado apresentaria a resposta para essa questão.



Referência nós/a gente

Tabela 6: Atuação do tipo de referente sobre o pronome a gente

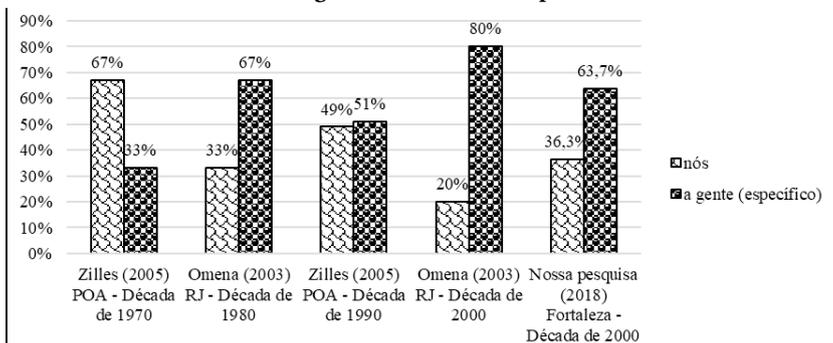
Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Genérico	167/ 230	72,6	0,656
Específico	549/ 862	63,7	0,457

Fonte: elaborada pelo autor.

Outra variável eleita como relevante foi a *referência nós/a gente*, que expressa as formas como os pronomes são utilizados, ou seja, se for *genérico*, refere-se à segunda pessoa para dar um sentido mais amplo, de qualquer um; enquanto, se for *específico*, diz respeito ao interlocutor. Assim, constatamos que, apesar de o número expressivo de ocorrências de *a gente* no contexto *específico*, esse fator inibe a aplicação da regra (0,457). Já o pronome na referência *genérica*, embora apresente um número mais contido de ocorrências, privilegia a aplicação de *a gente* (0,656), conforme expressa a Tabela 6. Esses resultados confirmam os obtidos por Menon (1994), Omena (1998), Lopes (1999), Seara (2000) e Tamnine (2002), pois, em todos estes estudos, a forma pronominal inovadora, *a gente*, se destacou, quando a referência do pronome foi *genérica*.

Verificamos que, quando o referente é *específico*, o pronome *nós* é favorecido, o que confirma a nossa hipótese inicial. Porém, ao analisar alguns trabalhos realizados sobre a variação pronominal *nós* e *a gente*, vimos que os resultados apontam para o fato de que o uso de *a gente*, em contextos em que o referente é específico, está em aumento, conforme o Gráfico 4.

Gráfico 4: Comparação das frequências de uso para nós e a gente na variável referência nós/a gente (com referente específico)



Fonte: elaborado pelo autor.

Como vemos, os estudos apontam uma tendência no aumento do uso de *a gente* com referente *específico*. Zilles (2005), sobre o falar de Porto Alegre na década de 1970, encontrou uma frequência de 33% de uso da forma inovadora com sentido específico e, na década de 1990, esse número passou para 51%. Omena (2003), no Rio de Janeiro, constatou uma frequência de 67% na década de 1980, que passou para 80% em 2000. Nossa pesquisa também nos mostra um número bem significativo do uso da forma inovadora em contextos específicos (63,7%). Esse resultado, portanto, indica um aumento na frequência de uso do pronome *a gente* em sentido específico no português brasileiro.

Simetria entre os interlocutores

Tabela 7: Atuação do grau de simetria entre os interlocutores sobre o pronome *a gente*

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Muito simétricos	492/ 697	70,6%	0,549
Parcialmente assimétricos	33/57	57,9%	0,530
Totalmente assimétricos	39/ 79	49,4%	0,439
Parcialmente simétricos	152/ 259	58,7%	0,411

Fonte: elaborada pelo autor.

Vale lembrar que a nossa hipótese inicial era a de que os informantes simétricos tenderiam à manutenção de uma forma pronominal, enquanto os assimétricos teriam uma tendência maior a variar. Decidimos realizar o cruzamento entre as variáveis *grau de simetria entre os interlocutores* e *paralelismo*, pois achávamos que esse cruzamento forneceria uma resposta para a nossa hipótese inicial. No entanto, feito o cruzamento, todos os fatores do novo grupo apresentaram nocaute. Dessa forma, não podemos confirmar nossa hipótese.

Porém, podemos concluir, a partir da análise dessa variável, que *interlocutores muito simétricos* (0,549), aqueles que possuem a mesma faixa etária e o mesmo sexo, favorecem, sutilmente, a utilização de *a gente*, bem como os *parcialmente assimétricos* (0,530), que possuem idades diferentes e mesmo



sexo. Já os informantes *totalmente assimétricos* (0,439), idades e sexos diferentes, e *parcialmente simétricos* (0,411), mesma faixa etária e sexos diferentes beneficiam o uso da variável gramaticalmente aceita, *nós*.

Como explicação para o resultado mencionado anteriormente, defendemos que o fato de informantes *muito simétricos*, por se sentirem igualmente relevantes na conversa, demonstram uma maior liberdade na expressão, sem preocupação com o policiamento ou em parecer superior ao outro, fazendo com que a possibilidade de utilização da variante inovadora seja maior. Percebemos, ainda, pontos em comum entre os fatores que favorecem o uso da forma *a gente*: em ambos os fatores, os informantes possuem o mesmo sexo. Notamos, então, que aqueles que possuem o mesmo sexo sentem-se à vontade o suficiente, para que haja uma espontaneidade maior no uso da forma inovadora.

Posição do pronome em relação ao verbo

Tabela 8: Atuação da *posição do pronome em relação ao verbo* sobre o pronome *a gente*

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Depois do verbo	86/ 122	70,5%	0,761
Antes do verbo	630/ 970	64,9%	0,464

Fonte: elaborada pelo autor.

Os dados revelam, conforme a Tabela 8, que o pronome *a gente* (0,761) é expressivamente favorecido em contextos em que ele é empregado *depois do verbo*. Esse dado confirma os resultados de Santos (2010, p. 107), ao afirmar que “quando o sujeito aparece depois do verbo, a probabilidade de o falante usar a variante não-padrão em vez da padrão é bem maior”.

Constatamos que, em contextos pré-verbais, a aplicação do pronome *a gente* (0,464) é inibido. Isso se dá, provavelmente, pela presença da concordância verbal entre o sujeito *nós* e o *verbo posterior* a ele, já que a posição do sujeito, segundo Costa (1994), é decisiva para a aplicação de concordância entre o verbo e o pronome. Nas palavras do autor (SANTOS, 2010,



p. 317), “nas estruturas em que o sujeito se encontra posposto ao verbo, detectei, mais frequentemente, a ausência da concordância”.

Decidimos não controlar a variável concordância verbal, mas seria importante um estudo posterior que cruzasse os grupos de fatores *posição do sujeito em relação ao verbo e concordância verbal*, para que os resultados fossem expressos de maneira mais detalhada e, assim, identificássemos a real importância da variável.

Faixa etária

Tabela 9: Atuação da *faixa etária* sobre o pronome *a gente*

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
15 a 25 anos	220/ 282	78%	0,681
26 a 49 anos	196/ 339	57,8%	0,357
A partir de 50 anos	300/ 471	63,7%	0,492

Fonte: elaborada pelo autor.

Assim como notaram Menon (1996) e Tamanine (2002, 2010), a *faixa etária* se mostrou relevante para a aplicação da regra. Nossa hipótese inicial era a de que os informantes mais novos favoreciam a utilização da forma inovadora *a gente*, já que, para nós, os mais jovens possuem uma tendência à mudança.

A nossa primeira análise confirmou a nossa hipótese. Como é mostrado na Tabela 9, os informantes da *faixa etária I* (15 a 25 anos) favorecem a utilização de *a gente* (0,681) em oposição a *nós*. A *faixa intermediária* (26 a 49 anos), bem como a faixa *acima de 50 anos*, inibe a forma inovadora, respectivamente, com 0,357 e 0,492, fato que parece indicar que a forma *nós* está cedendo lugar para *a gente*.

Os dados apresentados, a partir do controle dessa variável, nos dá um resultado parecido com o de Omena (1996), que mostra que as faixas etárias mais avançadas apresentam uma menor utilização de *a gente*, enquanto a faixa etária mais jovem revela um forte favorecimento à utilização



da forma inovadora. E, assim como Silva e Paiva (1996, p. 367), o fenômeno da alternância entre as formas *nós* e *a gente* “aponta efetivamente para uma variação envolvendo mudança.”

Tempo verbal

Tabela 10: Atuação do *tempo verbal* sobre o pronome *a gente*

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Pretérito imperfeito do indicativo	207/ 302	68,5	0,541
Presente do indicativo	429/ 651	65,9%	0,507
Pretérito perfeito do indicativo	80/ 139	57,6%	0,382

Fonte: elaborada pelo autor.

A última variável selecionada como importante pela ferramenta estatística foi o *tempo verbal*. Com as exclusões dos dados que julgamos pouco relevantes, restaram, para nossa análise, os três tempos verbais, que foram, exatamente, os mesmos considerados relevantes por Duarte (1995) e Loregian (1996). Esses verbos possibilitam uma maior ocorrência da variação, já que ocorrem em entrevistas em que predominam o relato de fatos e experiências do passado, por isso, de acordo com nossa hipótese inicial, o pretérito imperfeito favoreceria a utilização de *a gente*.

Embora a aplicação do *a gente* no *pretérito imperfeito* tenha se aproximado do ponto de neutralidade (0,541), este fator é o único que favorece esta variante, o que confirma a nossa hipótese inicial. Outro *tempo verbal* se mostrou neutro em relação à aplicação da regra, é o caso do *presente do indicativo* (0,507). Com isso, podemos concluir que há uma grande disputa na utilização de uma ou de outra forma pronominal, quando o verbo estiver no *presente do indicativo*.

Por fim, o *pretérito perfeito do indicativo* se apresentou muito favorável à variante padrão *nós* (0,382 para aplicação de *a gente*), resultado parecido com o obtido por Tamanine (2002), em que a utilização de *nós* era favorecida com o *pretérito perfeito* (0,82).



Considerações Finais

A variação pronominal *nós e a gente* é bastante presente no português falado do Brasil, e esse fenômeno é também uma marca característica da fala popular de Fortaleza, pois sua frequência de uso entre os falantes é muito alta em vários contextos de fala. Assim, resolvemos, com esse trabalho, investigar esse fenômeno no intuito de analisar quais os fatores que condicionam o uso da variante *a gente*.

Em todas as análises realizadas, nossa hipótese de que o uso da variante *a gente* era mais frequente que o uso de *nós* se confirmou, o que pode indicar um fenômeno em processo de mudança. No entanto, para se chegar a essa conclusão, outros estudos acerca do fenômeno devem ser desenvolvidos no sentido de comprovar essa mudança.

Um fato interessante que observamos, a partir da análise dos resultados, é que a forma pronominal *a gente* não pode ser considerada estigmatizada, já que, apesar de não estar presente nas gramáticas normativas como forma pronominal válida e, muitas vezes, ser tratada como um erro gramatical em ambientes como a escola, por exemplo, constatamos que a forma é utilizada inclusive entre os mais escolarizados, o que confirma o uso do pronome na comunidade de fala como uma característica linguística entre os usuários do português popular de Fortaleza.

No mais, reafirmamos a importância de outras pesquisas serem desenvolvidas sobre a variação *nós e a gente* e convidamos outros pesquisadores a realizar estudos da mesma natureza, usando outros tipos de registro, como entrevistas, aulas, programas de TV, entre outros. Também é importante que a variação seja estudada na fala de informantes com nível superior completo, pois observamos seu uso frequente também na norma culta do falante fortalezense.

Além disso, esperamos que este estudo possa contribuir para a descrição do falar popular cearense e, inclusive, auxiliar o trabalho dos professores de língua portuguesa, no sentido de fornecer-lhe subsídios para o ensino de língua materna, levando em conta a variação linguística presente na realidade de cada aluno, combatendo assim o preconceito linguístico que pode, de alguma forma, estigmatizar o próprio usuário da língua.



REFERÊNCIAS

ALBÁN, M. del R.; FREITAS, J. Eu, você et alia em três diálogos. **Estudos Linguísticos e Literários**. Salvador: UFBA – Instituto de Letras, n. 11, 1991a. p. 25-38.

_____. Nós ou A gente? **Estudos Linguísticos e Literários**. Salvador: UFBA – Instituto de Letras, n. 5, agosto, 1991b. p. 75-89.

ARAÚJO, A. A de. O Projeto Norma Oral Do Português Popular de Fortaleza – NORPOFOR. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOSOFIA, 15., 2011. Rio de Janeiro. **Cadernos...** Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. p. 835-845. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/72.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2018.

ARAÚJO, M. A. M. **Será que a gente usa mais o nós?** Uma fotografia sociolinguística do falar popular de Fortaleza. 2016. 148 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Marden%20Alyson%20de%20Ara%C3%BAjo.pdf.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2016.

BRUSTOLIN, A. K. B. da S. **Itinerário do uso e variação de nós e a gente em textos escritos e orais de alunos do Ensino Fundamental da Rede Pública de Florianópolis**. 2009. 232 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

COELHO, R. F. **É nós na fita!** Duas variáveis linguísticas numa vizinhança da periferia paulistana: o pronome de primeira pessoa do plural e a marcação do plural no verbo. 2006. 178 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

COSTA, C. **Fonologia Lexical e controvérsia neogramática: análise das regras de monotongação de /ow/ e vocalização de // no Português Brasileiro**. 2003. 142 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

COSTA, M. A. As definições de sujeito e seus traços de caracterizadores. O traço de concordância. In: Encontro Nacional sobre Língua Falada e Ensino, 1., 1994, Maceió. **Anais...** Maceió: EDUFAL, 1994. p. 315- 320.

DUARTE, M. E. L. **A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro**. 1995. 161 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

FERNANDES, E. A. Fenômeno variável: nós e a gente. In: HORA, D. (Org.). **Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade**. João Pessoa: ILAPEC, 2004. p. 149-156.



_____. Nós x a gente: variação estável ou mudança em progresso? In: Jornada de Estudos Lingüísticos, 16., 1999, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: UFC/GELNE, 1999. p. 331-334.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LOPES, C. R. dos S. **Nós e a gente no português falado culto do Brasil**. 2003. 174 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

_____. **A inserção de a gente no quadro pronominal do português**: percurso histórico. 1999. 181 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

_____. **Nós e a gente no português falado culto do Brasil**. 1993. 196 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

LOREGIAN, L. **A concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil**. 1996. 134 f. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística) – Departamento de Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

LUCCHESI, D. A realização do sujeito pronominal. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Orgs.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 167-183.

MAYA, L. Z.; SILVA, K. Q. A concordância verbal com a primeira pessoa do plural em Panambi e Porto Alegre, RS. **Organon**, Porto Alegre, v. 14, n. 28-29, p. 195-219, 2000. Disponível em: <seer.ufrgs.br/organon/article/view/30205>. Acesso em: 07 jan. 2017.

MENON, O. P. da S. 'A gente': um processo de gramaticalização. In: Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos, 25., 1996, Taubaté. **Anais...** Taubaté: Unitaú/CNPQ/GEL, p. 622-628.

_____. **A gente, eu, nós**: sintomas de uma mudança em curso no Português do Brasil? Encontro Nacional sobre Língua Falada e escrita, 2., 1995, Maceió, **Anais...** Maceió: UFAL, 1995. p.397-403

_____. **Analyse sociolinguistique de indétermination du sujet dans le portugais parlé au Brésil à partir des données du NURC - SP**. 1994. 397 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Université Paris Diderot - Paris 7, 1994.



NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. Sobre o efeito do princípio da saliência na concordância verbal na fala moderna, na escrita antiga e na escrita moderna. In: MOURA, D. (Org.). **Os múltiplos usos da língua**. Maceió: Ed. da UFAL, 1999, p. 26-37.

OMENA, N. P. de. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: PAIVA, M. da C.; DUARTE, M. E. L. (Orgs.). **Mudança lingüística em tempo real**. Rio de Janeiro: FAPERJ/Contracapa, 2003.

_____. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M. de; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.). **Padrões sociolingüísticos: estudos de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998. p. 185-215.

_____. A referência à primeira pessoa do plural. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M. de; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.). **Padrões sociolingüísticos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 185-215.

_____. “A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural”. In: NARO, A. J. et al. **Relatório Final de Pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação**, Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 1986. p. 286–319.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows**. Department of Linguistics. University of Toronto, 2005. Software. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

SANTOS, R. L. de A. **A concordância verbal na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió**. 2010. 139 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010.

SEARA, I. C. A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana. **Organon**, Porto Alegre, v. 14, n. 28 e 29, p. 179-194, 2000.

SILVA, G. M. O.; PAIVA, M. C. A. A visão de conjunto das variáveis sociais. In: SILVA, G. M. O.; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.). **Padrões sociolingüísticos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

TAMANINE, A. **Curitiba da gente: um estudo sobre a variação pronominal nós/a gente e a gramaticalização de a gente na cidade de Curitiba**. 2010. 222 f. Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

_____. **A alternância nós/a gente no interior de Santa Catarina**. 2002. 132 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.



VIANNA, J. B. de S. **Semelhanças e diferenças na implementação de a gente em variedade do português**. 2011. 258 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

_____. **A concordância de nós e a gente em estruturas predicativas na fala e na escrita carioca**. 2006. 130 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

ZILLES, A. M. S. The development of a new pronoun: the linguistic and social embedding of a gente in Brazilian Portuguese. **Language Variation and Change**, v. 17, n. 1, p. 19-53, 2005.



RAI RÊ SE EU TÔ NA ESQUINA: A ASPIRAÇÃO DE /v/ NO INÍCIO DE VERBOS NO FALAR DE FORTALEZA- CE¹

Ana Germana Pontes Rodrigues (SEDUC-CE)

Introdução

A rica variedade linguística do português do Brasil (doravante PB) possibilita aos pesquisadores a análise de diversos fenômenos e, nas palavras de Labov (2007, p. 3), “alguns dos trabalhos mais importantes em variação linguística são feitos no Brasil”. Assim, podemos afirmar, a partir dos estudos que foram feitos para esta pesquisa, que a glotalização² [h, h̥] de fricativas é um fenômeno de variação linguística bastante recorrente no falar dos brasileiros. No caso da fricativa labiodental vozeada [v], alguns autores já analisaram essa variação, especialmente em cidades localizadas na região Nordeste do País (AGUIAR, 1937; MACAMBIRA, 1987; RONCARATI; UCHOA, 1988; CANOVAS, 1991; MARQUES, 2001). Neste trabalho, abordamos o enfraquecimento da fricativa /v/ com falantes fortalezenses, que figuram como informantes do Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (doravante NORPOFOR).

Ao observarmos que, assim como nas pesquisas dos autores supracitados, os verbos apareciam muito na nossa amostra, resolvemos realizar uma análise apenas para as formas verbais do contexto de /v/ em início de palavra, como em: [v]ai ~ [h]ai³ (RODRIGUES, 2013). Dessa forma, o objetivo deste trabalho é examinar as variáveis intralinguísticas (contextos fonológicos antecedente e subsequente, tipo de sílaba, tonicidade, *status*

1 Este capítulo é parte da dissertação de mestrado de Rodrigues (2013).

2 Neste trabalho, os termos enfraquecimento, aspiração, reificação e glotalização são usados como sinônimos.

3 Exemplos extraídos do inquérito 06 do NORPOFOR.



morfológico do segmento, dimensão do vocábulo e frequência de uso do segmento) e extralinguísticas (sexo biológico, faixa etária, escolaridade e tipo de inquérito)⁴ que atuam sobre a aspiração de /v/ no falar de Fortaleza-CE, proporcionando-nos averiguar, a partir dos resultados obtidos, se o fenômeno encontra-se em variação estável, ou se há indícios de uma mudança em progresso. Além disso, pretendemos, dentro dos limites que podem aproximar cada uma das pesquisas, cotejar os resultados obtidos, neste trabalho, com os já encontrados em outras variedades do português brasileiro.

Para a descrição e análise do fenômeno em pauta, adotamos o modelo teórico-metodológico da sociolinguística quantitativa (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]), que procura sistematizar os dados linguísticos, descrever a estrutura e a mudança da língua dentro de um contexto social e estabelecer relações entre os fatores intra e extralinguísticos. Para a sociolinguística, as diferenças nos hábitos de fala de uma comunidade, antes tratados como variação livre, seriam condicionadas por fatores, também, sociais, os quais são responsáveis pelo papel que essas variações têm na língua (LABOV, 2008 [1963]). É nesse sentido que a Sociolinguística encontra seu objeto de estudo: a diversidade linguística dentro da comunidade de fala. Essas variações na língua comportam regularidades, encontradas no final do processo e não no início, passíveis de definição, o que garante à língua a sua sistematicidade dentro do universo aparentemente caótico da variação. Trata-se, pois, da chamada variação sistematizada (TARALLO, 2001 [1986]).

Quanto às concepções de comunidade de fala e de indivíduo, adotaremos, para a análise do *corpus* do NORPOFOR, o ponto de vista laboviano, segundo o qual o indivíduo não existe como uma unidade; ele é estudado porque fornece os dados para descrever a comunidade, mas ele, em si, não constitui uma unidade linguística, isto é, um objeto onde encontraremos explicações para fenômenos linguísticos. A realidade linguística estaria, sim, na comunidade de fala. Sobre esse ponto, Labov (2008 [1972]) ressalta ainda que uma comunidade de fala não consiste num grupo em que todos os falantes usam as mesmas formas, mas sim em um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua.

4 Em nossa metodologia, apresentamos, detalhadamente, cada um dos fatores intra e extralinguísticos controlados neste trabalho.



Por último, é importante ressaltar que, até a escrita deste trabalho, não houve nenhum outro estudo com uma estratificação dos informantes, atendendo aos padrões da Sociolinguística Quantitativa, e que versasse sobre a realização variável de /v/ em início de verbos, com dados do NORPOFOR.

O capítulo que então se apresenta está organizado da seguinte forma: a primeira parte, que é esta introdução, apresenta o objeto de estudo, o arcabouço teórico-metodológico, a justificativa e os objetivos da investigação; a segunda parte traz uma revisão da literatura sobre estudos variacionistas, no português brasileiro, a respeito do fenômeno em análise; a terceira seção detalha a metodologia, exibindo a amostra utilizada e as variáveis controladas; a quarta parte expõe os resultados obtidos e a análise dos dados e a última parte apresenta algumas considerações finais.

Estudos de base dialetológica e/ou sociolinguística sobre a aspiração da fricativa /v/ no português do Brasil

Utilizando o método de análise quantitativa, a pesquisa de Roncarati e Uchoa (1988; RONCARATI, 1999) investigou o enfraquecimento (reificação e apagamento) das fricativas /v, z, ʒ/ no falar cearense, procurando determinar o seu contexto linguístico e pragmático, medindo também o nível de estigmatização do fenômeno, através de um teste de atitudes linguísticas. Para obter alguns de seus resultados, os autores coletaram uma pequena amostra, com 10 informantes: 6 do sexo⁵ masculino e 4 do sexo feminino, com escolaridade de 1º (Ensino Fundamental) e 2º grau (Ensino Médio), além de uma informante analfabeta. A faixa etária foi dividida entre criança (uma de 10 anos), adolescentes (um de 14 e outro de 15 anos), jovens (um de 21, outro de 22 e um de 24) e adultos (um de 38, dois de 40 e um de 42). Essa amostra revelou que, em /v/, apenas 6,85% (104/1519)⁶ dos dados foram de enfraquecimento.

5 O uso dos termos “sexo” ou “gênero” é feito com base no trabalho original de cada pesquisa aqui apresentada.

6 Número de ocorrências enfraquecidas/número total de dados da rodada.



Dentre as variáveis sociais analisadas, a escolaridade mostrou que o índice de enfraquecimento de /v/ (0,89⁷) é maior em falantes com as séries iniciais do Ensino Fundamental. Em relação à faixa etária, a reificação de /v/ tem um índice maior entre os jovens (0,80). Quanto à classe social, o enfraquecimento é maior na classe baixa; para o fonema /v/ os índices foram: classe baixa (0,66) e média (0,34). E a variável sexo indicou que o enfraquecimento de /v/ é ligeiramente maior entre os homens (0,51) do que entre as mulheres (0,48).

As variáveis linguísticas analisadas pelos autores revelaram que, quanto à distância de tonicidade, a distância antecedente 1 é a mais favorecedora do enfraquecimento de /v/ (0,73). Esse contexto foi exemplificado por Roncarati e Uchoa (1988) com: “na ditadura ta[h]a pior que isso”. As demais distâncias antecedentes (0, 2, 3 e 4)⁸ não tiveram valores relevantes. Já a distância da tônica seguinte mostrou os maiores índices de enfraquecimento nas distâncias 4 (0,68), 1 (0,61), 3 (0,57) e 5 (0,55)⁹. Outra variável linguística analisada pelos autores foi a qualidade vocálica, que manifestou, para o enfraquecimento de /v/, índices mais altos com a vogal /a/, tanto antecedendo (0,78 – 66/471) quanto sucedendo (0,64 – 72/405) o segmento. Já em contexto de início de palavra, o índice de enfraquecimento foi de 0,39 (29/720).

A partir desses resultados, os autores analisaram uma outra variável: o nível de usualidade, associando-o ao grau de favorecimento ou não do enfraquecimento, considerando que o fenômeno poderia ser melhor explicado à luz do difusionismo lexical¹⁰. Para fazer o levantamento lexical, esses pesquisadores incluíram em sua amostra, além das 10 entrevistas: uma entrevista de IMP (Interação Médico-Paciente), gravada no Instituto Psiquiátrico do Ceará, com 3 participantes, e 4 gravações de falantes do interior, pertencentes ao Projeto ALECE (Atlas Linguístico do Ceará). Estes últimos

7 Peso relativo.

8 Exemplos de frases para cada distância com seus pesos relativos: 0 – “# [h]á buscar uma rôpinha” (0,50); 1 – “na ditadura ta[h]a pior que isso”; 4 – “Tinha que le[h]á pro Frifor” (0,48); 3 – “a gente apro[h]eita[h]a um horário” (0,40); 2 – “O gado [h]em cima...” (0,37). (RONCARATI; UCHOA, 1988, p. 29).

9 Exemplos de frases para cada distância com seus pesos relativos: 4 – “chega[h]a na maior.” (0,68); 1 – “Se ti[h]er um poder aquisitivo (0,61); 3 – “[h]ai fazer cursinho.” (0,57); 5 – “porque ta[h]a muito cansado.” (0,55); 2 – “que o velho ta[h]a morto.” (0,49); 0 – “A gente dança[h]a...” (0,15). (RONCARATI; UCHOA, 1988, p. 32).

10 O difusionismo lexical privilegia o controle lexical e desloca o foco da mudança da unidade fonológica para a unidade morfo-lexical, prevenindo afetamento gradual do léxico. (RONCARATI, 1999, p. 2).



possuíam as seguintes características sociais: três mulheres, uma de 41 anos, da classe alta; outra, de 9 anos, da classe baixa e a terceira, de 46 anos, da classe média; e um homem, de 45 anos, também da classe média¹¹. Roncarati e Uchoa (1988) consideraram como itens ‘mais frequentes’ tanto aqueles que seriam produzidos pela totalidade dos falantes da amostra quanto um item que fosse muito frequente no léxico de um falante, incluindo o seu uso interiorano ou citadino¹². Nessa análise, os autores elaboraram ainda uma espécie de verbete para cada item lexical, incluindo suas realizações variadas (manutenção, reificação e apagamento). Ao final, organizou-se um dicionário para cada fricativa (/v/, /z/ e /ʒ/), contendo um cálculo das frequências globais dos participantes da pesquisa.

Nessa análise, os resultados revelaram que as formas do verbo “ir” apareceram em segundo lugar¹³ como as que mais enfraqueceram entre os fortalezenses da amostra básica (10 falantes), registrando-se 18,43% (47/255) das ocorrências, nas formas: “vou”, “vi”, “vamos” e “vá”. Em seguida, foi registrado o enfraquecimento, na IMP (Interação Médico-Paciente) e nas amostras interioranas (do ALECE), com as formas dos verbos “ver” ([h]iu, [h]ia, [h]imos) e “vir” ([h]em, [h]eio, [h]inha, [h]iemo(s)).

Roncarati e Uchoa (1988) buscaram ainda fazer uma correlação entre relevância informacional e usualidade do léxico e verificaram que o enfraquecimento tende a ser maior sobre os elementos do enunciado que só têm sentido em relação à estrutura gramatical, nos quais se incluem os morfemas gramaticais. Já os morfemas lexicais, portadores de conteúdo informacional, reificam menos. Os autores também procuraram medir o nível de informalidade e, embora não tenham conseguido confirmar em seus dados, acreditam que quanto maior o nível de informalidade, maior será a tendência ao enfraquecimento.

Com a aplicação do teste de atitudes, com outros participantes, os autores obtiveram as seguintes respostas: a situação de fala informal favorece o enfraquecimento; o enfraquecimento é uma marca masculina (si-

11 Os níveis de escolaridade não foram especificados, apenas o da mulher de 46 anos, que possuía o Ensino Fundamental incompleto.

12 Exemplos: “ca[h]alo” (interiorano) e “esta[h]a” (citadino e interiorano).

13 O morfema do imperfeito /ava/ foi selecionado em primeiro lugar. No entanto, ele não faz parte da análise a que nos propomos neste capítulo.



nalizaria “manifestação de ‘macho’”) (RONCARATI; UCHOA, 1988, p. 93); os adultos enfraquecem mais as fricativas; há uma forte correlação entre nível de estigmatização e origem do falante (as mais estigmatizadas são atribuídas a falantes interioranos); a usualidade de um item lexical e a aceitação dos itens enfraquecidos estão interligadas.

Nove anos depois, a pesquisa de Alencar (2007) faz um estudo sócio-dialetal sobre a realização dos róticos (/r/ e /r/) na língua falada em Fortaleza, incluindo a descrição da ocorrência da reificação nas fricativas vozeadas /v/, /z/ e /ʒ/, em determinados contextos. Seu *corpus* constituiu-se de entrevistas feitas com 24 informantes fortalezenses, de diversos bairros, e distribuídos igualmente de acordo com duas faixas etárias (de 18 e 30 anos e de 45 a 60 anos), dois sexos (masculino e feminino) e dois níveis de escolaridade (Ensino Fundamental e Ensino Superior). Ela utilizou, como modelo, o QFF (Questionário Fonético-Fonológico), o QSL (Questionário Semântico-Lexical), os TDS (Temas para Discursos Semidirigidos) e as PM (Perguntas Metalinguísticas) do projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil).

A análise dessa autora concluiu que a reificação de /v/ ocorre de forma sistemática, em posição inicial e medial, em nomes e verbos; é mais frequente com a vogal /a/, e o maior número de ocorrências se dá com a desinência /ava/ do imperfeito do indicativo (ex.: brinca[h]am) e com as formas verbais de IR (ex.: [h]amos). Além disso, a autora constata que há o predomínio da realização plena [v] dessa fricativa, em posição inicial de vocábulo e em início de sílaba no meio da palavra. No entanto, numa situação menos monitorada, ocorre, com maior frequência, a reificação [h] delas e, até mesmo, o apagamento, este em menor número. Uma hipótese que Alencar (2007) apresenta para isso é que haveria “a perda do ponto de articulação, permanecendo apenas a fricção” (ALENCAR, 2007, p. 120). Quanto à análise quantitativa de seus dados, a autora a apresenta apenas em relação à realização dos róticos – objeto de estudo de sua tese. No final, faz a seguinte consideração:

A “reificação” das fricativas [...] /v/, /z/ e /ʒ/, que ocorre de modo significativo nos informantes, constitui uma marca muito forte no falar fortalezense, revelando a importância de um estudo mais aprofundado de descrição do PB (ALENCAR, 2007, p. 138, aspas no original).



Aragão (2009), por sua vez, em uma análise dialetológica, observou a neutralização das fricativas /v, z, ʒ/ e sua realização com a variante aspirada [h] do fonema /r/, utilizando o *corpus* do projeto Dialetos Sociais Cearenses (ARAGÃO; SOARES, 1996), que fora obtido através de entrevistas, conversas espontâneas e IMP (Interação Médico-Paciente). Para tanto, a autora selecionou 6 entrevistas e organizou a amostra de seu trabalho considerando as seguintes variáveis: sexo biológico; faixa etária (de 10 a 11 anos, de 14 a 15 anos e de 18 a 25 anos); grau de instrução (Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio) e classe social (B – média e C – baixa).

Para efeito de comparação, Aragão (2009) utilizou ainda quatro inquéritos experimentais do projeto ALiB, estado do Ceará, referentes a Fortaleza, com itens lexicais do QFF e do QSL, em que os falantes também foram distribuídos de acordo com sexo biológico (homens e mulheres); faixa etária (de 18 a 30 anos e de 45 a 60 anos); e grau de instrução (Ensino Fundamental I e Ensino Superior). Além disso, Aragão (2009) controlou os seguintes fatores que classificou como linguísticos: estrutura fonética da palavra; diatráticos (registro culto e popular) e diatópicos (marca regional do fenômeno).

Seus resultados indicaram que, dos fatores linguísticos, os que mais marcaram o fenômeno em sua amostra foram: vogal seguinte (ex.: [ka'halo])¹⁴; posição inicial (ex.: ['hámʊs]) e posição medial (ex.: [ɾ'hɛfɪnʊ]). Quanto aos fatores diatráticos, Aragão (2009, p. 200) afirma que “tanto os jovens como os mais idosos, homens e mulheres, com pouca ou muita escolaridade fazem a neutralização dos fonemas /v, z, ʒ, r/ e usam a variante [h]”. Segundo a autora, os fatores extralinguísticos que mais marcaram a realização do fenômeno estudado foram “os estilos formal/informal, tenso/distenso, monitorado/não-monitorado” (ARAGÃO, 2009, p. 200). Em relação aos fatores diatópicos, a pesquisadora concluiu que esse fenômeno é uma marca do falar cearense, como um todo, visto que ocorre em todos os segmentos sociais analisados. Portanto, a neutralização de /v, z, ʒ, r/ é fonético-fonológica e sócio-dialetal.

14 Nesta seção, todas as ocorrências usadas como exemplo foram extraídas dos trabalhos originais.



Fora do Ceará, encontramos as pesquisas de Marques (2001), em João Pessoa-PB, e de Canovas (1991), em Salvador-BA. Sobre o falar pessoense, Marques (2001) trata da reificação do fonema /v/. A autora utilizou todo o *corpus* do projeto VALPB (Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba), ou seja, 60 informantes, sendo 30 homens e 30 mulheres, 20 de três faixas etárias distintas (15-25 anos, 26-49 anos e mais de 50 anos), e 12 para três diferentes graus de escolarização (0-4 anos, 5-8, 9-11 e mais de 11 anos). A ocorrência de /v/, nessa comunidade, dá-se de duas formas: realização plena [v] e aspirada [h]. A autora dividiu seus dados em dois arquivos: arquivo 1, composto pelos contextos em que a vogal /a/ está circundando /v/; arquivo 2, formado pelos demais contextos em que /v/ está precedido e sucedido por vogais variadas (por exemplo: /i/ + /v/ + /e/ = tivesse).

Assim, os resultados de Marques (2001) revelaram que, no arquivo 1, quanto ao *status* morfológico do segmento, os morfemas lexicais tendem a conservar a realização plena (0,12)¹⁵, enquanto que os morfemas não-lexicais¹⁶ são mais favoráveis à aplicação do fenômeno, ou seja, da glotalização (0,57). Quanto à dimensão do vocábulo, verificou-se que os dissílabos são fortes favorecedores do enfraquecimento (0,66) ao lado dos monossílabos (0,54). Com relação às classes de palavras, os resultados indicaram que os verbos foram os que mais favoreceram a reificação (0,53). No arquivo 2, a posição/tonicidade do segmento foi o fator selecionado como o mais relevante, resultando que a tônica medial (0,73) e a postônica (0,71) são as que mais favorecem o enfraquecimento. Quanto ao contexto fonológico seguinte e precedente, constatou-se que /v/, quando sucedido pela vogal /a/, alcança o índice de 0,76 (para o enfraquecimento) e, “quando /v/ está antecedido por uma [vogal] média e sucedido por um /a/, ou, antecedido por /a/ e seguido por uma [vogal] nasal, a probabilidade de variação é bastante positiva (0,77 e 0,68)” (MARQUES, 2001, p. 70). Em relação às classes de palavras, novamente os verbos foram os mais relevantes para a reificação (0,60).

Com relação às variáveis sociais, só foram selecionados os fatores do arquivo 1. Referente aos anos de escolarização, verificou-se que quanto

15 Os pesos relativos registrados referem-se à ocorrência da variante aspirada.

16 “Ou seja, que não fazem parte da forma básica e significativa do vocábulo” (MARQUES, 2001, p. 60).



maior o grau de escolaridade, menor será a reificação (até 8 anos de escolarização, os pesos variaram de 0,56 a 0,59). Em relação à faixa etária, apenas os indivíduos de 26 a 49 anos tiveram um valor relevante (0,58), os que tinham mais de 50 anos tiveram um valor abaixo do ponto neutro, de 0,47. No tocante ao sexo, as mulheres foram as maiores favorecedoras à realização aspirada (0,54).

Por fim, o resultado global da ocorrência dessas duas variantes presentes no *corpus* mostrou que o índice de enfraquecimento é de apenas 0,13 contra 0,88 da realização plena. No entanto, a autora afirma que, pelo fato de a reificação ser bastante frequente em alguns contextos, ela mereceu ser estudada.

A pesquisa de Canovas (1991), sobre o falar de Salvador-BA, analisa a realização de /S/ pós-vocálico e de /v, z, ʒ/ em ataque silábico. Sua amostra constituiu-se de 45 informantes, distribuídos desta forma: escolaridade (1º, 2º e 3º graus)¹⁷ e idade (13-20, 21-45 e 46-70 anos). A autora não levou em consideração a variável sexo por constatar que, em seus dados (assim como na maioria de outros estudos linguísticos), as mulheres apontam um comportamento linguístico conservador. Portanto, o sexo do informante só foi determinado para informar mais uma característica sua. As gravações foram feitas pela autora e tinham um caráter semi-informal. Além dessas, a pesquisadora também coletou entrevistas televisivas de 79 informantes de nível superior, com idade entre 25 e 60 anos, sendo apenas oito do sexo feminino, em situações de fala formal.

Segundo Canovas (1991), em /v, z, ʒ/, o processo de enfraquecimento encontra-se em fase embrionária. O uso da forma padrão é quase unânime, com 4,13% de uso da variante aspirada (72/1744). A fricativa /v/ teve resultados diferentes em relação aos que foram encontrados em pesquisas anteriores, pois os falantes mais escolarizados, de 3º grau, foram os que mais aspiraram (5,73% ou 34/593), em seguida, vieram os falantes que possuíam até o 1º grau (3,60% ou 21/583) e, por último, os que tinham o 2º grau completo (0,52% ou 3/568). Quanto à idade, foram os mais idosos que mais realizaram a variante aspirada (4,05%, 25/617), seguidos dos de 21 a 45 anos (3,42%, 21/613) e dos de 13 a 20 anos (2,33%, 12/514).

17 Atualmente, correspondem, respectivamente, a: Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior.



No tocante às variáveis linguísticas, em relação a /v/, a autora controlou apenas a tonicidade e verificou que as ocorrências aspiradas de /v/ em início de sílaba são bem mais frequentes em sílabas átonas [-ac] (56/970 = 5,77%) do que em sílabas tônicas [+ac] (2/774 = 0,25%).

Enfim, os estudos apresentados, nesta seção, contribuíram, principalmente, para verificarmos a existência das realizações da fricativa /v/ em algumas localidades do Brasil e para fazermos o levantamento das principais variáveis que estariam condicionando o fenômeno (aspiração e manutenção).

Dentre os achados dos estudos de Roncarati e Uchoa (1988), Roncarati (1999), Alencar (2007) e Aragão (2009), vemos que, no falar cearense, a fricativa /v/ pode realizar-se de diferentes modos e em diferentes contextos linguísticos, a partir de amostras de fala distintas. De igual modo, vimos que esse fenômeno é condicionado por uma série de fatores intralinguísticos (vogal seguinte, posição do segmento, frequência lexical, dimensão do vocábulo) e extralinguísticos (sexo, escolaridade e faixa etária). No falar de Salvador-BA, foram levadas em consideração praticamente as mesmas variáveis, acrescentando a tonicidade, entretanto, constatou-se que a aspiração, ao contrário do Ceará, não seria um estereótipo, mas apenas uma espécie de indicador, visto que ocorre em todos os grupos socioeconômicos e etários. Já, em João Pessoa (Paraíba), ao serem analisados contextos mais específicos de /v/, verificou-se resultados um pouco diferentes: quanto maior a escolaridade, menor seria a reificação; apenas a faixa etária intermediária (26-49 anos) seria favorecedora do fenômeno em análise; e o sexo feminino também estaria influenciando a ocorrência da aspiração.

Metodologia

Neste estudo, usamos uma amostra de fala composta por 48 informantes distribuídos entre os inquiridos do tipo Diálogo entre Informante e Documentador (DID) e Diálogo entre Dois Informantes (D2), extraídos do acervo sonoro do projeto NORPOFOR. Essa amostra pode ser representada no Quadro 1, que constitui um recorte do quadro geral dos informantes do NORPOFOR:



Quadro 1: Distribuição dos informantes da amostra por sexo, idade, tipo de registro e escolaridade

Registro	Sexo							
	Homem				Mulher			
	DID		D2		DID		D2	
Escolaridade	0-4	9-11	0-4	9-11	0-4	9-11	0-4	9-11
Idade								
15 a 25 anos	2	2	2	2	2	2	2	2
26 a 49 anos	2	2	2	2	2	2	2	2
50 em diante	2	2	2	2	2	2	2	2

Fonte: Adaptado de Araújo (2011, p. 839).

O Quadro 1 indica que analisamos dois informantes por célula, estratificados socialmente de acordo com as variáveis do projeto NORPOFOR. Dentre elas, excluímos apenas duas: o grau intermediário de escolaridade (5-8 anos) e os inquiridos de Elocuções Formais (EF). A primeira exclusão foi feita a fim de que pudéssemos fazer a comparação entre os dois extremos de nível de escolaridade presentes na amostra: 0-4 e 9-11 anos. A segunda, porque algumas das células de EF não foram preenchidas, o que poderia gerar um desequilíbrio nos resultados; por isso, analisamos apenas os DID e D2.

Após a seleção dos informantes para compor a amostra deste estudo, elaboramos o nosso envelope de variação. Nessa parte da pesquisa, delimitamos com precisão a variável dependente e as independentes (intra e extralingüísticas) controladas no estudo, as quais serão apresentadas nos parágrafos a seguir.

Variável dependente

A variável dependente deste estudo compreende duas variantes linguísticas: a primeira refere-se ao enfraquecimento de /v/ ([h]ai) e a segunda variante à manutenção da fricativa /v/, com /v/ iniciando um verbo ([v]ai)¹.

¹ Dados extraídos do DID 06 do corpus NORPOFOR.



Variáveis independentes

Ao todo, foram testadas sete variáveis independentes de natureza intralingüística, a saber: *contextos fonológicos antecedentes* (vogais, semivogais e consoantes) e *subsequentes* (vogais), *tipo de sílaba* (travada e não-travada), *tonicidade* (tônica e pretônica), *status morfológico do segmento* (morfema lexical e morfema gramatical), *dimensão do vocábulo* (monossílabos, dissílabos e trissílabos ou maior) e *frequência de uso do segmento* (termos extremamente usuais, termos muito usuais, termos usuais, termos pouco usuais e termos pouquíssimo usuais). Também foram controladas quatro variáveis extralingüísticas, a saber: *sexo biológico* (masculino e feminino), *faixa etária* (15-25, 26-49 e 50 anos ou mais), *escolaridade* (0-4 e 9-11 anos) e *tipo de inquirido* (D1D e D2).

Análise dos dados

Nesta seção, faremos uma apresentação detalhada dos resultados que obtivemos após submetermos nossos dados ao programa de análise estatística – Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Além disso, após apresentarmos nossos resultados em relação a cada variável, sempre que possível, apresentaremos ainda os resultados de outras pesquisas que também abordaram o mesmo fenômeno.

A primeira rodada que realizamos apresentou nocautes em dois grupos: no *contexto fonológico antecedente* e também no *contexto subsequente*. No primeiro, as vogais [ɛ] e [õ]² não apresentaram ocorrência de enfraquecimento. No *contexto subsequente*, os nocautes aconteceram nos fatores [ũ], [ɛ], [u] e [õ]³, que não apresentaram realizações da variante aspirada.

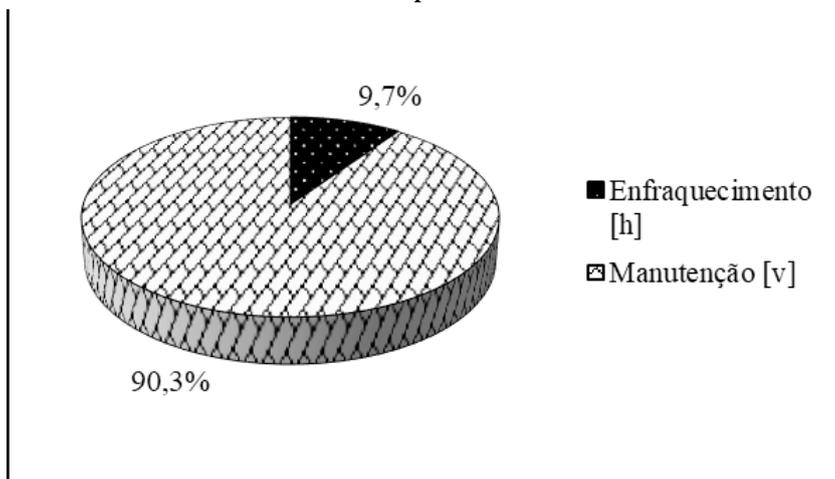
A segunda rodada, após eliminarmos os nocautes, foi realizada com 3.335 dados, dos quais 325 (9,7%) são de enfraquecimento, como ilustrado no Gráfico 1:

2 A vogal [õ] só possui duas ocorrências nesse contexto (da manutenção): “bom [v]ai” (Inq. 50) e “Reveillon [v]ai” (Inq. 118).

3 As ocorrências de: [ũ] – “criança [v]umitando” (Inq. 94) e “depois [v]um” (Inq. 93); [u] – “mulhê [v]ulgarizando” (Inq. 20) e “e [v]uando” (Inq. 59); [õ] – “[v]omitando” (Inq. 64).



Gráfico 1: Frequência de uso das variantes no contexto de /v/ início de palavra somente com os verbos, após retirada dos nocautes



Fonte: elaborado pela autora.

Nesta rodada, o programa apontou, como melhor nível de análise, o *step up* 49 (*input* 0,058, significância 0,046 e *log likelihood* -918,257) e selecionou, como relevantes para a variante aspirada, as seguintes variáveis (nesta ordem): *contexto fonológico subsequente*, *escolaridade*, *faixa etária*, *dimensão do vocábulo*, *frequência de uso*, *tipo de inquérito* e *tonicidade*.

Contexto fonológico subsequente

Para o *contexto fonológico subsequente*, como podemos ver na Tabela 1, as vogais [ẽ] e [a] passaram a aparecer nos dois primeiros lugares. A vogal [o] também favoreceu o enfraquecimento, e as vogais [ẽ], [e], [o], [ĩ] e [i] inibiram o fenômeno.

Tabela 1: Atuação do contexto fonológico subsequente sobre o enfraquecimento de /v/ em início de verbos

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo	Dado
[ẽ]	40/222	18,0	0,783	noi [h]amo
[a]	183/1109	16,5	0,614	ai [h]ai
[ɔ]	5/130	3,8	0,537	e [h]oltava
[ê]	16/341	4,7	0,479	num [h]em
[e]	12/429	2,8	0,453	filha [h]êi
[o]	50/529	9,5	0,402	eu [h]ô
[ĩ]	11/191	5,8	0,398	num [h]inha
[i]	8/384	2,1	0,251	ela [h]iu

Fonte: elaborada pela autora.

A fim de deixar os nossos resultados mais claros, apresentaremos todos os dados que tiveram até 15 ocorrências em nossa amostra. Dentre as vogais com até 15 dados, encontramos as outras 4 ocorrências de [ɔ]: “num [h]otá” (Inq. 95 e 132), “num [h]oto” (Inq. 132) e “pa [h]oltá” (Inq. 19). Ou seja, todas elas com o verbo “voltar”. Com [e], as outras 11 ocorrências foram: “posso [h]ê” (Inq. 36), “ela [h]êi” (Inq. 10), “pessoal [h]êi” (Inq. 09), “num [h]ê” (Inq. 132), “pa [h]ê” (Inq. 83 e 19), “ela [h]êi” (Inq. 34, 34 e 34) e “rapai [h]êi” (Inq. 19 e 19). Para [ĩ], as suas outras 10 ocorrências foram: “gente [h]inha” (Inq. 95), “pa [h]im” (Inq. 95), “e [h]im” (Inq. 95), “sempe [h]inha” (Inq. 95), “qui [h]inha” (Inq. 129), “quando [h]inha” (Inq. 10), “e [h]im” (Inq. 157), “ai [h]im” (Inq. 19), “num [h]im” (Inq. 19) e “que [h]im” (Inq. 19). E, com [i], as outras 7 ocorrências suas foram: “pra [h]i” (Inq. 06), “mai [h]i (Inq. 95 e 95), “num [h]i” (Inq. 95 e 95), “cê [h]iu” (Inq. 132), “movimento [h]iu” (Inq. 153). Assim, tanto com [i] quanto com sua correspondente nasal [ĩ], as ocorrências aspiradas foram com flexões do verbo “ver” e “vir”.

Outros estudos que analisaram a aspiração de /v/ revelaram que a vogal com maiores índices de aspiração foi /a/. Na pesquisa de Roncarati e Uchoa (1988, p. 41), que mostra resultados de falantes cearenses, essa vogal obteve o peso relativo de 0,64 (72/405 – 17%). O estudo de Marques



(2001)⁴, que mostra resultados de falantes de João Pessoa-PB, também revela que a vogal /a/ é a principal favorecedora do enfraquecimento de /v/ (0,76); em segundo lugar, apareceram as vogais nasais (0,60), confirmadas na Tabela 1 apenas pela vogal [ẽ]; em terceiro, surgiram as médias (0,52), cujo índice de probabilidade deveu-se, em grande parte, às vogais [e] e [ɛ], que, no nosso estudo, não figuraram como favorecedoras do fenômeno. Por último e inibindo a variante aspirada, a pesquisa de Marques (2001) apresenta as vogais altas (0,34), as quais também se mostraram inibidoras nos nossos resultados. Por último, achamos interessante registrar ainda que o estudo de Aragão (2009) apresenta a vogal seguinte como um dos fatores internos que mais marcam o fenômeno no falar do Ceará. Embora a autora não cite uma vogal específica, entendemos, pelos exemplos por ela apresentados, que seja [a]: “ca[h]alo”.

De acordo com Katamba (1996), é comum que um fonema tenha alofones que são dependentes, numa determinada posição, de outros sons que os circunvizinham. Assim, é importante levar em conta a noção de direcionalidade para verificarmos se um fonema tem mais afinidade com o som que o antecede ou que o sucede. Assim, podemos afirmar, a partir dos nossos resultados e dos demais, que, principalmente, a vogal /a/, sendo ela nasalizada ou não, possui uma afinidade com a variante aspirada de /v/.

Escolaridade

Tabela 2: Atuação da escolaridade sobre o enfraquecimento de /v/ em início de verbos

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
0 a 4 anos	191/1524	12,5	0,610
9 a 11 anos	134/1811	7,4	0,407

Fonte: elaborada pela autora.

A partir dos resultados do fator *escolaridade*, percebemos que a aspiração de /v/ tende a se apresentar como uma forma estigmatizada, pois os

⁴ Na pesquisa de Marques (2001), o contexto fonológico seguinte só foi selecionado pelo arquivo 2, onde a autora reuniu apenas as ocorrências de /v/ nos demais contextos que não incluíam o grupo /ava/.



informantes com menor escolaridade, de 0 a 4 anos, favoreceram o fenômeno (0,610), e os que possuem de 9 a 11 anos de escolaridade o inibiram (0,407), de acordo com a Tabela 2.

Na pesquisa de Roncarati e Uchoa (1988), a variável escolaridade revelou algo semelhante aos dados da Tabela 2, ao serem expostos os resultados globais de /v/, /z/ e /ʒ/, com 0,84 de enfraquecimento nas séries iniciais do Ensino Fundamental I⁵. No entanto, ao expor o peso de /v/, separadamente, o resultado foi diferente, pois os índices de enfraquecimento (0,89) “são menores em falantes com as séries iniciais do 1º grau”⁶ (p. 20). Em contrapartida, os resultados do teste de atitudes, aplicado pelos autores, revelaram que, em relação ao item “gosta[h]a”⁷, três juízes mencionaram a existência da “troca” de “v” por “r”: “Um juiz afirmou que ‘aprendi bastante para não cometer tal erro’” (RONCARATI; UCHOA, 1988, p. 95). Essa afirmação reforça a ligação entre aspiração e baixo nível de escolaridade. E, entre os outros dois juízes que admitiram fazer essa troca, um disse que “às vezes digo ‘rambora’ em situação informal” (p. 95).

Em Canovas (1991), que mostra dados de falantes de Salvador-BA, observamos resultados bem diferentes, pois são os falantes de Ensino Superior completo os que mais favoreceram a regra, com 5,73% das ocorrências (34/593). Em seguida, vêm os falantes que possuíam até o Ensino Fundamental (3,60% ou 21/583) e, por último, os que tinham o Ensino Médio completo (0,52% ou 3/568). Por isso, pode-se dizer que, em Salvador, a variante glotalizada apresenta uma tendência a não ser estigmatizada.

No entanto, na pesquisa de Marques (2001)⁸, os informantes analfabetos foram os maiores aliados do enfraquecimento (0,59), obtendo um índice muito próximo aos que tinham de 1 a 4 anos de escolarização (0,58). Os indivíduos com 5 a 8 anos de escolaridade também agiram positivamente sobre o fenômeno (0,56), porém, os falantes com 9 a 11 (0,34)

5 Mas ainda ressaltam que, na amostra estudada, não há jovens, de sexo masculino, analfabetos ou com a 1ª-4ª séries do 1º grau (atualmente, do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental).

6 Esse resultado parece estar incoerente com os demais que são apresentados por Roncarati e Uchoa (1988) em relação a essa mesma variável. Os autores parecem ter se confundido e colocado a palavra “menores” em vez de “maiores”.

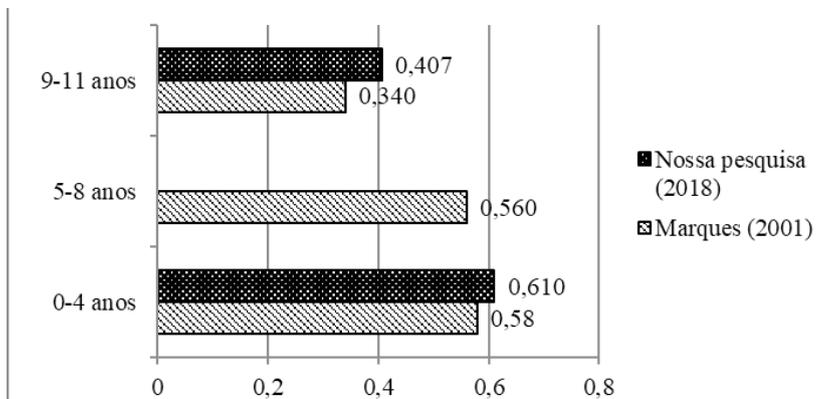
7 Nesse teste de atitudes, não são citadas palavras com /v/ em início de palavra.

8 Em Marques (2001), os resultados das variáveis sociais referem-se apenas ao arquivo onde ela reuniu as palavras que possuíam o grupo /ava/ (sendo elas do pretérito imperfeito ou não), pois, no outro arquivo, onde a autora colocou os demais contextos de /v/, o programa não selecionou nenhuma variável social.



e mais de 11 anos (0,29) inibiram o enfraquecimento. Sobre a relação da escola com a mudança linguística, a autora ressalta que “a escola exerce um importante papel, seja para frear e/ou retardar o fluxo natural de uma mudança, seja para constituir-se um agente fundamental dela.” Dessa forma, percebemos que a forma aspirada também tende a ser estigmatizada em João Pessoa. Entende-se melhor a comparação, entre o que ocorre com essa variável no estudo de Marques (2001) e em nossa pesquisa, vendo o Gráfico 2⁹:

Gráfico 2: Pesos relativos da escolaridade sobre o enfraquecimento de /v/ no estudo de Marques (2001) e nesta pesquisa



Fonte: elaborado pela autora.

Ainda em 1937, a pesquisa de Aguiar já tinha observado que esse fenômeno, no falar cearense, acontecia “no dialeto rústico e no infantil” (AGUIAR, 1937, p. 298). Macambira (1987), por sua vez, relatou que o mesmo fenômeno ocorre, no português coloquial de Fortaleza, “na boca de formandos e formados” (MACAMBIRA, 1987, p. 274).

Na pesquisa de Aragão (2009), a autora menciona que comparou, informalmente, o seu *corpus*¹⁰ a um *corpus* de norma culta, também do Ceará, e constatou que o enfraquecimento de /v/, /z/ e /ʒ/ ocorre:

⁹ Como já explicamos anteriormente, optamos por não trabalhar com a escolaridade de 5 a 8 anos.

¹⁰ Quanto à escolaridade, o *corpus* de Aragão (2009) era formado por quatro informantes que possuíam até o Ensino Fundamental I; dois que possuíam até o Ensino Fundamental II; e dois com nível superior.

[...] não apenas na linguagem popular de pessoas de pouca escolaridade, mas, também, na linguagem padrão, de pessoas de classe social alta e de grande escolaridade, o que comprovaria que esses fatores não são determinantes nem favorecem o enfraquecimento e a neutralização desses fonemas (ARAGÃO, 2009, p. 199).

A variável escolaridade está sempre presente nas pesquisas sociolinguísticas, visto que, geralmente, os falantes com menor nível de escolaridade são os que mais usam as formas não-padrão. Normalmente, é na escola onde o indivíduo é mais exposto ao conhecimento sistematizado da língua e às suas formas padrão. É importante lembrar que, neste trabalho, estamos levando em consideração apenas falantes do que é considerado norma popular¹¹, ou seja, não estamos analisando falantes com nível superior de ensino.

Diversas pesquisas têm demonstrado uma relação próxima entre o nível de escolaridade do falante e sua escolha por determinados tipos de variantes. Labov (2008 [1972]), por exemplo, ao estudar o inglês falado em Nova Iorque, observou que os falantes com menor escolaridade usavam com maior frequência as formas não-padrão, enquanto que as formas padrão eram mais utilizadas pelos mais escolarizados. Essa constatação vem sendo uma tendência de muitos trabalhos na área da Sociolinguística Quantitativa.

Segundo Alencar (2007, p. 44):

[...] há uma intenção explícita, na escola, de desenvolver um padrão linguístico (norma padrão) e, ao mesmo tempo, uma intenção implícita em ser a instituição reprodutora da ordem social. Portanto, somente frequentando a escola, o falante poderá dominar as formas da língua culta.

Para Silva (2004), a escola, ao basear o ensino da oralidade a partir de uma imitação da língua escrita, determina um certo desempenho linguístico para o falante. Esse acesso à norma padrão que a escola possibilita representa, também, um papel social muito importante, já que esse acesso pode ser visto como um instrumento de ascensão social.

11 Para Bagno (2003, p. 59), a norma popular constitui um conjunto de “variedades linguísticas relacionadas a falantes sem escolaridade superior completa, com pouca ou nenhuma escolarização, moradores da zona rural ou das periferias empobrecidas das grandes cidades”.



Com isso, reconhecemos que, apesar dessa tendência em se estigmatizar o falar dos menos escolarizados, ainda seja necessário um estudo com a inclusão de falantes cultos e a aplicação de testes de atitudes linguísticas, a fim de que possamos verificar, de maneira inequívoca, como o fenômeno é avaliado entre os fortalezenses¹².

Faixa etária

Tabela 3: Atuação da *faixa etária* sobre o enfraquecimento de /v/ em início de verbos

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
50 anos ou mais	141/1015	13,9	0,638
26 a 49 anos	107/1122	9,5	0,487
15 a 25 anos	77/1198	6,4	0,394

Fonte: elaborada pela autora.

Em nossos dados, com a variável *faixa etária*, constatamos, conforme a Tabela 3, que quanto mais jovem for o informante, menor será o uso da variante enfraquecida. A faixa etária de 50 anos ou mais (0,638) aparece como a única que favorece o enfraquecimento, já que a de 26 a 49 anos (0,487) e a de 15 a 25 anos (0,394) se mostraram inibidoras da regra.

Em Roncarati e Uchoa (1988), encontramos um resultado diferente, pois são os jovens¹³ que mais frequentemente enfraquecem o /v/ (0,80) – em resultado separado dos outros fonemas. Entretanto, numa abordagem geral sobre os resultados de /v/, /z/ e /ʒ/, viu-se que havia uma certa tendência para o enfraquecimento aumentar à medida que crescia a faixa etária do falante: criança (0,20), adolescentes (0,30), jovens (0,79) e adultos (0,70).

Dessa forma, ao compararmos os resultados (ver Gráfico 3) dessa variável, na pesquisa de Roncarati e Uchoa (1988), com os obtidos em nosso estudo, cujos dados foram coletados cerca de quinze anos depois¹⁴, poderíamos inferir que há uma tendência ao desaparecimento das formas enfraquecidas no falar fortalezense.

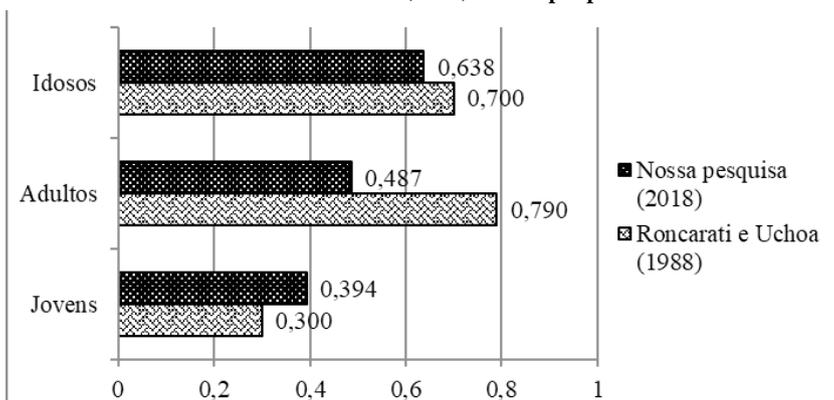
12 Esse estudo foi feito no doutorado da autora (Cf. RODRIGUES, 2018).

13 Lembramos que, na amostra desses autores, a faixa etária é dividida entre criança (uma de 10 anos), adolescentes (um de 14, outro de 15 anos), jovens (um de 21, outro de 22 e um de 24) e adultos (um de 38, dois de 40 e um de 42).

14 Conforme já informado anteriormente, os dados do NORPOFOR foram coletados entre 2003 e 2006.



Gráfico 3: Pesos relativos da faixa etária sobre o enfraquecimento de /v/ no estudo de Roncarati e Uchoa (1988) e nesta pesquisa



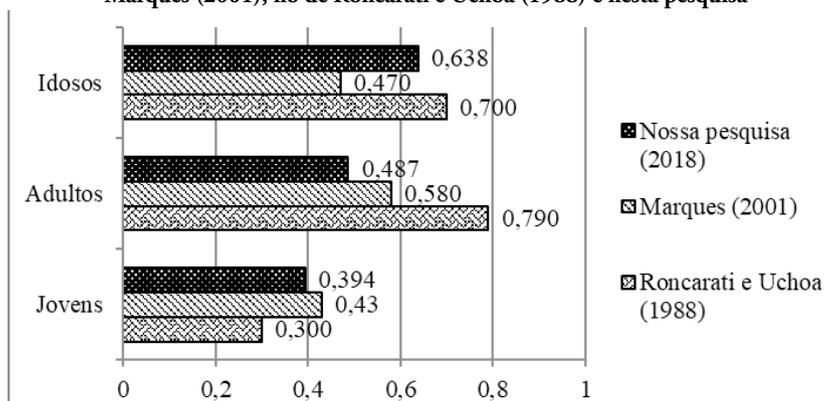
Fonte: elaborado pela autora.

Na pesquisa de Canovas (1991), os resultados dizem o mesmo sobre o falar de Salvador: os que possuem idade mais avançada são os que mais realizam a variante aspirada (4,05%, 25/617), seguidos dos de 21 a 45 anos (3,42%, 21/613) e dos de 13 a 20 anos (2,33%, 12/514).

Já em João Pessoa, houve um resultado diferente: a pesquisa de Marques (2001) verificou que são os indivíduos da faixa etária de 26 a 49 anos os que mais favoreceram o enfraquecimento (0,58), enquanto que as outras faixas etárias inibiram a aplicação do fenômeno (0,43 para os de 15 a 25 anos e 0,47 para os de 50 anos ou mais). A visualização da comparação desse resultado, destoante dos demais aqui apresentados, é dada pelo Gráfico 4¹⁵:

15 Como Canovas (1991) apresentou apenas as frequências em seus estudos, não foi possível comparar os nossos pesos relativos com os dessa autora.

Gráfico 4: Pesos relativos da faixa etária sobre o enfraquecimento de /v/ no estudo de Marques (2001), no de Roncarati e Uchoa (1988) e nesta pesquisa



Fonte: elaborado pela autora.

Estudos feitos por Labov, em Nova Iorque (2008 [1972]) e em Martha's Vineyard (2008 [1963]), comprovaram que existe uma tendência dos mais jovens a usarem as formas mais inovadoras, enquanto que os mais idosos privilegiam as formas mais conservadoras (padrão). No entanto, em nossa pesquisa, verificamos que a forma inovadora passa também a ser a padrão, pois ela é a que é a preferência de uso dos mais jovens, o que pode caracterizar influência de outros falares de regiões geográficas diferentes nas escolhas que essa faixa etária faz, ou pode caracterizar ainda a exigência cada vez maior, no mercado de trabalho, pelo uso de variantes padrão.

A Sociolinguística Variacionista postula que as mudanças podem ser apreendidas durante a sua implementação através do que se denominou análise em tempo aparente. A hipótese clássica postula que:

[...] o comportamento linguístico de cada geração reflete um estágio da língua, com os grupos etários mais jovens introduzindo novas alternantes que substituem gradativamente aquelas que caracterizam a fala de indivíduos de faixas etárias mais velhas (ARAÚJO, 2007, p. 395).

Dessa forma, verificamos que o fenômeno aqui analisado apresenta indícios de mudança em progresso. No entanto, quando comparamos (com algumas ressalvas) os nossos resultados com os resultados da pesquisa

de Roncarati e Uchoa (1988), cuja coleta de dados (da mesma comunidade de fala) foi feita cerca de quinze anos antes da coleta do NORPOFOR, nos deparamos com um uso menor, e não maior (6,85% 104/1.519), da variante aspirada, em relação aos nossos resultados (9,7%: 325/3.335). Por isso, podemos entender que este seria um caso de “enrijecimento da situação na forma de uma estratificação permanente na língua” (LABOV, 2008 [1972], p. 188) e não necessariamente de mudança linguística.

Dimensão do vocábulo

A variável *dimensão do vocábulo* revelou que os monossílabos (0,547) foram os únicos que, embora discretamente, mostraram-se favorecedores ao fenômeno. Como mostra a Tabela 4, os valores dos dissílabos (0,389) e dos trissílabos ou maior (0,391) revelam que ambos os fatores agem negativamente sobre a glotalização.

Tabela 4: Atuação da *dimensão do vocábulo* sobre o enfraquecimento de /v/ em início de palavra só com os verbos

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo	Dado
Monossílabos	287/2348	12,2	0,547	eu [h]o
Trissílabos ou maior	2/145	1,4	0,391	e [h]oltava
Dissílabos	36/842	4,3	0,389	eu [h]ejo

Fonte: elaborada pela autora.

Dentre os dados com até 15 ocorrências, encontramos a única outra ocorrência de trissílabos ou maior: “eu [h]ala-me” (Inq. 34).

Ao fazermos a contagem de cada palavra ocorrida em nossa amostra com verbos iniciados por /v/, verificamos que nos dois primeiros lugares estão “/v/ai” e “/v/o -/v/ou”, ou seja, dois monossílabos. Portanto, é possível afirmar que uma outra variável, a frequência de uso, está influenciando esse resultado.

Na pesquisa de Marques (2001), o fator dimensão do vocábulo só foi selecionado pelo grupo em que a autora reuniu as ocorrências com a



forma /ava/, e os resultados apontaram que os dissílabos é que seriam fortes condicionadores do fenômeno (0,66). Os monossílabos também apresentaram um valor acima do ponto neutro (0,54), mas os trissílabos e os polissílabos inibiram o enfraquecimento, com 0,48 e 0,34, respectivamente. Os demais trabalhos que trataram do enfraquecimento de /v/ não levaram esse fator em consideração.

A maior parte das pesquisas aponta que quanto mais extenso for o vocábulo, maior será o enfraquecimento, ou seja, neste caso, maior seria o uso com a variante aspirada¹⁶. Mollica e Mattos (1989 *apud* MARQUES, 2001), sobre o apagamento do fonema /d/ no grupo “-ndo”, afirmam que, quando o vocábulo é grande, os segmentos tendem a não se realizar. Votre e Callou (*apud* MARQUES, 2001) também confirmam essa hipótese, a respeito do segmento /-r/, que apresentou uma tendência a ser mantido em vocábulos menos extensos e sofreu apagamento nos mais extensos.

No entanto, os nossos resultados apontaram que não há a mesma tendência em relação à glotalização de /v/ no início de verbos.

Frequência de uso

Tabela 5: Atuação da frequência de uso sobre o enfraquecimento de /v/ em início de verbos

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo	Dado
Termos extremamente usuais	221/1468	15,1	0,613	inda [h]ai
Termos usuais	93/1228	7,6	0,501	cara [h]em
Termos pouco usuais	6/244	2,5	0,408	num [h]ia
Termos pouquíssimo usuais	1/103	1	0,256	eu [h]ala-me
Termos muito usuais	4/292	1,4	0,160	posso [h]ê

Fonte: elaborada pela autora.

16 A glote, onde é realizado o som aspirado [h, fi] – presente nas análises aqui feitas – está num ponto do aparelho fonador posterior ao véu palatino, o que nos leva a considerar a aspiração um nível mais acentuado de enfraquecimento.



Dentre os dados com até 15 ocorrências, encontramos as outras 5 ocorrências de termos pouco usuais: “num [h]otá” (Inq. 95 e 132), “num [h]oto” (Inq. 132), “num [h]otei” (Inq. 132) e “eu [h]enho” (Inq. 19). Para os termos muito usuais, as outras 3 ocorrências são: “num [h]ê” (Inq. 132) e “pa [h]ê” (Inq. 83 e 19).

A partir da Tabela 5, quanto à *frequência de uso*, verificamos que os termos extremamente usuais estão em primeiro lugar, favorecendo a variante aspirada (0,613). Em segundo lugar, estão os termos usuais, no entanto, eles mostram um comportamento neutro em relação ao fenômeno (0,501). Os termos pouco usuais apareceram em terceiro lugar, inibindo o fenômeno (0,408), e os pouquíssimos usuais vieram em quarto (0,256), apresentando apenas uma ocorrência aspirada (1/103 – 1,0%), já citada na Tabela 5. Surpreendentemente, os termos muito usuais apareceram em último lugar dentro desse grupo de fatores, apresentando um valor insignificante (0,160), com apenas 4 ocorrências aspiradas (4/292 – 1,4%), sendo todas elas com o verbo “vê”.

Ao observarmos quais as palavras que pertencem ao fator termos muito usuais, verificamos que apenas “/v/ê - /v/ê-los”, com 4/301 ocorrências, são verbos; as demais palavras pertencentes a esse fator são “vida” e “/v/éa - /v/elha(s)(inha) - /v/éi - /v/elho(s)(im)”, ou seja, pertencentes ao grupo dos “nomes” e que não entraram nesta análise.

A variável frequência de uso do segmento leva em consideração a hipótese proposta por Roncarati e Uchoa (1988) de que o fenômeno estaria lexicalmente condicionado, pois quanto mais determinada palavra precisar ser utilizada, maior será a sua variação. No entanto, utilizamos critérios diferentes desses autores.

Assim, verificamos que, apesar de terem utilizado critérios diferentes dos nossos para categorizar essa variável, as formas citadas por Roncarati e Uchoa (1988) são semelhantes às nossas, confirmando, portanto, que quanto maior a usualidade de um item, maior será a sua probabilidade de ser enfraquecido.

Tipo de inquérito

A variável *tipo de inquérito* foi aqui selecionada e não confirmou a hipótese de que os DID seriam aliados de [v] (a variante conservadora), pois



o seu peso relativo, embora muito próximo do ponto neutro, foi maior (0,528) do que o do D2 (0,456), conforme a Tabela 6:

Tabela 6: Atuação do tipo de inquérito sobre o enfraquecimento de /v/ em início de verbos

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
DID	224/2047	10,9	0,528
D2	101/1288	7,8	0,456

Fonte: elaborada pela autora.

Na pesquisa de Roncarati e Uchoa (1988), após a aplicação do teste de atitudes entre dez juízes cearenses, chegou-se às hipóteses de que “a situação de fala informal, rápida, relaxada e menos monitorada parece favorecer o enfraquecimento” (RONCARATI; UCHOA, 1988, p. 93). No estudo de Aragão (2009), dentre os fatores diastráticos, os que mais marcaram a neutralização dos fonemas /v, z, ʒ, r¹⁷/ foram: “os estilos formal/informal, tenso/distenso, monitorado/não-monitorado” (ARAGÃO, 2009, p. 199). E o trabalho de Alencar (2007) corrobora com estas duas pesquisas ao constatar que, embora haja predominância da manutenção [v] da fricativa, “em termos discursivo-pragmáticos, em situação menos monitorada, digamos mesmo, relaxada, mais rápida, a fala favorece a neutralização [...]” (ALENCAR, 2007, p. 120).

Na nossa pesquisa, embora nos DID o enfraquecimento tenha sido maior, percebemos que isso acontece discretamente, aproximando-se do ponto neutro. Por isso, constatamos que o fenômeno ocorre independentemente do contexto de fala, o que poderia caracterizar uma marca regional, típica do falar fortalezense, visto que os informantes não se inibem durante a entrevista. Outra explicação para isso é que notamos, durante a fase das transcrições, que os entrevistadores (dos DID) tinham conseguido criar um ambiente de muita informalidade, cumprindo seu objetivo inicial, como relata Araújo (2007):

17 A notação simbólica está igual à original em Aragão (2009).



Embora o grau de intimidade entre informante e pesquisador não fosse muito elevado, porque, na maioria das entrevistas, os participantes não se conheciam previamente, o entrevistador buscava conduzir a entrevista de forma descontraída e natural. Nas entrevistas realizadas, a participação do pesquisador restringia-se à formulação de perguntas curtas e claras que eram feitas com o intuito de incentivar o entrevistado a falar o máximo possível. [...] Sempre que era percebida a preferência do entrevistado por um determinado assunto, procurava-se explorar este tema mais detidamente. Isso fazia com que o informante se entusiasmasse com o seu relato a ponto de esquecer que sua fala estava sendo gravada, como ele próprio confessava, ou lamentasse o término da entrevista (ARAÚJO, 2007, p. 57).

Em contrapartida, observamos também que, em vários inquéritos de D2 analisados, os informantes não se mostraram muito à vontade.

Tonicidade

A variável selecionada em último lugar nesta rodada foi a tonicidade e, com ela, verificamos que apenas a sílaba tônica (0,532), muito timidamente, é favorecedora do fenômeno, enquanto a sílaba pretônica (0,266) o inibe, conforme visualizamos na Tabela 6:

Tabela 6: Atuação da *tonicidade* sobre o enfraquecimento de /v/ em início de verbos

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo	Dado
Tônica	320/2959	10,8	0,532	quando [h]inha
Pretônica	5/376	1,3	0,266	e [h]oltava

Fonte: elaborada pela autora.

Dentre os dados com até 15 ocorrências, encontramos as outras 4 ocorrências de pretônicas: “num [h]otá” (Inq. 95 e 132), “num [h]otei” (Inq. 132), “pa [h]oltá” (Inq. 19).

Para entendermos melhor a atuação desse fator, é interessante verificarmos o conceito de saliência fônica. Segundo Guy (1986 *apud* ARAÚJO, 2000, p. 89), “os traços mais salientes são aprendidos mais rapidamente por serem mais perceptíveis.” Assim, as formas inovadoras são inicialmente introduzidas nesses ambientes para apenas posteriormente e, de maneira



mais fraca, atingirem os ambientes com saliência mínima. Por isso, as sílabas tônicas são as que mais favorecem a aplicação da regra.

Marques (2001), quanto ao início de palavra, conclui apenas que esse contexto não influencia o enfraquecimento de /v/, citando como exemplo os monossílabos tônicos (0,49). Já na pesquisa de Canovas (1991), a única que usa como critério a própria tonicidade da sílaba onde ocorreriam as fricativas em estudo¹⁸, houve resultados diferentes dos nossos: as ocorrências aspiradas de /v/ em início de sílaba são bem mais frequentes em sílabas átonas [-ac] (56/970 = 5,77%) do que em sílabas tônicas [+ac] (2/774 = 0,25%).

No entanto, o que, em geral, as pesquisas têm revelado é que as sílabas tônicas são mais suscetíveis a variações, e os resultados mostrados na Tabela 6 confirmam isso.

Cruzamento entre escolaridade e faixa etária

Como esta é uma pesquisa sociolinguística, é fundamental aprofundarmos o entendimento da atuação das variáveis sociais. Por isso, realizamos mais uma rodada, juntando-se as variáveis escolaridade e faixa etária. O objetivo foi medir, com maior precisão, a atuação dessas variáveis que se mostraram mais relevantes em nossas análises e nas de outros autores (RONCARATI; UCHOA, 1988; MARQUES, 2001) e de sabermos o seu peso relativo. Para isso, inserimos dois grupos no nosso arquivo de condições a partir dos cruzamentos entre essas variáveis, criando, em um só grupo, os fatores: a) faixa etária de 50 anos ou mais com escolaridade de 0 a 4 anos; b) faixa etária de 50 anos ou mais com escolaridade de 9 a 11 anos; c) faixa etária de 26 a 49 anos com escolaridade de 0 a 4 anos, d) faixa etária de 26 a 49 anos com escolaridade de 9 a 11 anos; e) faixa etária de 15 a 25 anos com escolaridade de 0 a 4 anos e f) faixa etária de 15 a 25 anos com escolaridade de 9 a 11 anos.

Nessa nova rodada, acrescentando o cruzamento – faixa etária x escolaridade só para os verbos iniciados com /v/, o melhor nível de análise

¹⁸ A autora explica, desta forma, o porquê da escolha desse critério: “Uma vez que a análise preliminar dos dados mostrou a irrelevância da tonicidade na própria sílaba das fricativas, resolvemos desconsiderar a questão da distância de tonicidade antecedente e posterior ao fenômeno em estudo” (CANOVAS, 1991, p. 66).



escolhido pelo programa foi o *step up* 35 (*input* 0,059, significância 0,032 e *log likelihood* -918,775). As variáveis por ele selecionadas foram (nesta ordem): *contexto fonológico subsequente*, cruzamento – *faixa etária x escolaridade*, *tonicidade*, *tipo de sílaba* e *tipo de inquérito*.

Contexto fonológico subsequente

A variável *contexto fonológico subsequente* obteve os resultados que podemos visualizar na Tabela 7, a seguir:

Tabela 7: Atuação do contexto fonológico subsequente só para os verbos iniciados com /v/, após o cruzamento – faixa etária x escolaridade

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo	Dado
[ẽ]	40/222	18,0	0,740	noi [h]amo
[a]	183/1109	16,5	0,659	ai [h]ai
[o]	50/529	9,5	0,602	eu [h]ô
[ẽ]	16/341	4,7	0,406	num [h]em
[ɔ]	5/130	3,8	0,398	e [h]oltava
[ĩ]	11/191	5,8	0,377	num [h]inha
[e]	12/429	2,8	0,273	ela [h]êi
[i]	8/384	2,1	0,223	ela [h]iu

Fonte: elaborada pela autora.

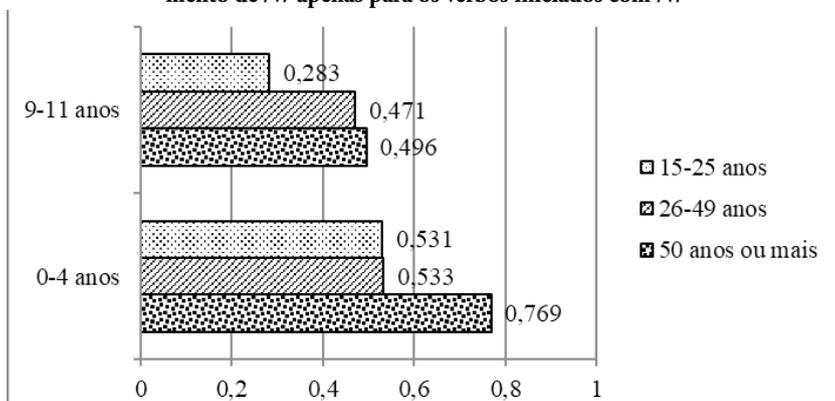
Dentre os dados com até 15 ocorrências, encontramos as outras 4 ocorrências de [ɔ]: “num [h]otá” (Inq. 95 e 132), “num [h]oto” (Inq. 132) e “pa [h]oltá” (Inq. 19). Com [ĩ], as outras 10 ocorrências são: “gente [h]inha” (Inq. 95), “pa [h]im” (Inq. 95), “e [h]im” (Inq. 95 e 157), “sempre [h]inha” (Inq. 95), “qui [h]inha” (Inq. 129), “quando [h]inha” (Inq. 10), “ai [h]im” (Inq. 19), “num [h]im” (Inq. 19), “que [h]im” (Inq. 19). Para [e], as outras 11 ocorrências são: “posso [h]ê” (Inq. 36), “ela [h]êi” (Inq. 10), “pessoal [h]êi” (Inq. 09), “num [h]ê” (Inq. 132), “pa [h]ê” (Inq. 83 e 19), “ela [h]êi” (Inq. 34, 34 e 34) e “rapai [h]êi” (Inq. 19 e 19). E com [i], as outras 7 ocorrências foram: “pra [h]i” (Inq. 06), “mai [h]i (Inq. 95 e 95), “num [h]i” (Inq. 95 e 95), “cê[h]iu” (Inq. 132), “movimento [h]iu” (Inq. 153).



De acordo com a Tabela 7, podemos perceber que as mudanças mais relevantes aconteceram entre as vogais [o] e [ɔ], já que a primeira, antes de inserirmos o cruzamento, era inibidora do enfraquecimento (0,402), sendo agora favorecedora (0,602); e com [ɔ] aconteceu exatamente o contrário (de 0,537 passou para 0,398).

Cruzamento – faixa etária x escolaridade

Gráfico 5: Pesos relativos do cruzamento – *faixa etária x escolaridade* no enfraquecimento de /v/ apenas para os verbos iniciados com /v/



Fonte: elaborado pela autora.

A segunda variável selecionada foi o próprio cruzamento – *faixa etária x escolaridade* que revelou que, quando os falantes de 50 anos ou mais adquirem mais escolaridade, eles mudam consideravelmente o seu comportamento com relação à variante aspirada, pois, de aliados (0,769) da regra, passam a atuar de forma neutra (0,496). A faixa etária de 15 a 25 anos é a que muda mais drasticamente o seu comportamento na aplicação da variante aspirada, ao adquirir mais escolaridade, já que, de favorecedora (0,531), passa a inibidora (0,283) do fenômeno. Os de faixa etária intermediária também modificam a sua escolha ao adquirir maior nível de escolaridade (de 0,533 para 0,471), mas de uma forma mais discreta do que a faixa etária mais jovem. No entanto, é importante frisar que, em todas as faixas etárias, quando possuem escolaridade de 0 a 4 anos, houve favorecimento do fenômeno. O Gráfico 5 pode nos confirmar isso.

Com esse resultado, confirma-se, mais uma vez, a influência da escola no uso da variante padrão e na inibição da não-padrão.

Tonicidade

A *tonicidade* novamente apresentou os mesmos resultados da seção anterior, ou seja, a sílaba tônica mostrou um peso relativo maior (0,550) do que a sílaba átona (0,172), apesar de a primeira continuar apresentando um valor bem próximo do ponto neutro.

Tipo de sílaba

Em seguida, o programa selecionou a variável *tipo de sílaba*, que havia sido excluída na rodada anterior. Nela verificamos que a sílaba travada obteve um resultado favorecedor ao enfraquecimento (0,584), enquanto a sílaba não-travada obteve apenas 0,432, inibindo a variante aspirada, como podemos observar na Tabela 8.

Tabela 8: Atuação do *tipo de sílaba* sobre o enfraquecimento de /v/ entre os verbos iniciados com /v/, após o cruzamento - faixa etária x escolaridade

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo	Dado
Travada	217/1494	14,5	0,584	[v]ai
Não-travada	108/1841	5,9	0,432	[v]ive

Fonte: elaborada pela autora.

Tipo de inquérito

A última variável selecionada foi o *tipo de inquérito*, que repetiu inclusive os valores da rodada anterior: DID (0,528) e D2 (0,456).

Por fim, após obtermos o resultado de cada variável, resolvemos fazer o cruzamento entre os fatores intralinguísticos selecionados, nesta rodada, a fim de entendermos melhor os resultados obtidos. Primeiramente, fizemos o cruzamento entre a *tonicidade* e o *contexto fonológico subsequente*, apresentado na Tabela 9.



Tabela 9: Contexto fonológico subsequente x tonicidade sobre o enfraquecimento de /v/ nos verbos iniciados com /v/, após o cruzamento – faixa etária x escolaridade

	Aplica/Total	%	Aplica/Total	%
	Tônicas		Pretônicas	
[e]	12/428	3	0/1	0
[i]	8/261	3	0/123	0
[o]	49/491	10	1/38	3
[ẽ]	16/263	6	0/78	0
[ɔ]	1/49	2	4/81	5
[a]	183/1082	17	0/27	0
[ẽ]	40/222	18	0/0	-
[ĩ]	11/163	7	0/28	0

Fonte: elaborada pela autora.

Através desse cruzamento, podemos perceber, novamente, uma concentração altíssima das ocorrências aspiradas apenas diante das vogais [a] e [ẽ] nas sílabas tônicas, pois, entre as pretônicas, quase não há registro de aspiração de /v/. A leitura da Tabela 9 nos leva a dizer que o contexto fonológico subsequente interfere no grupo tonicidade.

Tabela 10: Contexto fonológico subsequente x tipo de sílaba sobre o enfraquecimento de /v/ nos verbos iniciados com /v/, após o cruzamento - faixa etária x escolaridade

	Aplica/Total	%	Aplica/Total	%
	Não-travada		Travada	
[e]	4/366	1	8/63	13
[i]	4/301	1	4/83	5
[o]	50/500	10	0/29	0
[ẽ]	1/210	0	15/131	11
[ɔ]	3/26	12	2/104	2
[a]	11/131	8	172/978	18
[ẽ]	24/117	21	16/105	15
[ĩ]	11/190	6	0/1	0

Fonte: elaborada pela autora.



O cruzamento entre *contexto fonológico subsequente* e *tipo de sílaba* detectou resultados semelhantes, pois a vogal [a], somente em sílaba travada, apresenta o maior número de ocorrências da forma glotalizada, destoando completamente dos demais contextos, como informa a Tabela 10. Todas as 172 ocorrências encontradas são da palavra “[h]ai”. A vogal [ẽ], em sílaba não-travada, apresentou a maior porcentagem desse cruzamento (21%). Todos os dados, nesse contexto, são da palavra “[h]amo”. Por isso, entendemos que há sobreposição do grupo *contexto fonológico subsequente* sobre o *tipo de sílaba*.

Tabela 11: Tonicidade x tipo de sílaba sobre o enfraquecimento de /v/ nos verbos iniciados com /v/, após o cruzamento - faixa etária x escolaridade

	Aplica/Total	%	Aplica/Total	%
	Não-travada		Travada	
Tônicas	105/1563	7	215/1396	15
Pretônicas	3/278	1	2/98	2

Fonte: elaborada pela autora.

O último cruzamento que fizemos foi entre a *tonicidade* e o *tipo de sílaba*. A partir dele verificamos que a maior porcentagem de sílabas tônicas está entre as sílabas travadas e também que, nas pretônicas, quase não há registro da variante aspirada, como mostra a Tabela 11. Assim, concluímos que o grupo *tonicidade* interfere no *tipo de sílaba*.

Considerações finais

Neste estudo, observamos a manutenção *vs.* aspiração da fricativa /v/ em início de verbos no falar da capital cearense. A amostra de fala usada aqui foi construída com base no falar de 48 informantes extraídos do acervo sonoro do projeto NORPOFOR. Os resultados indicam que, conforme esperávamos, /v/ pode se realizar tanto de forma plena (manutenção) e/ou de modo aspirado, no falar dos fortalezenses.

De igual modo, verificamos também que esse fenômeno é condicionado por uma série de fatores de natureza intra e extralingüística. Assim, o



enfraquecimento, embora ocorra em apenas 9,7% dos dados da amostra, é favorecido quando: as vogais [ẽ], [a] e [ɔ] estiverem sucedendo /v/; a escolaridade for de 0-4 anos; a faixa etária for de 50 anos ou mais e, também, quando os falantes de 15 a 25 anos e de 26 a 49 anos de idade possuírem a escolaridade de 0 a 4 anos; os vocábulos forem monossílabos; a frequência de uso estiver entre os termos mais usuais (extremamente usual e usual); o tipo de inquerito analisado for o DID; o segmento estiver na sílaba tônica e o tipo de sílaba for travada.

Esses resultados indicam ainda que, na amostra deste trabalho, a aspiração de /v/ tende a figurar como um fenômeno estigmatizado, visto que foi favorecida por informantes com o menor grau de escolaridade (0-4), enquanto que falantes com 9-11 anos de escolarização atuaram no sentido de inibir a glotalização de /v/. Com isso, vemos que, no falar da capital cearense, quanto menor a escolaridade, maiores as chances de haver a aspiração da fricativa /v/.

Quanto ao comportamento da variável faixa etária, verificamos, conforme já dissemos, que são os falantes de faixa etária mais avançada (50 anos ou mais) que favorecem a variante aspirada. Esse resultado pode ser indício de um possível fenômeno de mudança em curso, no sentido de desfavorecer a variante glotalizada em relação à manutenção, já que esperávamos dos falantes mais velhos, uma postura mais conservadora diante do fenômeno investigado. Em outras palavras, acreditávamos que os falantes mais velhos, ao contrário do que ocorreu, estivessem inibindo a aspiração de /v/. Por outro lado, ao compararmos os nossos resultados (com algumas ressalvas) com os resultados da pesquisa de Roncarati e Uchoa (1988), cuja coleta de dados (da mesma comunidade de fala) foi feita cerca de quinze anos antes da coleta do NORPOFOR, nos deparamos com um uso menor, e não maior da variante aspirada, em relação aos nossos dados. Por isso, podemos entender que, na verdade, este seria um caso de “enrijecimento da situação na forma de uma estratificação permanente na língua” (LABOV, 2008 [1972], p. 188) e não necessariamente de mudança linguística.

Evidentemente, esse último ponto merece ser mais bem explorado em um trabalho futuro e de maior amplitude. E, embora isso não seja possível (devido ao espaço destinado), neste momento, acreditamos que,



com este estudo, deixamos uma contribuição para a descrição do português popular falado na capital cearense. Esperamos, com ele, contribuir para pesquisas futuras (em nível de comparação) sobre o comportamento variável de /v/ em início de verbos, não somente no falar de Fortaleza, mas também, na medida do possível, no falar de outras localidades do País.

Sobre esse último ponto, observamos que o enfraquecimento de /v/, entre os informantes fortalezenses, apresentou alguns resultados diferentes dos observados em outras cidades onde o fenômeno foi estudado (Salvador e João Pessoa), demonstrando, dessa forma, que, em cada uma delas, esse processo encontra-se em diferentes estágios de implementação. Devido à escassez de trabalhos sobre esse fenômeno, não foi possível fazermos um retrato seu em relação ao português do Brasil. Por isso, esperamos que outros pesquisadores possam investigá-lo em outras localidades.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, M. de. Fonética do português do Ceará. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, ano 51, n. 51, p. 271-307, 1937.

ALENCAR, M. S. M. de. **Aspectos sócio-dialetais da língua falada em Fortaleza: as realizações dos fonemas /r/ e /r/**. 2007. 184 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

ARAGÃO, M. do S. S. de. A neutralização dos fonemas /v, z, ʒ/ no falar de Fortaleza. In: RIBEIRO, S.; COSTA, S. B. B.; CARDOSO, S. A. M. (Orgs.). **Dos sons às Palavras: nas trilhas da língua portuguesa**. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 187-200.

_____. SOARES, M. E. **A linguagem falada em Fortaleza: diálogos entre informantes e documentadores** – materiais para estudo. Fortaleza: UFC, 1996.

ARAÚJO, A. A. de. O Projeto Norma Oral Do Português Popular de Fortaleza – NORPOFOR. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOSOFIA, 15., 2011. Rio de Janeiro. **Cadernos...** Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. p. 835-845. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/72.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2018.

_____. **As vogais pretônicas no falar popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista**. 2007. 154 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-



Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3597>>. Acesso em: 16 jun. 2018.

_____. **A monotongação na norma culta de Fortaleza**. 2000. 110f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2000.

ARAÚJO, L. E. S. A variável *faixa etária* em estudos sociolinguísticos. **Estudos Linguísticos**, v. 54, n. 2, p. 389-398, maio/ago. 2007. Araraquara: UNESP/UNIP, 2007. Disponível em: <www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2007/sistema06/71.PDF>. Acesso em: 19 set. 2018.

BAGNO, M. **A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira**. 5. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

CANOVAS, M. I. F. **Variação fônica de /S/ pós-vocálico e de /v, z, Z/ cabeças de sílaba, na fala de Salvador**. 1991. 168 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1991.

KATAMBA, F. **An Introduction to Phonology**. London: Longman, 1996. Disponível em: <https://www.academia.edu/6291073/An_Introduction_to_Phonology_Francis_Katamba?auto=download>. Acesso em: 15 jan. 2018.

LABOV, W. The social motivation of sound change. *Word*, 19, 1963. In: _____. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

_____. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

_____. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. **ReVEL** (Revista Virtual de Estudos da Linguagem), [s. l.], v. 05, n. 09, agosto 2007. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_9_entrevista_labov.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2017.

MACAMBIRA, J. R. **Fonologia do Português**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1987.

MARQUES, S. M. O. **A produção variável do fonema /v/ em João Pessoa**. 2001. 96 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001.

RODRIGUES, A. G. P. **Variação e atitudes linguísticas sobre a realização de fricativas no falar de Fortaleza-CE**. 2018. 265 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em linguística aplicada, Universidade



Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: <<http://www.uece.br/pasta/index.php/teses/375-208>>. Acesso em: 19 set. 2018.

_____; **Ramo rê se rai dá certo**: o enfraquecimento da fricativa /v/ no falar de Fortaleza. 2013. 170 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013. Disponível em: <<http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Anagermanapontesrodrigues.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2017.

RONCARATI, C. N. Variação fonológica e morfossintática na fala cearense. In: JORNADA DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO GELNE, 17., 1999, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: UFC, 1999. p. 1-12.

_____; UCHOA, J. A. C. Enfraquecimento das fricativas sonoras. In: _____. ALMEIDA, M. R.; ARAÚJO, M. F. (Orgs.). **Projeto Dialeto Sociais Cearenses**. Fortaleza: UFC, 1988.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X**: a variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics. University of Toronto, 2005. Software. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

SILVA, G. M. O. e. Coleta de dados. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 117-133.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2001 [1986].

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].



SOBRE AS ORGANIZADORAS

ALUIZA ALVES DE ARAÚJO

Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. Professora Adjunto M da Universidade Estadual do Ceará. Integrou a equipe do Projeto PORCUFORT (Português Oral Culto de Fortaleza) e coordenou o Projeto NORPOFOR (Norma Oral do Português popular de Fortaleza). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística Variacionista. E-mail: aluizazinha@hotmail.com

MARIA LIDIANE DE SOUSA PEREIRA

Mestre e doutoranda em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará. Atua na área de Sociolinguística Variacionista, Estilística Descritiva e Língua Portuguesa.

E-mail: lidianep.sousa@hotmail.com

RAKEL BESERRA DE MACÊDO VIANA

Especialista em Ensino de Língua Inglesa pela Faculdade Ateneu e Mestrado em andamento em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará. Professora da Secretaria de Educação do Estado do Ceará, Nível G. Tem experiência na área de Ensino, com ênfase em Língua Portuguesa e Língua Inglesa, e em Linguística, com ênfase em Sociolinguística Variacionista.

E-mail: rakelbeserra@gmail.com



SOBRE OS AUTORES

ANA GERMANA PONTES RODRIGUES

Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará. Professora de Língua Portuguesa, Nível J, SEDUC-CE. Principais áreas de atuação: Sociolinguística Variacionista, Fonética e Fonologia da Língua Portuguesa, Ensino de Língua Portuguesa.

E-mail: anager_maninha@hotmail.com

BÁRBARA AMARAL DE ANDRADE FURTADO

Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. Professora de Língua Inglesa e Tradutora.

E-mail: barbiefurtado@gmail.com

HEBE MACEDO DE CARVALHO

Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. Professora Associado II do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará. Desenvolve estudos na Linha de Pesquisa Descrição e Análise Linguística, especificamente, em Sociolinguística Variacionista com foco no Português do Brasil.

E-mail: macedohebe@hotmail.com



MARDEN ALYSON MATOS DE ARAÚJO

Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará. Possui aperfeiçoamento em Formação de Professores - Projovem Urbano pela Universidade Federal do Ceará. Atualmente, é Professor da Secretaria da Educação Básica do Ceará, Nível J. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Língua Portuguesa e Língua Inglesa. Atua, principalmente, nos seguintes temas: Variação Linguística, Sociolinguística Variacionista e Variação Pronominal.

E-mail: mardenalyson@gmail.com

TATIANE DE ARAÚJO ALMEIDA STUDART GUIMARÃES

Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e doutoranda em Linguística Aplicada pela mesma instituição. Tem experiência na área de Linguística, com foco na Sociolinguística Variacionista.

E-mail: tatianeasguimaraes@gmail.com

